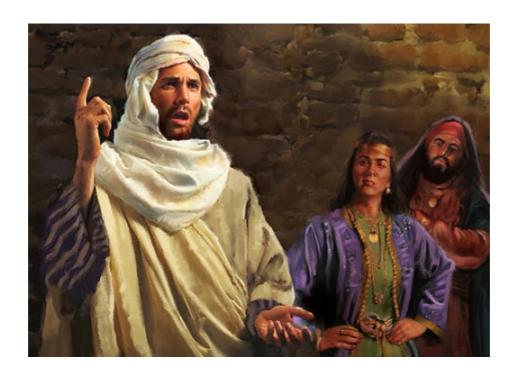
# Os Profetas Menores – volume 3 (Explicação do livro de Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias)



Pastora Tânia Cristina Giachetti Ministério Seara ágape https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html

# Os Profetas Menores – volume 3 (Explicação do livro de Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias)



Pastora Tânia Cristina Giachetti São Paulo – SP – Brasil – Abril 2018 Aos verdadeiros profetas de Deus.

Agradeço ao Senhor pela Sua força e fidelidade às Suas promessas, dando-me perseverança, mostrando sempre a Sua verdade e alargando a minha visão interior para enxergar Sua grandeza e soberania sobre toda a Sua criação.

"A glória desta última casa será maior do que a da primeira, diz o Senhor dos Exércitos; e, neste lugar, darei a paz, diz o Senhor dos Exércitos" (Ag 2: 9).

"Mas para vós outros que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas; saireis e saltareis como bezerros soltos da estrebaria. Pisareis os perversos, porque se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos" (Ml 4: 2-3).

### Introdução

Este livro dá continuidade ao vol. 2 (sobre Jonas, Miquéias, Naum e Habacuque). Ele surgiu na seqüência do estudo sobre o livro de Isaías, como uma curiosidade da minha parte a respeito dos profetas do Antigo Testamento, com a sede de conhecer mais profundamente o que eles queriam dizer em cada versículo. Eu procurei saber como situar a profecia na História, quais os personagens a quem eles estavam se referindo, a localização das cidades ali citadas e as figuras de linguagem usadas na época que me dessem mais entendimento sobre os escritos dos profetas.

Todos os profetas foram usados por Deus para profetizar sobre a vinda de Jesus, em quem as profecias se cumpriram. Na verdade, a vinda de Cristo foi um plano de Deus Pai que surpreendeu a humanidade no que ela pensava a respeito da Sua justiça e da Sua capacidade de restituir Seus filhos. Embora sendo usados por Deus para revelar Seus projetos aos homens, os profetas daquela época tinham os pensamentos permeados com a opinião humana e a visão limitada de algo que não conseguiam entender nem imaginar (1 Co 14: 32). Em outras palavras, eles não poderiam imaginar que o Pai enviaria Jesus da forma que enviou, enfatizando o Seu reinado espiritual e mostrando à humanidade que ela precisava ser restituída de algo muito maior do que havia perdido no sentido material como casas, terras, propriedades e o poder de governar súditos; o homem precisava entender que a coisa mais preciosa que ele havia perdido era a sua intimidade com Deus e a inocência que um dia esteve presente com um ser semelhante a si no Éden. Também precisava conhecer seu verdadeiro inimigo.

Jesus trouxe uma nova dispensação para a humanidade, que foi como um 'Apocalipse' para as pessoas daquele tempo (Isaías é um exemplo disso), como uma nova Criação. Apocalipse significa 'revelação'. Ezequiel, Daniel, Zacarias, Joel e outros, sem dúvida, deixaram algo sobre os eventos escatológicos, mas é Jesus quem mais nos dá a certeza dos acontecimentos presentes e futuros através da Sua profecia colocada nos evangelhos. O que acontece hoje e vai acontecer na Sua segunda vinda é resultado do que Ele profetizou sobre o final dos tempos. A Sua profecia está se cumprindo. Vendo sob certo ângulo, sobrou pouco dos profetas do AT para ser cumprido ainda como um evento apocalíptico (escatológico), principalmente para quem já tem a salvação em Cristo. A maior parte das profecias já se cumpriu. Jesus deixou, por assim dizer, o que é importante para nós sabermos sobre a Sua segunda vinda; e Seus apóstolos João e Paulo deixaram sua complementação sobre o tema, usando as palavras dos profetas do AT para corroborar seus escritos e as revelações dadas por Deus a eles. Em relação aos judeus já é outra história.

Nos escritos dos profetas menores nós podemos ver praticamente a mesma mensagem sendo entregue várias maneiras diferentes: buscar a Deus, deixar a idolatria e crer na Sua justiça sempre presente, obedecendo-lhe em tudo para não provocar Sua ira e Seu juízo, que infalivelmente vêm sobre os que cometem perversidade. Podemos ver, sobretudo, Sua misericórdia e longanimidade dando sempre ao homem uma chance de se arrepender e ser abençoado. Nenhum dos profetas mediu as palavras, mas exortaram o povo como atalaias do Senhor, conscientizando-os sobre seu pecado.

Que o Espírito Santo seja o seu guia e professor nesta leitura!

#### Notas:

- A versão evangélica aqui utilizada é a 'Revista e Atualizada' de João Ferreira de Almeida (ARA), 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [] ou parêntesis (), em itálico, foram colocadas por mim para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham. Neste caso, o texto entre colchetes não está em itálico.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).
- Em alguns textos, nós vamos usar a 'Concordância Lexicon Strong'. A Concordância de Strong é uma concordância da Bíblia King James (KJV), criada pelo teólogo inglês Dr. James Strong (1822-1894), junto com uma equipe de teólogos, e publicada pela primeira vez em 1890. Trata-se uma referência cruzada entre cada palavra na KJV o no texto original em Hebraico ou Grego. A cada palavra no idioma original foi dado um número de entrada para a concordância bíblica da KJV. Léxico significa um dicionário de línguas clássicas antigas. Para interpretar corretamente a Concordância Lexicon Strong é preciso levar em conta o contexto cultural da época, pois os números de Strong não consideram figuras de linguagem, metáforas, expressões idiomáticas, frases comuns, referências culturais, referências a eventos históricos ou significados alternativos utilizados pelos escritores daquele período de tempo para expressar seus pensamentos em sua própria língua (fonte: Wikipedia.org). Fontes de pesquisa:
- Douglas, J.D., O novo dicionário da bíblia, 2ª ed. 1995, Ed. Vida Nova.
- wikipedia.org e crystalinks.com (para algumas imagens).

E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

# İndice

Sofonias	
Introdução	8
Capítulo 1	10
Capítulo 2	17
Capítulo 3	29
Conclusão	34
Ageu	
Introdução	35
Capítulo 1	36
Capítulo 2	38
Conclusão	41
Zacarias	
Introdução	43
Capítulo 1	44
Capítulo 2	48
Capítulo 3	51
Capítulo 4	54
Capítulo 5	59
Capítulo 6	63
Capítulo 7	68
Capítulo 8	70
Capítulo 9	74
Capítulo 10	89
Capítulo 11	97
Capítulo 12	114
Introdução ao capítulo	114
Explicação	117
Capítulo 13	121
Capítulo 14	125
Conclusão	131
26.3	
Malaquias	122
Introdução	133
Capítulo 1	135
Capítulo 2	139
Capítulo 3	142
Capítulo 4	147
Conclusão	150

## Volumes 1 e 2 deste livro:

 $\frac{https://www.searaagape.com.br/osprofetasmenores1.pdf}{https://www.searaagape.com.br/osprofetasmenores2.pdf}$ 

### Sofonias

Sofonias (significa: 'Deus ocultou') profetizou no período de 640-621 AC, durante o reinado do rei Josias (640-609 AC), em Judá, mas antes da destruição da cidade de Nínive em 612 AC. Era contemporâneo de Naum e Jeremias. Após o falecimento de Ezequias a religião judaica deteriorou, sendo reavivada a adoração idólatra através de seu filho Manassés. Sofonias, provavelmente, nasceu durante o período das atrocidades perpetradas por este último rei, o qual, de conformidade com a tradição, serrou pelo meio o profeta Isaías (Hb 11: 37). Sofonias era aparentado com Josias, o bisneto de Ezequias (Sf 1: 1 – Sofonias, filho de Cusi, filho de Gedalias, filho de Amarias; este era outro filho de Ezequias e irmão de Manassés). Josias subiu ao trono com a idade de oito anos (640 AC) e foi muito influenciado por Hilquias, o sumo sacerdote da época que assessorou o rei e inclinando-o à piedade. Josias, com dezoito anos, ordenou a renovação do templo; durante o processo de reforma religiosa, o Livro da Lei foi encontrado e mudou a vida da nação.

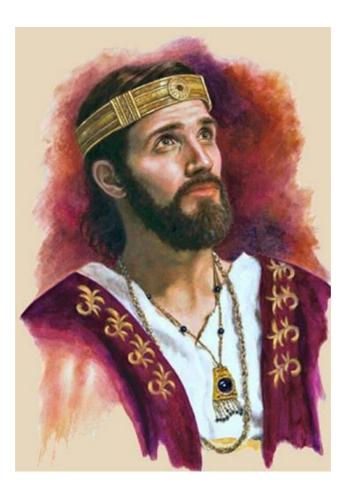


Sofonias escreveu para o povo de Judá, advertindo-o do juízo de Deus pelos pecados e assegurando que o juízo divino abriria o caminho para uma nova sociedade, na qual a justiça prevaleceria e toda a humanidade adoraria ao Senhor (Sf 3: 1-20). Após a purificação do povo, ficaria apenas um remanescente humilde que confiaria no Senhor, pois as sentenças de acusação seriam retiradas por Ele (Sf 3: 12). Ele fala sobre "o resto de Baal" em Jerusalém (Sf 1: 4 cf. Os 2: 16-17) bem como outros costumes idólatras que foram abandonados (Sf 1: 5; 2 Rs 23: 4-20; 24; 2 Cr 34: 1-7) após o descobrimento do Livro da Lei (2 Rs 22: 8-10; 2 Rs 23: 21; 2 Cr 34: 14-18). Entre esses costumes estava o de adorar os corpos celestes ou seres angélicos ("exército do céu") e a adoração a Milcom ou Moloque, Deus dos amonitas (Sf 1: 5). Sofonias se preocupa com o Dia do Senhor, através do julgamento de todas as coisas, julgamento das nações

estrangeiras (Filístia, Moabe e Amom, Egito e Assíria), assim como Judá e Jerusalém. Com o juízo de Deus, Sofonias quis ilustrar que Ele precisava fazer Seu povo atravessar as chamas da aflição, a fim de prepará-lo para ser uma bênção que se estenderia à humanidade inteira.

## Capitulo 1

• Sf 1: 1-6 (Ameaças contra Judá e Jerusalém): "Palavra do Senhor que veio a Sofonias, filho de Cusi, filho de Gedalias, filho de Amarias, filho de Ezequias, nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá: De fato, consumirei [NVI: destruirei] todas as coisas sobre a face da terra, diz o Senhor. Consumirei os homens e os animais, consumirei as aves do céu, e os peixes do mar, e as ofensas com os perversos; e exterminarei os homens de sobre a face da terra [NVI: quando eu ceifar o homem da face da terra], diz o Senhor. Estenderei a mão contra Judá e contra todos os habitantes de Jerusalém; exterminarei deste lugar o resto de Baal [NVI: o remanescente de Baal], o nome dos ministrantes dos ídolos [NVI: dos ministros idólatras] e seus sacerdotes; os que sobre os eirados adoram o exército do céu [NVI: aqueles que no alto dos terraços adoram o exército de estrelas] e os que adoram ao Senhor e juram por ele e também por Milcom [NVI: aqueles que se prostram jurando pelo Senhor e também por Moloque]; os que deixam de seguir ao Senhor e os que não buscam o Senhor, nem perguntam por ele [NVI: não o buscam nem o consultam]".



Primeiro, o profeta afirma que a palavra que ele traz veio do Senhor. Depois ele deixa clara a sua linhagem real como trineto do rei Ezequias, e diz quem governa a nação no momento: o rei Josias. A palavra dada pelo profeta anuncia um juízo iminente da parte de Deus, e de grande amplitude, quando Ele menciona até aves e peixes. E fala algo mais assustador: 'exterminarei os homens de sobre a face da terra' ou 'quando eu

ceifar o homem da face da terra', o que mostra a ira e a violência com que isso vai ser feito, e nos faz pensar que a paciência de Deus com os pecados do Seu povo já estava quase que se esgotando. Ele fala claramente sobre a punição da idolatria, em especial os adoradores e os ministros (sacerdotes) de Baal, assim como todos os que subiam nos terraços à noite para adorar os astros ('o exército do céu' ou 'o exército de estrelas' – 2 Rs 23: 11; Jr 19: 13; Jr 32: 29; Ez 8: 16), e os que faziam uma adoração dividida, ou seja, eram judeus, mas faziam sacrifícios a Moloque ou Malcom ou Milcom, o deus amonita adorado com o sacrifício de crianças, da mesma forma que o deus moabita, Camos ou Quemós. Mais extensa ainda vai a Sua punição: não apenas sobre os idólatras, como também os que não O seguem nem O buscam, nem O consultam nas suas dificuldades.

Por enquanto, o Senhor não deixa claro que usaria um exército estrangeiro para fazer isso, embora naquela época os povos que se encontravam em bastante atividade bélica fossem os citas (um grupo de tribos nômades provenientes do norte da Sibéria, perto do Mar Negro e Cáspio), que agiam com bastante destruição nas áreas invadidas, e que já estavam assolando as regiões da Assíria, da Ásia Ocidental e o Egito. Mas parece que não entraram em Judá. No fim do século VIII AC locomoveram-se para o norte da Pérsia e para a região ao norte da Assíria (região de Urartu). Seu avanço inicial para o sudoeste foi enfrentado por Sargom II (727-705 AC) e Assurbanipal (669-627 AC). Este último tentou detê-los em 632 AC (durante o reinado de Josias, de Judá), mas os citas dominaram o oeste persa durante 28 anos por meio de várias incursões militares. Ajudaram os assírios contra os medos, livrando Nínive em 630 AC, mas posteriormente atacaram Harã. Deixaram de invadir o Egito somente quando Psamético I (664-610 BC) os desviou com pagamento de tributo. Por volta de 110 AC, com sua capital em Neópolis, na Criméia, Rússia, controlavam o comércio com esta nação, especialmente no tráfico de trigo e de escravos. Os citas, na verdade, foram uma 'dor de cabeça' para muitos reis nesta época e por alguns séculos ainda, pois até Ciro, Dario I e os romanos se viram em guerra contra eles.





Guerreiro Cita

• Sf 1: 7-18 (O dia da ira do Senhor):

• Sf 1: 7-9: "Cala-te diante do Senhor Deus, porque o Dia do Senhor está perto, pois o Senhor preparou o sacrificio e santificou os seus convidados. No dia do sacrificio do Senhor, hei de castigar os oficiais [NVI: líderes], e os filhos do rei, e todos os que trajam vestiduras estrangeiras [NVI: todos os que estão vestidos com roupas estrangeiras]. Castigarei também, naquele dia, todos aqueles que sobem o pedestal dos ídolos e enchem de violência e engano a casa dos seus senhores".

O Senhor parece estar falando com aqueles que ainda fazem ouvir suas súplicas no Seu altar, mas não se comprometeram a largar o pecado de idolatria e se voltar para Ele. A adoração dividida não era agradável a Ele. De qualquer forma o Seu juízo já havia sido decretado, e Ele não voltaria atrás. O dia do Senhor estava próximo e seria um dia amargo para muitas pessoas (cf. Amós 5: 18). O sacrifício era Judá, e os convidados eram seus inimigos, que também sofreriam debaixo da Sua ira.

Deus deixa Seus alvos de maneira mais especificada, ou seja, os líderes (oficiais), os príncipes e todos os que gostavam da ostentação da riqueza e se vestiam com roupas de outras terras só para impressionar ('todos os que trajam vestiduras estrangeiras'). Todos deveriam agora se calar diante dEle, pois não havia mais nada a dizer ou explicar. Apesar da reforma religiosa tentada por Josias (2 Rs 23: 1-25), o Senhor não desistiu de puni-los (2 Rs 23: 26-27), pois seus descendentes [Joacaz (ou Salum – Jr 22: 11-12), Eliaquim (ou Jeoaquim), Joaquim (Jeconias) e Matanias (Zedequias): 2 Rs 23: 31-37 – 2 Rs 24: 1-17; 1 Cr 3: 15] exerceram um péssimo governo, empurrando o povo cada vez mais fundo no pecado, o que trouxe Nabucodonosor como um instrumento de punição de Deus sobre aquela terra.

'Castigarei também, naquele dia, todos aqueles que sobem o pedestal dos ídolos e enchem de violência e engano a casa dos seus senhores' – no original é: 'No mesmo dia, também punirei todos aqueles que pulam na soleira (ou no parapeito), que enchem as casas de seus mestres com violência e engano', e isso pode significar: servos que, a

mando do seu senhor, pulavam o peitoril da janela ou a soleira da porta da casa de alguns cidadãos para roubá-las, às vezes com violência, e entregar o fruto desse roubo aos seus amos. Suas casas, portanto, estavam cheias de violência por causa desse ganho desonesto.

• Sf 1: 10: "Naquele dia, diz o Senhor, far-se-á ouvir um grito desde a Porta do Peixe, e um uivo desde a Cidade Baixa, e grande lamento desde os outeiros [NVI: e estrondos nas colinas]".

A KJV traduz como: "E acontecerá naquele dia, diz o Senhor, que haverá o barulho de um grito desde o Portão do Peixe, e um uivar do segundo (portão), e um grande estrondo das colinas". A palavra hebraica para 'segundo' é mishneh (Strong #4932), o que corresponde à Porta Velha ou Portão Mishneh, também a noroeste de Jerusalém, um pouco abaixo da Porta do Peixe, e que possivelmente levava à cidade baixa, que no versículo seguinte é chamada de Mactés.

### Seguindo:

• Sf 1: 11: "Uivai vós, moradores de Mactés [NVI: cidade baixa; ou 'no lugar onde se faz argamassa'], porque todo o povo de Canaã está arruinado, todos os que pesam prata são destruídos [NVI: todos os seus comerciantes serão completamente destruídos, todos os que negociam com prata serão arruinados]".

A KJV traduz como: "Uivai, habitantes de Maktesh, pois todos os comerciantes estão abatidos; todos os que carregam prata estão destruídos".

A tradução literal do hebraico feita pela Versão Concordante do Antigo Testamento (CVOT) é: "Uivai, moradores do buraco moldado de argamassa, pois todo o povo de Canaã está silencioso, todos os que pesam prata são destruídos".

O significado do nome Mactés (Maktesh – Strong #4389), a cidade baixa, segundo a NVI e a CVOT é 'lugar onde se faz argamassa' ou 'buraco moldado de argamassa', e alguns estudiosos contemporâneos sugerem que estava situada em alguma parte do Vale do Tiropoeon (vale dos queijeiros, do lado oeste), dentro dos muros da cidade, e que era a área da cidade dedicada ao comércio, onde pessoas mercenárias costumavam ficar. Assim, o portão ou porta Mishneh deveria ser como uma passagem estreita em declive, revestida de argamassa, em direção à outra parte da cidade. Pelo fato de Maktesh ter o significado de 'pilão', 'almofariz', 'gamela', e a tradução CVOT escrever: 'moradores do buraco moldado de argamassa', nos leva a imaginar se, por acaso, o portão Mishneh, como dissemos acima, era uma passagem que levava para um nível inferior da cidade e, por ser ele revestido com argamassa, a outra parte se assemelhava a uma gamela, uma vasilha, um pilão, colocada no fundo, onde os comerciantes ficavam (os 'moradores do buraco moldado de argamassa').

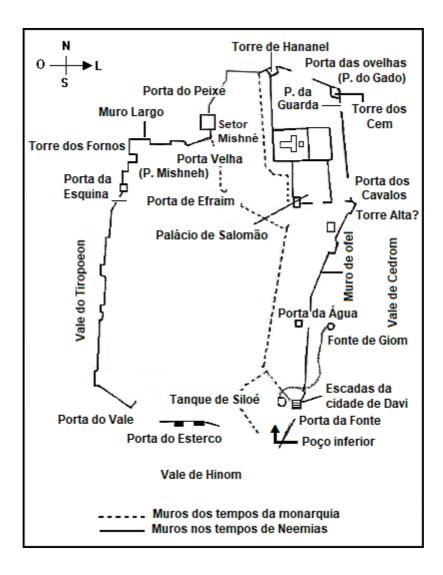
Voltando ao raciocínio do texto bíblico:

No dia da visitação de juízo do Senhor se ouvirá um grito desde a Porta do Peixe, no noroeste da cidade, até um pouco abaixo, na Cidade Baixa (em hebraico, Maktesh).

'Um grito desde a Porta do Peixe' sugere o ataque de um exército invasor vindo do norte, muito provavelmente, o exército babilônico. Também haverá lamentos nas colinas, ou mais possivelmente (segundo a KJV e a NVI), estrondos nas colinas, correspondendo ao ruído da aproximação de um exército.

'Todo o povo de Canaã' – nos tempos do AT, a Fenícia era chamada de Canaã, e seus habitantes, cananeus, que significa 'comerciantes'. Em grego, a Fenícia é chamada Phoiníkē, Φοινίκη), 'terra das palmeiras'. Por isso, o termo Canaã aqui em relação ao bairro de Mactés.

'Todos os que pesam prata' significam os comerciantes, pois para comprar e vender mercadorias pesava-se o dinheiro. Havia balanças para isso. O Senhor vai lidar com a iniquidade de maneira tão precisa quanto os comerciantes pesavam o dinheiro ou os ourives negociavam ouro e prata. Tudo isso estaria em declínio, e muitos deles seriam destruídos.



• Sf 1: 12-13: "Naquele tempo, esquadrinharei a Jerusalém com lanternas e castigarei os homens que estão apegados à borra do vinho [NVI: castigarei os complacentes, que são como vinho envelhecido, deixado com os seus resíduos] e dizem no seu coração: O Senhor não faz bem, nem faz mal. Por isso, serão saqueados os seus bens e assoladas as suas casas; e edificarão casas, mas não habitarão nelas, plantarão vinhas, porém não lhes beberão o vinho".

No momento em que o Senhor decidir agir, Ele vai vascular, dia e noite e todos os recônditos, até o lugar mais escondido ('com lanternas'), fazendo uma busca total para que ninguém escape e nenhum pecado passe despercebido. Isso seria pior para as pessoas descuidadas, que vivem dos prazeres e alheias à realidade, como os bêbados.

'Castigarei os homens que estão apegados à borra do vinho' ou 'castigarei os complacentes, que são como vinho envelhecido, deixado com os seus resíduos' – isso significa os auto-indulgentes, que preferem viver com a alma suja de resíduos

indesejáveis, se conformando com o seu caráter deformado e com velhos conceitos. Durante o envelhecimento do vinho ele era conservado em jarras ou odres, que possuíam uma espécie de respiradouro para eliminar o dióxido de carbono (decorrente do desdobramento dos açúcares em álcool através da fermentação) e evitar a entrada de oxigênio, a fim de que não se tornassem vinagre. Quanto mais tempo os vinhos descansavam, mais as borras se precipitavam no fundo do recipiente e eles se clarificavam, melhorando seu buquê e seu sabor. Depois os vinhos eram transportados para outros receptáculos, e o processo era feito novamente até ficarem com o sabor ideal. A bíblia se refere a isso de muitas formas: Jó 32: 19 ('respiradouro'); Is 25: 6 ('vinhos velhos bem clarificados'); Jr 13: 12 ('jarro'); Jr 48: 11 ('fezes do seu vinho' = borras do seu vinho); Sf 1: 12 ('borra do vinho'). Em Lc 5: 39 está escrito: 'E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente' – porque estava clarificado, livre da borra.

Uma pessoa dessas já mostrou que não tinha intimidade com o Senhor, por isso ela dizia: 'O Senhor não faz bem, nem faz mal'. É como dizer: 'Não cheira nem fede', o que para Deus era um insulto que não passaria sem resposta. Por isso, Ele diz que seus bens serão saqueados e as suas casas, assoladas; nem que as edifiquem eles vão morar nelas, tampouco beberão vinho das vinhas que plantarem.

• Sf 1: 14-16: "Está perto o grande Dia do Senhor; está perto e muito se apressa. Atenção! O Dia do Senhor é amargo, e nele clama até o homem poderoso [NVI: até os guerreiros gritarão]. Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia e dia de alvoroço e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas [NVI: Aquele dia será um dia de ira, dia de aflição e angústia, dia de sofrimento e ruína, dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e negridão], dia de trombeta e de rebate contra as cidades fortes e contra as torres altas [NVI: dia de toques de trombeta e gritos de guerra contra as cidades fortificadas e contra as torres elevadas]".

Sofonias repete que está perto o dia da ira do Senhor, e descreve de maneira bastante enfática os horrores da destruição e da batalha. Esse dia será bem amargo para os perversos e eles procurarão uma maneira de escapar, um raio de luz para iluminar seus caminhos e suas mentes desnorteadas e seus corações angustiados, mas não encontrarão. As cidades fortificadas serão invadidas e as torres de defesa serão derrubadas. Pode-se notar a alusão à fumaça de uma cidade que foi queimada pelo invasor. Isso pode ser uma metáfora para o julgamento do final dos tempos, mas aqui, em especial, parece se referir à invasão de um exército inimigo. Se ele fala de cidades fortificadas sendo invadidas e destruídas ('dia de trombeta e de rebate contra as cidades fortes e contra as torres altas' ou 'dia de toques de trombeta e gritos de guerra contra as cidades fortificadas e contra as torres elevadas') não parece estar se referindo à derrota de Josias no Vale de Megido, mesmo porque nos versículos anteriores ele estava falando sobre Jerusalém e suas portas principais (Porta do Peixe e Portão Mishneh ou Porta Velha) e sobre a cidade baixa (Mactés). Portanto, é mais provável que esteja se referindo à invasão de Jerusalém. Também não parece se tratar de nenhuma invasão dos citas, mesmo porque a bíblia nunca deu a entender que os citas invadiram Israel ou Judá, e não se fala muito disso na História. Como é um dia de indignação, alvoroço e angústia, é porque as misericórdias do Senhor se esgotaram para com aquele povo porque a iniquidade era grande ou porque eles as rejeitaram. Embora não seja mencionado claramente o nome do invasor, muito provavelmente trata-se uma invasão babilônica. Eu comentei anteriormente que apesar da reforma religiosa tentada por Josias (2 Rs 23: 1-25), o Senhor não desistiu de puni-los (2 Rs 23: 26-27), pois seus descendentes [Joacaz (ou Salum - Jr 22: 11-12; 1 Cr 3: 15; não era o filho mais velho

de Josias), Eliaquim (ou Jeoaquim; outro filho de Josias), Joaquim (Jeconias, filho de Jeoaquim) e Matanias (Zedequias, irmão de Jeoaquim): 2 Rs 23: 31-37 – 2 Rs 24: 1-17; 1 Cr 3: 15] exerceram um péssimo governo, empurrando o povo cada vez mais fundo no pecado, o que trouxe Nabucodonosor como um instrumento de punição de Deus sobre aquela terra.

• Sf 1: 17-18: "Trarei angústia sobre os homens, e eles andarão como cegos, porque pecaram contra o Senhor; e o sangue deles se derramará como pó, e a sua carne será atirada como esterco [NVI: suas entranhas como lixo]. Nem a sua prata nem o seu ouro os poderão livrar no dia da indignação do Senhor, mas, pelo fogo do seu zelo, a terra será consumida [NVI: o mundo inteiro será consumido], porque, certamente, fará destruição total e repentina de todos os moradores da terra".

Os versículos retratam um severo sofrimento, muita dor e aflição. Os homens ficarão desnorteados e parecerão cegos, sem esperanças e sem ter para onde fugir, pois o ataque parece ser repentino. Os cadáveres serão deixados nas ruas, como lixo ou esterco.

'Nem a sua prata nem o seu ouro os poderão livrar' indica que ninguém poderá usar este recurso para se livrar da sentença do Senhor, ainda que seja para comprar comida, pois Sofonias escreve em seguida: 'pelo fogo do seu zelo, a terra será consumida', o que pode indicar destruição de plantações e pomares pelo fogo provocado pelo exército inimigo.

## Capitulo 2

- Sf 2: 1-7 Ameaça contra os filisteus
- Sf 2: 1-3: "Concentra-te e examina-te, ó nação que não tens pudor, antes que saia o decreto [NVI: antes que chegue o tempo determinado], pois o dia se vai como a palha; antes que venha sobre ti o furor da ira do Senhor, sim, antes que venha sobre ti o dia da ira do Senhor. Buscai o Senhor, vós todos os mansos da terra, que cumpris o seu juízo [NVI: Busquem o Senhor, todos vocês, os humildes da terra, vocês que fazem o que ele ordena]; buscai a justiça, buscai a mansidão; porventura, lograreis esconder-vos no dia da ira do Senhor [NVI: talvez vocês tenham abrigo no dia da ira do Senhor]".

Isso parece ser um convite ao arrependimento, antes que o Senhor tome a decisão definitiva de exercer Seu juízo. O profeta diz que os dias passam rapidamente e a nação judaica não tem muito tempo ('o dia se vai como a palha'). Ele diz para que eles prestem atenção e que se examinem, pois é necessário que eles enxerguem sua falta de pudor; aí, sim, poderá vir o arrependimento. A falta de pudor se refere ao abandono da sua fé (a favor da idolatria) e outros tipos de corrupção moral. Então, ele convoca os humildes a buscar o Senhor, buscar a justiça e a mansidão. Quem sabe, eles sejam protegidos e escapem do castigo no dia da indignação do Senhor. O fato de Sofonias dar a entender que o castigo é bastante rápido, devemos entender que a contagem do tempo para Deus é diferente da nossa. Até agora, nada parece corroborar a idéia de que se trata dos citas, e sim dos babilônios que, em poucos anos, no reinado dos dois filhos de Josias, Joacaz (ou Salum – Jr 22: 11-12; 1 Cr 3: 15; não era o filho mais velho) e Eliaquim (ou Jeoaquim: 2 Rs 23: 31-37 – 2 Rs 24: 1-17), começou a importunar Judá, até que na terceira invasão, conseguiu destruir a cidade.

• Sf 2: 4-7: "Porque Gaza será desamparada, e Asquelom ficará deserta; Asdode, ao meio-dia, será expulsa, e Ecrom, desarraigada. Ai dos que habitam no litoral, do povo dos quereítas! [NVI: queretitas] A palavra do Senhor será contra vós outros, ó Canaã, terra dos filisteus, e eu vos farei destruir, até que não haja um morador sequer. O litoral será de pastagens, com refúgios para os pastores e currais para os rebanhos [NVI: Essa terra junto ao mar, onde habitam os queretitas, será morada de pastores e curral de ovelhas]. O litoral pertencerá aos restantes da casa de Judá; nele, apascentarão os seus rebanhos e, à tarde, se deitarão nas casas de Asquelom [NVI: Ascalom]; porque o Senhor, seu Deus, atentará para eles e lhes mudará a sorte [Nota NVI: trará de volta seus cativos]".

Quereítas ou queretitas são mencionados igualmente em Ez 25: 16 e se refere a uma tribo habitante do sul da terra dos filisteus (1 Sm 30: 14; 16). A ilha de Creta era uma colônia dos filisteus. A terra dos filisteus era chamada de Filistina (por isso, o termo 'Palestina'); Kerïtha, pelos árabes; Creth, pelos sírios; e pelos hebreus: terra dos queratitas ou quereítas ou quereteus. Eles eram um povo originário da ilha de Creta (Grego: Κρήτη, Kríti) e espalhado entre os filisteus e que, segundo alguns autores, fizeram parte da guarda pessoal de Davi (O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995). Os quereítas eram mercenários. A palavra quereítas vem do hebraico Cherethites ou Cherethims. O singular é Krethiy (Strong #3774), que se origina de 'karath' (Strong #3772) e significa: carrasco; queretita ou membro da guarda real, que por sua vez, deriva de 'tabbach' (Strong #2876), que significa: um açougueiro; portanto, um membro da guarda real (porque ele estava agindo como um carrasco), guarda.

As cidades de Gaza, Asquelom (Ascalom), Asdode e Ecrom são mencionadas em Zc 9: 5-7: "Asquelom o verá e temerá; também Gaza e terá grande dor; igualmente Ecrom, porque a sua esperança será iludida; o rei de Gaza perecerá, e Asquelom não será habitada. Povo bastardo habitará em Asdode, e exterminarei a soberba dos filisteus. Da boca destes tirarei o sangue dos sacrifícios idólatras e, dentre os seus dentes, tais abominações [NVI: a comida proibida]; então, ficarão eles como um restante para o nosso Deus; e serão como chefes em Judá, e Ecrom, como jebuseu" – cf. Is 14: 20-31; Jr 47: 1-7; Ez 25: 15-17; Jl 3: 4-8; Am 1: 6-8. Zacarias fala aqui sobre o juízo divino sobre os filisteus, e esse juízo seria feito por Alexandre, o Grande, e, mais tarde, terminado pelos descendentes dos Macabeus.

Sofonias cita as mesmas cidades (Gaza, Asquelom, Asdode e Ecrom) e diz que todas serão destruídas. Também menciona o povo dos quereítas ou queretitas, e emite um 'ai' sobre eles. Ele profetiza que o litoral da terra dos filisteus será de pastagens para rebanhos de ovelhas, e os remanescentes de Judá herdarão essa terra, quando o Senhor trouxer de volta os seus cativos.

Tiglate-Pileser III (745-727 AC) capturou Gaza em 734 AC, e depois seu filho Sargom II (722-705 AC) repetiu o feito, pois a cidade ficou por um tempo fora do controle da Assíria; talvez, por disputa com o Egito, que caiu nas mãos de Sargom em 716 AC. Em 711 AC Asdode foi saqueada pelo mesmo rei assírio (Is 20: 1; Is 14: 29). Em 604 AC Asdode havia recusado pagar tributo para Nabucodonosor e foi saqueada por ele também. Faraó do Egito um dia viria para ferir os filisteus e entrar em Gaza (Jr 47: 1). Alexandre o Grande conquistou Gaza em 332 AC, depois de um cerco de cinco meses; e foi finalmente tornada desolada – conforme profetizado por Am 1: 6-7; Sf 2: 4 e Zc 9: 5 – por Alexandre Janeu (103-76 AC, que governou a Judéia como sumo sacerdote em Jerusalém). Em 57 AC, Aulo Gabínio (prôconsul romano da província da Síria – 57-54 AC) reedificou a cidade num novo local, ao sul da antiga localização, mais próximo do mar, que continua ocupado até hoje, mas os sítios arqueológicos pouco descobriram. Herodes a restaurou e lhe deu o nome de Azoto (At 8: 40).

Ao que parece, a profecia de Sofonias foi totalmente cumprida em Alexandre Janeu, descendente de Judas Macabeu ('restantes da casa de Judá'), e que destruiu completamente a cidade em 93 AC.

### Ameaças contra Moabe e Amom

• Sf 2: 8-11: "Ouvi o escárnio de Moabe (cf. Is 15: 1 – Is 16: 14; Is 25: 10-12; Jr 48: 1-47; Ez 25: 8-11; Am 2: 1-3) e as injuriosas palavras dos filhos de Amom (cf. Jr 49: 1-6; Ez 21: 28-32; Ez 25: 1-7; Am 1: 13-15), com que escarneceram do meu povo e se gabaram [NVI: fizeram ameaças] contra o seu território. Portanto, tão certo como eu vivo, diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, Moabe será como Sodoma, e os filhos de Amom, como Gomorra, campo de urtigas [NVI: ervas daninhas], poços de sal e assolação perpétua; o restante do meu povo os saqueará, e os sobreviventes da minha nação os possuirão. Isso lhes sobrevirá por causa da sua soberba, porque escarneceram e se gabaram contra o povo do Senhor dos Exércitos. O Senhor será terrível contra eles, porque aniquilará todos os deuses da terra; todas as ilhas das nações, cada uma do seu lugar, o adorarão [NVI: As nações de todo o mundo o adorarão, cada uma em sua própria terra]".

Moabe e Amom escarneceram várias vezes do sofrimento do povo de Deus e depois, por causa da sua soberba, receberam Seu juízo através dos babilônios, da mesma forma que as cidades de Sodoma e Gomorra, símbolos do juízo violento do Senhor.

Seus territórios seriam como campo de ervas daninhas e tão desolados como poços de sal.

'Aniquilará todos os deuses da terra' – a destruição dos deuses da terra de Moabe e Amom seria como a destruição da idolatria da terra dos filisteus, que Zacarias profetizou (Zc 9: 5-7), e como a destruição do culto a Baal e outros deuses em Jerusalém, profetizada por Jeremias, depois da destruição da cidade pelos babilônios. Durante o exílio, o culto aos deuses cananeus foram interrompidos pelos israelitas.

'Todas as ilhas das nações, cada uma do seu lugar, o adorarão' ou 'As nações de todo o mundo o adorarão, cada uma em sua própria terra' significa que, de uma forma ou de outra, Deus estava trabalhando para remover também a idolatria das nações gentias, preparando um povo que passaria a conhecê-lO através do Messias.

### Ameaças contra a Etiópia e a Assíria

- Sf 2: 12: "Também vós, ó etíopes, sereis mortos pela espada do Senhor" cf. Is 18: 1-7; Jr 46: 2; 9; Ez 30: 4; 5; 9. Nabucodonosor, também causaria destruição na Etiópia.
- Sf 2: 13-15: "Ele [Deus] estenderá também a mão contra o Norte e destruirá a Assíria; e fará de Nínive uma desolação e terra seca como o deserto. No meio desta cidade, repousarão os rebanhos e todos os animais em bandos [NVI: todo tipo de animais selvagens]; alojar-se-ão nos seus capitéis tanto o pelicano como o ouriço (um mamífero com pêlos espinhosos nas costas e nas laterais do corpo) [NVI: Até a coruja do deserto e o mochos e empoleirarão no topo de suas colunas]; a voz das aves retinirá nas janelas, o monturo estará nos limiares, porque já lhe arrancaram o madeiramento de cedro [NVI: Haverá entulho nas entradas, e as vigas de cedro ficarão expostas]. Esta é a cidade alegre e confiante, que dizia consigo mesma: Eu sou a única, e não há outra além de mim. Como se tornou em desolação, em pousada de animais! Qualquer que passar por ela assobiará com desprezo e agitará a mão [NVI: Todos os que passam por ela zombam e sacodem os punhos]".

Esta profecia foi literalmente cumprida, pois atualmente só se encontram ovelhas no local. As escavações arqueológicas encontraram as imensas figuras bois alados com cabeças humanas ('lamassu') que ficavam de ambos os lados do portão principal simbolizando o seu poder.

Nínive, capital da Assíria, é novamente citada pelos profetas como sendo uma cidade arrogante e muito confiante em si mesma, mas que também seria destruída pelos babilônios (cf. Is 10: 5-34; Na 1: 1-3: 19).

Naum descreve a cidade de Nínive (Na 2: 1) como uma cidade fortificada, sempre vigiada por soldados com farda vermelha, em carros de aço e armados com lanças. Os carros passavam velozmente, com furor pelas ruas e cruzando as praças, e eram tão rápidos como o relâmpago, principalmente no dia da sua invasão. Da mesma forma que a Babilônia, a cidade de Nínive tinha um grande suprimento de água e uma riqueza muito grande (Na 2: 2-4; 7-9). Era uma cidade sanguinária, cheia de mentiras e de roubo (Na 3: 1) e de prostituição espiritual pela infinidade de deuses com os quais ela corrompia as outras nações; 'mestra de feitiçarias', que desencaminhava muitos povos (Na 3: 4); cidade mercantilista (Na 3: 16), gananciosa e insaciável, que devorava o que via pela frente (Na 3: 17).

A primeira capital da Assíria foi Assur (séculos XIV-IX AC), uma cidade existente desde o terceiro milênio AC. Aššur (Acadiano; Siríaco: 'Āšūr; Persa: Āšūr; Hebraico: Aššûr; Árabe: Āšūr; Curdo: Asûr), é também conhecida como Ashur e Qal'at Sherqat. Fica no atual Iraque, a 65 Km (40 milhas) ao sul do local de Ninrude e a 100

km (62 milhas) ao sul de Nínive. Assurnasirpal II (884-859 AC) mudou a capital de Assur para Kalhu (Calah / Nimrud). Com o reinado de Sargom II (722-705 AC) a capital passou para Dur-Sharrukin (Fortaleza de Sargom). No entanto, ele morreu na batalha e seu filho e sucessor Senaqueribe (705-682 AC) abandonou a cidade, escolhendo engrandecer Nínive como sua capital real. No entanto, a cidade de Assur permaneceu o centro religioso do império, devido ao seu templo do deus nacional Assur (Ashur). A cidade foi saqueada e destruída em grande parte durante a conquista da Assíria pelos medos, babilônios, citas e persas em 612 AC.

O termo hebraico para Nínive (nineweh ou Nīnewē — ενίστ), em grego: nineue (Νινευη), em latim: Nineve, em árabe: Naīnuwa, uma 'cidade excessivamente grande', é uma tradução do assírio ninua, em babilônico antigo ninuwa, que por sua vez é transliteração do nome sumério mais antigo ainda, Nina, nome da deusa Istar, deusa da fertilidade, do amor e da guerra, a deidade protetora daquela cidade e cujo nome era escrito com um sinal representando um peixe dentro de um ventre. Nina era o nome assírio antigo da 'Rainha do Céu' (Jr 7: 18; Jr 44: 17; 18; 19; 25), portanto, local de muita abominação e idolatria, feitiçaria e prostituição.



Localização de Nínive (sítios arqueológicos) – Wikipédia

Nínive, na margem oriental do rio Tigre, era um grande amontoado de vários vilarejos ao longo deste rio. Atualmente é uma grande área de ruínas pelos novos

subúrbios da cidade de Mossul, no estado de Ninawa, Iraque. Os montículos antigos Tell Kuyunjik ou Kouyunjik, Nimrud (nome da antiga Calá), Karamles (Karemlash ou Karemlish) e Khorsabad (nome atual da antiga Dur-Sharrukin) formam os quatro cantos de um paralelogramo. Eles estão localizados na planície perto da confluência do rio Tigre e Khosr. Tell Kuyunjik ou Kouynjik era o montículo da cidadela antiga de Nínive cujo nome significa 'montículo de muitas ovelhas', vinte metros de altura acima da planície, e tem outro montículo ao seu lado (Um quilômetro ao sul, o montículo secundário das ruínas de Nínive) que recebeu o nome de Nabī Yūnus ('Profeta Jonas', em árabe), e que não foi devidamente explorado porque havia um santuário árabe muçulmano dedicado a esse profeta no local. Ninrude é o nome moderno do sítio arqueológico localizado em torno da cidade assíria de Kalhu, localizada a sul do rio Tigre, no norte da Mesopotâmia. Os arqueólogos deram o nome de Nimrud (Ninrude) à cidade por causa de Ninrode (Gn 10: 8-11). A cidade foi chamada de Calá (Kalakh) na bíblia. Estes eram os quatro bairros da antiga Nínive, por isso, Jonas deve ter levado três dias mesmo para percorrê-la toda. Dur-Sharrukin (atual Khorsabad) significa 'Fortaleza de Sargom' e foi a capital da Assíria na época de Sargom II, pai de Senaqueribe. Khorsabad é uma aldeia no norte do Iraque, a quinze quilômetros a nordeste de Mossul. A grande cidade foi inteiramente construída na década anterior a 706 AC. Após a morte inesperada de Sargom na batalha, a capital foi deslocada vinte quilômetros ao sul para Nínive.

Nínive foi embelezada em 700 AC por Senaqueribe (705-681 AC), que fez dela uma cidade magnificente. Nessa época a área total de Nínive compreendia sete quilômetros quadrados, um muro interior com cerca de doze e meio quilômetros de comprimento (circunferência) e tinha quinze grandes portões nas suas muralhas. O sistema de muralhas consistia de uma muralha de pedra de cerca de 6 metros de altura, e por cima uma parede de barro com 10 metros de altura e 15 metros de espessura. A parede de retenção de pedra tinha torres de pedra projetadas, a cada 18 metros de distância uma da outra e com grande altura. Da mesma forma que a cidade de Babilônia, as muralhas de Nínive eram espessas e permitiam que carruagens corressem em cima delas.

Cinco dos portões foram explorados pelos arqueólogos:

• Portão de Mashki ('portão dos lugares de irrigação' ou ' de rega') era talvez usado para levar o gado para a água do Tigre, que atualmente flui a um quilômetro e meio para o oeste. Foi reconstruído com tijolos até o topo da passagem abobadada. O original assírio pode ter sido rebocado e ornamentado.

### • Portão de Nergal

Recebeu este nome por causa do deus Nergal ('senhor da grande cidade' – deus da praga, da guerra, do dilúvio e da confusão), e era talvez usado para algum propósito cerimonial, pois é o único portal conhecido com esculturas de pedra de touros alados (lamassu) em ambos os lados das paredes. A reconstrução feita no século XX é uma suposição do que poderia haver anteriormente, como foi escavado por Layard em meados do século XIX.

#### • Portão de Adad (ou Hadade)

Recebeu este nome por causa do deus Adad ('o Trovejador' – o equivalente amorreu de Baal, o deus das tempestades). Uma reconstrução foi iniciada na década de 1960 pelos iraquianos, mas não foi completada, restando apenas uma mistura de concreto e erosão do barro, que, no entanto, dá alguma idéia da estrutura original da construção assíria.



Entrada exterior do portão Adad (após restauração) – Wikipédia

#### • Portão de Shamash

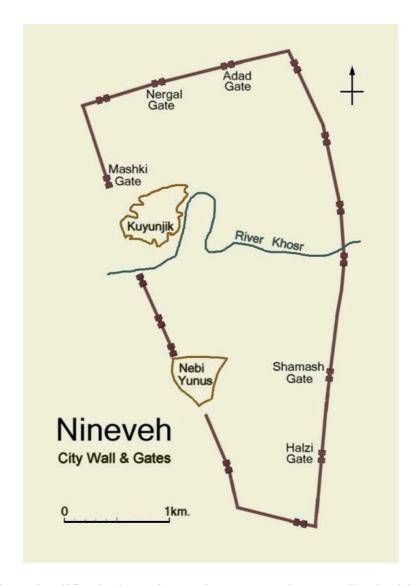
Recebeu este nome por causa do deus-Sol. Foi escavado por Layard no século XIX. Parte da estrutura de barro e o muro de retenção de pedra foram reconstruídos na década de 1960. O muro de tijolos de barro reconstruído se deteriorou. A parede de pedra projeta-se cerca de vinte metros para fora da linha da parede principal e tem uma largura de cerca de setenta metros. É o único portão com uma projeção tão significativa. Seu tamanho e projeto (desenho) sugerem que foi o portão mais importante na época neo-assíria.

• Portão de Halzi – não se sabe o que significa este nome. Estava localizado perto da extremidade sul da muralha leste da cidade. As escavações arqueológicas foram realizadas pela Universidade da Califórnia (1989-1990). Há uma projeção externa do muro da cidade, embora não tão pronunciada como no portão de Shamash. A passagem de entrada tinha sido estreitada com ladrilhos de barro em quase dois metros como no Portão Adad. Restos humanos da batalha final de Nínive foram encontrados na passagem.

A população da cidade na época era de 175.000 pessoas (A área fechada tinha mais de 100.000 habitantes). No relato de Jonas (Jn 1: 2; Jn 3: 2; Jn 4: 11) sobre a existência de 120.000 pessoas está de acordo com a cidade de Ninrude, que tinha menos da metade das dimensões de Nínive, e abrigava 69.574 pessoas em 879 AC, quase 1 século antes da pregação de Jonas (785-750 AC). A 'viagem de três dias', exigida para atravessar a cidade de Nínive (Jn 3: 3), provavelmente se refere ao distrito administrativo inteiro com todos os seus bairros. Um dia de viagem (Jn 3: 4), talvez se referisse à distância desde os subúrbios do sul até o norte da cidade.

Quanto ao suprimento de água, Senaqueribe construiu um magnífico canal (aqueduto) que trazia água de uma represa no rio Gomel (quarenta e oito quilômetros ao norte), e controlou a entrada de água do rio Khosr (Khasr), que atravessava a cidade, construindo outra represa em Ajeila, mais a leste (Douglas, J. D., O novo dicionário da bíblia, 2ª ed. 1995, Ed. Vida Nova). A wikipedia.org escreve: "Um elaborado sistema de dezoito canais trazia água das colinas para Nínive, e várias seções de um aqueduto

magnificamente construído por Senaqueribe foram descobertas em Jerwan, a 65 quilômetros de distância".

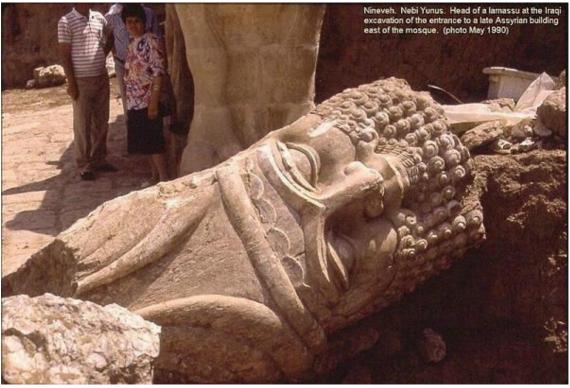


Plano simplificado da Antiga Nínive, mostrando a muralha da cidade e a localização dos portões (Wikipedia.org)

Seu palácio tinha uma dimensão total de 503 metros, e tinha, pelo menos, oitenta salas, muitas das quais eram preenchidas por esculturas. Inúmeros tabletes com escrita cuneiforme foram encontrados ali. As principais entradas tinham de cada lado das portas figuras gigantescas de pedras com cerca de 30 toneladas de peso, entre elas, os leões alados ou touros alados com cabeça de homem, que não só serviam como adorno nas paredes e portas dos templos, mas eram achados aos pares (de leões ou touros alados), servindo também como guardas postos na entrada dos templos mesopotâmicos. Em alguns escritos, é ele retratado para representar uma deidade feminina. Um nome menos usado é shedu (Sumério: dalad; Acadiano, šēdu) que se refere à contraparte masculina de um lamassu. Grandes figuras de lamassu de até quase seis metros de altura podem ser vistas na escultura assíria. Artisticamente, lamassus foram retratados como híbridos, com corpos de touros alados ou leões e cabeças de machos humanos, como símbolo do poder. Eram inicialmente espíritos protetores domésticos do povo comum

da Assíria e Babilônia, tornando-se mais tarde como protetores dos reis; por isso foram colocados como sentinelas nas entradas dos palácios.





Cabeça de um Lamassu encontrado por arqueólogos iranianos no montículo Nabī Yūnus ('Profeta Jonas') nas ruínas de Nínive – Wikipédia

Esses leões, esculpidos nas pedreiras, eram transportados para os palácios reais de Nínive e elevados a uma altura de vinte metros, através de uma rampa. As paredes e muros do novo palácio de Senaqueribe eram decorados com relevos que descreviam suas vitórias, incluindo o cerco de Laquis (2 Rs 18: 13-14; 17; Mq 1: 13; Is 10: 28-32 – descreve a marcha de Senaqueribe até Jerusalém). Laquis estava situada na área agrícola mais fértil de Judá (Sefelá); por isso, era de vital importância para a economia do reino. Foi completamente destruída. O cerco contra Ezequias, em Jerusalém, está registrado num prisma de argila (Prisma de Taylor), encontrado em 1830. O tributo recebido de Ezequias foi enviado a Nínive: 300 talentos de prata e 30 de ouro, mais a prata que se achou na Casa do Senhor e nos tesouros da casa do rei, e o ouro que foi removido das portas e das ombreiras do templo (2 Rs 18: 14-16).

O Prisma de Taylor que está no Museu Britânico foi descoberto pelo coronel Robert Taylor (1790-1852), um arqueólogo, em 1830 em Nínive, mas há mais dois prismas com inscrições cuneiformes em Acadiano dos anais de Senaqueribe: um no Instituto Oriental de Chicago e outro no Museu de Israel em Jerusalém. São prismas de argila inscritos com o mesmo texto, de formato hexagonal e feitos de argila vermelha cozida, medindo 38 cm de altura e 14 cm de largura. Foram criados no reinado de Senaqueribe em 689 (o de Chicago) e 691 AC (os de Londres e Jerusalém). São os relatos de Senaqueribe sobre sua campanha contra o Reino de Israel e o Reino de Judá, e algumas passagens estão em concordância com o texto bíblico de 2 Reis 18-19: o ataque a Samaria e a deportação dos habitantes, o ataque a Laquis (dentre as 46 cidades fortificadas de Judá) e o tributo pago por Ezequias. Também relata o cerco de Jerusalém, onde o rei assírio descreve Ezequias como um 'pássaro engaiolado', mas não fala sobre nenhuma captura de Jerusalém. O cilindro fala algo que não está na bíblia: que Ezequias ainda deu para Senaqueribe como um presente: antimônio, jóias, móveis incrustados de marfim, suas próprias filhas, harém e músicos e que se tornou seu tributário. O rei assírio menciona 200.150 pessoas cativas. As cidades que capturou, ele deu aos reis de Asdode, Ecrom e Gaza.





Sefelá



Sefelá (vista de outro ângulo)

Assurbanipal (669-627 AC), o neto de Senaqueribe, fez de Nínive sua residência principal. Nas escavações feitas por Layard e Rassem (1845-1854), foram encontradas as bibliotecas de Assurbanipal e do templo de Nabu, com 25.000 tabletes inscritos, um deles com o relato babilônico sobre o Dilúvio, em 1872.

No reinado de Assurbanipal, a Assíria adquiriu a maior extensão territorial, embora em 663 AC tenha começado a mostrar sinais de fraqueza, e tenha sido atacada pelos Medos nesta época. Nínive foi atacada novamente em 625 AC pelos Medos, que se aliaram aos Caldeus.



Fragmento de uma tábua de argila da biblioteca de Assurbanipal em Nínive com um relato assírio do Dilúvio (crystalinks.com)



Laquis – portão principal do sítio arqueológico em Israel (Wikipédia)

O descendente de Assurbanipal foi Sinsariscum (ou Sin-shar-ishkun; Sîn-šarruiškun – 628-612 AC), um dos seus filhos, e nesta época se deu a queda da cidade. Isso aconteceu gracas à aliança entre o rei dos Medos, Ciáxares (Uvaxštra – em Persa antigo; transliterado como 'Uvarkhshattra' ou 'Hovakhshatra'; 625-584 AC, pai de Astíages, o avô de Ciro II), e Nabopolassar (626-605 AC, pai de Nabucodonosor II), rei da Babilônia, com a ajuda dos citas. Ela caiu como resultado de brechas de 4,5 Km feitas nos muros pelas águas do rio que inundou (Na 2: 6-8), provavelmente provocada por ocasião do cerco. Houve guerra séria, incêndios em quase todas as cidades do império assírio, e os habitantes de Nínive que não puderam escapar para as últimas fortalezas assírias no oeste foram massacrados ou deportados. Muitos esqueletos não enterrados foram encontrados por arqueólogos naquele sítio durante as escavações feitas no século dezenove. Nínive foi arrasada até o chão. O Império Assírio então acabou; e os Medos e os Babilônios dividiram suas províncias entre si. Naum dá uma descrição de sua destruição (Na 2: 10; 13; Na 3: 2-3; 7; 12-13; 18-19). Sinsariscum morreu no incêndio, durante a invasão pelos Medos. Mas sua família escapou. O último rei da Assíria (Assurubalite II, 612-608 ou 605 AC, que não se sabe se ele é filho ou irmão de Sinsariscum) foi praticamente um fantoche nas mãos dos Babilônios. Em 401 AC, Nínive já era uma ruína.

Por isso, Sofonias escreveu (Sf 2: 13-15): "No meio desta cidade, repousarão os rebanhos e todos os animais em bandos [NVI: todo tipo de animais selvagens]... Como se tornou em desolação, em pousada de animais!" Essa profecia foi literalmente cumprida, pois hoje há apenas ovelhas naquele lugar.

### Capitulo 3

- Sf 3: 1-7 Ameaças contra Jerusalém
- Sf 3: 1-4: "Ai da cidade opressora, da rebelde e manchada [NVI: impura]! Não atende a ninguém, não aceita disciplina [NVI: não aceita correção], não confia no Senhor, nem se aproxima do seu Deus. Os seus príncipes [NVI: líderes] são leões rugidores no meio dela, os seus juízes são lobos do cair da noite, que não deixam os ossos para serem roídos no dia seguinte. Os seus profetas são levianos, homens pérfidos [NVI: traiçoeiros]; os seus sacerdotes profanam o santuário e violam a lei".

O profeta está se referindo a Jerusalém, que havia se rebelado contra o Senhor, deixando de ouvir Seus profetas, e decidiu seguir pelo caminho da idolatria. Devido à sua adoração a Baal e Moloque (Sf 1: 4-5) a cidade ficou manchada de sangue dos sacrificios e, portanto, manchada de pecado diante de Deus. Além de rebelde e manchada, o profeta fala que ela é opressora, pois seus líderes civis extorquiam o povo e os líderes religiosos adulteravam, queimavam incenso sobre os telhados e ofereciam seus próprios filhos em sacrificio para obter o favor dos falsos deuses (cf. Jr. 19: 4-5; Jr 23: 13-14; Jr 32: 29; 35). Seus líderes civis e religiosos seguiam a idolatria e não agiam como porta-vozes de Deus. Ele não conseguia achar ninguém com coração reto, que praticasse a justiça (cf. Jr 5: 1).

'Não atende a ninguém, não aceita disciplina, não confia no Senhor, nem se aproxima do seu Deus' – a cidade já tinha sido advertida pelos profetas, mas eles não tinham sido ouvidos e, por isso, o povo estava cada vez mais longe de Deus (cf. Jr 22: 21).

'Os seus príncipes são leões rugidores no meio dela, os seus juízes são lobos do cair da noite, que não deixam os ossos para serem roídos no dia seguinte' — a violência, a ganância e a disputa de poder pareciam tomar conta dos governantes, dos magistrados e de todos os demais líderes. Eles tinham autoridade e poder, mas não usavam nada disso com sabedoria nem justiça. O que havia em suas bocas era a mentira. Rugiam ferozmente como o leão, com arrogância, vivendo à custa de suborno. Os juízes pareciam lobos, que aproveitam a escuridão da noite para agir, sem que ninguém veja seus atos corruptos e injustos, e dilaceravam a esperança dos inocentes que confiavam em seu julgamento. Eram lobos predadores, que agiam com violência e oprimiam os mais fracos (Ez 22: 27; Mq 3: 9-11).

'Os seus profetas são levianos, homens pérfidos [NVI: traiçoeiros]; os seus sacerdotes profanam o santuário e violam a lei' — Os profetas já não se comportavam com integridade como os homens santos. Como está escrito em Miquéias (Mq 3: 11), eles 'adivinhavam por dinheiro', como os falsos profetas, por isso o Senhor não os usava mais para os Seus propósitos. Eles enganavam as pessoas e diziam o que elas queriam ouvir, não o que era preciso ouvir (cf. Jr 23: 11; 14; 16-17; 25; 27; 31-32). Os sacerdotes ofereciam animais defeituosos sobre o altar, pois negligenciavam seu ofício e zombavam das coisas sagradas; já haviam perdido o interesse na lei de Deus, como aconteceria mesmo depois da volta do exílio, no tempo de Malaquias (Ml 1: 6-14).

• Sf 3: 5-7: "O Senhor é justo, no meio dela; ele não comete iniquidade; manhã após manhã, traz ele o seu juízo à luz [NVI: ele ministra a sua justiça]; não falha; mas o iníquo não conhece a vergonha. Exterminei as nações, as suas torres [NVI: fortificações] estão assoladas; fiz desertas as suas praças, a ponto de não haver quem passe por elas; as suas cidades foram destruídas, de maneira que não há ninguém,

ninguém que as habite. Eu dizia: certamente, me temerás e aceitarás a disciplina [NVI: correção], e, assim, a sua morada não seria destruída, segundo o que havia determinado [NVI: nem cairiam sobre ela todos os meus castigos]; mas eles se levantaram de madrugada e corromperam todos os seus atos [NVI: Mas eles ainda estavam ávidos por fazer todo tipo de maldade]".

O Senhor prossegue dizendo que Ele é justo e dia após dia Ele tem feito o seu juízo ser notado por todos. Mas o pecador não sente vergonha por suas ações. Deus exterminou as nações ímpias, como a Síria, e até a tribo do norte, Israel, para que Judá pudesse entender Seus motivos e aceitar Sua correção. Isso evitaria os castigos de Deus sobre eles e sobre sua cidade, mas eles não atenderam. Ele esperava arrependimento, mas isso não ocorreu. Prontamente se voltaram à prática da maldade, e Deus chamou os babilônios para corrigir Seu povo.

- Sf 3: 8-20 (A salvação da filha de Jerusalém):
- Sf 3: 8-9: "Esperai-me, pois, a mim, diz o Senhor, no dia em que eu me levantar para o despojo [NVI: para testemunhar]; porque a minha resolução é ajuntar as nações e congregar os reinos, para sobre eles fazer cair a minha maldição e todo o furor da minha ira; pois toda esta terra será devorada pelo fogo do meu zelo. Então, darei lábios puros aos povos, para que todos invoquem o nome do Senhor e o sirvam de comum acordo".

Mas o Senhor tem preparado o dia da Sua vingança contra essas nações também, pois Ele zela pelo Seu povo, por Judá e por Jerusalém. Sua misericórdia estará reservada para os arrependidos e para os que temem o Seu nome, mas Sua mão de poder continuará sobre os arrogantes e para os que O abandonam, para o seu próprio mal. O julgamento pelo fogo está associado com o castigo das nações através da guerra e de grandes provações. Quando Ele tiver executado Seus julgamentos e Sua santidade tiver agido sobre os povos, eles também invocarão Seu nome e O servirão. Os judeus e os gentios abandonarão a blasfêmia da idolatria e preferirão louvores ao Senhor ('lábios puros'). Provavelmente, essa é uma profecia para os tempos do evangelho.

• Sf 3: 10-11: "Dalém dos rios da Etiópia, os meus adoradores, que constituem a filha da minha dispersão [NVI: o meu povo disperso], me trarão sacrificios [NVI: ofertas]. Naquele dia, não te envergonharás de nenhuma das tuas obras, com que te rebelaste contra mim [NVI: pelos seus atos de rebelião]; então, tirarei do meio de ti os que exultam na sua soberba, e tu nunca mais te ensoberbecerás no meu santo monte".

'Dalém dos rios da Etiópia' refere-se ao Norte da Abissínia, onde os judeus se estabeleceram junto com os povos semíticos vindos do sul da Arábia, para fugir dos assírios e dos babilônios, construindo uma colônia judaica naquela nação. Essa profecia muito se assemelha à de Isaías (Is 18: 1; 7) onde o Senhor promete uma restauração àquele povo, não apenas os judeus refugiados lá ('que constituem a filha da minha dispersão' ou 'o meu povo disperso' – Sf 3: 10), como também os etíopes convertidos a Ele (Sl 68: 31).

'Naquele dia' – no dia em que o castigo tiver um fim.

'Não te envergonharás de nenhuma das tuas obras, com que te rebelaste contra mim; então, tirarei do meio de ti os que exultam na sua soberba, e tu nunca mais te ensoberbecerás no meu santo monte' – um remanescente seria purificado da idolatria; os líderes perversos e os judeus de espírito altivo ('os que exultam na sua soberba') também seriam separados dos justos, como se separa o joio do trigo, para que estes pudessem adorá-lo em espírito e em verdade no Seu santo monte.

• Sf 3: 12-13: "Mas deixarei, no meio de ti, um povo modesto e humilde, que confia em o nome do Senhor [NVI: Mas deixarei no meio da cidade os mansos e humildes, que se refugiarão no nome do Senhor]. Os restantes de Israel não cometerão iniqüidade, nem proferirão mentira, e na sua boca não se achará língua enganosa, porque serão apascentados, deitar-se-ão, e não haverá quem os espante [NVI: Eles se alimentarão e descansarão, sem que ninguém os amedronte]".

Depois do cativeiro, os humildes de espírito se achegariam ao Senhor. Os ricos preferiram ficar no conforto do exílio, pois já tinham reconstruído sua vida em terra estrangeira. E os remanescentes não cometerão mais pecado de idolatria, nem mentirão, nem terão língua cheia de fraude, porque eles serão apascentados e se sentirão seguros, sem medo de opressão novamente (cf. Mq. 4: 7). Isso não só diz respeito ao retorno do cativeiro babilônico, mas se estende à época do evangelho, onde os humildes e mansos de coração se achegavam a Jesus para ouvi-lO e para tocá-lO porque Ele os curava:

- "E, descendo com eles, parou numa planura onde se encontravam muitos discípulos seus e grande multidão do povo, de toda a Judéia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidom, que vieram para o ouvirem e serem curados de suas enfermidades; também os atormentados por espíritos imundos eram curados. E todos da multidão procuravam tocá-lo, porque dele saía poder; e curava todos. Então, olhando ele para os seus discípulos, disse-lhes: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus" (Lc 6: 17-20).
- "Retirou-se Jesus com os seus discípulos para os lados do mar. Seguia-o da Galiléia uma grande multidão. Também da Judéia, de Jerusalém, da Iduméia, dalém do Jordão e dos arredores de Tiro e de Sidom uma grande multidão, sabendo quantas coisas Jesus fazia, veio ter com ele" (Mc 3: 7-8).
  - "E a grande multidão o ouvia com prazer" (Mc 12: 37b).
- Sf 3: 14-15: "Canta, ó filha de Sião; rejubila, ó Israel; regozija-te e, de todo o coração, exulta, ó filha de Jerusalém [NVI: ó cidade de Jerusalém]. O Senhor afastou as sentenças que eram contra ti e lançou fora o teu inimigo. O Rei de Israel, o Senhor, está no meio de ti; tu já não verás mal algum".
- O Senhor dá a Jerusalém uma promessa de restauração e de perdão, onde as acusações já não existirão e o inimigo não poderá mais tocá-los. Depois da purificação, o Senhor estará no meio deles, trazendo a segurança. Talvez, esteja se referindo ao retorno próximo do cativeiro babilônico, quando o remanescente tornaria a adorar no templo reconstruído, porém é mais provável se tratar de um regozijo futuro, nos tempos do evangelho, quando Israel aceitasse o seu Messias; Jesus estaria no meio do Seu povo. Nós podemos ler nos livros dos profetas pós-exílio que não houve um regozijo pleno desse povo, nem uma sensação de segurança e força, mesmo com o incentivo de Ageu e Zacarias, por exemplo. Os judeus que retornaram se sentiram muito inseguros pela oposição das nações ao seu redor, e temiam reconstruir o templo. Depois de reconstruído, a adoração jubilosa na Casa do Senhor foi de curta duração, e logo caíram na apatia e no esfriamento para com as coisas santas (cf. profecias de Malaquias). Assim, a vinda de Jesus foi um novo incentivo para eles, para um povo cansado e enfraquecido que já não tinha mais esperança de se libertar da opressão das nações nem de reatar seu relacionamento com Deus.

Nós podemos ler no cântico de Zacarias (Lc 1: 67-79), o quanto aquele povo esperava por uma luz e pela visitação de Deus: "Zacarias, seu pai [se referindo aqui a João Batista], cheio do Espírito Santo, profetizou, dizendo: Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo, e nos suscitou plena e poderosa salvação na casa de Davi, seu servo, como prometera, desde a antiguidade, por boca dos

seus santos profetas, para nos libertar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam; para usar de misericórdia com os nossos pais e lembrar-se da sua santa aliança e do juramento que fez a Abraão, o nosso pai, de conceder-nos que, livres das mãos de inimigos, o adorássemos sem temor, em santidade e justiça perante ele, todos os nossos dias. Tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos, para dar ao seu povo conhecimento da salvação, no redimi-lo dos seus pecados, graças à entranhável misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o sol nascente das alturas, para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos pés pelo caminho da paz".

Lucas descreve o nascimento de Jesus e a notícia dada pelo anjo aos pastores:

"E um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam, e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; e ficaram tomados de grande temor. O anjo, porém, lhes disse: Não temais; eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isso vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura. E, subitamente, apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem... Voltaram, então, os pastores glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes fora anunciado" (Lc 2: 8-14; 20).

O cântico de Simeão, quando Jesus foi apresentado no templo por Maria e José, expressa a satisfação desse desejo: "Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão; homem este justo e piedoso que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele. Revelara-lhe o Espírito Santo que não passaria pela morte antes de ver o Cristo do Senhor. Movido pelo Espírito, foi ao templo; e, quando os pais trouxeram o menino Jesus para fazerem com ele o que a Lei ordenava, Simeão o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo: Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel" (Lc 2: 25-32).

A profetisa Ana, no templo, também se alegrou coma notícia do nascimento do Senhor:

"Havia uma profetisa, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, avançada em dias, que vivera com seu marido sete anos desde que se casara e que era viúva de oitenta e quatro anos. Esta não deixava o templo, mas adorava noite e dia em jejuns e orações. E, chegando naquela hora, dava graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém" (Lc 2: 36-38).

E foi o próprio Jesus que disse: "O reino de Deus está dentro de vós" (Lc 17: 21). É interessante que em algumas versões em inglês, está escrito: 'o reino de Deus está entre vós' ou 'no meio de vós', dando a entender que Jesus se identificava com Messias esperado, Aquele que traria o reino de Deus ao Seu povo. O reino de Deus era Jesus, e Ele estava ali com eles.

• Sf 3: 16-17: "Naquele dia, se dirá a Jerusalém: Não temas, ó Sião, não se afrouxem os teus braços [NVI: não deixe suas mãos enfraquecerem]. O Senhor, teu Deus, está no meio de ti, poderoso para salvar-te; ele se deleitará em ti com alegria [NVI: Ele se regozijará em você]; renovar-te-á no seu amor [NVI: com o seu amor a renovará, ou 'tranqüilizará'], regozijar-se-á em ti com júbilo [NVI: com brados de alegria]".

A profecia se repete.

'Naquele dia' quer dizer 'o dia que Jesus estiver com eles', trazendo a salvação, a libertação do jugo do pecado e dos cativeiros de alma, o entendimento da liberdade de Cristo, mesmo debaixo de um governante estrangeiro como Roma. O amor de Jesus os renovou e os tranquilizou, e Ele se alegrou naqueles que O aceitaram, pois foram a Sua recompensa na terra.

'O Senhor, teu Deus' – é uma expressão que enfatiza a exclusividade dEle no meio de Israel, excluindo todos os outros deuses. Quando Sofonias diz 'Poderoso' é porque ele os lembra da Sua capacidade de realizar milagres em prol na nação. Como Ele fez no passado, estava fazendo no presente, embora eles não percebessem; e faria ainda mais no futuro, com a vinda do Libertador, do Salvador que eles esperavam. O Deus de Poder, o Deus forte, era o Deus de Israel. Por isso, Isaías disse: 'Deus Forte' (Is 9: 6), como Jacó, ao erguer o altar em Siquém (Gn 33: 20): "E levantou ali um altar e lhe chamou Deus, o Deus de Israel" (ou 'Esse é o Deus de Israel' ou 'Poderoso é o Deus de Israel' – El Elohe Israel, 'êl 'elohêy yisrâ'êl).

• Sf 3: 18: "Os que estão entristecidos por se acharem afastados das festas solenes, eu os congregarei, estes que são de ti e sobre os quais pesam opróbrios [NVI: Eu ajuntarei os que choram pelas festas fixas, os que se afastaram de vocês, para que isso não mais pese como vergonha]".

O Senhor fala aqui de um remanescente arrependido, e novamente os reunirá em Jerusalém. Os que foram levados ao cativeiro em outras nações sofreram vergonha por causa da zombaria dos povos daquelas terras, como está escrito no salmo 137, mas Deus promete remover esse vexame das suas vidas, permitindo que voltem a comemorar suas festas em Jerusalém. Eles não mais chorarão por se acharem afastados e excluídos, pois voltarão à sua terra.

• Sf 3: 19-20: "Eis que, naquele tempo, procederei contra todos os que te afligem; salvarei os que coxeiam, e recolherei os que foram expulsos, e farei deles um louvor e um nome em toda a terra em que sofrerem ignomínia [NVI: Nessa época agirei contra todos os que oprimiram vocês; salvarei os aleijados e ajuntarei os dispersos. Darei a eles louvor e honra em todas as terras onde foram envergonhados]. Naquele tempo, eu vos farei voltar e vos recolherei; certamente, farei de vós um nome e um louvor entre todos os povos da terra, quando eu vos mudar a sorte diante dos vossos olhos, diz o Senhor [NVI: Eu lhes darei honra e louvor entre todos os povos da terra, quando eu restaurar a sua sorte [ou 'eu os trouxer de volta'] diante dos seus próprios olhos, diz o Senhor]".

'Naquele tempo' – no tempo da volta do exílio, quando o Senhor realizou juízo contra as nações que os oprimiram. Nenhum judeu que quis retornar ficou impedido de fazê-lo, pois a ordem de Ciro havia sido dada, e o Senhor os ajudou no retorno à sua pátria, não só os que 'coxeavam' fisicamente, mas os que 'coxeavam' pela indecisão e pela pouca fé. O Senhor os salvaria disso também. Eles seriam honrados por todos os que os aprisionaram e por todas as outras nações, quando vissem o poder do Deus de Israel. Eles encontrariam novamente o favor do Senhor.

'Quando eu restaurar a sua sorte' ou 'eu os trouxer de volta' – a referência à volta do cativeiro e ao retorno dos judeus a Israel nos tempos do evangelho, pelo anúncio do favor de Deus ali, através de Jesus. Assim, todas as nações da terra seriam abençoadas pelos judeus através do seu Rei Messiânico, Jesus Cristo (Is 11: 12; Ez 28: 25; Ez 34: 13; Am 9: 14).

### Conclusão:

Ao falar de Sofonias, nós estamos falando do zelo do Senhor pelo Seu povo, apesar do seu pecado, punindo também aqueles que zombam do seu sofrimento e do Seu zelo pela Sua própria santidade, pois quando Seus escolhidos cometem iniquidades e atrocidades, Seu nome santo é envergonhado. O que Ele pede de nós é a humildade e a verdadeira adoração. Dessa forma, o profeta deve ser um instrumento de zelo do Senhor onde há pecado, irreverência, abominação, falta de temor e desconhecimento do Deus verdadeiro. Não deve permitir que o mundo o influencie ou que as coisas do maligno e da carne o seduzam e o desviem da verdade, pois tudo isso deixa uma mácula no nosso espírito e fere o Espírito Santo que está em nós. Devemos saber que o amor e a misericórdia do Senhor estarão sempre disponíveis para todos aqueles que se arrependem sinceramente do seu erro e que a Sua restauração é completa, removendo de nós toda a acusação do inimigo. É Ele que nos justifica perante os que nos humilharam e nos eleva perante os que desejaram nos ver cair. Quando estamos no centro da Sua vontade, Sua proteção e a Sua justiça estão sobre nós. Devemos interceder como Habacuque por aqueles que estão no erro, mas não carregar o fardo pelos seus pecados e pela sua rebeldia e idolatria. Quando o pecador rejeita a correção através da boca do intercessor e do profeta, é hora de parar de orar e deixar a vontade soberana de Deus entrar em ação para disciplinar, convencer do erro, do pecado, da justiça, do juízo e, assim, vindicar Sua própria santidade.

### Ageu

Ageu profetizou em 520 AC (Ag 1: 1 – Ag 2: 10, em 112 dias). Seu nome significa: 'alegria, festa'. Embora os judeus tivessem iniciado a reedificação do templo dezesseis anos antes dessa profecia (por volta de 536 AC), a oposição dos povos vizinhos conseguia intimidá-los e levá-los a abandonar a obra de reconstrução (Ed 4: 1-5; 8-10; Ed 5: 6; Ed 6: 6-7; 13), e era por isso que Ageu clamava. Ageu e Zacarias são os primeiros profetas referidos depois do retorno dos primeiros exilados em 538 AC (Ed 5: 2). Ageu estimula o povo a reconstruir, no segundo ano do reinado de Dario I, isto é, em 520 AC (Ag 1: 1; Ed 4: 24; Ed 5: 1-2). Sua conclusão foi em 516 AC (Ed 6: 15 cf. Ag 2: 18, seu início). Segundo a História, o segundo retorno dos exilados a Jerusalém (sob comando de Esdras) foi em 458 AC, e a reconstrução das muralhas de Jerusalém, em 445 AC (3º retorno: Neemias). Em Ageu há quatro profecias: Ag 1: 1-11; Ag 2: 1-9; Ag 2: 10-19; Ag 2: 20-23.



- Ag 1: 1-11 (Ageu exorta o povo a reedificar o templo): "No segundo ano do rei Dario, no sexto mês, no primeiro dia do mês, veio a palavra do Senhor, por intermédio do profeta Ageu, a Zorobabel, filho de Salatiel [NVI: Sealtiel], governador de Judá, e a Josué, filho de Jozadague, o sumo sacerdote, dizendo: Assim fala o Senhor dos Exércitos: Este povo diz: Não veio ainda o tempo, o tempo em que a Casa do Senhor deve ser edificada [NVI: Ainda não chegou o tempo de reconstruir a casa do Senhor]. Veio, pois, a palavra do Senhor, por intermédio do profeta Ageu, dizendo: Acaso, é tempo de habitardes vós em casas apaineladas, enquanto esta casa permanece em ruínas? [NVI: em casas de fino acabamento, enquanto a minha casa continua destruída?] Ora, pois, assim diz o Senhor dos Exércitos: Considerai o vosso passado [NVI: Vejam aonde os seus caminhos os levaram]. Tendes semeado muito e recolhido pouco; comeis, mas não chega para fartar-vos; bebeis, mas não dá para saciar-vos; vestis-vos, mas ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe-o para pô-lo num saquitel furado [NVI: numa bolsa furada]. Assim diz o Senhor dos Exércitos: Considerai o vosso passado [NVI: Vejam aonde os seus caminhos os levaram!] Subi ao monte, trazei madeira e edificai a casa [NVI: templo]; dela me agradarei e serei glorificado, diz o Senhor. Esperastes o muito, e eis que veio a ser pouco, e esse pouco, quando o trouxestes para casa, eu com um assopro o dissipei. Por quê? — diz o Senhor dos Exércitos; por causa da minha casa [NVI: meu templo], que permanece em ruínas, ao passo que cada um de vós corre por causa de [NVI: se ocupa com] sua própria casa. Por isso, os céus sobre vós retêm o seu orvalho, e a terra, os seus frutos [NVI: o céu reteve o orvalho e a terra deixou de dar o seu fruto]. Fiz vir a seca sobre a terra e sobre os montes; sobre o cereal [NVI: trigo], sobre o vinho, sobre o azeite e sobre o que a terra produz, como também sobre os homens, sobre os animais [NVI: o gado] e sobre todo trabalho das mãos".
- No primeiro dia do sexto mês (Mês de Elul Ago.-Set.). Essa profecia se dirige a Zorobabel e a Josué, líderes do povo, falando da negligência dos dezesseis anos passados, durante os quais o povo deveria vir reedificando o templo (Ed 3 e 4). Ao contrário, eles haviam preferido construir casas para si, experimentando desastres naturais que destruíam as colheitas e mantinham o povo na pobreza. Assim, Deus os lembrava de colocá-lo em primeiro lugar em suas vidas.

Para nós, este texto nos esclarece o que acontece quando deixamos de suprir a Casa de Deus: nossas orações não são respondidas ('os céus retêm o orvalho') e Deus não derrama Sua unção ('azeite'). Deus não é vingativo, mas é um Deus justo e fiel à Sua própria palavra. Sem se importar com o Seu templo não há bênção nem prosperidade. Isso não diz respeito apenas às ofertas financeiras para suprir as necessidades materiais do templo como impostos, despesas, salário dos funcionários etc., mas diz respeito também à preocupação quanto a 'limpeza espiritual e física': a reverência e todo um comportamento respeitoso e digno dentro da Casa de Deus, mantendo o templo limpo fisicamente e orando para que, espiritualmente, esteja também em santidade, através das pessoas que ali ministram, para que elas sejam abençoadas por Deus e que estejam sempre na Sua presença. Dessa forma, os que estão debaixo desse manto serão abençoados também. Jesus veio para cumprir a lei e as profecias, mas a palavra de Deus não muda. A Sua Casa deve ser bem cuidada, assim como Seus servos, que ministram ali, devem receber seu suprimento, através das ofertas e dos dízimos.

• Ag 1: 12-15 (O povo atende ao Senhor): "Então, Zorobabel, filho de Salatiel, e Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote, e todo o resto do povo atenderam à voz do Senhor, seu Deus, e às palavras do profeta Ageu, as quais o Senhor, seu Deus, o tinha mandado dizer; e o povo temeu diante do Senhor. Então, Ageu, o enviado do Senhor, falou ao povo, segundo a mensagem do Senhor, dizendo: Eu sou convosco, diz o Senhor. O Senhor despertou o espírito de Zorobabel, filho de Salatiel, governador de Judá [NVI: o Senhor encorajou o governador de Judá, Zorobabel, filho de Sealtiel], e o espírito de Josué, filho de Jozadaque [NVI: Jeozadaque], o sumo sacerdote, e o espírito do resto de todo o povo; eles vieram e se puseram ao trabalho na Casa do Senhor dos Exércitos, seu Deus, ao vigésimo quarto dia do sexto mês [NVI: do segundo ano do reinado de Dario]".

Em vinte e quatro dias o povo reagiu à profecia e recomeçou o trabalho.



• Ag 2: 1-9 (A glória do segundo templo): "No segundo ano do rei Dario, no sétimo mês, ao vigésimo primeiro do mês, veio a palavra do Senhor por intermédio do profeta Ageu, dizendo: Fala, agora, a Zorobabel, filho de Salatiel [NVI: Sealtiel], governador de Judá, e a Josué, filho de Jozadaque [NVI: Jeozadaque], o sumo sacerdote, e ao resto do povo, dizendo: Quem dentre vós, que tenha sobrevivido, contemplou esta casa na sua primeira glória? E como a vedes agora? Não é ela como nada aos vossos olhos? [NVI: Quem de vocês viu este templo em seu primeiro esplendor? Comparado a ele, não é como nada o que vocês vêem agora?] Ora, pois, sê forte, Zorobabel, diz o Senhor, e sê forte, Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote, e tu, todo o povo da terra, sê forte, diz o Senhor, e trabalhai, porque eu sou convosco, diz o Senhor dos Exércitos; segundo a palavra da aliança que fiz convosco, quando saístes do Egito, o meu Espírito habita no meio de vós; não temais. Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda uma vez, dentro em pouco, farei abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca [NVI: farei tremer o céu, a terra, o mar e o continente]; farei abalar todas as nações, e as coisas preciosas de todas as nações virão [NVI: Farei tremer todas as nações, as quais trarão para cá os seus tesouros], e encherei de glória esta casa, diz o Senhor dos Exércitos. Minha é a prata, meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos. A glória desta última casa será maior do que a da primeira [NVI: A glória deste novo templo será maior do que a do antigo], diz o Senhor dos Exércitos; e, neste lugar, darei a paz [NVI: estabelecerei a paz], diz o Senhor dos Exércitos".

No vigésimo primeiro dia do sétimo mês (Mês de Etanim ou Tisri – Set.-Out.), o profeta Ageu deu palavras de encorajamento àqueles que sentiam que o novo templo era pobre em comparação com o antigo. A glória da segunda casa (deste segundo templo) seria maior do que a da primeira. 'As coisas preciosas', descritas no versículo 7 se refere às contribuições dos gentios, que ajudariam a adornar o templo. Isso teve início com os persas, na pessoa de Dario I e Artaxerxes I, depois que o decreto de Ciro foi confirmado, pois os inimigos dos judeus haviam tentado impedir a reconstrução desde o tempo de Cambises II, (Ed 4: 1-24) onde no v. 6, o cronista usa seu título caldeu -Ahashuerus (Strong #325) – e no v. 7, seu título persa, Artaxerxes (Strong #783), mas não é o mesmo Artaxerxes I do tempo de Neemias, filho de Xerxes, que autorizou o retorno de Esdras (Ed 7: 1) e a reconstrução das muralhas de Jerusalém (Ne 2: 1). Dario I, filho de Histaspes, decretou que fossem concedidos aos judeus os materiais e o dinheiro necessário para a obra (Ed 6: 1-15), dinheiro este que seria retirado dos tesouros reais (Ed 6: 4). O controle total de Deus sobre reinos e nações, bem como suas decisões políticas, é descrito de maneira figurada, quando o profeta escreve (v. 6): 'Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda uma vez, dentro em pouco, farei abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca [NVI: farei tremer o céu, a terra, o mar e o continente]' (cf. Jr 51: 29 - 'estremece a terra'). Como está escrito no v. 7: 'farei abalar todas as nações, e as coisas preciosas de todas as nações virão [NVI: Farei tremer todas as nações, as quais trarão para cá os seus tesouros]', pode-se entender que não era apenas o Império Medo-Persa que seria movido pelo Senhor. Mais tarde, Herodes, por exemplo, reformou o templo, mesmo à custa de impostos sobre Judeus e Gentios súditos de Roma, ornamentando-o com belas pedras, ouro e muitos outros materiais que chamavam a atenção de todos pela grandiosidade (Lc 21: 5). Os gentios começaram a ser atraídos ao judaísmo e tiveram permissão de ocupar seus átrios externos, quando vinham para adorar e para trazer suas ofertas. A profecia se cumpriu em Jesus (Ef 2: 17-22). Essa declaração aumentava a esperança dos que estavam reconstruindo, e essas melhorias seriam feitas por vontade de Deus, por isso Ele disse: 'Minha é a prata, meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos', simbolizando que, da mesma maneira que Ele tinha o poder de mover nações para tomarem decisões a favor do Seu povo, Ele também dominava as suas riquezas (v. 8).

- Ag 2: 10-19 (Repreendida a infidelidade do povo): "Ao vigésimo quarto dia do mês nono, no segundo ano de Dario, veio a palavra do Senhor por intermédio do profeta Ageu, dizendo: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Pergunta, agora, aos sacerdotes a respeito da lei: Se alguém leva carne santa na orla de sua veste [NVI: carne consagrada na borda de suas vestes], e ela vier a tocar no pão, ou no cozinhado, ou no vinho, ou no azeite, ou em qualquer outro mantimento, ficará isto santificado? Responderam os sacerdotes: Não. Então, perguntou Ageu: Se alguém que se tinha tornado impuro pelo contato com um corpo morto tocar nalguma destas coisas, ficará ela imunda? [NVI: impura] Responderam os sacerdotes: Ficará imunda [NVI: impura]. Então, prosseguiu Ageu: Assim é este povo, e assim esta nação perante mim, diz o Senhor; assim é toda a obra das suas mãos, e o que ali oferecem: tudo é imundo [NVI: Tudo o que fazem e tudo o que me oferecem é impuro]. Agora, pois, considerai tudo o que está acontecendo desde aquele dia [NVI: 'de hoje em diante'; ou 'desde os dias passados']. Antes de pordes pedra sobre pedra no templo do Senhor, [NVI: Em que condições vocês viviam antes que se colocasse pedra sobre pedra no templo do Senhor?] antes daquele tempo, alguém vinha a um monte de vinte medidas, e havia somente dez; vinha ao lagar para tirar cinquenta, e havia somente vinte. Eu vos feri com queimaduras, e com ferrugem, e com saraiva [NVI: com mofo, ferrugem e granizo], em toda a obra das vossas mãos; e não houve, entre vós, quem voltasse para mim, diz o Senhor. Considerai, eu vos rogo, desde este dia em diante, desde o vigésimo quarto dia do mês nono, desde o dia em que se fundou o templo do Senhor, considerai nestas coisas. Já não há semente no celeiro. Além disso, a videira, a figueira, a romeira e a oliveira não têm dado os seus frutos; mas, desde este dia, vos abençoarei [NVI: Mas, de hoje em diante, abençoarei vocês]".
- Em 536 AC (no segundo mês do segundo ano da chegada de Zorobabel a Jerusalém, no reinado de Ciro mês de Zive ou 'Iyyar, correspondente a abril-maio) realizou-se a cerimônia de inauguração (Ed 3: 8; 10-11), mas a obra foi interrompida. No vigésimo quarto dia do nono mês no segundo ano de Dario (520 AC), que corresponde ao mês de Quisleu (Nov.-Dez.), Ageu fez esta profecia.

As ruínas do templo estavam imundas e contaminavam a nação e as coisas em que tocavam. Por isso, colocar o fundamento novo faria toda a diferença e daquele instante em diante a obra do povo seria abençoada.

A palavra de Deus diz em Lv 6: 27; Nm 19: 11; 13; 22; Ez 44: 19 que as vestes do sacerdócio eram consagradas, e que o sacerdote deveria trocá-las depois que ministrasse no santuário e usar outras vestes para se achegar ao povo; e que o que era santo também santificava tudo aquilo em que tocasse (Êx 29: 37; Lv 6: 27; Ez 44: 19). Também diz que tudo que fosse imundo, por tocar em cadáver, não poderia tocar em outras coisas, em especial nas coisas santas para que elas não se tornassem imundas (Nm 19: 11; 13; 22). A carne que se levava na orla da veste estava consagrada, mas se ela tocasse em outros alimentos, eles não ficariam consagrados, santificados, pois não estavam em contato direto com as vestes sacerdotais. Assim, o sacerdote e o templo estavam consagrados, portanto, eram santos ao Senhor. A presença de Deus com estes e com Seu povo é que os abençoava. Isso foi planejado por Deus para lhes dar a idéia de separação

entre o santo e o profano. Para os judeus, a santidade estava no templo, por isso era importante reconstruí-lo.

O segundo ponto era uma questão de impureza ritual, ou seja, se a santidade exigia condições especiais, a transmissão da impureza ocorria com extrema facilidade de um para outro. Muitas coisas tornavam uma pessoa impura, especialmente, o fato de tocar em cadáver (Nm 19: 11). Como foi escrito acima, as ruínas do templo, sendo imundas (como um cadáver), contaminavam a nação. A nação havia se tornado impura pelo pecado, pela infidelidade e pelo descaso para com Deus; conseqüentemente, o fruto das suas colheitas insuficientes e da sua pobreza também eram consideradas ofertas imundas pelo Senhor.

Podemos extrapolar nosso raciocínio para os dias de hoje dizendo que as coisas impuras do mundo não devem ser oferecidas a Deus (Ag 2: 14: 'Então, prosseguiu Ageu: Assim é este povo, e assim esta nação perante mim, diz o Senhor; assim é toda a obra das suas mãos, e o que ali oferecem: tudo é imundo'). Nem o sacerdote pode tornálas santas. Deus pode santificar o pecador através do sangue de Jesus, mas não santifica a sujeira mundana (o pecado). Da mesma forma, o sacerdote não pode purificar o povo, nem a comida consagrada pode fazê-lo, mas pode se tornar imundo pelo povo. A impureza é mais facilmente transmitida do que a santificação.

• Depois o Senhor faz uma ligação entre as condições de impureza e desobediência à Sua palavra, que gerou a seca e as colheitas escassas, e ao tempo em que isso começou, ou seja, antes de iniciarem a construção: "Agora, pois, considerai tudo o que está acontecendo desde aquele dia [NVI: 'de hoje em diante'; ou 'desde os dias passados]. Antes de pordes pedra sobre pedra no templo do Senhor, [NVI: Em que condições vocês viviam antes que se colocasse pedra sobre pedra no templo do Senhor?] antes daquele tempo, alguém vinha a um monte de vinte medidas, e havia somente dez; vinha ao lagar para tirar cinqüenta, e havia somente vinte. Eu vos feri com queimaduras, e com ferrugem, e com saraiva [NVI: com mofo, ferrugem e granizo], em toda a obra das vossas mãos; e não houve, entre vós, quem voltasse para mim, diz o Senhor" (v. 15-17).

Mesmo sendo disciplinados por Ele com 'queimaduras, e com ferrugem, e com saraiva [NVI: com mofo, ferrugem e granizo]' eles continuavam teimosos, por isso os dias estavam sendo difíceis. E eles não se voltavam para Deus.

- "Considerai, eu vos rogo, desde este dia em diante, desde o vigésimo quarto dia do mês nono, desde o dia em que se fundou o templo do Senhor, considerai nestas coisas. Já não há semente no celeiro. Além disso, a videira, a figueira, a romeira e a oliveira não têm dado os seus frutos; mas, desde este dia, vos abençoarei [NVI: Mas, de hoje em diante, abençoarei vocês]" (Ag 2: 18) Deus volta a pedir que eles olhem para o seu passado, e lhes garante que a partir de agora Ele irá abençoá-los. Tudo isso era um incentivo para reconstruir o templo (cf. Ed 6: 15 sua conclusão).
- Ag 2: 20-23 (A promessa do Senhor a Zorobabel): "Veio a palavra do Senhor segunda vez a Ageu, ao vigésimo quarto dia do mês, dizendo: Fala a Zorobabel, governador de Judá: Farei abalar o céu e a terra [NVI: farei tremer o céu e a terra]; derribarei o trono dos reinos e destruirei a força dos reinos das nações [NVI: Derrubarei tronos e destruirei o poder dos reinos estrangeiros]; destruirei o carro e os que andam nele; os cavalos e os seus cavaleiros cairão, um pela espada do outro. Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, tomar-te-ei, ó Zorobabel, filho de Salatiel [NVI: Sealtiel], servo meu, diz o Senhor, e te farei como um anel de selar, porque te escolhi, diz o Senhor dos Exércitos".

- Vigésimo quarto dia do nono mês (Quisleu Novembro-Dezembro). Esta foi uma promessa especial a Zorobabel, o governador de Judá, de que seria conservado em segurança, apesar das perturbações que assolavam o império persa.
- "Farei abalar o céu e a terra [NVI: farei tremer o céu e a terra]; derribarei o trono dos reinos e destruirei a força dos reinos das nações [NVI: Derrubarei tronos e destruirei o poder dos reinos estrangeiros]; destruirei o carro e os que andam nele; os cavalos e os seus cavaleiros cairão, um pela espada do outro" (v. 21b-22) aqui o Senhor volta a falar sobre o Seu poder de mover reinos e impérios, inclusive de fazer cessar as guerras (destruirei o carro e os que andam nele; os cavalos e os seus cavaleiros cairão, um pela espada do outro), o que lembrava os judeus de suas vitórias passadas, quando Deus interveio, trazendo livramentos sobrenaturais para o Seu povo (Jz 7: 7; 13-15; 21-22; 2 Cr 20: 22-24). Essa é uma figura de linguagem que significa: mudar e renovar todas as coisas em Cristo.
- Deus chama Zorobabel de 'servo meu' e diz que Ele o tinha escolhido. Isaías usou muito a palavra 'servo', tanto para Israel como para Jesus (Is 42: 1; Is 49: 3; 6; 7; Is 52: 13; Is 53: 11), como símbolo do instrumento ungido e escolhido por Deus para realizar o Seu propósito. Zorobabel é a figura de Jesus. Embora Zorobabel tenha enfrentado oposições no momento da sua chegada a Judá, pois o governador nomeado por Ciro era Sesbazar (Ed 1: 8; Ed 5: 14; 16), mas ele, Zorobabel, era o líder ativo, tanto em 536 AC como em 520 AC (Ed 3: 2; 8; Ed 5: 2), depois que Sesbazar morreu Dario I o nomeou para o cargo de governador de Judá, pois essa terra fazia parte de uma satrapia persa no seu reinado (Ed 5: 14; 16; Ag 1: 1; 14; Ag 2: 2). Assim, essa ação de Deus sobre reinos e impérios, até sobre guerras, pode indicar um tempo futuro, onde a profecia passa a ser cumprida na pessoa de Jesus ('naquele dia'). Zorobabel era descendente de Davi e também faz parte da linhagem de Jesus (Mt 1: 13; Lc 3: 27). Ele era o responsável pelo retorno dos judeus do cativeiro e pela reconstrução da nação. Na Sua primeira vinda, Jesus reconstruiria espiritualmente a nação, mostrando-se o pastor, o redentor, o sumo sacerdote e o Rei dela, levando-a a um novo patamar de relacionamento com Deus e a um lugar de honra entre as nações.

'Anel de selar' era o anel usado pela realeza para selar os decretos emitidos pelo rei, ou seja, o anel os autenticava, como aconteceu com Assuero, rei da Pérsia, descrito no livro de Ester (Et 3: 10-11; 12; Et 8: 2; 8; 10). Jeremias (Jr 22: 24) se referiu a um antepassado de Zorobabel com o nome de 'anel de selo' que estava sendo tirado das mãos do Senhor, se referindo à sua rejeição como rei e à sua derrota nas mãos do rei da Babilônia. Deus já tinha selado seu destino. Esse antepassado era Jeconias ou Joaquim, sobrinho de Zedequias. Zedequias foi o último rei de Israel no trono. Depois do retorno do cativeiro só Jesus restituiu a honra à casa de Davi, por isso Zorobabel era uma figura de Jesus, que viria da sua linhagem. Essa profecia estimulava os judeus a reconstruírem o templo, pois Deus lhes dava a certeza de que a nação seria reconstruída também, e no futuro, a linhagem de Davi teria honra novamente.

#### Conclusão:

O que podemos ver na vida de Ageu é a força da palavra profética que nos ajuda a reconstruir o que foi destruído em nossa vida, além do que Deus nos lembra do que é sacerdócio santo, do que precisamos fazer para agradar-Lhe como nosso Senhor. Ele não deseja nos ver apáticos em relação ao nosso chamado nem à Sua obra, pois isso poderia desanimar toda a Sua Igreja. Cada um de nós tem a responsabilidade de perseverar no próprio caminho e zelar pelos dons espirituais que nos foram dados para que possamos ser um canal de Suas bênçãos para outras vidas. Assim sendo, através do

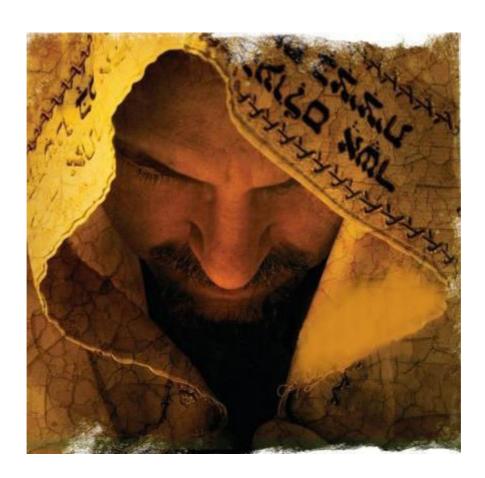
nosso testemunho vivo, estaremos profetizando e trazendo a salvação do Messias para todos os que se acham em trevas. Em nossa boca, Suas palavras são vivas e são verdadeiros tijolos que ajudam nossos semelhantes a reconstruir seus 'templos'. Por isso, como profetas, nós devemos obedecer em tudo à voz do Espírito de Deus, tanto para exortar, repreender, convencer do erro e eliminar o pecado, como para trazer o consolo e o incentivo àqueles que o Senhor envia a nós. Mesmo condenando o mal e trazendo à luz os erros da carne, estaremos contribuindo para a 'edificação de muros e reparação de brechas' (cf. Is 58: 12).

#### Zacarias

'Zacarias' significa 'O Senhor se lembra'. Ele profetizou no período de 520-480 AC, durante o reinado de Dario I (522-486 AC), e era jovem quando começou a profetizar (Zc 2: 4). Era profeta e sacerdote e nasceu no exílio. Seu pai era Baraquias (Zc 1: 1), provavelmente o mesmo personagem mencionado por Jesus em Mt 23: 35. Seu avô era Ido (Zc 1: 1; Ed 8: 17; Ne 12: 16). Quando jovem, voltou da Babilônia para Jerusalém, junto com Ageu, Zorobabel e Josué, o sumo sacerdote (Ed 5: 2). De 536 a 520 AC a reconstrução do templo foi negligenciada. Então o Senhor o levantou para motivar o povo a restaurar. Esdras veio 62 anos depois (458 AC). O profeta também fez predição sobre o Messias (Zc 3: 8-10; Zc 9: 9; Zc 10: 4).

A segunda parte do livro de Zacarias se refere às suas profecias no período em que já era idoso (Zc 9–14). Em relação aos antigos judeus, temos aqui a impressão que o primeiro entusiasmo cedera lugar à frieza, à formalidade, à liderança fraca e ao temor de ataque da Grécia. Em algumas delas também há alusão aos eventos escatológicos.

Há diversas referências a Zacarias no Novo Testamento: Mt 21: 5 cf. Zc 9: 9 – a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém; Mt 27: 9-10 cf. Zc 11: 13 – Judas devolve o dinheiro da traição; o campo do oleiro descrito por Zacarias, em At 1: 19 é chamado Aceldama ('Campo de sangue'); Ap 1: 7 cf. Zc 12: 10 – os judeus verão Aquele a quem traspassaram; o momento do arrependimento.



No primeiro capítulo do seu livro é feita uma exortação ao arrependimento pelo pecado de rebeldia dos seus antepassados diante das repreensões proféticas, o que acabou por levá-los ao cativeiro. O Senhor os chama de volta aos Seus caminhos e pede conversão sincera. Neste capítulo Zacarias deixa clara a data em que esta profecia foi feita (Zc 1: 1-6): no oitavo mês do segundo ano de Dario I, ou seja, no mês de Bul (Outubro-Novembro) no ano 520 AC, dois meses após a primeira profecia de Ageu (Ag 1: 1) e um mês após a segunda profecia de Ageu (Ag 2: 10). No v. 7 ele relata a primeira visão que recebeu de Deus no 24º dia do undécimo mês do segundo ano de Dario I, ou seja, no mês de Sebate (Janeiro-Fevereiro) de 519 AC. A primeira visão se refere aos cavaleiros angélicos, que são informados que Deus restaurará Jerusalém. As oito visões do profeta ocorreram em següência.

- Zc 1: 1-6 (Exortação ao arrependimento): "No oitavo mês do segundo ano de Dario, veio a palavra do Senhor ao profeta Zacarias, filho de Baraquias, filho de Ido, dizendo: O Senhor se irou em extremo contra vossos pais [NVI: antepassados]. Portanto, dize-lhes: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Tomai-vos para mim, diz o Senhor dos Exércitos, e eu me tornarei para vós outros, diz o Senhor dos Exércitos. Não sejais como vossos pais, a quem clamavam os primeiros profetas, dizendo: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Convertei-vos, agora, dos vossos maus caminhos e das vossas más obras; mas não ouviram, nem me atenderam, diz o Senhor. Vossos pais, onde estão eles? E os profetas, acaso, vivem para sempre? Contudo, as minhas palavras e os meus estatutos, que eu prescrevi aos profetas, meus servos, não alcançaram a vossos pais? Sim, estes se arrependeram e disseram: Como o Senhor dos Exércitos fez tenção de nos tratar, segundo os nossos caminhos e segundo as nossas obras, assim ele nos fez".
- Zc 1: 7-17 (A primeira visão: os cavalos): "No vigésimo quarto dia do mês undécimo, que é o mês de sebate, no segundo ano de Dario, veio a palavra do Senhor ao profeta Zacarias, filho de Baraquias, filho de Ido. Tive de noite uma visão, e eis um homem montado num cavalo vermelho; estava parado entre as murteiras que havia num vale profundo [NVI: entre as murtas num desfiladeiro]; atrás dele se achavam cavalos vermelhos, baios [ou seja, castanho-amarelados] e brancos. Então, perguntei: meu senhor, quem são estes? Respondeu-me o anjo que falava comigo: Eu te mostrarei quem são eles. Então, respondeu o homem que estava entre as murteiras [NVI: murtas] e disse: São os que o Senhor tem enviado para percorrerem a terra [NVI: que o Senhor enviou por toda a terra]. Eles responderam ao anjo do Senhor, que estava entre as murteiras, e disseram: Nós já percorremos a terra, e eis que toda a terra está, agora, repousada e trangüila. Então, o anjo do Senhor respondeu: Ó Senhor dos Exércitos, até quando não terás compaixão de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais estás indignado faz já setenta anos? Respondeu o Senhor com palavras boas, palavras consoladoras, ao anjo que falava comigo. E este me disse: Clama: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Com grande empenho, estou zelando por Jerusalém e por Sião [NVI: Eu tenho sido muito zeloso com Jerusalém e Sião]. E, com grande indignação, estou irado contra as nações que vivem confiantes; porque eu estava um pouco indignado [NVI: apenas um pouco irado com meu povo], e elas agravaram o mal [NVI: mas elas aumentaram a dor que ele sofria!]. Portanto, assim diz o Senhor: Voltei-me para Jerusalém com misericórdia; a minha casa nela será edificada, diz o Senhor dos Exércitos, e o cordel será estendido sobre Jerusalém [NVI: A corda de medir será

esticada sobre Jerusalém]. Clama outra vez, dizendo: Assim diz o Senhor dos Exércitos: As minhas cidades ainda transbordarão de bens [NVI: de prosperidade]; o Senhor ainda consolará a Sião e ainda escolherá a Jerusalém".

- Cordel (v. 16) é uma linha de medir a cidade e construir por ela o muro, as ruas e as casas de Jerusalém, com precisão e simetria. A linha de medir (régua) e o fio de prumo, muito usados em outros escritos proféticos, simbolizam o juízo de Deus e, algumas vezes, a Sua disposição de reconstruir (Zc 1:16). Em Is 34: 11-15, muito provavelmente, o cordel seria para marcar a destruição de Edom; para marcar o que seria derrubado: "Mas o pelicano e o ouriço (um mamífero com o corpo coberto de espinhos) a possuirão; o bufo e o corvo habitarão nela. Estender-se-á sobre ela o cordel de destruição e o prumo de ruína".
- Murta (v. 8; 10; 11) Zacarias, numa visão que simbolizava a paz, viu um bosque de murtas, enquanto que em Ne 8: 15 os judeus levavam ramos de murtas do monte das Oliveiras a fim de construírem suas tendas na Festa dos Tabernáculos (445 AC). Isaías previu a murta substituindo o espinheiro no deserto (Is 41: 19; Is 55: 13). A murta é um arbusto (Myrtus communis L.) de origem mediterrânea, cultivado para compor cercas vivas e que se caracteriza pelas folhas pequeninas, compactas e fragrantes. As flores são brancas e eram usadas como perfume. Seu nome em hebraico é hªdas, e Hadassa (nome hebraico de Ester) se deriva dele. O arbusto chega a dez metros de altura. A murta é uma planta sempre verde. A bíblia descreve a murta como símbolo da generosidade divina.



Murta (Myrtus communis L.)

• É interessante perceber que os cavalos que são descritos no capítulo 1 de Zacarias têm as mesmas cores dos cavalos do capítulo 6, mas o seu comportamento nos dois capítulos é diferente. Aqui não é descrito o cavalo preto. Vamos nos lembrar do que está escrito em Zc 1: 8-11: "Tive de noite uma visão, e eis um homem [provavelmente, Jesus antes de Sua encarnação humana, o Senhor dos Exércitos, o Anjo do Senhor – cf. v.11] montado num cavalo vermelho; estava parado entre as murteiras que havia num vale profundo [NVI: entre as murtas num desfiladeiro]; atrás dele se achavam cavalos vermelhos, baios [ou seja, castanho-amarelados] e brancos. Então, perguntei: meu

senhor, quem são estes? Respondeu-me o anjo que falava comigo [um servo angélico do Senhor, não o primeiro anjo que estava entre as murteiras]: Eu te mostrarei quem são eles. Então, respondeu o homem [Jesus] que estava entre as murteiras [NVI: murtas] e disse: São os que o Senhor tem enviado para percorrerem a terra [NVI: que o Senhor enviou por toda a terra]. <sup>11</sup> Eles responderam ao anjo do Senhor [Jesus], que estava entre as murteiras, e disseram: Nós já percorremos a terra, e eis que toda a terra está, agora, repousada e tranqüila".

Aqui no capítulo 1 eles estão numa missão de paz para dar ao profeta o consolo de uma restauração de sua cidade; simbolicamente, eles voltaram de uma guerra sangrenta (vermelhos), mas vitoriosa (brancos), e derrotaram as doenças, a peste e outros tipos de calamidades (baios ou castanho-amarelados) enviadas por Deus como uma forma de executar Seu juízo contra o pecado e todos os inimigos do Seu povo. A terra de Israel estava, agora, repousada e tranquila.

O cavalo preto não está aqui, pois, além de significar a escassez de alimento e a fome, ele significa luto, pesar. E a 1ª visão de Zacarias é uma visão de esperança na reconstrução, portanto, uma visão de alegria.

- Zc 1: 18-21 (A segunda visão: os quatro chifres e os quatro ferreiros): "Levantei os olhos e vi, e eis quatro chifres. Perguntei ao anjo que falava comigo: que é isto? Ele me respondeu: São os chifres que dispersaram a Judá, a Israel e a Jerusalém. O Senhor me mostrou quatro ferreiros [NVI: artesãos]. Então, perguntei: que vêm fazer estes? Ele respondeu: Aqueles são os chifres que dispersaram a Judá, de maneira que ninguém pode levantar a cabeça; estes ferreiros [NVI: artesãos], pois, vieram para os amedrontar, para derribar os chifres das nações que levantaram o seu poder contra a terra de Judá, para a espalhar".
- Chifres (v. 19; 21) Refere-se às nações e reinos poderosos dos quatro cantos da terra, que vieram contra Israel e Judá. Chifre simboliza poder, força.
- Ferreiros [NVI: artesãos] (v. 21) fortes instrumentos de Deus para fazer em pedaços os inimigos do Seu povo, as nações que dispersaram Israel e Judá.

Quanto à identidade correta das quatro nações ou impérios ('chifres') que vieram contra Israel e Judá para dispersá-los, qualquer afirmação se torna incerta. Muitas nações levantaram o seu poder contra a terra de Judá, para espalhar seu povo, ou seja, para levá-los ao cativeiro: Síria, Assíria, Babilônia, Grécia e Roma, pois todas elas causaram uma destruição e uma dispersão no povo do Senhor. Isso aconteceu até com a Pérsia sob Cambises II, que foi um inimigo da nação judaica, dificultando a construção do templo – Ed 4: 1-24, onde no v. 6, 'Assuero' é o título caldeu de Cambises II; e no v. 7 é usado seu título persa: 'Artaxerxes'. Não é o mesmo Assuero ou Xerxes I de Et 1:1, filho de Dario I e que reinou em 486-465 AC; nem se trata de Artaxerxes I, filho de Xerxes I (Ne 2: 1), que reinou em 465-424 AC e que autorizou o retorno de Esdras (Ed 7: 1) e a reconstrução dos muros de Jerusalém. Mas como escrevi no comentário sobre Jl 3: 13 onde o profeta relata os juízos divinos contra as nações inimigas, o próprio Deus usou uma contra a outra para realizar Sua vingança por terem destruído o Seu povo: Tiglate-Pileser III destruiu a Síria, que havia oprimido Israel. A Assíria, por sua vez, foi derrotada pelos Medos e Babilônios; estes, pelos Persas. Nabucodonosor foi instrumento da vingança de Deus sobre as nações inimigas de Israel: Amom, Moabe, Filístia, Egito, Edom, Sidom e Tiro, entre outras. Alexandre Magno derrotou os Medos e Persas, e os romanos causaram divisão dentro do seu próprio império, levando-o à sua derrota. Assim, Deus usará os poderosos para aniquilar Seus inimigos até o Dia do Julgamento final, quando todos eles serão para sempre destruídos. Talvez possamos

dizer que os ferreiros, como instrumentos da punição do Senhor, sejam os próximos 'chifres' a serem destruídos por outros 'ferreiros'.

É difícil dizer com certeza se o profeta estava se referindo às nações que já haviam surgido no cenário mundial ou às que ainda surgiriam, uma vez que todos os profetas usam o verbo no passado para uma situação futura como se ela já tivesse ocorrido. Depois de Roma, as coisas não melhoraram para Israel, nem do ponto de vista físico nem do espiritual, pois outros impérios se ergueram para roubar sua paz e seus bens materiais, bem como a semente do Cristianismo inicial.

• Zc 2: 1-5 (A terceira visão: Jerusalém é medida): "Tornei a levantar os olhos e vi, e eis um homem que tinha na mão um cordel de medir [NVI: uma corda de medir]. Então, perguntei: para onde vais tu? Ele me respondeu: Medir Jerusalém, para ver qual é a sua largura e qual o seu comprimento. Eis que saiu o anjo que falava comigo, e outro anjo lhe saiu ao encontro. E lhe disse: Corre, fala a este jovem: Jerusalém será habitada como as aldeias sem muros [NVI: como uma cidade sem muros], por causa da multidão de homens e animais que haverá nela [NVI: por causa dos seus muitos habitantes e rebanhos]. Pois eu lhe serei, diz o Senhor, um muro de fogo em redor e eu mesmo serei, no meio dela [NVI: dentro dela], a sua glória" (cf. Is 60: 19; Ap 21: 23).

O profeta vê novamente o anjo com o cordel para medir a cidade de Jerusalém, dando-lhe a certeza de que Deus vai reconstruí-la. Não apenas será reconstruída, como também habitada por muitas pessoas (judeus e gentios) e rebanhos, por isso ela será como aldeias sem muros, para que haja espaço para todos; e ela não mais temerá, pois o Senhor será um muro de fogo ao Seu redor. Ele se colocará no meio dela e será a sua glória, seu resplendor, sua honra, sua dignidade, ou seja, Deus restaurará a honra, a dignidade e o respeito de Sião diante dos povos. Essa é uma alusão ao repovoamento da cidade pós-exílio (Ne 7: 4; 66-69) e, mais do que isso, a promessa da 1ª vinda de Jesus, onde Deus mesmo a protegerá como uma muralha de fogo, da mesma forma que Sua coluna de fogo os guiou no deserto e separou Seu povo dos carros de faraó no tempo do Êxodo (Êx 14: 19-20). O fogo aqui é o símbolo da Sua proteção e da Sua presença (Sua glória) iluminando-os nos seus caminhos, e também do Seu Espírito de santidade, separando Seu povo dos 'impuros', e permitindo que dentro dela eles tenham paz para ouvir a Sua Palavra e ver a luz do Messias.

• Zc 2: 6-13 (Israel exortado a voltar para Sião): "Eh! Eh! [NVI: Atenção! Atenção!] Fugi, agora, da terra do Norte, diz o Senhor, porque vos espalhei como os quatro ventos do céu, diz o Senhor. Eh! Salva-te, ó Sião, tu que habitas com a filha da Babilônia [NVI: Escapem, vocês que vivem na cidade da Babilônia!]. Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Para obter ele (Deus Pai) a glória, enviou-me (me, a mim = o Filho) às nações que vos despojaram; porque aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho [NVI: 'Ele me enviou (Jesus falando) para buscar a sua glória entre as nações que saquearam vocês, porque todo o que tocar em vocês, toca na menina dos olhos dele'. Na versão em inglês (NRSV) a frase é: 'Porque assim disse o Senhor dos Exércitos (depois que a sua glória me enviou) em relação às nações que te saquearam: verdadeiramente, aquele que toca em ti toca na menina do meu olho']. Porque eis aí agitarei a mão contra eles, e eles virão a ser a presa daqueles que os serviram; assim, sabereis vós que o Senhor dos Exércitos é quem me enviou [NVI: Certamente levantarei a minha mão contra as nações de forma que serão um espólio para os seus servos. Então vocês saberão que foi o Senhor dos Exércitos que me enviou]. Canta e exulta, ó filha de Sião, porque eis que venho e habitarei no meio de ti, diz o Senhor. Naquele dia, muitas nações se ajuntarão ao Senhor e serão o meu povo; habitarei no meio de ti, e saberás que o Senhor dos Exércitos é quem me enviou a ti. Então, o Senhor herdará a Judá como sua porção na terra santa e, de novo, escolherá a Jerusalém. Cale-se toda carne diante do Senhor, porque ele se levantou da sua santa morada".

Explicando:

• Zc 2: 6-7: "Eh! Eh! Fugi, agora, da terra do Norte, diz o Senhor, porque vos espalhei como os quatro ventos do céu, diz o Senhor. Eh! Salva-te, ó Sião, tu que habitas com a filha (cidade) da Babilônia" - o Senhor exorta Seu povo a sair da Babilônia. A razão é que muitos dos filhos de Israel permaneceram na terra da Babilônia (agora parte do império persa), mesmo após a destruição da cidade de Babilônia por Ciro em 539 AC. Ele ordenou a volta dos judeus em 538 AC (1º retorno dos exilados). O templo começou a ser reconstruído em 536 AC, mas sua construção ficou interrompida até 520 AC, no governo de Dario I, pois no governo de seu antecessor Cambises II houve muitos impedimentos por parte dos outros povos, tanto dos que habitavam em Samaria desde a época dos assírios como dos povos assalariados dos persas (Ed 4: 1-5; 8-10). Assim, depois de uma interrupção de dezesseis anos, o templo recomeçou a ser construído, e foi terminado em 516 AC, após quatro anos. Durante esse período é que Zacarias e Ageu atuaram como profetas incentivando essa restauração. Os dois vieram junto com Zorobabel e Josué na 1ª etapa do retorno dos exilados (Ed 5: 2). Houve um 2º retorno dos judeus a Jerusalém no tempo de Esdras (458 AC), que foi chamado para ministrar no templo que havia sido construído. Houve ainda um 3º retorno dos exilados, junto com Neemias (445 AC), quando começou a reconstrução das muralhas de Jerusalém. Podemos notar que desde a liberação de Ciro até a vinda de Neemias se passaram 93 anos (aqui, já era o período profético de Malaquias – 450-400 AC).

Então, a profecia de Zacarias era endereçada aos judeus que tinham permanecido na Caldéia e na Pérsia, pois a promessa de Deus para eles estava na sua terra natal, em Judá. Lá Ele derramaria Suas bênçãos sobre eles. Outra razão para retornarem à Judéia era que haveria turbulência onde eles estavam, e Deus os estava avisando.

A queda da Babilônia não se deu de uma só vez com Ciro. Ciro iniciou o processo, tirando sua supremacia. Por isso, Jeremias (Jr 50: 39; 46) diz que a extinção total da Babilônia não se cumpriria imediatamente, mas gradualmente ('de geração em geração' – ARA). Antigos governantes babilônicos levantaram insurreições, tentando reaver o trono:

- Nabucodonosor III (Nidintu-Bel) contra Dario I (522-486 AC) no ano de 522 AC. Dario I demorou um pouco mais de 1 ½ ano para conseguir tomar a cidade.
- Nabucodonosor IV contra Dario I em 521 AC. Dario I a privou de suas fortificações; as muralhas foram parcialmente destruídas.
- Bel-shimani e Shamash-eriba, no reinado de Xerxes I (486-465 AC), o filho de Dario I 482 AC.

Por causa dessas insurreições foi que Xerxes destruiu a cidade quase que totalmente em 478 AC. Os reis citados acima eram reis babilônicos nativos que recuperaram brevemente independência, mas quando essas rebeliões foram reprimidas a Babilônia permaneceu sob o domínio persa por dois séculos, até a entrada de Alexandre, o Grande, em 331 AC.

Por isso, o profeta os exortava a voltar, porque Deus continuaria a fazer o seu juízo contra os ímpios naquele lugar: "Porque eis aí agitarei a mão contra eles, e eles virão a ser a presa daqueles que os serviram; assim, sabereis vós que o Senhor dos Exércitos é quem me enviou" (v. 9).

Os judeus que demoravam a retornar tinham muitas razões para permanecerem na Caldéia e na Pérsia, pois ainda viam a indulgência persa com desconfiança, além do que tinham medo dos inimigos que atrasavam a reconstrução do templo e da cidade; seus muros permaneceram em ruínas ainda por 71 anos após o término do templo e a vinda de Neemias (445 AC). Muitos nasceram em terra estrangeira e nunca conheceram Jerusalém, por isso eles não tinham lembrança da terra dos seus ancestrais nem

conheciam seus costumes e tradições originais (Ne 8: 8-9; 12; 17). Outra razão para permanecerem lá é que os babilônios permitiram que os exilados judeus formassem famílias, construíssem suas casas, cultivassem pomares (Jr 29: 5-7) e pudessem consultar os seus próprios chefes e anciãos (Ez 20: 1-44); dessa forma, eles constituíram uma comunidade naquela nação. Além da agricultura, alguns judeus se dedicaram ao comércio, a fim de terem sua sobrevivência. Assim, sua qualidade de vida era muito melhor ali do que na Judéia, onde teriam que começar tudo de novo. Devido às condições de tolerância persa e até bem-estar em que os exilados passaram a viver, muitos se acostumaram naquela terra e não quiseram retornar a Jerusalém, mesmo com a permissão de Ciro.

• Zc 2: 8: "Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Para obter ele (Deus Pai) a glória, enviou-me (me, a mim = o Filho) às nações que vos despojaram; porque aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho [NVI: 'Ele me enviou (Jesus falando) para buscar a sua glória entre as nações que saquearam vocês, porque todo o que tocar em vocês, toca na menina dos olhos dele'. Na versão em inglês (NRSV) a frase é: 'Porque assim disse o Senhor dos Exércitos (depois que a sua glória me enviou) em relação às nações que te saquearam: verdadeiramente, aquele que toca em ti toca na menina do meu olho']" - isso quer dizer que depois que Deus Pai havia se tornado a glória de Jerusalém (Zc 2: 5) e restaurado sua honra diante dos povos, o Filho, o Anjo do Senhor, estava sendo enviado para julgar as nações que haviam se levantado contra o Seu povo. O Pai enviou Jesus, o Filho, o Messias: Jo 4: 34; Jo 5: 37; Jo 6: 29; Jo 6: 44; Jo 6: 57; Jo 7: 16; Jo 7: 18; Jo 8: 29; Jo 9: 4. Jesus foi enviado como luz para revelação aos gentios, e para glória do povo de Deus, do povo de Israel (Lc 2: 32); 'para ruína como para levantamento de muitos em Israel e para ser alvo de contradição' (Lc 2: 34 b). Então, é o Senhor que glorifica Sua igreja e pune Seus inimigos, os inimigos do evangelho, como acontecerá definitivamente na segunda vinda de Jesus (2 Ts 1: 7-10; Pv 16: 4).

O Senhor também mostra o Seu amor para conosco dizendo que quem toca em nós, toca na menina do Seu olho (Dt 32: 10; Sl 17: 8), e isso significa que Ele é sensível às nossas dores e sofrimentos, e responde àqueles que nos afrontam. Da mesma maneira que Ele destruiu os inimigos do Seu povo no passado, Ele continua a fazer hoje e o fará sempre. Por isso, Ele diz que a vingança Lhe pertence e não se deve tocar nos Seus ungidos nem maltratar Seus profetas (Sl 105: 15; 1 Cr 16: 22).

- Zc 2: 9: "Porque eis aí agitarei a mão contra eles, e eles virão a ser a presa daqueles que os serviram; assim, sabereis vós que o Senhor dos Exércitos é quem me enviou [NVI: Certamente levantarei a minha mão contra as nações de forma que serão um espólio para os seus servos. Então vocês saberão que foi o Senhor dos Exércitos que me enviou]" esse versículo vem a confirmar a proteção do Senhor sobre Seu povo e o Seu juízo contra as nações ímpias, como estava falando para o profeta Zacarias em relação à Babilônia.
- Zc 2: 10-13: "Canta e exulta, ó filha de Sião, porque eis que venho e habitarei no meio de ti, diz o Senhor. Naquele dia, muitas nações se ajuntarão ao Senhor e serão o meu povo; habitarei no meio de ti, e saberás que o Senhor dos Exércitos é quem me enviou a ti. Então, o Senhor herdará a Judá como sua porção na terra santa e, de novo, escolherá a Jerusalém. Cale-se toda carne diante do Senhor, porque ele se levantou da sua santa morada" aqui se confirma a restauração de Israel pós-exílio e principalmente com a 1ª vinda do Messias ('Naquele dia'), onde judeus e gentios ('muitas nações') terão o direito de serem chamados 'povo de Deus'.

'Saberás que o Senhor dos Exércitos é quem me enviou a ti' – aqui Jesus repete novamente que foi enviado pelo Pai.

• Zc 3: 1-10 (A quarta visão: o sumo sacerdote Josué): "Deus me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do Anjo do Senhor, e Satanás estava à mão direita dele, para se lhe opor [NVI: para acusá-lo]. Mas o Senhor disse a Satanás: O Senhor te repreende, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu a Jerusalém, te repreende; não é este um tição tirado do fogo? [NVI: Este homem não parece um tição tirado do fogo? – tição = pedaço de lenha acesa ou meio queimada] Ora, Josué, trajado de vestes sujas, estava diante do Anjo. Tomou este a palavra e disse aos que estavam diante dele: Tirai-lhe as vestes sujas. A Josué disse: Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de finos trajes [NVI: Veja, eu tirei de você o seu pecado, e coloquei vestes nobres sobre você]. E disse eu [NVI: Disse também]: ponham-lhe um turbante limpo sobre a cabeça. Puseram-lhe, pois, sobre a cabeça um turbante limpo e o vestiram com trajes próprios; e o Anjo do Senhor estava ali, protestou a Josué [NVI: exortou Josué] e disse: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Se andares nos meus caminhos e observares os meus preceitos, também tu julgarás a minha casa e guardarás os meus átrios, e te darei livre acesso entre estes que aqui se encontram [NVI: e eu lhe darei um lugar entre estes que estão aqui]. Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens de presságio [NVI: seus companheiros sentados diante de você, homens que simbolizam coisas que virão]; eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo. Porque eis aqui a pedra que pus diante de Josué; sobre esta pedra única estão sete olhos; eis que eu lavrarei a sua escultura [NVI: e eu gravarei nela uma inscrição], diz o Senhor dos Exércitos, e tirarei a iniquidade desta terra, num só dia. Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, cada um de vós convidará ao seu próximo para debaixo da vide e para debaixo da figueira".



Nesta visão de Zacarias, o sumo sacerdote Josué é acusado por Satanás, mas é vindicado por Deus (Jesus, o Anjo do Senhor) recebendo o perdão dos seus pecados e o acesso à Sua presença, e aparece como símbolo do Messias-Renovo (Zc 3: 1-10). No v. 7-8 o Senhor se dirige também aos sacerdotes que estavam junto com Josué, confirmando a eles o sacerdócio e os exortando a permanecer nos Seus caminhos, observando Seus preceitos.

- 'Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens de presságio [NVI: homens que simbolizam coisas que virão]; eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo' (v. 8) Ele lhes anuncia a vinda do Messias, aqui chamado Renovo, e que realizaria a obra sacerdotal de remover a iniquidade da terra num só dia (v. 9).
- 'Homens de presságio' ou 'homens que simbolizam coisas que virão' (v. 8) significa: da mesma forma que Josué era o símbolo do ofício sacerdotal de Jesus, eles eram uma 'sombra', um símbolo dos seguidores de Cristo, que seriam também separados para um novo tipo de sacerdócio, sob uma nova dispensação. Isso ensinava a eles que o verdadeiro sacerdócio deveria ser preservado.
- 'Porque eis aqui a pedra que pus diante de Josué; sobre esta pedra única estão sete olhos; eis que eu lavrarei a sua escultura [NVI: e eu gravarei nela uma inscrição], diz o Senhor dos Exércitos, e tirarei a iniquidade desta terra, num só dia' (v. 9) a pedra é Jesus. Os sete olhos significam Seu perfeito conhecimento e sabedoria na presença do Seu Espírito (Ap 5: 6).
- 'Eu lavrarei a sua escultura [NVI: e eu gravarei nela uma inscrição]' (v. 9) pode ser uma referência às pedras no peitoral do sumo sacerdote (Êx 28: 21; 29; Êx 39: 8; 10-14), uma vez que estamos falando sobre sacerdócio, e Josué era o sumo sacerdote. Em cada pedra eram gravados os nomes das doze tribos, como um memorial diante de Deus, quando Arão oferecesse sacrifício por eles, pois a bíblia diz que ele deveria levar sobre o seu peito a iniquidade dos filhos de Israel, ou seja, apresentar diante de Deus as suas petições e fazer propiciação pelos seus pecados, pedindo perdão pelas suas faltas. Como um ser humano, ele só poderia levar a iniquidade deles, mas não poderia removê-la. Talvez por isso, ao ver removido o seu pecado e receber o avivamento do seu chamado pelo próprio Deus, Josué estivesse recebendo mais esta revelação: que Ele estava gravando nesta Pedra (Jesus) o nome de todos os Seus redimidos, pois Ele não só carregaria os pecados deles como os removeria totalmente. Isso era uma forma de mostrar a Josué a superioridade do Seu sacerdócio (Hb 8: 6), acima do sacerdócio da antiga aliança. Jesus disse: "Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo" (Jo 17: 24); "... Não perdi nenhum dos que me deste" (Jo 18: 9b). Como sacerdote, Ele nos carrega junto a si. Por isso, o Senhor diz em seguida: 'e tirarei a iniquidade desta terra, num só dia' – isso se refere à cruz, onde a expiação pelo pecado da humanidade foi completada, consumada. Jesus estava levando o pecado de todos nós, pois nossos nomes estavam gravados ali.

Arão também levava sobre a testa, na mitra, a placa de ouro onde estava gravada a frase: 'Santidade ao Senhor' (Êx 28: 36; 38; Êx 39: 30), simbolizando que também levava a culpa de qualquer pecado que os filhos de Israel cometessem em relação às coisas sagradas, ao fazerem suas ofertas, para que elas fossem aceitas diante de Deus. A placa de ouro era chamada de 'tsits', que significa: 'fitar' porque era usado na testa um lugar visível a todos. Isso significa que ainda que eles não fizessem as ofertas da maneira correta, seja na matéria ou na intenção, ou seja, ofertas com defeito aparente ou sem cumprirem completamente todos os preceitos, ou ainda, ofertas dadas sem a inteireza de coração ou sem devoção, elas eram santificadas por Arão quando ele comparecesse diante da presença do Senhor usando a mitra e a placa de ouro sobre ela. Para nós, isso pode ser resumido numa palavra: serviço, a saber, o que consagramos a Deus, o que ofertamos a Ele, a maneira como O servimos. Não há perfeição em nós, pois somos humanos, por isso, Jesus e o Espírito Santo são os nossos intercessores e os nossos intermediários nessa conexão com o Pai. Da mesma forma, Jesus carregou a nossa culpa em relação às coisas santas através da coroa de espinhos. Se o que

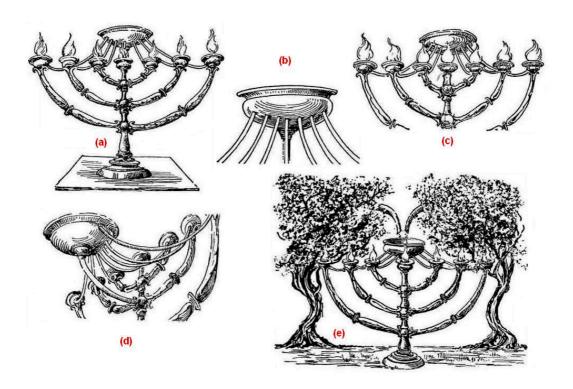
ofertamos materialmente ao Senhor é deficiente ou se nos doamos a Ele de maneira incompleta na nossa maneira de pensar (sem tanta devoção ou vontade de fazê-lo), ou ainda que não tenhamos a idéia correta sobre a Sua palavra e sobre o Seu caráter, Ele derrama Seu sangue sobre aquilo e aceita a nossa oferta, mas podemos ter a certeza de que Ele continuará a trabalhar conosco para nos aperfeiçoar até alcançarmos a 'estatura do varão perfeito' ou 'perfeita varonilidade' (Ef 4: 13), como diz a bíblia, nos doando a Ele integralmente. Está escrito: "Completai, agora, a obra começada [ele estava se referindo à obra que os Macedônicos começaram a fazer pelos pobres da Judéia], para que, assim como revelastes prontidão no querer, assim leveis a bom termo, segundo as vossas posses. Porque, se há boa vontade, será aceita conforme o que o homem tem e não segundo o que ele não tem" (2 Co 8: 11-12); "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças" (Ec 9: 10a).

• 'Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, cada um de vós convidará ao seu próximo para debaixo da vide e para debaixo da figueira' (v. 10) – 'Naquele dia' é o dia da primeira vinda de Cristo, mais exatamente o dia de Sua morte, quando tirou a iniquidade da terra num só dia. A videira é um símbolo de prosperidade e paz, símbolo do favor divino. O figo é associado com as promessas de Deus sobre prosperidade e advertências proféticas (Jr 5: 17; Os 2: 12; Hc 3: 17). Plantada juntamente com a vide (Lc 13: 6), simboliza bem-estar e prosperidade perpétuos. Sua produtividade era sinal de paz e favor divino sobre a nação. As figueiras saudáveis produziam figo dez meses por ano. Resumindo: essas plantas representavam bem-estar, paz, prosperidade e favor da parte de Deus. Isso quer dizer que após o perdão dos nossos pecados, podemos descansar no Senhor e colher os frutos da Sua justiça, pois sabemos que Suas bênçãos são o sinal visível do Seu favor e da Sua graça.

#### • Zc 4: 1-14 – A quinta visão: o candelabro de ouro entre as duas oliveiras

A quarta e a quinta visões de Zacarias estão relacionadas. Na quarta visão, Deus fala com o profeta sobre Josué, o sumo sacerdote. Nesta quinta, ele fala com o profeta sobre o governador de Judá (Zorobabel). As duas visões de Zacarias dizem respeito ao trabalho do Espírito Santo através de dois indivíduos: o rei e o sacerdote, que estão ao lado do candelabro, ou seja, a serviço de Deus. Josué e Zorobabel prefiguraram o oficio de Cristo como Rei e sacerdote a serviço do Pai.

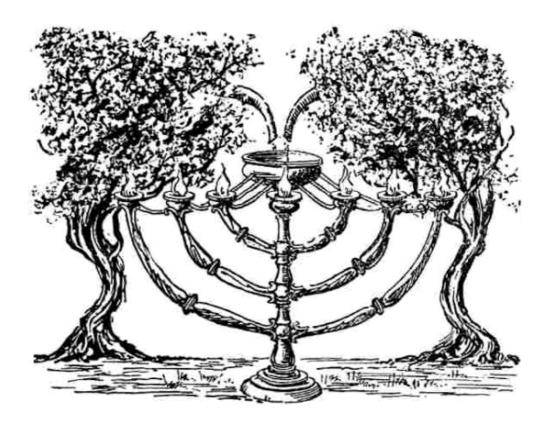
• Zc 4: 1-6: "Tornou o anjo que falava comigo e me despertou, como a um homem que é despertado do seu sono, e me perguntou: Que vês? Respondi: olho, e eis um candelabro todo de ouro (a) e um vaso de azeite em cima (b) com as suas sete lâmpadas e sete tubos, um para cada uma das lâmpadas (c) que estão em cima do candelabro (d). Junto a este, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e a outra à sua esquerda (e). Então, perguntei ao anjo que falava comigo: meu senhor, que é isto? Respondeu-me o anjo que falava comigo: Não sabes tu que é isto? Respondi: não, meu senhor. Prosseguiu ele e me disse: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel: Não por força nem por poder [NVI: violência], mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos".



• O v. 2 na NVI está descrito de maneira mais clara: "e me perguntou: O que você está vendo? Respondi: Vejo um candelabro de ouro maciço, com um recipiente para azeite na parte superior e sete lâmpadas e sete canos para as lâmpadas".

O anjo explicou ao profeta o significado da sua visão: o candelabro de ouro com sete lâmpadas (nesta profecia de Zacarias) é símbolo do povo de Israel. O candelabro de ouro com sete lâmpadas (Êx 25: 31-32; Êx 37: 17-18) colocado no Tabernáculo de Moisés e no Templo de Salomão era o símbolo do Espírito Santo, da presença de Deus

com o Seu povo. As sete lâmpadas são também chamadas de 'os sete Espíritos de Deus' (Ap 1: 4; Ap 4: 5), com o mesmo significado de Zc 4: 10 ('sete olhos' – ARA / 'sete lâmpadas': 'Estas sete lâmpadas são os olhos do Senhor, que sondam toda a terra'– NVI) cf. Ap 5: 6: 'Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra'.



• Nos v. 3 e 12, Zacarias fala que o candelabro é alimentado dois tubos de ouro com azeite saído de duas oliveiras que derramam óleo sobre um recipiente que está acima do candelabro: 'Junto a este, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e a outra à sua esquerda... Tornando a falar-lhe, perguntei: que são aqueles dois raminhos de oliveira que estão junto aos dois tubos de ouro, que vertem de si azeite dourado?' Aqui a referência é feita a Zorobabel e Josué, os dois ungidos (as 'duas oliveiras') que foram separados por Deus para liderar Seu povo, ou seja, na posição de rei e sacerdote, conforme o regime teocrático de governo judaico. Deus separou o representante civil e o eclesiástico para governar conjuntamente (o 'recipiente acima do candelabro', significando igualdade de poder e autoridade para governar), como foi com Moisés (o legislador) e Arão (o sumo sacerdote). Zorobabel e Josué eram as 'duas oliveiras' por meio de quem o Espírito Santo (o azeite) supria o povo com a luz e coragem necessária para reconstrução do templo.

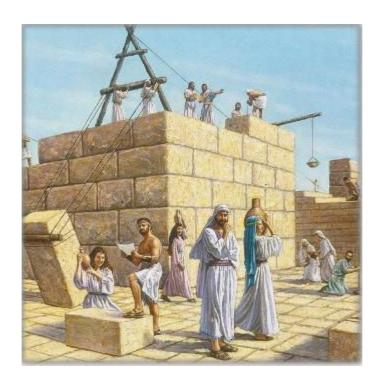
• v. 6: 'Prosseguiu ele e me disse: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel: Não por força nem por poder [NVI: violência], mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos' – O anjo estava falando para Zacarias que havia uma palavra do Senhor para Zorobabel, filho de Sealtiel, o governador de Judá (Ag 1: 1; 14; Ag 2: 2). Zorobabel e o sacerdote Josué (Jesua), filho de Jozadaque, vieram junto com Ageu e Zacarias para reconstruir o templo (Ed 5: 1-2). Mas diante das oposições (Ed 5: 3-5) de Tatenai (Ed 5: 6; Ed 6: 6; 13), o governador persa do distrito de Samaria, e de Setar-Bozenai (não se

sabe qual o seu posto como oficial persa) e seus companheiros (Ed 4: 7-10), eles se sentiam enfraquecidos e sem condições de prosseguir com a reconstrução da Casa de Deus. Ainda que dispusessem de um exército de israelitas para fazer frente às oposições, o Senhor lhes garantia que a obra não seria feita por força ou violência, mas pelo Espírito de Deus.

- Zc 4: 7-10: "Quem és tu, ó grande monte? [NVI: Quem você pensa que é, ó montanha majestosa?] Diante de Zorobabel serás uma campina [NVI: você se tornará uma planície]; porque ele colocará a pedra de remate [NVI: a pedra principal], em meio a aclamações: Haja graça e graça para ela! [NVI: Deus abençoe! Deus abençoe!] Novamente, me veio a palavra do Senhor, dizendo: As mãos de Zorobabel lançaram os fundamentos desta casa [NVI: deste templo], elas mesmas a acabarão, para que saibais que o Senhor dos Exércitos é quem me enviou a vós outros. Pois quem despreza o dia dos humildes começos [NVI: o dia das pequenas coisas], esse alegrar-se-á vendo o prumo [NVI: a pedra principal] na mão de Zorobabel. Aqueles sete olhos são os olhos do Senhor, que percorrem toda a terra [NVI: Estas sete lâmpadas são os olhos do Senhor, que sondam toda a terra]".
- v. 7: 'Quem és tu, ó grande monte? [NVI: Quem você pensa que é, ó montanha majestosa?] Diante de Zorobabel serás uma campina [NVI: você se tornará uma planície]; porque ele colocará a pedra de remate [NVI: a pedra principal], em meio a aclamações: Haja graça e graça para ela! [NVI: Deus abençoe! Deus abençoe!]' o 'grande monte' ou 'montanha majestosa' pode ser uma referência a Tatenai (Ed 5: 6; Ed 6: 6; 13), o governador persa do distrito de Samaria, em especial, ou ser aplicado de maneira geral para toda a oposição (Ed 5: 3-5) que Zorobabel enfrentava, ou seja, de Tatenai (Ed 5: 6; Ed 6: 6; 13), de Setar-Bozenai (Ed 4: 7-10; Ed 6: 6) e de todos os seus companheiros: "Bislão, Mitredate, Tabeel, Reum, Sinsai, os dinaítas, afarsaquitas (Ed 6: 6), tarpelitas, afarsitas, arquevitas, babilônios, susanquitas, deavitas, elamitas e outros povos que Osnapar (palavra aramaica para 'Assurbanipal') transportou e que fez habitar na cidade de Samaria, e os outros aquém do Eufrates (a oeste do Eufrates)" (Ed 4: 7-10). Assurbanipal, em 641 AC, saqueou Susã, a capital do Elão, e trouxe homens de Susã e de Elão para habitar em Samaria.
- v. 7: 'ele [Zorobabel] colocará a pedra de remate' colocar a pedra de remate ou pedra de acabamento significa que ele terminaria a obra que ele mesmo começou. É interessante perceber que no livro de Esdras está escrito que Ciro nomeou Sesbazar (Ed 1: 8; Ed 5: 14; 16) como o governador de Judá e que ele lançou os fundamentos do templo em 536 AC (Ed 5: 16). Mas também está escrito que Zorobabel e Josué começaram a obra da Casa do Senhor (Ed 3: 2; 8; Ed 5: 2), se referindo respectivamente à 1ª (536 AC) e à 2ª etapa (520 AC) da sua reconstrução. Isso nos faz pensar que Sesbazar era o líder oficial nomeado por Ciro; porém Zorobabel era o líder ativo, tanto em 536 AC como em 520 AC. Sabe-se que Dario I nomeou Zorobabel como governador de Judá, que fazia parte de uma satrapia persa no seu reinado (Iniciado em 522 AC). Provavelmente Sesbazar já estava morto em 520 AC (Ed 5: 14; 16), e Zorobabel ocupou o cargo de governador de Judá (Ag 1: 1; 14; Ag 2: 2).
- v. 8-9: 'Novamente, me veio a palavra do Senhor, dizendo: As mãos de Zorobabel lançaram os fundamentos desta casa [NVI: deste templo], elas mesmas a acabarão, para que saibais que o Senhor dos Exércitos é quem **me** enviou a vós outros' o pronome 'me' se refere ao Anjo de Deus que estava falando com o profeta. Isso significa que o cumprimento dessa palavra profética seria a prova daquilo que Ele tinha falado para que eles soubessem que Ele havia sido enviado por Deus Pai. O Senhor confirmava que

apesar de toda a oposição que Zorobabel e Josué estavam enfrentando, Ele lhes daria força para completar a obra.

• v. 10: 'Pois quem despreza o dia dos humildes começos, esse alegrar-se-á vendo o prumo [NVI: a pedra principal] na mão de Zorobabel. Aqueles sete olhos são os olhos do Senhor, que percorrem toda a terra [NVI: Estas sete lâmpadas são os olhos do Senhor, que sondam toda a terra]' – novamente, é confirmado que as sete lâmpadas (sete olhos) são os sete Espíritos de Deus (Ap 5: 6), simbolizando Seu perfeito conhecimento e sabedoria.



• Zc 4: 11-14: "Prossegui e lhe perguntei: que são as duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro? Tornando a falar-lhe, perguntei: que são aqueles dois raminhos de oliveira que estão junto aos dois tubos de ouro, que vertem de si azeite dourado? Ele me respondeu: Não sabes que é isto? Eu disse: não, meu senhor. Então, ele disse: São os dois ungidos [tradução literal: 'os filhos do óleo'], que assistem junto ao Senhor de toda a terra [NVI: São os dois homens que foram ungidos para servir ao Soberano de toda a terra! – No original: 'os dois que trazem óleo e servem']".

Aqui, Zacarias volta a falar que o candelabro é alimentado por duas hastes com azeite saído de duas oliveiras (ou 'dois raminhos de oliveira' – v. 12) que derramam óleo sobre um recipiente que está acima do candelabro (v. 3). Isso era um encorajamento para Zorobabel e Josué, pois através deles Deus traria avivamento, força e coragem para o Seu povo.

Portanto, o candelabro de Zacarias significa o povo de Israel debaixo da unção do Espírito Santo através dos dois ungidos que Ele escolheu para governá-los. Quando se fala da Menorá no AT (o candelabro de ouro do Tabernáculo e do Templo), ela sempre simbolizou a presença de Deus com Seu povo, a luz do Espírito do Senhor com eles.

Para nós, esta profecia de Zacarias capítulo 4 foi cumprida na pessoa de Jesus em Seu oficio de Rei e sacerdote, derramando a unção do Seu Espírito sobre a Igreja para

que ela possa levar à frente a sua missão de restaurar os templos destruídos pelo pecado, e apagados por falta do conhecimento da palavra de Deus.



**Imagem:** Ap 11: 3-4: "Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias [3 ½ anos], vestidas de pano de saco. São estas as duas oliveiras e os dois candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da terra".

A sexta visão é a de um imenso pergaminho que voa e leva as palavras de Deus que condenam o pecado (Zc 5: 1-4). A sétima visão é uma mulher em um efa, simbolizando o pecado. A mulher é removida para a terra imunda da Babilônia, o lugar do exílio (Zc 5: 5-11).

• Zc 5: 1-4 (A sexta visão: o rolo voante): "Tomei a levantar os olhos e vi, e eis um rolo voante [NVI: e vi diante de mim um pergaminho que voava]. Perguntou-me o anjo: Que vês? Eu respondi: vejo um rolo voante, que tem vinte côvados de comprimento e dez de largura [NVI: um pergaminho voando, com nove metros de comprimento por quatro e meio de largura]. Então, me disse: Esta é a maldição que sai pela face de toda a terra, porque qualquer que furtar será expulso segundo a maldição, e qualquer que jurar falsamente será expulso também segundo a mesma [NVI: porque tanto o ladrão como o que jura falsamente serão expulsos, conforme essa maldição]. Fá-la-ei sair [NVI: Eu lancei essa maldição], diz o Senhor dos Exércitos, e a farei entrar na casa do ladrão e na casa do que jurar falsamente pelo meu nome; nela, pernoitará [NVI: ela ficará em sua casa] e consumirá a sua madeira e as suas pedras [NVI: Ela ficará em sua casa e destruirá tanto as vigas como os tijolos]".



O pergaminho continha o juízo de Deus sobre o pecado, em especial, o roubo e o juramento falso. Ele voava, o que significa a rapidez com que Seu juízo seria feito. O seu tamanho também indica o tamanho da iniquidade, pois ela era grande diante de Deus. O Senhor faria chegar Sua maldição em toda a terra (a terra da Judéia). O fato de estar escrito: 'jurar falsamente pelo meu nome', muito provavelmente se referia ao povo de Deus que conhecia a Sua lei, pois um ímpio não tinha costume nem motivo de jurar pelo nome do Senhor. Neste capítulo, na visão do rolo, parece que Ele estava lidando com o Seu povo, e na visão da mulher e do efa, com outras nações; em especial, a terra da Babilônia.

Quanto aos dois pecados citados (roubo e juramento falso) parece que eram os mais urgentes de serem tratados (Ml 3: 5), uma vez que eram os pecados de sacrilégio que estavam sendo cometidos, ou seja, a Casa de Deus estava sendo negligenciada em favor de suas próprias casas e isso significava roubar a Deus. Por isso, Ageu, Neemias e Malaquias se queixaram disso e denunciaram essa atitude: Ag 1: 3; 8-9; Ne 13: 10-12; Ml 3: 8-9.

A profecia também diz: "Fá-la-ei sair [NVI: Eu lancei essa maldição], diz o Senhor dos Exércitos, e a farei entrar na casa do ladrão e na casa do que jurar falsamente pelo meu nome; nela, pernoitará [NVI: ela ficará em sua casa] e consumirá a sua madeira e as suas pedras [NVI: Ela ficará em sua casa e destruirá tanto as vigas como os tijolos!]" (v. 4). Em inglês (NRSV), a última frase é: 'e permanecerá naquela casa e consumirá, tanto madeira como pedras' - a maldição de Deus ficaria ali ('pernoitar') e agiria e destruiria tanto as vigas de madeira daquela casa como suas pedras (NVI: tijolos). Isso lembra as orientações sobre a lepra na casa (Lv 14: 45), onde a casa com 'lepra maligna' (Lv 14: 44) era destruída; tanto a madeira como as pedras eram levadas para fora da cidade para um lugar imundo e, muito provavelmente, eram queimadas. Além de casa, templo ou santuário serem símbolos do nosso corpo (1 Co 6: 19-20; 2 Co 6: 16b-18), a palavra 'casa' também é usada, muitas vezes, na bíblia como sinônimo de família, descendência (1 Cr 17: 7-10; 1 Cr 17: 16-17; 23). Dessa forma, o que o Senhor quer nos dizer é que, quando alguém na família cometeu um grave pecado, seja no presente ou no passado, o mal tende a se alastrar e a se perpetuar em toda a descendência. É o que acontece com as maldições hereditárias, onde, muitas vezes, se repete os mesmos pecados cometidos há gerações, causando morte e destruição a todos os descendentes daquele 'leproso'. E quando alguém é chamado por Jesus à verdade, tem que fazer um esforço para se purificar, para não repetir os erros do passado e, então, começar tudo de novo da maneira santa de Deus. Aí surgem grandes lutas e grandes barreiras a serem enfrentadas porque as antigas estruturas precisam ser arrancadas do modo de agir de toda aquela casa. Este tipo de trabalho é necessário e urgente para que a descendência também não seja comprometida e venha a perder a salvação. As pedras são as estruturas espirituais e morais presentes numa geração, que estão firmes e imóveis há anos, assim como a aparência externa (o 'revestimento', a 'argamassa') diante do mundo. É como 'marca registrada' presente na família, que o mundo natural e o espiritual reconhecem. Tudo precisa ser mudado numa nova estrutura para salvar o resto. Isso significa que quando se detecta algo realmente maligno, não se pode ter dó; derruba-se toda a estrutura até o pó para que se erga tudo de novo. O pecado precisa ser extirpado pela raiz.

Tanto os exilados que retornaram quanto seus pais que rejeitaram a justiça e a palavra de Deus sofreram, mas se eles se arrependessem Ele enviaria o Seu juízo sobre os Caldeus e sobre seus antigos inimigos. Talvez por isso o Senhor tenha dado a Zacarias a sétima visão sobre a mulher e o efa:

• Zc 5: 5-11 (A sétima visão: a mulher e o efa): "Saiu o anjo que falava comigo e me disse: Levanta, agora, os olhos e vê que é isto que sai [NVI: Olhe e veja o que vem surgindo]. Eu perguntei: que é isto? Ele me respondeu: É um efa [NVI: uma vasilha] que sai. Disse ainda: Isto é a iniqüidade em toda a terra [NVI: Aí está o pecado (ou 'aparência', no original) de todo o povo desta terra]. Eis que foi levantada a tampa de chumbo, e uma mulher estava sentada dentro do efa. Prosseguiu o anjo: Isto é a impiedade [NVI: Esta é a Perversidade]. E a lançou para o fundo do efa, sobre cuja boca pôs o peso de chumbo [NVI: e a fechou de novo com a tampa de chumbo]. Levantei os olhos e vi, e eis que saíram duas mulheres; havia vento em suas asas, que eram como de cegonha [NVI: vi chegarem à minha frente duas mulheres com asas como de cegonha]; e levantaram o efa entre a terra e o céu. Então, perguntei ao anjo que falava comigo: para onde levam elas o efa? Respondeu-me: Para edificarem àquela mulher uma casa na terra de Sinar (Shin`ar – Strong #8152 – Babilônia), e, estando esta acabada, ela será posta ali em seu próprio lugar [NVI: Para a Babilônia, onde vão construir um santuário para ela. Quando ficar pronto, a vasilha será colocada lá, em seu pedestal]".

A sétima visão de Zacarias, portanto, é uma mulher em um efa, simbolizando o pecado e a impiedade, a perversidade dos judeus. A mulher é removida para a terra imunda da Babilônia, o lugar do exílio (Zc 5: 5-11). O efa era uma unidade de medida para secos e equivalia a 17,62 litros, mas aqui não se trata do efa como uma medida determinada, e sim no sentido de 'recipiente'; por isso, o uso da palavra 'vasilha' na NVI. O peso de chumbo significa o limite da iniquidade imposto por Deus, ou seja, havia uma medida de iniquidade suportada por Deus, antes de começar a fazer Seu juízo. O pecado dos antepassados não mais estaria presente no povo que voltou do exílio, nem os pecados que eles trouxeram da Babilônia por causa de sua convivência demorada com a cultura daquele lugar. Por isso, está escrito no v. 6: 'Isto é a iniquidade em toda a terra (da Judéia)' ou 'Aí está o pecado de todo o povo desta terra' (da Judéia), ou ainda, no original: 'Aí está a aparência de todo o povo desta terra'.

No v. 9 está escrito: "Levantei os olhos e vi, e eis que saíram duas mulheres; havia vento em suas asas, que eram como de cegonha [NVI: vi chegarem à minha frente duas mulheres com asas como de cegonha]; e levantaram o efa entre a terra e o céu". O vento e as asas como de cegonha simbolizam a rapidez do julgamento de Deus devolvendo a impiedade à Babilônia, de onde veio a aflição sobre Jerusalém. A cegonha é uma ave capaz de viajar longas distâncias, assim, a impiedade seria levada para fora da Terra Prometida, num lugar simbólico como a Babilônia (lugar de impiedade). A terra de Sinar era a terra de Sîn (deus mesopotâmico da lua), cujo templo mais alto localizava-se em Ur dos caldeus. Assim, Babilônia, corrompida pelo mercantilismo, riqueza e luxo, cai sob julgamento de Deus para Ele remover a aflição do cativeiro e a iniquidade presente naquela terra (mercantilismo, riqueza, luxo, impiedade, idolatria etc.) e que vieram com os judeus. O julgamento severo era também para deixar a iniquidade lá com os que tinham permanecido na Babilônia, apesar do Senhor ter ordenado a volta deles (Is 52: 11-12), mas que preferiram permanecer no conforto pecaminoso daquela terra. O Senhor puniria tanto os Caldeus como os judeus impenitentes: v. 11 – "Respondeu-me: Para edificarem àquela mulher uma casa na terra de Sinar (ou Sinear – Shin'ar – Strong #8152, Babilônia), e, estando esta acabada, ela será posta ali em seu próprio lugar [NVI: Para a Babilônia, onde vão construir um santuário para ela. Quando ficar pronto, a vasilha será colocada lá, em seu pedestal]". A frase 'estando esta acabada' significa: 'até o Senhor terminar de dar o pago aos Seus adversários'. Humanamente falando, Dario I ainda estava agindo naquela terra e naquela cidade, sufocando as revoltas provenientes de antigos descendentes da linhagem real de Nabonido e Belsazar.

No momento (520 AC), ele estava terminando com uma rebelião de Nabucodonosor III (Nidintu-Bel) e que se iniciou em 522 AC, quando assumiu o trono da Pérsia. Logo no início do seu reinado houve revoltas na Assíria, no Elão, na Média, na Pártia e no Egito. Dentro de 1 ano ele conseguiu suprimi-las com o auxílio de seu exército, liderado por seus conselheiros e nobres. Mas só recentemente tinha conseguido tomar a Babilônia. Durante essa revolta da Babilônia, os nômades citas (um grupo de tribos nômades iranianas do norte) aproveitaram a desordem e o caos e se revoltaram também, ameaçando perturbar o comércio entre a Ásia Central e as margens do Mar Negro. Já haviam invadido a Pérsia antes, no tempo de Ciro. Dario I demorou um pouco mais de 1 ano e ½ para conseguir tomar a cidade de Babilônia.

Em 521 AC, a Babilônia se revoltou novamente, sob Nabucodonosor IV. Dario I a privou de suas fortificações; as muralhas foram parcialmente destruídas.

Por sua vez, seu filho Xerxes I teria que sufocar mais uma insurreição por parte de Bel-shimani e Shamash-eriba, em 482 AC, chegando quase a destruí-la totalmente em 478 AC. Quando essas rebeliões foram reprimidas a Babilônia permaneceu sob o domínio persa até a entrada de Alexandre, o Grande (331 AC). Seus generais acabaram

mudando a capital para Selêucia, levando junto com eles os cidadãos babilônicos e as riquezas daquele lugar. Assim se cumpriu a profecia de Jeremias (Jr 50: 39; 46), sobre a extinção total de Babilônia ser gradual ('de geração em geração' – ARA). Esta profecia de Zacarias, muito provavelmente, diz respeito a isso.

Quanto ao fato de serem duas mulheres, não há nada simbólico em relação a isso; talvez, pelo peso que tinham de carregar, por isso duas. Mas em relação ao fato de serem mulheres e não homens, não parece ter nenhum significado bíblico.

A oitava visão mostra quatro carruagens que saem pela terra afora como executoras de Deus (Zc 6: 1-8). Josué é coroado como símbolo do Messias-Renovo que edifica o templo e governa na qualidade de Rei-Sacerdote (Zc 6: 9-15).

• Zc 6: 1-8 (A oitava visão: os quatro carros): "Outra vez, levantei os olhos e vi, e eis que quatro carros saíam dentre dois montes, e estes montes eram de bronze [NVI: duas montanhas de bronze]. No primeiro carro, os cavalos eram vermelhos, no segundo, pretos, no terceiro, brancos e no quarto, baios [cavalo castanho ou amarelo torrado; NVI: cavalos malhados]; todos eram fortes. Então, perguntei ao anjo que falava comigo: que é isto, meu senhor? Respondeu-me o anjo: São os quatro ventos do céu, que saem donde estavam perante o Senhor de toda a terra [NVI: Estes são os quatro espíritos (ou ventos) dos céus, que acabam de sair da presença do Soberano de toda a terra]. O carro em que estão os cavalos pretos sai para a terra do Norte; o dos brancos, após eles [NVI: em direção ao ocidente (Hebraico: vai atrás deles)]; o dos baios [cavalos malhados], para a terra do Sul. Saem, assim, os cavalos fortes [NVI: Os vigorosos cavalos], forcejando por andar avante, para percorrerem a terra [NVI: impacientes por percorrer a terra]. O Senhor lhes disse: Ide, percorrei a terra. E percorriam a terra. E me chamou e me disse: Eis que aqueles que saíram para a terra do Norte fazem repousar o meu Espírito na terra do Norte [NVI: deram repouso ao meu Espírito (espírito) naquela terra]".



O profeta tem mais uma visão: a de cavalos e carruagens que saem pela terra para exercer a vontade de Deus, mais precisamente o Seu juízo, pois o profeta menciona o bronze. Bronze é símbolo do juízo e do julgamento de Deus sobre o pecado, o que implica arrependimento por parte do pecador e justiça por parte de Deus. 'Montes' ou 'montanhas' simbolizam os decretos e propósitos de Deus: sólidos, firmes e inabaláveis. Assim, o Senhor já tinha dado Seu julgamento, Seu propósito já estava determinado. Carros e cavalos simbolizam os mensageiros rápidos de Deus para executar Sua vontade; também simbolizam guerra.

Depois, a bíblia diz (v. 2-3): "No primeiro carro, os cavalos eram vermelhos, no segundo, pretos, no terceiro, brancos e no quarto, baios [baio = cavalo castanho ou amarelo torrado, amarelo-acastanhado; NVI: cavalos malhados]; todos eram fortes". Os cavalos vermelhos simbolizam a guerra (Ap 6: 4); os cavalos pretos simbolizam escassez de alimentos ou fome, representados pela cevada e pelo trigo pesados na balança (Ap 6: 5); os cavalos brancos simbolizam vitória (Ap 6: 2), conquista, justiça. Os cavalos baios [cavalo castanho ou amarelo torrado; NVI: cavalos malhados] representam doenças, peste, ou uma mistura de calamidades. A bíblia fala em quatro juízos de Deus:

- Ez 14: 21 (cf. v.13; 15; 17; 19): "Porque assim diz o Senhor Deus: Quanto mais, se eu enviar os meus quatro maus juízos (cf. Ap 6: 8), a espada, a fome, as bestas-feras e a peste, contra Jerusalém, para eliminar dela homens e animais?" A punição é cumulativa, quando uma nação pecar contra Ele: primeiro, a fome (v. 13); segundo, as bestas-feras (v. 15); terceiro, a espada (v. 17); por último, a peste (v. 19).
- Ez 5: 12; 17: "Uma terça parte de ti morrerá de peste e será consumida de fome no meio de ti; outra terça parte cairá à espada em redor de ti; e a outra terça parte espalharei a todos os ventos (espalhar por todas as nações) e desembainharei a espada atrás dela... Enviarei sobre vós a fome e bestas-feras que te desfilharão; a peste e o sangue passarão por ti, e trarei a espada sobre ti. Eu, o Senhor, falei".
- 1 Cr 21: 12: "ou três anos de fome, ou que por três meses sejas consumido diante dos teus adversários, e a espada de teus inimigos te alcance, ou que por três dias a espada do Senhor, isto é, a peste na terra, e o Anjo do Senhor causem destruição em todos os territórios de Israel; vê, pois, agora, que resposta hei de dar ao que me enviou".
- 2 Sm 24: 13: "Veio, pois, Gade a Davi e lho fez saber, dizendo: Queres que sete anos de fome te venham à tua terra? Ou que, por três meses, fujas diante de teus inimigos, e eles te persigam? Ou que, por três dias, haja peste na tua terra? Delibera, agora, e vê que resposta hei de dar ao que me enviou".

A espada (Dt 28: 25), a fome (Dt 28: 23-24), as bestas-feras (Ez 34: 28) e a peste (Dt 28: 21; Ez 28: 23) são os quatro juízos descritos. As bestas-feras (ou as feras do campo, os animais do campo) podem ser entendidas, literalmente, como: leões, lobos, hienas, chacais etc. (Êx 23: 29; Lv 26: 22; Dt 28: 26; Ez 34: 28), que foram enviados pelo Senhor (2 Rs 17: 25; 1 Rs 13: 26). Às vezes, 'bestas-feras' podem ser entendidas figuradamente como 'conquistadores destrutivos', como em Dn 7: 4-7.

• Zc 6: 4-5; 7: "Então, perguntei ao anjo que falava comigo: que é isto, meu senhor? Respondeu-me o anjo: São os quatro ventos do céu, que saem donde estavam perante o Senhor de toda a terra [NVI: Estes são os quatro espíritos (ou ventos) dos céus, que acabam de sair da presença do Soberano de toda a terra]... Saem, assim, os cavalos fortes [NVI: Os vigorosos cavalos], forcejando por andar avante, para percorrerem a terra [NVI: impacientes por percorrer a terra]. O Senhor lhes disse: Ide, percorrei a terra. E percorriam a terra".

A palavra 'vento' em hebraico é Ruwach (Strong #7307) que significa, entre outras coisas: ventos, espíritos (poderes destrutivos), anjos — Ap 7: 1. No v. 7 os cavalos estão ansiosos para partir e esperam uma palavra de liberação vinda do Senhor para começarem a agir.

• Zc 6: 6; 8: "O carro em que estão os cavalos pretos sai para a terra do Norte; o dos brancos, após eles [NVI: em direção ao ocidente (Hebraico: vai atrás deles)]; o dos baios [cavalos malhados], para a terra do Sul... E me chamou e me disse: Eis que

aqueles que saíram para a terra do Norte fazem repousar o meu Espírito na terra do Norte [NVI: deram repouso ao meu Espírito (espírito) naquela terra]".

A terra do norte se referia à Babilônia, agora sob domínio persa, mas ainda manifestando insurreições.

No momento (520 AC), Dario I estava terminando com uma rebelião de Nabucodonosor III (Nidintu-Bel) e que se iniciou em 522 AC, quando aquele assumiu o trono da Pérsia. Logo no início do seu reinado houve revoltas na Assíria, no Elão, na Média, na Pártia e no Egito. Dentro de 1 ano ele conseguiu suprimi-las com o auxílio de seu exército, liderado por seus conselheiros e nobres. Mas só recentemente tinha conseguido tomar a Babilônia. Durante essa revolta da Babilônia, os nômades citas (um grupo de tribos nômades iranianas do norte) aproveitaram a desordem e o caos e se revoltaram também, ameaçando perturbar o comércio entre a Ásia Central e as margens do Mar Negro. Já haviam invadido a Pérsia antes, no tempo de Ciro. Dario I demorou um pouco mais de 1 ano e ½ para conseguir tomar a cidade de Babilônia.

Em 521 AC, a Babilônia se revoltou novamente, sob Nabucodonosor IV. Dario I a privou de suas fortificações; as muralhas foram parcialmente destruídas.

Por sua vez, seu filho Xerxes I teria que sufocar mais uma insurreição por parte de Bel-shimani e Shamash-eriba, em 482 AC, chegando quase a destruí-la totalmente em 478 AC. Quando essas rebeliões foram reprimidas a Babilônia permaneceu sob o domínio persa até a entrada de Alexandre, o Grande (331 AC). Seus generais acabaram mudando a capital para Selêucia, levando junto com eles os cidadãos babilônicos e as riquezas daquele lugar. Assim se cumpriu a profecia de Jeremias (Jr 50: 39; 46), sobre a extinção total de Babilônia ser gradual ('de geração em geração' – ARA). Esta profecia de Zacarias, muito provavelmente, diz respeito a isso.

Parece ser sobre essas duas primeiras revoluções da Babilônia, enfrentadas por Dario I, que Zacarias, o profeta, estava falando. Toda guerra prolongada causa a escassez de alimento e a fome. Esse era o juízo de Deus contra aquela terra, como havia sido profetizado por Isaías e Jeremias. Mas a bíblia também diz que o cavalo branco seguia o primeiro, ou seja, a guerra que Dario estava empreendendo era uma guerra vitoriosa, pois a revolta desses dois reis babilônicos seria debelada. Entretanto, o cavalo branco pode se referir ao filho de Dario I, Xerxes ou Assuero, que continuou a política de expansão do reino iniciada pelos seus antepassados e, em 478 AC, destruiu a cidade quase que completamente, dando um período de paz à Pérsia naquela satrapia por quase dois séculos. Assim, quando a bíblia diz: "Eis que aqueles que saíram para a terra do Norte fazem repousar o meu Espírito na terra do Norte [NVI: deram repouso ao meu Espírito (espírito) naquela terra]", ela pode estar se referindo a essa situação, ou seja, a ira de Deus contra aquela terra de iniqüidade estava propiciada. Historicamente falando, entretanto, Babilônia só se tornou uma completa ruína no tempo do imperador Romano Adriano (117-138 DC).

O cavalo baio (ou castanho, ou castanho-amarelado) que sai para o sul, provavelmente, se dirige à terra do Egito, Arábia, talvez Etiópia, onde a mão do Senhor também puniu. A Etiópia foi uma satrapia persa no reinado de Xerxes (Et 1: 1; Et 8: 9). Não se sabe se houve pestes ou doenças naqueles lugares, alguns anos ou décadas depois dessa profecia. Mas, com certeza, houve outro tipo de calamidades como juízo divino (guerras civis, rebeliões contra o governo, desacordos, interferência no comércio entre nações etc.). O que se sabe é que antes de Dario I, no governo de Cambises II (530-522 AC), o Egito sofreu bastante. Ele foi bastante cruel na sua invasão e no seu controle daquela nação, talvez cumprindo a profecias de Isaías (Is 19: 3-4), quando o Senhor falou sobre entregá-los nas mãos de um senhor duro, e um rei feroz. Cambises tomou a cidade de Pelúsio com uma estratégia bastante manhosa: na frente do seu

exército ele colocou gatos, cães, ovelhas e o pássaro íbis, considerados deuses pelos egípcios. Para não ferir os animais, os egípcios não atiraram nos persas, facilitando assim a captura da cidade. Outras versões dizem que, durante o cerco, sabendo de como os gatos eram sagrados lá, Cambises ordenou aos seus soldados que os capturassem e os lançassem com as catapultas. Quando os egípcios viram que os animais corriam perigo de vida, seus habitantes se renderam. Capturando Pelúsio, Cambises II invadiu o Egito. Destronou Psamético III (Ankhkaen-re – 526-525 AC) e humilhou a filha de Faraó e outras jovens da nobreza, fazendo-as trazer água do rio. Depois matou o jovem filho de Faraó e mais 2.000 jovens de forma vergonhosa por vingança aos homens de Mênfis que haviam assassinado os embaixadores que Cambises havia enviado.

Também não se sabe se esta profecia de Zacarias tem relação com a de Isaías (Is 19: 5-7: "As águas do rio vão secar-se; o leito do rio ficará completamente seco. Os canais terão mau cheiro; os riachos do Egito vão diminuir até secar-se; os juncos e as canas murcharão. A relva que está junto ao Nilo, junto às suas ribanceiras, e tudo o que foi semeado junto dele se secarão, serão levados pelo vento e não subsistirão").

Sob Dario I (522-486 AC), o domínio foi justo e firme; porém, com as rebeliões egípcias que se seguiram (como a que aconteceu no início do seu reinado, junto com a da Assíria, Babilônia e outras nações), inclusive influenciando a Grécia, a política persa para com o Egito se endureceu.

O Egito continuou vassalo da Pérsia (400-341 AC), até que Alexandre o Grande entrou no Egito como 'libertador' em 332 AC. Dali por diante, o Egito foi uma monarquia helenista sob os Ptolomeus, e então caiu sob o domínio romano e bizantino.

É interessante perceber que os cavalos que são descritos no capítulo 1 de Zacarias têm as mesmas cores, mas não é descrito o cavalo preto; e seu comportamento nos dois capítulos é diferente. Vamos nos lembrar do que está escrito em Zc 1: 8-11: "Tive de noite uma visão, e eis um homem [provavelmente, Jesus antes de Sua encarnação humana, o Senhor dos Exércitos, o Anjo do Senhor cf. v.11] montado num cavalo vermelho; estava parado entre as murteiras que havia num vale profundo [NVI: entre as murtas num desfiladeiro]; atrás dele se achavam cavalos vermelhos, baios [ou seja, castanho-amarelado] e brancos. Então, perguntei: meu senhor, quem são estes? Respondeu-me o anjo que falava comigo [um servo angélico do Senhor, não o primeiro anjo]: Eu te mostrarei quem são eles. Então, respondeu o homem [Jesus] que estava entre as murteiras [NVI: murtas] e disse: São os que o Senhor tem enviado para percorrerem a terra [NVI: que o Senhor enviou por toda a terra]. <sup>11</sup> Eles responderam ao anjo do Senhor [Jesus], que estava entre as murteiras, e disseram: Nós já percorremos a terra, e eis que toda a terra está, agora, repousada e tranqüila".

No capítulo 1 eles estão numa missão de paz para dar ao profeta o consolo de uma restauração de sua cidade; simbolicamente, eles voltaram de uma guerra sangrenta (vermelhos), mas vitoriosa (brancos), e derrotaram as doenças, a peste e outros tipos de calamidades (baios ou castanho-amarelados) enviadas por Deus como uma forma de executar Seu juízo contra o pecado e todos os inimigos do Seu povo. A terra de Israel estava repousada e tranqüila.

O cavalo preto está aqui no capítulo 6, pois além de significar a escassez de alimento e a fome, ele significa luto, pesar. Portanto, o capítulo 6 é uma visão diferente da 1ª visão de Zacarias.

• Zc 6: 9-15 (A coroação de Josué. O renovo): "A palavra do Senhor veio a mim, dizendo: <sup>10</sup> Recebe dos que foram levados cativos, a saber, de Heldai [na versão Siríaca; No Texto Massorético: Helém], de Tobias e de Jedaías, e vem tu no mesmo dia e entra na casa de Josias [Hem, v. 14], filho de Sofonias, para a qual vieram da Babilônia [NVI:

Tome prata e ouro dos exilados Heldai, Tobias e Jedaías, que chegaram da Babilônia. No mesmo dia vá à casa de Josias, filho de Sofonias]. Recebe, digo, prata e ouro, e faze coroas, e põe-nas na cabeça de Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote. E dize-lhe: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis aqui o homem cujo nome é Renovo; ele brotará do seu lugar [NVI: ele sairá do seu lugar] e edificará o templo do Senhor. Ele mesmo edificará o templo do Senhor e será revestido de glória [NVI: majestade]; assentar-se-á no seu trono, e dominará [NVI: para governar], e será sacerdote no seu trono; e reinará perfeita união entre ambos os ofícios. <sup>14</sup> As coroas serão para Helém [na versão Siríaca: Heldai], para Tobias, para Jedaías e para Hem [nota NVI: 'o bondoso', se referindo a Josias, v. 10], filho de Sofonias, como memorial no templo do Senhor. Aqueles que estão longe virão e ajudarão no edificar o templo do Senhor [NVI: Gente de longe virá ajudar a construir o templo do Senhor], e sabereis que o Senhor dos Exércitos me enviou a vós outros. Isto sucederá se diligentemente ouvirdes a voz do Senhor, vosso Deus".

- Heldai (ou Helém), Tobias, Jedaías e Josias (ou Hem), filho de Sofonias, eram homens de autoridade que vieram do cativeiro, embora não relatados no livro de Esdras. O profeta Zacarias foi instruído por Deus a ir à casa de Josias (ou Hem) e receber o ouro e a prata das mãos desses homens para fazer uma coroa para Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote. Josué, mais uma vez, é chamado de Renovo e prefigura Jesus, no Seu oficio de sacerdote [Zorobabel era a figura de Jesus, no seu oficio de rei]. Está escrito que haverá 'perfeita união entre ambos os oficios'. Outras coroas serão feitas para Helém [ou Heldai], Tobias, Jedaías e Hem [ou Josias], filho de Sofonias, e serão colocadas como um memorial no templo do Senhor, por causa da liberalidade e da generosidade desses homens que ajudaram a construir o templo.
- Também está escrito que 'aqueles que estão longe virão e ajudarão no edificar o templo do Senhor [NVI: Gente de longe virá ajudar a construir o templo do Senhor]', o que me parece ser relacionado a um futuro próximo, à construção do segundo templo, pois muitos persas vieram junto com os judeus nesta primeira etapa para ajudá-los, ao contrário de alguns persas e povos da Mesopotâmia e da Caldéia como Reum e Sinsai, Bislão, Mitredate (Ed 1: 8) e Tabeel (Ed 4: 7-10), que retardaram a reconstrução.



• Zc 7: 1-7 (O jejum que não agrada a Deus): "No quarto ano do rei Dario (518 AC), veio a palavra do Senhor a Zacarias, no dia quarto do nono mês, que é quisleu [Novembro-Dezembro]. Quando de Betel foram enviados Sarezer, e Regém-Meleque, e seus homens, para suplicarem o favor do Senhor, perguntaram aos sacerdotes, que estavam na Casa do Senhor dos Exércitos, e aos profetas: Continuaremos nós a chorar, com jejum, no quinto mês, como temos feito por tantos anos? Então, a palavra do Senhor dos Exércitos me veio a mim, dizendo: Fala a todo o povo desta terra e aos sacerdotes: Quando jejuastes e pranteastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, acaso, foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim? Quando comeis e bebeis, não é para vós mesmos que comeis e bebeis? [NVI: E quando comiam e bebiam, não era para vocês mesmos que o faziam?] Não ouvistes vós as palavras que o Senhor pregou pelo ministério dos profetas que nos precederam, quando Jerusalém estava habitada e em paz com as suas cidades ao redor dela, e o Sul [NVI: Neguebe] e a campina [NVI: Sefelá] eram habitados?"

• Zc 7: 8-14 (A desobediência foi a causa do cativeiro): "A palavra do Senhor veio a Zacarias, dizendo: Assim falara o Senhor dos Exércitos: Executai juízo verdadeiro, mostrai bondade e misericórdia, cada um a seu irmão [NVI: Administrem a verdadeira justiça, mostrem misericórdia e compaixão uns para com os outros]; não oprimais a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre, nem intente cada um, em seu coração, o mal contra o seu próximo. Eles, porém, não quiseram atender e, rebeldes, me deram as costas e ensurdeceram os ouvidos, para que não ouvissem. Sim, fizeram o seu coração duro como diamante, para que não ouvissem a lei, nem as palavras que o Senhor dos Exércitos enviara pelo seu Espírito, mediante os profetas que nos precederam (cf. Is 58: 3-7); daí veio a grande ira do Senhor dos Exércitos. Visto que eu clamei, e eles não me ouviram, eles também clamaram, e eu não os ouvi, diz o Senhor dos Exércitos. Espalhei-os com um turbilhão por entre todas as nações que eles não conheceram; e a terra foi assolada atrás deles, de sorte que ninguém passava por ela, nem voltava; porque da terra desejável fizeram uma desolação [NVI: A terra que deixaram para trás ficou tão destruída que ninguém podia atravessá-la. Foi assim que transformaram a terra aprazível em ruínas]".

Essa profecia ocorreu dois anos depois da que foi escrita no capítulo 1, ou seja, em 518 AC. O nono mês, quisleu, corresponde a Nov.-Dez.

Betel, antes do exílio, pertencia ao reino do norte: Samaria.

Sarezer e Regém-Meleque eram chefes do povo.

Os dois meses de jejum que estavam em questão eram os do quinto e do sétimo, jejuns instituídos pós-exílio, por isso, o Senhor disse: "Fala a todo o povo desta terra e aos sacerdotes: Quando jejuastes e pranteastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, acaso, foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim?"

O jejum do quinto mês se referia ao mês que o templo foi queimado (2 Rs 25: 8).

E o do sétimo mês se referia ao mês que Gedalias foi morto (Jr 41: 1). Gedalias (Jr 40: 5), filho de Aicão, filho de Safã, foi quem o rei da Babilônia nomeou governador das cidades de Judá. Este jejum não deve ser confundido com o jejum da Expiação (Êx 30: 10; Lv 16: 29-34; Lv 23: 26-32), 'Yom Kippur'.

O que o Senhor estava questionando com eles eram as verdadeiras intenções do jejum que eles faziam, como Ele fez com o povo no tempo de Isaías (Is 58: 3-7), que jejuavam por hipocrisia, mas não largavam seus interesses particulares; não pensavam

no seu semelhante. E aqui o Senhor os lembrava do verdadeiro motivo do jejum para Ele: ser imparcial no juízo, mostrar bondade e misericórdia para com o semelhante; não oprimir a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre, nem intentar o mal contra o próximo.

Os antepassados deles se recusaram a ouvir os profetas (cf. Is 58: 3-7) e a obedecer; por isso foram levados ao cativeiro, e a terra onde viviam ficou em ruínas.

#### • Zc 8: 1-23 – Sião restaurada

• Zc 8: 1-8: "Veio a mim a palavra do Senhor dos Exércitos, dizendo: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Tenho grandes zelos de Sião e com grande indignação tenho zelos dela [NVI: Tenho muito ciúme de Sião; estou me consumindo de ciúmes por ela]. Assim diz o Senhor: Voltarei para Sião e habitarei no meio de Jerusalém; Jerusalém chamar-se-á a cidade fiel [NVI: Cidade da Verdade], e o monte do Senhor dos Exércitos, monte santo [NVI: será chamado monte Sagrado]. Assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda nas praças de Jerusalém sentar-se-ão velhos e velhas, levando cada um na mão o seu arrimo [NVI: sua bengala], por causa da sua muita idade. As praças da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão. Assim diz o Senhor dos Exércitos: Se isto for maravilhoso aos olhos do restante deste povo naqueles dias, será também maravilhoso aos meus olhos? [NVI: será impossível para mim?] — diz o Senhor dos Exércitos. Assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis que salvarei o meu povo, tirando-o da terra do Oriente e da terra do Ocidente; eu os trarei, e habitarão em Jerusalém; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus, em verdade e em justiça".

Nos versículos 2-3, Senhor diz que é zeloso com Jerusalém, que tem ciúmes dela. Ele voltará a habitar no meio dela, e não pecará contra Ele novamente, adorando ídolos e se rebelando contra Sua palavra. Ela será fiel, e o monte onde se encontra o templo será chamado de 'monte santo', porque a santidade do Senhor será vista ali (cf. Ob 17; Jl 3: 17). Seus sacerdotes não mais se desviarão da Sua lei, e ensinarão a verdade ao povo.

Nos versículos 4-5 há uma promessa para idosos e jovens: o Senhor tinha um tempo de paz e bem-estar para eles, sem doença, fome ou guerra, impedindo Seu povo de chegar a uma idade avançada. Também era um tempo de prosperidade e fertilidade. Ele estava prometendo novos nascimentos e segurança para as crianças que já nasceram; elas encheriam as praças da cidade. Essas eram as promessas de Deus para o povo que havia voltado do cativeiro, mas ainda se sentia frágil e inseguro no seu relacionamento com Ele, e ameaçado pelos povos da terra, que tentavam impedir a reconstrução do templo e da cidade.

Então, Ele diz: "Se isto for maravilhoso aos olhos do restante deste povo naqueles dias, será também maravilhoso aos meus olhos? [NVI: será impossível para mim?] — diz o Senhor dos Exércitos. Assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis que salvarei o meu povo, tirando-o da terra do Oriente e da terra do Ocidente; eu os trarei, e habitarão em Jerusalém; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus, em verdade e em justiça".

Isso quer dizer que não haveria nada impossível para Ele, e que Ele salvaria o Seu povo que ainda estava em cativeiro no Oriente (Média e Pérsia, agora senhores da Babilônia), e que ainda viriam com o segundo e o terceiro grupo de exilados, liderados por Esdras e Neemias, em 458 AC e 445 AC.

O Senhor também prometia trazer Seu povo da terra do Ocidente, o que, provavelmente, está relatado em Jl 3: 6-7, onde o profeta repreendia os tírios por terem vendido prisioneiros hebreus como escravos aos gregos. Deus mesmo realizaria vingança contra Tiro, libertando os escravos. Segundo o historiador Flávio Josefo, Alexandre e seus sucessores rejeitaram os escravos judeus da Grécia e os deixaram retornar ao seu país. Foi o cumprimento da profecia, libertando os judeus que haviam sido vendidos aos gregos pelos filisteus e tírios. Por sua vez, a cidade de Tiro foi invadida em 332 AC por Alexandre, o Grande, quando ele tomou o império persa e

estabeleceu o seu ('farei cair a vossa vingança sobre a vossa própria cabeça' – Jl 3: 7). No v. 8 Ele confirma que os trará de volta a Jerusalém, e eles serão o Seu povo, e Ele será o seu Deus, em verdade e em justiça. 'Em verdade e em justiça' significa que Ele está falando a verdade e fazendo a justiça para com eles; e eles responderão a essa justiça com a obediência à Sua justa lei.

• Zc 8: 9-23: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: Sejam fortes as mãos de todos vós que nestes dias ouvis estas palavras da boca dos profetas, a saber, nos dias em que foram postos os fundamentos da Casa do Senhor dos Exércitos, para que o templo fosse edificado. Porque, antes daqueles dias, não havia salário para homens, nem os animais lhes davam ganho [NVI: Pois antes daquele tempo não havia salários para os homens nem para os animais], não havia paz para o que entrava, nem para o que saía, por causa do inimigo [NVI: Ninguém podia tratar dos seus negócios com segurança por causa de seus adversários], porque eu incitei todos os homens, cada um contra o seu próximo. Mas, agora, não serei para com o restante deste povo como nos primeiros dias, diz o Senhor dos Exércitos. Porque haverá sementeira de paz [NVI: Haverá uma rica semeadura]; a vide dará o seu fruto, a terra, a sua novidade, e os céus, o seu orvalho [NVI: a terra produzirá suas colheitas e o céu derramará o orvalho]; e farei que o resto deste povo herde tudo isto. E há de acontecer, ó casa de Judá, ó casa de Israel, que, assim como fostes maldição entre as nações, assim vos salvarei, e sereis bênção; não temais, e sejam fortes as vossas mãos. Porque assim diz o Senhor dos Exércitos: Como pensei fazer-vos mal [NVI: eu havia decidido castigar vocês sem compaixão], quando vossos pais me provocaram à ira, diz o Senhor dos Exércitos, e não me arrependi, assim pensei de novo em fazer bem a Jerusalém e à casa de Judá nestes dias; não temais. Eis as coisas que deveis fazer: Falai a verdade cada um com o seu próximo, executai juízo nas vossas portas, segundo a verdade, em favor da paz [NVI: julguem retamente em seus tribunais]; nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo, nem ame o juramento falso, porque a todas estas coisas eu aborreço [NVI: Porque eu odeio todas essas coisas], diz o Senhor. A palavra do Senhor dos Exércitos veio a mim, dizendo: Assim diz o Senhor dos Exércitos: O jejum do quarto mês, e o do quinto, e o do sétimo, e o do décimo serão para a casa de Judá regozijo, alegria e festividades solenes [NVI: serão ocasiões alegres e cheias de júbilo, festas felizes para o povo de Judá]; amai, pois, a verdade e a paz. Assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda sucederá que virão povos e habitantes de muitas cidades; e os habitantes de uma cidade irão à outra, dizendo: Vamos depressa suplicar o favor do Senhor e buscar ao Senhor dos Exércitos; eu também irei. Virão muitos povos e poderosas nações buscar em Jerusalém ao Senhor dos Exércitos e suplicar o favor do Senhor. Assim diz o Senhor dos Exércitos: Naquele dia [NVI: Naqueles dias], sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim [NVI: agarrarão firmemente], na orla da veste de um judeu e lhe dirão: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco [NVI: Nós vamos com você porque ouvimos dizer que Deus está com o seu povo]".

• v. 9: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: Sejam fortes as mãos de todos vós que **nestes dias** ouvis estas palavras da boca dos profetas, a saber, nos dias em que foram postos os fundamentos da Casa do Senhor dos Exércitos, para que o templo fosse edificado" — mais uma vez o Senhor incentiva o Seu povo a reconstruir, pois eles têm ouvido as palavras de Seus profetas Ageu e Zacarias, agora em 520 AC, ao recomeçarem a construção do templo, depois de 16 anos de estagnação.

- v. 10: "Porque, antes daqueles dias, não havia salário para homens, nem os animais lhes davam ganho [NVI: Pois antes daquele tempo não havia salários para os homens nem para os animais], não havia paz para o que entrava, nem para o que saía, por causa do inimigo [NVI: Ninguém podia tratar dos seus negócios com segurança por causa de seus adversários], porque eu incitei todos os homens, cada um contra o seu próximo" isso significa os 16 anos de estagnação, onde o templo não pôde ser construído por causa da ameaça dos povos ao redor. Não havia recompensa nenhuma de trabalho (Ag 1: 5-6; 9-11), nem para homens nem animais, pois não havia segurança nem paz para trabalhar, além do que trabalhavam mais pelas suas coisas particulares do que pelo templo do Senhor, e Ele retinha a chuva e o resultado das colheitas deles. Agora, eles recebiam de Deus a aprovação e a força para reconstruir, não apenas o templo, mas suas vidas também.
- v. 11-12: "Mas, agora, não serei para com o restante deste povo como nos primeiros dias [NVI: como fiz no passado], diz o Senhor dos Exércitos. Porque haverá sementeira de paz [NVI: Haverá uma rica semeadura]; a vide dará o seu fruto, a terra, a sua novidade, e os céus, o seu orvalho [NVI: a terra produzirá suas colheitas e o céu derramará o orvalho]; e farei que o resto deste povo herde tudo isto".

'Como nos primeiros dias [NVI: como fiz no passado]' – quer dizer: com aqueles que retornavam da Babilônia (Ag 1: 5-6; 9-11). Agora haverá paz e a terra dará o seu fruto. Haverá chuva para as colheitas, e o povo se sentirá realmente o herdeiro da terra de Israel. Sua promessa de bênção e graça é reafirmada para que eles comecem a reconstruir (v. 13-15). Eles deixarão de ser maldição entre as nações, e passarão a ser bênção porque o Senhor trabalhará ao lado deles.

A partir do v. 16, Ele lhes dá as orientações para serem abençoados e bem sucedidos na obra que eles têm pela frente e para que seus jejuns e orações sejam aceitos: falar a verdade cada um com o seu próximo, julgar retamente em seus tribunais, não pensar mal contra o seu próximo, nem jurar falsamente, amar a verdade e a paz.

Então, o Senhor volta a falar sobre os quatro jejuns instituídos pós-exílio, e que têm agora a Sua bênção. Serão dias de festa para Judá: o jejum do quarto e o do quinto mês, o do sétimo e o do décimo mês. Em Zc 8: 19, nós podemos ver quatro meses de jejum observados pelos Judeus, instituídos pós-exílio, que marcavam os desastres da história judaica. A bíblia diz: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: O jejum do quarto mês, e o do quinto mês, e o do sétimo, e o do décimo serão para a casa de Judá regozijo, alegria e festividades solenes; amai, pois, a verdade e a paz".

Vamos explicar a qual situação Deus estava se referindo:

Quarto mês (2 Rs 25: 3 – a cidade de Jerusalém foi tomada pelos Babilônios)

Quinto mês (2 Rs 25: 8 – o templo foi queimado)

Sétimo mês (Jr 41: 1 – Gedalias foi morto). Gedalias (Jr 40: 5), filho de Aicão, filho de Safã, foi a quem o rei da Babilônia nomeou governador das cidades de Judá. Este jejum não deve ser confundido com o jejum da Expiação (Êx 30: 10; Lv 16: 29-34; Lv 23: 26-32), 'Yom Kippur'.

Décimo mês (2 Rs 25: 1; Ez 24: 1 – quando o exército Babilônico sitiou a cidade) – o 1º dos quatro.

• v. 20-21: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda sucederá que virão povos e habitantes de muitas cidades; e os habitantes de uma cidade irão à outra, dizendo: Vamos depressa suplicar o favor do Senhor e buscar ao Senhor dos Exércitos; eu também irei".

Aqui já temos uma transição para os tempos do evangelho, quando povos de muitas nações vinham para conhecer Jesus e ser sarados por Ele.

• v. 22-23: "Virão muitos povos e poderosas nações buscar em Jerusalém ao Senhor dos Exércitos e suplicar o favor do Senhor. Assim diz o Senhor dos Exércitos: Naquele dia [NVI: Naqueles dias], sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim [NVI: agarrarão firmemente], na orla da veste de um judeu e lhe dirão: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco [NVI: Nós vamos com você porque ouvimos dizer que Deus está com o seu povo]".

Aqui fica bem claro que se trata dos tempos do evangelho, durante o ministério de Jesus e durante o Pentecostes, quando judeus que vieram de todas as nações para a Páscoa em Jerusalém se converteram após o discurso de Pedro (At 2: 10-11; 37-41). Com certeza não havia somente judeus ali na festa, mas gentios também que vieram para adorar o Deus de Israel em Jerusalém.

• v. 23 – 'dez homens' ou 'muitos homens', no original.

'De todas as línguas das nações' – isso significa que os gentios já estavam nos planos de Deus com respeito à salvação. Nenhuma nação será mais excluída.

## Capitulo 9

A segunda parte do livro de Zacarias se refere às suas profecias no período em que já era idoso (Zc 9 – 14). Algumas falam sobre a vinda do Messias com Sua Salvação para o povo verdadeiramente arrependido. Em relação aos antigos judeus, temos aqui a impressão que o primeiro entusiasmo cedera lugar à frieza, à formalidade, à liderança fraca e ao temor de ataque da Grécia. Em algumas delas também há alusão aos eventos escatológicos. Há diversas referências a Zacarias no Novo Testamento: Mt 21: 5 cf. Zc 9: 9 – a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém; Mt 27: 9-10 cf. Zc 11: 13 – Judas devolve o dinheiro da traição; o campo do oleiro descrito por Zacarias, em At 1: 19, chamado de Aceldama ('Campo de sangue'); Ap 1: 7 cf. Zc 12: 10 – os judeus verão Aquele a quem traspassaram; o momento do arrependimento.

- Zc 9: 1-8 (O castigo de diversos povos): "A sentença pronunciada pelo Senhor é contra a terra de Hadraque e repousa sobre Damasco [NVI: cairá sobre Damasco], porque o Senhor põe os olhos sobre os homens e sobre todas as tribos de Israel; também repousa sobre Hamate, que confina com ele [NVI: Hamate que faz fronteira com Damasco], sobre Tiro e Sidom, cuja sabedoria é grande [NVI: embora sejam muito sábias]. Tiro edificou para si fortalezas e amontoou prata como o pó e ouro, como a lama das ruas. Eis que o Senhor a despojará e precipitará no mar a sua força [NVI: Mas o Senhor se apossará dela e lançará no mar suas riquezas]; e ela será consumida pelo fogo. Asquelom o verá e temerá; também Gaza e terá grande dor; igualmente Ecrom, porque a sua esperança será iludida [NVI: a sua esperança fracassou]; o rei de Gaza perecerá, e Asquelom não será habitada [NVI: ficará deserta]. Povo bastardo habitará em Asdode, e exterminarei a soberba dos filisteus. Da boca destes tirarei o sangue dos sacrificios idólatras e, dentre os seus dentes, tais abominações [NVI: Tirarei o sangue de suas bocas, e a comida proibida dentre os seus dentes]; então, ficarão eles como um restante para o nosso Deus [NVI: Aquele que restar pertencerá ao nosso Deus]; e serão como chefes em Judá [NVI: e se tornará chefe em Judá], e Ecrom, como jebuseu [NVI: e Ecrom será como os jebuseus]. Acampar-me-ei ao redor da minha casa para defendêla contra forças militantes [NVI: Defenderei a minha casa contra os invasores], para que ninguém passe, nem volte; que não passe mais sobre eles o opressor [NVI: Nunca mais um opressor passará por cima do meu povo]; porque, agora, vejo isso com os meus olhos".
- v. 1-2: "A sentença pronunciada pelo Senhor é contra a terra de Hadraque e repousa sobre Damasco [NVI: cairá sobre Damasco], porque o Senhor põe os olhos sobre os homens e sobre todas as tribos de Israel; também repousa sobre Hamate, que confina com ele [NVI: Hamate que faz fronteira com Damasco], sobre Tiro e Sidom, cuja sabedoria é grande [NVI: embora sejam muito sábias]".

Aqui o Senhor pronuncia Sua sentença contra Damasco, e menciona as cidades de Hadraque, Hamate (v.2) juntamente com essa advertência. Hadraque era uma cidade ao norte da Síria, chamada Hatarikka, em Assírio, ao sul de Alepo. Era uma cidade importante da Celessíria. A Celessíria ou Coele-Síria é a região ao norte da Síria, mais tarde tomada pelos Romanos e Partas. Damasco, Hamate e Arpade eram aliadas. Isaías havia profetizado sobre Damasco (Is 17: 1-3; Is 7: 8), assim como Amós (Am 1: 3-5), se referindo à Assíria entre os reinados de Tiglate-Pileser III (745-727 AC), Salmaneser V (727-722 AC) e Sargom II (722-705 AC). Tiglate-Pileser III a capturou em 732 AC e a cidade foi reduzida a cidade subsidiária dentro da província Assíria de Hamate. Salmaneser V sitiou Samaria por três anos (2 Rs 17: 5; 2 Rs 18: 9-11), enquanto seu

sucessor Sargom II a capturou no ano em que subiu ao trono (Exílio de Israel para a Assíria – 722 AC). Damasco continuava sob jugo assírio. O reino de Damasco foi destruído pela Assíria, mas a cidade permaneceu, e é para ela que Jeremias profetiza (Jr 49: 23-27). O cumprimento da profecia de Jeremias se deu, provavelmente em 581 AC, cerca de cinco anos após a destruição de Jerusalém (586 AC) por Nabucodonosor. Daí por diante perdeu sua influência política, ficando apenas com a influência econômica (Ez 27: 18). Portanto, a profecia de Zacarias aqui já se referia ao que tinha restado da cidade de Damasco após a destruição Babilônica, recuperando parcialmente seu poder econômico durante o período persa. Mas sofreria depois, sob Alexandre o Grande e o estabelecimento do Império Selêucida naquele território, tentando disputar o poder da região da Celessíria. Só passou novamente a ser capital em 111 AC, durante o governo selêucida de Antíoco IX de Cízico (155-96 AC). Aretas (um rei Nabateu) conquistou a cidade em 85 AC, entregando-a depois para Tigranes II da Armênia (83-69 AC). A partir de 64 AC até 30 DC foi domínio Romano.

Hamate, 'Fortaleza ou recinto sagrado', foi uma cidade e reino da alta Síria, no vale de Orontes. Era o limite do vale Sírio e um território cedido aos israelitas (Nm 13: 21), mas eles não chegaram a tomar posse dessa terra. Hamate teve muita importância e prosperidade no tempo de Davi (2 Sm 8: 9-10) e Salomão, sendo que este edificou ali cidades-armazéns (2 Cr 8: 4; 2 Rs 14: 28). Depois da morte de Salomão, Hamate se tornou, outra vez, estado livre, e conservou a sua independência até que o rei Jeroboão II de Israel (782-753 AC) a tomou de Judá, destruindo as suas fortificações (2 Rs 14: 28). Mais tarde, Hamate fez parte do império da Assíria (2 Rs 18: 34; Is 10: 9), passando depois para o poder dos caldeus no tempo de Zedequias (Jr 39: 5; Jr 49: 23; Jr 52: 9; 27). Não somente era um importante centro comercial, mas também se tornara notável em virtude do seu sistema de irrigação por meio de grandes rodas ('norias'), que faziam subir a água do rio Orontes para ser levada à cidade alta. É hoje conhecida pelo nome de Hamãh ou Hama. Também foi incorporada ao império persa e grego.

Ainda nos versículos 1 e 2, o profeta menciona as cidades da Fenícia: Tiro e Sidom, e diz que sua sabedoria é grande. Sidom era uma grande cidade perto de Tiro, fortemente unida a ela por comércio e chamada por alguns a mãe de Tiro, pois se supõe que esta foi construída e habitada pela primeira vez por uma colônia dos sidônios. 'O mar' (Is 23: 4) era aquela parte do mar onde Tiro estava, e de que os navios e os homens foram enviados a todos os países. Tiro era conhecida como 'a fortaleza do mar' por causa não apenas da sua força e poder comercial, mas porque defendia essa parte do mar das piratarias e dos invasores que tentassem dominar o continente. O comércio de todo o mundo estava reunido nos armazéns de Tiro. Seus mercadores foram os primeiros a navegar através do Mediterrâneo, fundando colônias na costa e ilhas vizinhas do mar Egeu (Grécia), na costa do norte de África (em Cartago), na Sicília, na Córsega e na península Ibérica.

Tiro era o principal porto marítimo da costa da Fenícia. Tiro, em hebraico, 'çôr'; em grego, 'tyros', significa 'rocha', 'fortaleza'. Nos tempos do AT, a Fenícia era chamada de Canaã, e seus habitantes, cananeus, que significa 'comerciantes'. Em grego, a Fenícia é chamada Phoiníkē, Φοινίκη, 'terra das palmeiras'. Alguns historiadores lhe dão o significado de 'terra da púrpura', pois produzia tinta púrpura extraída da concha de um molusco chamado Murex, para tingir as vestes de reis e nobres. Tiro foi fundada em torno de 2750 AC de acordo com Heródoto e foi originalmente construída como uma cidade murada no continente. Na Antiguidade, Tiro estava dividida em duas partes: uma chamada 'Antiga Tiro', que ficava no continente (onde estava o porto 'velho'), e a cidade construída numa pequena e rochosa ilha a cerca de setecentos metros da costa ('A Nova Tiro'). Por volta de 1485 AC, Tiro comercializava artigos de luxo com o

Egito, além do trigo. Por volta de 1200 AC, os filisteus cercaram Sidom, e os seus habitantes fugiram para Tiro, que passou a ser conhecida como 'filha de Sidom' (Is 13: 12). Com o declínio do Egito, a cidade passou a ser independente, e os seus governantes começaram a dominar a maior parte das cidades costeiras da Fenícia, incluindo o interior do Líbano. Tiro era chamada de 'feira das nações' ou 'o suprimento das nações' por causa do seu grande comércio com inúmeras nações (Is 23: 2-3). No tempo de Davi e Salomão, Israel manteve boas relações comerciais com Tiro (2 Sm 5: 11; 1 Rs 5: 1; 1 Cr 14: 1) cujo povo era há muito tempo governado pelos seus reis nativos. Foi Hirão I (979-945 AC) que construiu um molhe (um istmo artificial) ligando a ilha ao continente, onde havia o porto principal. Os assírios destruíram esse molhe, provavelmente, em 719 AC, quando a Nova Tiro da ilha foi saqueada. Durante dois séculos os assírios subjugaram Tiro.

O rei assírio Salmaneser III (859-824 AC) cercou o porto de Tiro, que passou a lhe pagar tributo. Depois foi sitiada por Salmaneser V (727-722 AC), iniciando em 724 AC, mais ou menos na época da queda de Samaria; e em 720 AC a cidade caiu nas mãos de Sargom II (722-705 AC). Sidom e a Velha Tiro, no continente, logo foram saqueadas em 720 AC; mas a Nova Tiro, na ilha, só caiu em 719 AC. Quando Senaqueribe (705-681 AC) chegou em 701 AC, seu governante fugiu e morreu no exílio. Os anos que se seguiram com Esar-Hadom (681-669 AC) foram de muita competição pelo domínio da cidade, que veio a cair em 664 AC por mão de Assurbanipal (669-627 AC), levando muitos para o cativeiro. Com a queda da Assíria, Tiro recuperou sua autonomia por um tempo, mas Jeremias profetizou sua queda diante dos babilônios, assim como Ezequiel. Os babilônios destruíram muitas cidades da costa da Fenícia, e Tiro começou a enfraquecer. Nabucodonosor pôs sítio em Tiro por treze anos (582-569 AC) e, quando ela se rendeu ele colocou juízes para governá-la; mas não conseguiu capturar a cidade insular. Por quase uma década, Tiro lhe pagou tributo. Em 539 AC Ciro conquistou a cidade para o império persa e ela se manteve sob seu domínio. Os habitantes de Tiro supriram Israel com madeira de cedro para a reconstrução do templo de Jerusalém (Esdras 3: 7). Neste momento da História, Tiro era uma cidade arrogante e orgulhosa que confiava em si mesma, achando-se inexpugnável por causa de suas fortalezas; também se vangloriava em suas riquezas e no poder do seu comércio (Zc 9: 3).

• v. 3-4: Zacarias diz que a sabedoria de Tiro consistia na construção de fortalezas na Velha Tiro do continente e na cidade da ilha (a Nova Tiro), e na capacidade de acumular ouro e prata; e Ezequiel confirma a sabedoria do seu rei de adquirir não somente ouro e prata, como de chegar ao poder. Também tinha a sabedoria do comércio e a diplomacia de lidar com as nações. Em Ez 28: 1-7, isso pode ser visto e, segundo historiadores antigos, Josefo e Filóstrato (Lúcio Flávio Filóstrato, um filósofo ateniense, 150-250 DC), o rei de Tiro em questão era Ithobal III (ou Etbaal – 591-573 AC). Em Is 23: 8, o profeta fala que Tiro era distribuidora de coroas, e que seus mercadores eram príncipes e seus negociantes eram os mais nobres da terra. Diz-se que Tiro era distribuidora de coroas porque sempre houve uma grande sucessão de reis nesta cidade; ou, então, porque, servindo a muitas nações, a cidade dava honra a muitos reis de várias nações. Seus mercadores (comerciantes) eram tão conceituados como se fossem príncipes e nobres. Mas o Senhor planejou sua queda para destruir a soberba e a beleza de Tiro, e humilhar seus 'príncipes', seus mercadores. Também há referência a Tiro em: Is 23: 1-18; Ez 26: 1 – 28: 26; Am 1: 9-10; Mt 11: 21-22; Lc 10: 13-14.

Amós os repreendia por terem entregado prisioneiros hebreus aos edomitas (Am 1: 9-10), e Joel, por terem vendido prisioneiros hebreus como escravos aos gregos (Jl 3: 6-8). Ezequiel (Ez 27: 13) também fala do comércio de Tiro com Javã (Os antepassados

dos gregos), Meseque e Tubal envolvendo escravos. Isaías, assim como Ezequiel, profetizou sua queda.

Enquanto que as profecias de Isaías e Ezequiel (Ez 27: 1-36) foram dirigidas contra a Velha cidade de Tiro no continente e foram cumpridas pelos assírios e por Nabucodonosor, a profecia de Zacarias parece ser contra a Nova Tiro, na ilha, e que era aparentemente inexpugnável, pois era protegida por uma muralha dupla e de uma altura considerável, e era cercada pelo mar em toda a sua extensão. Tiro estava na rota de Alexandre o Grande, do Mediterrâneo para o Egito.

Ela fechou os portões para os gregos, mas depois do cerco de sete meses e da construção de um novo molhe (um istmo artificial) até a fortaleza da ilha, Alexandre a conquistou em 332 AC. Assim a profecia de Ezequiel (Ez 26–28) foi cumprida plenamente. A grande e arrogante Tiro finalmente tornou-se um lugar para os pescadores secarem as suas redes. A profecia de Zc 9: 4 também pode ser encaixada aqui: "Eis que o Senhor a despojará e precipitará no mar a sua força [NVI: Mas o Senhor se apossará dela e lançará no mar suas riquezas]; e ela será consumida pelo fogo".

Antígono I Monoftalmo, um dos sucessores de Alexandre voltou a cercá-la em 315-314 AC. Os selêucidas recuperaram a cidade e depois a área se tornou uma província romana (64 AC). Herodes o Grande reconstruiu seu templo principal. At 21: 3-6 mostra que havia cristãos ali no século I DC, pois em Tiro foi fundada uma igreja cristã após a morte de Estevão; e o apóstolo Paulo ficou ali por sete dias, quando voltava de sua 3ª viagem missionária para passar o Pentecostes em Jerusalém (At 21: 3-6).

Na Idade Média a cidade também sofreu outros sítios:

- Califado Fatímida 996-998 DC
- Os Cruzados (Balduíno I de Jerusalém) 1111-1112 DC
- Cruzados Venezianos 1124 DC
- Aiúbidas, sob Saladino 1187 DC

• v. 5-7: "Asquelom o verá e temerá; também **Gaza** e terá grande dor; igualmente **Ecrom,** porque a sua esperança será iludida [NVI: a sua esperança fracassou]; o rei de Gaza perecerá, e **Asquelom** não será habitada [NVI: ficará deserta]. Povo bastardo habitará em **Asdode,** e exterminarei a soberba dos filisteus. Da boca destes tirarei o sangue dos sacrificios idólatras e, dentre os seus dentes, tais abominações [NVI: Tirarei o sangue de suas bocas, e a comida proibida dentre os seus dentes]; então, ficarão eles como um restante para o nosso Deus [NVI: Aquele que restar pertencerá ao nosso Deus]; e serão como chefes em Judá [NVI: e se tornará chefe em Judá], e Ecrom, como jebuseu [NVI: e Ecrom será como os jebuseus]" – cf. Is 14: 20-31; Jr 47: 1-7; Ez 25: 15-17; Jl 3: 4-8; Am 1: 6-8; Sf 2: 4-7.

Zacarias fala aqui sobre o juízo divino sobre os filisteus, e esse juízo seria feito por Alexandre, o Grande, e, mais tarde, terminado pelos descendentes dos Macabeus.

Gate é omitida aqui, talvez por estar um pouco afastada da rota de Alexandre o Grande para o Egito. Em Joel (Jl 3: 8) está escrito: "Venderei vossos filhos e vossas filhas aos filhos de Judá, e estes, aos sabeus, a uma nação remota [NVI: 'e eles os venderão à distante nação dos sabeus'], porque o Senhor o disse" – ou seja, vender os filhos dos tírios e dos filisteus para os sabeus. Dario II e Artaxerxes II (404-358 AC), seu filho, e principalmente Alexandre, o Grande, reduziram os poderes fenícios e filisteus. Após a captura de Tiro e Gaza por este último conquistador, multidões de filisteus e trinta mil tírios e foram vendidos como escravos. Assim, Deus fala para os judeus, da mesma forma, venderem estes escravos estrangeiros para os sabeus. Os sabeus (Shba'iy ou Shba') foram aos primeiros progenitores de um distrito da Etiópia.

Shba'iy é uma variação da palavra hebraica Cba'iy, ou Cba' (Is 45: 14), se referindo aos descendentes de Cuxe, filho de Cam, que estabeleceu sua nação (Seba ou Sebá; em hebraico: Sheba), que mais tarde veio a ser a Etiópia. Seba está relacionado com Sabá, também filho de Cuxe, que se estabeleceu ao sul da Arábia. Seba (sebha') e Sabá (shebha') são as formas (árabe antiga e hebraica) do povo do reino de Sabá.

Da mesma forma, Zacarias prediz a derrota de Asquelom, Ecrom e Gaza, cujo rei perecerá. Alexandre o Grande tomou Gaza após cinco meses de cerco. Dez mil dos seus habitantes morreram e os demais foram vendidos como escravos. Gaza ocupava uma importante posição nas rotas comerciais entre o Egito e a Ásia ocidental. A cidade foi finalmente desolada por Alexandre Janeu, em 93 AC, conforme havia sido profetizado por Am 1: 6-7; Sf 2: 4 e Zc 9: 5. Por isso, Deus disse através do profeta Zacarias: 'ficarão eles como um restante para o nosso Deus [NVI: Aquele que restar pertencerá ao nosso Deus]; e serão como chefes em Judá [NVI: e se tomará chefe em Judá]', porque foi finalmente tomada por Alexandre Janeu, de linhagem hasmoneana e que governou como sumo sacerdote em Judá no período de 103-76 AC. Em 57 AC, Aulo Gabínio (procônsul romano na Síria – 57-55 AC) reedificou a cidade num novo local, ao sul da antiga localização, mais próximo do mar, que continua ocupado até hoje, mas os sítios arqueológicos pouco descobriram.

- 'Povo bastardo habitará em Asdode' Em 604 AC Asdode havia recusado pagar tributo para Nabucodonosor e foi saqueada por ele. A cidade já havia sido saqueada em 711 AC por Sargom II (Is 20: 1; Is 14: 29). No caso da profecia de Zacarias, o termo 'povo bastardo' pode se referir aos gregos ou aos Macabeus, que empreenderam vários ataques a essa cidade por sua contínua idolatria. Herodes a restaurou e lhe deu o nome de Azoto (At 8: 40).
- 'Da boca destes tirarei o sangue dos sacrificios idólatras e, dentre os seus dentes, tais abominações; então, ficarão eles como um restante para o nosso Deus; e serão como chefes em Judá], e Ecrom, como jebuseu' (v. 7) quanto às abominações, o profeta está se referindo às comidas consagradas aos ídolos, e diz que Deus removeria essa idolatria. Mas um remanescente dos filisteus será convertido e receberá honra e dignidade da parte do Senhor, como se fossem chefes em Judá, mesmo porque essas cinco cidades filistéias estavam no território de Judá na divisão de terra feita por Josué.
- '... e Ecrom, como jebuseu [NVI: e Ecrom será como os jebuseus]' quando houve a distribuição da terra de Canaã por Josué, os jebuseus não foram conquistados pelos israelitas (Js 15: 63; Jz 1: 21). Foi Davi que invadiu sua fortaleza em Sião e os subjugou (Jerusalém era chamada Jebus), e os incorporou à nação judaica, colocando-os como servos (2 Sm 5: 10; 2 Sm 24: 16; 1 Cr 11: 4-9; 1 Cr 21: 18; 20-25), ou seja, numa posição civil inferior. Salomão impôs-lhes trabalhos forçados ao construir o templo: 1 Rs 9: 20-21. Assim, os filisteus, mesmo sendo estrangeiros, seriam aceitos pelo Senhor, da mesma forma que todos os gentios, mas seriam servos dos israelitas, como os jebuseus o foram no passado. Ecrom é o símbolo das suas cidades, assim como de todo o povo filisteu remanescente, colocado como um tributário dos israelitas.
- v. 8: "Acampar-me-ei ao redor da minha casa para defendê-la contra forças militantes [NVI: Defenderei a minha casa contra os invasores], para que ninguém passe, nem volte; que não passe mais sobre eles o opressor [NVI: Nunca mais um opressor passará por cima do meu povo]; porque, agora, vejo isso com os meus olhos".
- 'Minha casa' aqui é mais do que o templo, é a cidade de Jerusalém. Essa profecia seria para tranqüilizar os judeus envolvidos na construção do templo, que temiam um novo ataque por parte dos povos ao redor e até dos persas no momento. Se pensarmos na parte emocional daqueles que voltaram do cativeiro, nós podemos supor que eles

estavam desmotivados, desmoralizados e com medo, por isso Deus levantou Seus profetas, Ageu e Zacarias, para incentivá-los (Ed 5: 1-2; Ed 3: 3; Ne 2: 17-18; Zc 1: 1-3; Ag 1: 1-4; 8; 12-15; Ag 2: 6-9). Com a força do Espírito Santo eles conseguiram reconstruir o altar, o templo e a cidade de Jerusalém. A fé de Esdras e Neemias foi um grande ponto de apoio para eles.

• 'Forças militantes' – parece estar relacionada com o avanço futuro de Alexandre o Grande, desde a Turquia (onde ocorreu a batalha de Isso ou Issus em 5 de novembro de 333 AC, quando derrotou Dario III pela primeira vez) até o Egito, passando pela Fenícia, Filístia e Judéia.

Não parece se tratar dos persas, uma vez que Ciro foi usado por Deus para ajudar na repatriação dos judeus e, com exceção de Cambises II (que estava mais interessado na conquista do Egito), os governantes persas que se seguiram (Dario I e Artaxerxes I) supriram os exilados, as cidades de Judá e a Jerusalém, com bens, gado e dádivas voluntárias não só para a reconstrução do templo (Ed 1: 6-11), como também com coisas básicas para reconstruírem suas casas e suas vidas.

- Xerxes I (Assuero אַהשּשררש), filho de Dario I, é mencionado no livro de Ester como um favorecedor dos judeus. Xerxes é uma transliteração grega do seu nome persa depois de sua ascensão, Jshāyār Shah, que significa 'governante de heróis'. Na bíblia é mencionado como Assuero (em Hebraico), sendo escrito como Ahashuerus, em Caldeu. Axashverosh é a transliteração em grego deste último nome. Ele reprimiu revoltas no Egito e na Babilônia imediatamente após subir ao trono.
- Seu filho, Artaxerxes I, favoreceu a vinda de Esdras e Neemias com o segundo e o terceiro grupos de exilados e, portanto, não invadiu Jerusalém.

Os reis persas em seqüência não tiveram interesse na Judéia:

- Dario II se ocupou com intrigas palacianas e revoltas na Média.
- Artaxerxes II esteve envolvido nas guerras contra a Grécia. Seu maior problema foi o Egito, que se revoltou contra ele desde o início do seu reinado. Não teve sucesso na sua 1ª tentativa de conquista nesta nação.
- Artaxerxes III ou Ochus começou duas grandes campanhas contra o Egito. A 1ª falhou e surgiram rebeliões na parte ocidental do império, pois Filipe II da Macedônia (pai de Alexandre o Grande) começou a se fortalecer na Grécia. Venceu a 2ª campanha contra o Egito, exercendo um rígido controle ali e saqueando templos.
- Artaxerxes IV ou Arses (filho mais novo de Artaxerxes III) subiu ao trono depois do assassinato de seu pai e da maioria de sua família por Bagoas, o principal príncipe da Pérsia. Arses foi um marionete em suas mãos, até que com a ajuda dos nobres matou Bagoas. As hostilidades com a Macedônia recomeçaram sob Felipe II da Macedônia e Alexandre o Grande.
- Dario III, o primo e sucessor de Arses, passou seu reinado em batalhas contra Alexandre, que acabou por tomar o império persa.
- 'Para que ninguém passe, nem volte; que não passe mais sobre eles o opressor [NVI: Nunca mais um opressor passará por cima do meu povo]' como todas essas profecias, este tipo de promessa se torna realmente cumprida na consumação do século, como disse Jesus, e em relação à Sua primeira vinda, pois nos trouxe a revelação sobre as coisas espirituais e nos colocou acima delas para exercermos a autoridade que Ele também nos delegou. Espiritualmente falando, o inimigo não pode mais destruir um filho de Deus que é selado com Seu sangue e que anda em Seus caminhos. Nós somos o Israel de Deus, nosso espírito é o templo onde Ele habita; e Jerusalém corresponde à nossa alma, que necessita ser reconstruída e protegida pelo Seu sangue.

Se olharmos do ponto de vista humano, temporal, o profeta Zacarias não poderia estar falando de uma paz eterna a partir dali, pois muitos opressores passaram por Jerusalém, antes e depois do cativeiro na Babilônia, mas esta profecia está colocada num momento da história onde Deus estava dando uma chance ao Seu povo de ser restaurado e preparado para a vinda do Messias. A desmotivação após o retomo, agravada pelas oposições dos povos ao redor, os impedia não só de reconstruir o templo do Senhor, mas a sua honra diante das nações. Por isso, neste momento (520-518 AC), o profeta logicamente estava falando de coisas mais próximas no tempo. Nós vimos que os persas (especialmente, Dario I), nesse momento, estavam mais preocupados em reprimir as revoluções das nações poderosas que se levantavam contra eles para tirar seu poderio do que se preocupar novamente com judeus, ferindo-os, quando por ordem de Deus eles mesmos haviam sido levantados para restaurar Seu povo.

Podemos pensar também, que logo em seguida aos dias de Alexandre, quando os Ptolomeus e os Selêucidas começaram a reinar e disputar muitas terras no Levante, Jerusalém não viu paz, pois Antíoco IV, por exemplo, invadiu a cidade, matou um porco sobre o altar e provocou a revolta dos Macabeus. Quando Roma se manifestou como o próximo império a dominar o mundo, Pompeu entrou na cidade santa e violou o templo com sua presença pagã lá dentro, embora não exercendo a agressividade de Tito. Portanto, o versículo acima pode dizer respeito a alguns eventos no tempo de Alexandre o Grande, uma vez que se segue aos que falam sobre a destruição das cidades da Filístia por este conquistador.

Vamos ver um pouco os eventos principais durante o reinado de Alexandre o Grande (Alexandre III da Macedônia) naquele momento da História:

Em 332 AC., Alexandre cercou a cidade de Tiro, matou todos os homens em idade militar e vendeu as mulheres e crianças como escravas. Permaneceu na Fenícia e na Síria por aproximadamente três meses. As colheitas eram armazenadas e os suprimentos eram levados ao Eufrates. O sátrapa da Síria deixou de coletar os suprimentos necessários e Alexandre o substituiu. Então os judeus de Samaria se rebelaram e mataram o sátrapa, sofrendo retaliação por parte de Alexandre devido à atitude deles. Ele removeu a maior parte da população e fez de Samaria uma cidade mista, como Gerasa (em Decápolis). Após esmagar a resistência persa em Tiro, Alexandre seguiu pela linha costeira até o Egito, tomando as cidades da Filístia. O historiador Flávio Josefo relatou que quando os macedônios entraram em Jerusalém os judeus mostraram a Alexandre uma profecia do livro de Daniel (Dn 8: 21 e Dn 11: 3), que descrevia um poderoso rei grego que conquistaria o Império Persa. Ele, então, poupou Jerusalém da destruição e avançou rumo ao Egito.

Ao passar por Gaza, encontrou resistência. A cidade era fortificada e construída perto de montanhas, e os macedônios a cercaram. Alexandre foi ferido durante a batalha, mas seu exército destruiu a cidade, matando civis e vendendo milhares de outros como escravos. Alexandre seguiu pela costa do Mediterrâneo e, em 332 AC, entrou no Egito, saudado como libertador do povo. Até mesmo depois de sua morte ele era tratado como uma divindade. Ali ele fundou a cidade de Alexandria em 332 AC, que foi um dos centros urbanos mais prósperos da Antiguidade e capital do Egito Ptolomaico. Com o Egito sob seu controle, Alexandre não voltou pelo caminho de Jerusalém, mas seguiu em direção à Babilônia, na Mesopotâmia (atual Iraque), o centro do Império Persa. Pela segunda vez, ele confrontou Dario III, agora na batalha de Gaugamela, também chamada de Batalha de Arbela (Gaugamela é a atual cidade de Tel Gomel perto de Erbil ou Arbil, no Iraque – 331 AC), e o venceu, submetendo o Império Persa ao seu controle. Dario III fugiu como tinha feito na primeira derrota em Isso (ou

Issus, na parte oriental da Cilícia, na Ásia Menor). Desta vez, ele fugiu para Ecbátana (antiga capital da Média, e atual cidade de Hamadã). A cidade da Babilônia deixou que o exército macedônico entrasse livremente pelos seus portões para que não fosse destruída. Depois de conquistar a Babilônia, Alexandre foi para Susã, na Pérsia, que foi uma das principais capitais da dinastia Aquemênida (a primeira capital do Elão), e saqueou seus tesouros.

Maior parte do seu exército foi enviada através da estrada real persa até Persépolis, outra cidade importante da Pérsia (junto com Pasárgada), enquanto Alexandre conduziu a vanguarda com um grupo de soldados, atravessando os 'Portões Persas' na Cordilheira de Zagros (uma alta e extensa cordilheira no Irã e no Iraque, desde o noroeste do Irã até o estreito de Ormuz). Os 'Portões Persas' era um desfiladeiro estreito na montanha, agora chamado Tang-e Meyran, ligando a costa à parte central da Pérsia, e era controlado pelas tropas Aquemênidas do sátrapa Ariobarzan (Ariobarzanes). Era uma rota perigosa no início do inverno, e estavam fortemente defendidos, mas foram derrotados pelos macedônios (330 AC), e a cidade de Persépolis teve seus grandes tesouros saqueados. Ali, Alexandre ficou por cinco meses. Dario III foi morto (330 AC) por um de seus próprios comandantes, um sátrapa que pretendia ser seu sucessor no trono, mas que também foi morto pelo conquistador grego. O próprio Alexandre enterrou o corpo de Dario e lhe deu um funeral digno. A morte de Dario é considerada como o evento final do Império Aquemênida. Em 323 AC Alexandre morreu no antigo palácio de Nabucodonosor II aos 32 anos de idade. Os historiadores Diodoro e Plutarco divergem quanto à causa da sua morte, sendo que uma das hipóteses é o envenenamento. Seu vinho poderia estar envenenado com uma planta bastante conhecida dos gregos, o heléboro, que produzia sintomas similares aos que foram descritos: febre e dores fortes. Também sua morte foi atribuída a muitas causas naturais, como malária e febre tifóide, pois seu estado geral havia declinado bastante devido a anos de bebedeiras e feridas pelo corpo devido às batalhas. A Índia foi o limite de conquista de Alexandre o Grande, que intentava conquistar um pouco mais do oriente da Ásia e do ocidente da Grécia.

- 'Porque, agora, vejo isso com os meus olhos' (v. 8) Deus sempre teve olhos voltados para o Seu povo, desde o seu cativeiro no Egito (Êx 2: 25; Êx 3: 7). Ele viu como Jerusalém foi oprimida por muitos povos, em especial os assírios e os babilônios. Ele tinha consciência dos erros deles. Mas agora via a construção da Sua cidade e do Seu templo; via Seu povo livre, protegido por Ele mesmo, ao mesmo tempo em que contemplava o julgamento dos seus inimigos e manifestava ao mundo a Sua justiça e a Sua força.
- Zc 9: 9-17 (O Rei vem de Sião): "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador [NVI: justo e vitorioso], humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta. Destruirei os carros de Efraim e os cavalos de Jerusalém [NVI: Ele destruirá os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém], e o arco de guerra será destruído. Ele anunciará paz às nações; o seu domínio se estenderá de mar a mar [NVI: dominará de um mar a outro] e desde o Eufrates até às extremidades da terra [No original: 'da nação']. Quanto a ti, Sião, por causa do sangue da tua aliança [NVI: por causa do sangue da minha aliança com você], tirei os teus cativos da cova em que não havia água [NVI: libertarei os seus prisioneiros de um poço sem água]. Voltai à fortaleza, ó presos de esperança [NVI: Voltem à sua fortaleza, ó prisioneiros da esperança]; também, hoje, vos anuncio que tudo vos restituirei em dobro. Porque para mim curvei Judá como um arco e o enchi de Efraim; suscitarei a teus filhos, ó Sião, contra os teus filhos, ó Grécia! E te porei, ó Sião, como a

espada de um valente [NVI: Quando eu curvar Judá como se curva um arco e usar Efraim como flecha, levantarei os filhos de Sião contra os filhos da Grécia, e farei Sião semelhante à espada de um guerreiro]. O Senhor será visto sobre os filhos de Sião, e as suas flechas sairão como o relâmpago [NVI: Então o Senhor aparecerá sobre eles; sua flecha brilhará como o relâmpago]; o Senhor Deus fará soar a trombeta e irá com os redemoinhos do Sul [NVI: marchará em meio às tempestades do sul]. O Senhor dos Exércitos os protegerá; eles devorarão os fundibulários e os pisarão [NVI: Eles pisotearão e destruirão as pedras das atiradeiras]; também beberão deles o sangue como vinho [NVI: Eles beberão o sangue do inimigo como se fosse vinho]; encher-se-ão como bacias do sacrifício e ficarão ensopados como os cantos do altar [NVI: estarão cheios como a bacia usada para aspergir água nos cantos do altar]. O Senhor, seu Deus, naquele dia, os salvará, como ao rebanho do seu povo [NVI: os salvará como rebanho do seu povo]; porque eles são pedras de uma coroa e resplandecem na terra dele [NVI: e como jóias de uma coroa brilharão em sua terra]. Pois quão grande é a sua bondade! E quão grande, a sua formosura! [NVI: Ah! Como serão belos! Como serão formosos!] O cereal fará florescer os jovens, e o vinho, as donzelas [NVI: O trigo dará vigor aos rapazes, e o vinho novo às moças]".

- v. 9: "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador [NVI: justo e vitorioso], humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta" o profeta faz uma transição repentina aos tempos da primeira vinda de Jesus, o Messias, o Rei, que entra em Jerusalém de uma maneira muito diferente dos conquistadores do passado. Essa é uma alusão à entrada triunfal em Jerusalém, montado num jumento, relatada em Mt 21: 5; Jo 12: 15:
- "Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que aí está diante de vós e logo achareis presa uma jumenta e, com ela, um jumentinho. Desprendei-a e trazei-mos. E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles. E logo os enviará. Ora, isto aconteceu para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta: 5 Dizei à filha de Sião: Eis aí te vem o teu Rei, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de animal de carga. Indo os discípulos e tendo feito como Jesus lhes ordenara, trouxeram a jumenta e o jumentinho. Então, puseram em cima deles as suas vestes, e sobre elas Jesus montou. E a maior parte da multidão estendeu as suas vestes pelo caminho, e outros cortavam ramos de árvores, espalhando-os pela estrada. E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!" (Mt 21: 1-9).
- "No dia seguinte, a numerosa multidão que viera à festa, tendo ouvido que Jesus estava de caminho para Jerusalém, tomou ramos de palmeiras e saiu ao seu encontro, clamando: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel! E Jesus, tendo conseguido um jumentinho, montou-o, segundo está escrito: 15 Não temas, filha de Sião, eis que o teu Rei aí vem, montado em um filho de jumenta. Seus discípulos a princípio não compreenderam isto; quando, porém, Jesus foi glorificado, então, eles se lembraram de que estas coisas estavam escritas a respeito dele e também de que isso lhe fizeram" (Jo 12: 12-16).

O profeta fala em nome do Senhor que é para Jerusalém se alegrar com isso porque eis que vem o seu verdadeiro Rei e Senhor, trazendo uma vitória maior do que Seu povo esperava: a Sua justiça e a Sua salvação. E esse conquistador viria de forma humilde, montado num jumento, não num cavalo de guerra. Jesus viria como um rei manso e humilde, ao contrário do que os judeus sempre esperaram em relação ao seu Messias.

Esse versículo de Zacarias também pode ser aplicado aos judeus, que verão o Senhor vindo para salvá-los na Sua segunda vinda (Rm 11: 26).

Os antigos patriarcas (Gn 22: 3; Gn 42: 27; Gn 44: 3), profetas (1 Rs 13: 23) e juízes (Jz 5: 10 – 'jumentas brancas'; Jz 10: 4; Jz 12: 14 – 'jumentos'), costumavam montar em jumentos (jumentas), antes da introdução e multiplicação de cavalos no tempo de Salomão, proibidos pela lei de Deus (Dt 17: 16). É óbvio que um país necessitava de cavalos como um equipamento necessário para sua defesa em caso de guerra ou para uso do governo, mas o que Deus falava em Dt 17: 16 era para não multiplicar cavalos, levando o rei a cometer certos erros como, por exemplo: o aumento do intercâmbio com nações estrangeiras (especialmente o Egito), o estabelecimento de um despotismo militar, ostentação de poder do rei e seu exército perante os súditos (paradas militares) e até uma dependência do Egito em tempo de guerra, deixando de lado a confiança em Deus. Davi não poderia ter vitória em suas campanhas militares apenas com mulas. Jesus, como os antigos patriarcas e reis e profetas, entrou em Jerusalém montado num jumento.

Um parêntesis aqui – o texto de Dt 17: 17 também dá outras orientações a um rei: "Tampouco para si multiplicará mulheres, para que o seu coração se não desvie; nem multiplicará muito para si prata ou ouro". Isso seria para não imitar a prática da poligamia dos países vizinhos, cujos reis tinham numerosos haréns. Um rei deveria conter suas paixões, diferentemente de um homem comum do povo. A bíblia escreve "para que o seu coração se não desvie", isso porque a mulher tem um grande poder de influência sobre o homem; muitas mulheres influenciariam negativamente um rei no exercício de suas funções. E a orientação para não multiplicar para si muita prata ou ouro significa que os reis foram proibidos de acumular dinheiro para fins privados. Isso demonstraria que ele também tinha um comportamento diferente de um homem perverso, que era ganancioso; se usasse mal seu dinheiro, poderia ser um mau exemplo para os súditos.

Voltando ao caso do jumento e da mula: Davi deu ordens para prepararem uma mula para Salomão e conduzi-lo até Giom, onde seria ungido rei de Israel (1 Rs 1: 33; 38; 44). A mula é uma palavra aplicada ao cruzamento do cavalo e do jumento, e esse cruzamento, ao que parece, foi iniciado no final do reinado de Davi (2 Sm 13: 29; 1 Rs 10: 25; 2 Cr 9: 24: 'mulos', 'mulas'), pois antes, não era costume entre os judeus (Lv 19: 19). A mula (ou o mulo, animal macho) é sempre estéril. As mulas combinam a força do cavalo com a resistência e o passo firme do jumento e têm bastante vigor; mas são símbolo de teimosia ou algo difícil de mover, emperrado, empacado, sem entendimento (Sl 32: 9). Da mesma forma que o jumento, a mula também é um animal de carga e transporte (Is 66: 20).

Por outro lado, o jumento é o símbolo de **docilidade, humildade, servidão ou serviço** (Gn 22: 3; 5; Gn 42: 26-27; Gn 44: 13; Gn 49: 14; Êx 23: 5; Nm 22: 27; 32; Dt 22: 10; Js 9: 4; 1 Sm 16: 20; 1 Sm 25: 18; 2 Sm 16: 1-2; 1 Rs 13: 29; 1 Cr 12: 40; 2 Cr 28: 15; Pv 26: 3; Is 1: 3; Is 30: 6; Is 30: 24; Is 32: 20; Zc 9: 9), e era o **meio de transporte** mais comum (Êx 4: 20; Nm 22: 21-23; 25; Js 15: 18; Jz 1: 14; Jz 19: 3; Jz 19: 10; 19; 21; 28; 1 Sm 25: 20; 23; 42; 2 Sm 17: 23; 2 Sm 19: 26; 1 Rs 2: 40; 1 Rs 13: 13; 23; 24; 27; 28; 2 Rs 4: 22; 24; Zc 9: 9); também era um animal usado para os **trabalhos domésticos** (Gn 22: 3; 5; Gn 36: 24; Êx 23: 12; Dt 5: 14; 1 Sm 10: 2; 14; 16; Jó 1: 14) e levado em conta **na avaliação da riqueza de um homem**, como sua propriedade, **ou como um despojo de guerra** (Gn 12: 16; Gn 24: 35; Gn 30: 43; Gn 32: 5; Gn 32: 15; Gn 34: 28; Gn 43: 18; 24; Gn 44: 3; Gn 45: 23; Gn 47: 17; Gn 49: 11; Êx 9: 3; Êx 20: 17; Êx 21: 33; Êx 22: 4; 9; 10; Êx 23: 4; Nm 16: 15; Nm 31: 28; Nm 31: 30; 34; 39; 45; Dt 5: 14; 21; Dt 22: 3; 4; Dt 28: 31; Js 6: 21; Js 7: 24; Jz 6: 4; Jz 10: 4; Jz

12: 14; 1 Sm 8: 16; 1 Sm 9: 3; 5; 20; 1 Sm 12: 3; 1 Sm 15: 3; 1 Sm 22: 19; 1 Sm 27: 9; 2 Rs 7: 7; 10; 1 Cr 5: 21; 1 Cr 27: 30; Ed 2: 67; Ne 7: 69; Jó 1: 3; Jó 24: 3; Jó 42: 12; Is 1: 3; Is 21: 7; Zc 14: 15).

Na bíblia há outros versículos incomuns e com outros significados para o jumento ou jumenta:

Gn 16: 12 (Ismael – jumento selvagem)

Gn 49: 14 (Issacar – jumento de fortes ossos – ARA; jumento forte – NVI)

Êx 13: 13 (Resgatado e trocado por um cordeiro)

Êx 34: 20 (Resgatado e trocado por um cordeiro)

Nm 22: 28-30 (o Senhor fez falar a jumenta de Balaão)

Nm 22: 33 (o Anjo fala com Balaão que a jumenta o viu)

Jz 15: 15-16 (Sansão e a queixada de jumento)

2 Rs 6: 25 (vender a cabeça de um jumento para comer em tempos de fome)

Jó 6: 5 (jumento montês)

Jó 39: 5 (jumento selvagem)

Sl 104: 11 (jumentos selvagens)

Is 32: 14 (jumentos selvagens)

Jr 2: 24 (jumenta selvagem)

Jr 14: 6 (jumentos selvagens)

Jr 22: 19 (coisa que não vale nada) – humilhação

Ez 23: 20 (potência sexual, força)

Dn 5: 21 (jumentos monteses)

Os 8: 9 (jumento montês)

• v. 10-12: "Destruirei os carros de Efraim e os cavalos de Jerusalém [NVI: Ele destruirá os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém], e o arco de guerra será destruído. Ele anunciará paz às nações (no original: 'pagãos, gentios'); o seu domínio se estenderá de mar a mar (cf. S1 72: 8) [NVI: dominará de um mar a outro] e desde o Eufrates até às extremidades da terra [No original: 'da nação']. Quanto a ti, Sião, por causa do sangue da tua aliança [NVI: por causa do sangue da minha aliança com você], tirei os teus cativos da cova em que não havia água [NVI: libertarei os seus prisioneiros de um poço sem água]. Voltai à fortaleza, ó presos de esperança [NVI: Voltem à sua fortaleza, ó prisioneiros da esperança]; também, hoje, vos anuncio que tudo vos restituirei em dobro".

O Messias virá em paz e trará esta paz ao Seu povo, fazendo cessar a guerra entre as nações e entre as pessoas, a começar por Israel, onde Efraim, o reino do Norte, não mais levantará a mão contra Judá (o reino do sul), nem este contra Efraim, como sempre fizeram nos tempos dos reis, quando os dois reinos estavam divididos. Ele anunciará paz às nações, aos povos gentios.

• 'O seu domínio se estenderá de mar a mar e desde o Eufrates até às extremidades da terra' – do Mar Vermelho ao Mar Mediterrâneo ('mar a mar'). O Messias também 'estenderá o Seu domínio desde o rio Eufrates até as extremidades da terra', ou seja, desde o Eufrates, o limite da terra prometida a Abraão, até o oeste, para as partes mais remotas da terra (Gn 15: 18; Dt 1: 7; Dt 11: 24; Js 1: 4). Os rubenitas ocuparam o país até à entrada do deserto que os separa do Eufrates (1 Cr 5: 9: 'também habitaram *[os descendentes de Joel, um descendente de Rúben]* do lado oriental, até à entrada do deserto, o qual se estende até ao rio Eufrates, porque o seu gado se tinha multiplicado na terra de Gileade'; a frase 'do lado oriental, até à entrada do deserto' sugere que se estenderam até o lado ocidental da Mesopotâmia, onde começa a região que conduz até o rio Eufrates, no Oriente). O Eufrates foi visitado por Jeremias (Jr 13: 4-7). Foi

também possuído por Davi (2 Sm 8: 3, dando a entender aqui a parte norte do Eufrates, na região da Síria), tendo o Eufrates o nome de 'o Rio'. A palavra Eufrates, em hebraico, em todos esses textos (Gn 15: 18; Dt 1: 7; Dt 11: 24; Js 1: 4; 1 Cr 5: 9; Jr 13: 4-7) é Prath (Strong #6578), que significa: abrir, correr, Perath (ou seja, Eufrates), um rio do Oriente: Eufrates. Também foi o limite do território no tempo de Salomão: 1 Rs 4: 21; 2 Cr 9: 26 – aqui nestes versículos a palavra usada é: 'nahar' – Strong #5104, um substantivo comum para 'rio', mas há uma nota na KJV: o Eufrates.

Em Zc 9: 10, a palavra usada também é 'nahar', substantivo comum para 'rio', mas supõe-se que se refere mesmo ao Eufrates, uma vez que foi a para lá que os exilados foram, e muitos ainda não tinham retornado daquela terra pagã, mas deixaram ali a semente da cultura judaica. Assim, o v. 10 de Zacarias deixa claro que o Messias viria tanto para judeus e gentios e Sua doutrina alcançaria todas as nações e povos da terra: 'erets – Strong #776 – ser firme; a terra (o planeta); no sentido comum: uma porção de terra, país, terra, campo, nações, região selvagem, mundo. Até os lugares mais remotos do mundo seriam iluminados por Sua doutrina, e conheceriam a redenção, tipificada pela libertação dos judeus fora do seu cativeiro na Babilônia.

- 'Quanto a ti, Sião, por causa do sangue da tua aliança [NVI: por causa do sangue da minha aliança com você], tirei os teus cativos da cova em que não havia água [NVI: libertarei os seus prisioneiros de um poço sem água]' (v. 11) – o Senhor se dirige agora ao Seu povo, lembrando-o que foi por causa do sangue da Sua aliança com eles é que eles foram redimidos do cativeiro. O cativeiro na Babilônia figura o cativeiro do pecado, do qual o Messias virá resgatá-los também. É interessante lembrar, não só da aliança da circuncisão dada a Abraão (Gn 17: 7-14), mas também da que foi feita com Moisés. Quando este foi chamado por Deus para subir o Sinai para receber as tábuas com a lei (ele, Arão e os setenta anciãos), ele erigiu um altar ao pé do monte e doze colunas, uma para cada tribo de Israel; e o sangue dos sacrificios dos novilhos foi aspergido sobre o altar e sobre o povo, como um sinal de que eles estavam aceitando aquela aliança feita com o Senhor (Êx 24: 1-11). Era parte da aliança que, se na terra do seu cativeiro, eles buscassem o Senhor, Ele seria achado por eles: Lv 26: 41-42; 44-45; Dt 30: 4. Deus se lembrava desta aliança, e por causa dela Ele estava libertando Seus filhos do cativeiro, de um 'poço' de aflição, onde eles se sentiam como se não houvesse água. Da mesma forma, o Messias viria para fazer o sacrifício definitivo, removendo-os do cativeiro do pecado, da cova onde não havia a 'água' do Seu Espírito.
- 'Voltai à fortaleza, ó presos de esperança [NVI: Voltem à sua fortaleza, ó prisioneiros da esperança]; também, hoje, vos anuncio que tudo vos restituirei em dobro' (v. 12) o Senhor se referia aqui à fortaleza de Sião, à cidade de Jerusalém, à qual os cativos que ainda estavam na Babilônia deveriam retornar, pois talvez não tivessem mais esperança de poder vê-la de novo. Mas Ele lhes garantia que ainda havia essa esperança, através de Esdras e Neemias, que voltariam em poucos anos para ministrar no templo reconstruído e para reconstruir os muros da cidade. Mesmo os que voltaram com Neemias, ainda se sentiam sem esperança de ter o que um dia tiveram (Ne 9: 36; Ed 9: 8-9), e se sentiam inseguros em relação aos persas, assim como os reinos poderosos que estavam ao redor: Síria, Egito e Grécia, mas o Senhor lhes dava uma promessa de livramento e libertação (v. 12-17). Essa promessa teve sua principal realização nos tempos dos Macabeus, quando os judeus se levantaram contra seus inimigos, mantiveram sua força e, após muitas lutas e dificuldades, passaram a dominálos.

Transpondo para os tempos do Messias (A primeira vinda de Jesus), Ele era a fortaleza para os que não tinham mais esperança na salvação, não tinham mais esperança de conhecer a luz e reatar sua comunhão com Deus.

• 'tudo vos restituirei em dobro' (v. 12) – uma promessa muito parecida com a de Is 61: 7, onde a palavra hebraica é mishneh (Strong #4932), que significa, mais exatamente: uma repetição, ou seja, uma duplicata (cópia de um documento) ou uma dupla porção (em quantidade); por implicação, uma posição secundária, o próximo, segundo (ordem), o dobro, duas vezes mais.

Em Is 61: 7 está escrito: 'Em lugar da vossa vergonha, tereis dupla honra; em lugar da afronta, exultareis na vossa herança [NVI: 'Em lugar da vergonha que sofreu, o meu povo receberá porção dupla, e ao invés da humilhação, ele se regozijará em sua herança']; por isso, na vossa terra possuireis o dobro e tereis perpétua alegria' – no lugar da vergonha que eles haviam passado durante o cativeiro (e até antes, por causa dos julgamentos de Deus contra a idolatria do Seu povo), eles teriam honra dobrada, assim como o regozijo de voltar a possuir a terra de Canaã. A 'alegria perpétua', passou a ser algo espiritual para os que entenderam o projeto de Deus através de Jesus. Apesar das circunstâncias externas, os crentes saberiam o que é a alegria da salvação e da companhia eterna do Espírito Santo. O que havia sido roubado deles seria restituído em dobro pelo Senhor.

'O dobro' corresponderia a uma repetição, uma cópia do que tinham com Deus no início, antes de começarem a pecar e idolatrar imagens (como as tábuas da Lei foram escritas pela segunda vez para refazer o pacto). Seria uma aliança que estava sendo refeita entre eles e Deus; ou, então, uma porção dobrada (como a unção de Eliseu em relação a Elias) como uma maneira de compensar uma perda, uma necessidade ou um desejo de algo que foi conquistado com muita dedicação e esforço.

Na lei de Moisés está escrito: Êx 22: 1; 4; 9: "Se alguém furtar boi ou ovelha e o abater ou vender, por um boi pagará cinco bois, e quatro ovelhas por uma ovelha... Se aquilo que roubou for achado vivo em seu poder, seja boi, jumento ou ovelha, pagará o dobro... Em todo negócio frauduloso, seja a respeito de boi, ou de jumento, ou de ovelhas, ou de roupas, ou de qualquer coisa perdida, de que uma das partes diz: Esta é a coisa, a causa de ambas as partes se levará perante os juízes; aquele a quem os juízes condenarem pagará o dobro ao seu próximo".

Dessa forma, isso seria uma dupla recompensa para eles por todo roubo e vexame que sofreram nas mãos dos babilônios, como uma causa na justiça, onde se paga a indenização pelos danos morais sofridos pela vítima, ou seja, o litigante que primeiro deu entrada no pedido legal.

- Zc 9: 12 diz: 'tudo vos restituirei em dobro', o que significa a restituição na área material e espiritual. A dupla riqueza que eles receberiam seria não apenas a posição de filhos de Deus, mas a bênção do primogênito (Êx 4: 22), que recebia a porção dobrada da herança do pai, em relação aos outros filhos.
- v. 13: "Porque para mim curvei Judá como um arco e o enchi de Efraim; suscitarei a teus filhos, ó Sião, contra os teus filhos, ó Grécia! E te porei, ó Sião, como a espada de um valente [NVI: Quando eu curvar Judá como se curva um arco e usar Efraim como flecha, levantarei os filhos de Sião contra os filhos da Grécia, e farei Sião semelhante à espada de um guerreiro]".

Isso significa que o Senhor prepararia os judeus para uma guerra ('arco', 'espada', 'flecha', 'guerreiro'), e isso aconteceu no tempo do governo selêucida sobre a Palestina (198-167 AC), quando Antíoco IV invadiu Israel, cometeu sacrilégio, matando um porco sobre o altar. Os judeus tementes a Deus, como os da família Hasmon, entre eles Judas Macabeu, se levantaram contra os invasores e empreenderam uma revolta (167-160 AC), que foi bem sucedida, expulsando o governante ímpio de Israel. O templo e o altar foram purificados e consagrados. A vitória veio pela espada, pela guerra.

• v. 14: "O Senhor será visto sobre os filhos de Sião, e as suas flechas sairão como o relâmpago [NVI: Então o Senhor aparecerá sobre eles; sua flecha brilhará como o relâmpago]; o Senhor Deus fará soar a trombeta e irá com os redemoinhos do Sul [NVI: marchará em meio às tempestades do sul]".

O Senhor se manifestará a eles. As flechas são símbolo do Seu juízo rápido. As trombetas são símbolo de convocação, como os israelitas foram convocados para as guerras santas do Senhor desde o tempo de Moisés (Nm 10: 2; 9), ou para as festas solenes (Nm 10: 10).

A expressão 'redemoinhos do Sul' ou 'ventos do Neguebe' [NVI: tempestades do sul] é semelhante ao que está escrito em Is 21: 1 ['Como os tufões vêm do Sul' ou 'Como um vendaval em redemoinhos que varre todo o Neguebe' (NVI)]. Fogo, carros, torvelinho ou turbilhão e espada são símbolos do juízo de Deus sobre os que rejeitam Sua correção e O desprezam.

Em Is 21: 1, o sul se refere à parte sul da Judéia, onde havia muitos e grandes desertos, como o Neguebe, por exemplo. Neguebe (significa: 'seco') é um deserto bem ao sul de Israel, próximo à península do Sinai e do Mar Mediterrâneo e que só experimenta vida quando as chuvas enchem os leitos dos seus ribeiros secos. Os rios se enchem com as águas, as plantas são regadas e os animais são dessedentados. Os tufões ou turbilhões do sul vêm de repente, sopram fortemente, carregam tudo diante deles e não há nada que resista a eles. A bíblia diz que, dessa maneira, isto é, com força e poder irresistíveis como os turbilhões do sul, 'ele' (se referindo a Ciro e ao seu exército) viria do deserto da Média e da Pérsia até a Babilônia. Havia um grande deserto entre eles e a Caldéia.

Em Zc 9: 14, o profeta diz: 'o Senhor Deus fará soar a trombeta e irá com os redemoinhos do Sul [NVI: marchará em meio às tempestades do sul]'. Isso quer dizer que, da mesma forma que os tufões ou turbilhões do sul vêm de repente, sopram fortemente, carregam tudo diante deles e não há nada que resista a eles, Ele, Deus, não mais Ciro, viria para ajudá-los contra os gregos, e lhes daria força para o combate.

• v. 15: "O Senhor dos Exércitos os protegerá; eles devorarão os fundibulários e os pisarão [NVI: Eles pisotearão e destruirão as pedras das atiradeiras]; também beberão deles o sangue como vinho [NVI: Eles beberão o sangue do inimigo como se fosse vinho]; encher-se-ão como bacias do sacrifício e ficarão ensopados como os cantos do altar [NVI: estarão cheios como a bacia usada para aspergir água nos cantos do altar]".

O profeta continua dizendo que naqueles dias de guerra, Deus protegerá Seus filhos e eles destruirão as pedras das atiradeiras (fundas) e derrotarão seus inimigos. Esses se encharcarão com o sangue dos ímpios como as bacias do altar ficavam cheias com o sangue dos animais dos sacrifícios, ou como a bacia se enchia de água para lavar o altar depois de feitos os sacrifícios. O juízo de Deus sobre os inimigos do Seu povo será como uma expiação pelo pecado e Sua casa ficará limpa novamente. Seu povo habitará seguro e se preparará para a vinda do Messias. Por isso, o próximo versículo parece remetê-los de novo aos tempos do evangelho, à primeira vinda de Jesus:

• v. 16-17: "O Senhor, seu Deus, naquele dia, os salvará, como ao rebanho do seu povo [NVI: os salvará como rebanho do seu povo]; porque eles são pedras de uma coroa e resplandecem na terra dele [NVI: e como jóias de uma coroa brilharão em sua terra]. Pois quão grande é a sua bondade! E quão grande, a sua formosura! [NVI: Ah! Como serão belos! Como serão formosos! KJV: Pois quão grande é a sua bondade! Quão grande é a sua beleza! – 'sua = dEle = Deus']. O cereal fará florescer os jovens, e o vinho, as donzelas [NVI: O trigo dará vigor aos rapazes, e o vinho novo às moças]".

Estes versículos dão continuidade aos que falam sobre a vitória dos Macabeus sobre os gregos. Portanto, para o povo da antiga Aliança, 'naquele dia' se refere ao dia que Israel tivesse se livrado dos gregos (selêucidas) e estabelecido o sacerdócio em Sua terra (os judeus da linhagem Hasmoneana lideraram a nação até a chegada de Roma). Os remanescentes fiéis eram pérolas de uma coroa para o Senhor, pois tinham vencido as tentações e não negaram Seu nome.

Em seguida, vem a frase: 'Pois quão grande é a sua bondade! E quão grande, a sua formosura!' (ARA), ou 'Pois quão grande é a sua bondade! Quão grande é a sua beleza!' (KJV), onde 'sua' se refere a Ele, Deus, ao passo que na NVI nos dá a entender que os vencedores é que são belos, pois não consta a primeira frase sobre a 'sua bondade': 'Ah! Como serão belos! Como serão formosos!' (NVI). De qualquer forma, a bondade de Deus é infinita, e grande é a Sua formosura, assim como são belos os filhos que lavam suas vestes no sangue do Cordeiro. Se pensarmos nestes versículos como referência à primeira vinda de Cristo ('naquele dia' – v. 16), nós podemos entender que, da mesma forma que Ele deu um livramento para o Seu povo (AT), ainda que pela guerra e pela espada, agora Ele viria trazendo a maior vitória, a da salvação, se fazendo o pastor fiel que cuidaria do seu rebanho, e o tornaria belo, com a lã branca da santidade, pois Ele os justifica.

'O cereal fará florescer os jovens, e o vinho, as donzelas [NVI: O trigo dará vigor aos rapazes, e o vinho novo às moças]' — pensando-se no caso da vitória dos Macabeus, isso significava uma promessa de prosperidade e alegria, de graça e bênção divina sobre Seus filhos, que não precisariam temer mais a escassez nem a opressão. E isso se estende aos tempos do NT, onde temos a certeza da Sua provisão e da Sua alegria em nossas vidas, através do Espírito Santo.

## Capitulo 10

- Zc 10: 1-12 (Deus abençoará Judá e Israel): "Pedi ao Senhor chuva no tempo das chuvas serôdias [NVI: chuva de primavera], ao Senhor, que faz as nuvens de chuva, dá aos homens aguaceiro e a cada um, erva no campo. Porque os ídolos do lar falam coisas vãs [NVI: mentiras], e os adivinhos vêem mentiras [NVI: têm falsas visões], contam sonhos enganadores e oferecem consolações vazias; por isso, anda o povo como ovelhas, aflito, porque não há pastor [NVI: Por isso o povo vagueia como ovelhas aflitas pela falta de um pastor]. Contra os pastores se acendeu a minha ira, e castigarei os bodes-guias [NVI: os líderes]; mas o Senhor dos Exércitos tomará a seu cuidado o rebanho, a casa de Judá, e fará desta o seu cavalo de glória na batalha [NVI: ele fará dele o seu vigoroso cavalo de guerra]. De Judá sairá a pedra angular [NVI: Dele virão a pedra fundamental]; dele, a estaca da tenda; dele, o arco de guerra; dele sairão todos os chefes juntos [NVI: Dele virão... os governantes; governará, todos eles juntos]. E serão como valentes que, na batalha, pisam aos pés os seus inimigos na lama das ruas; pelejarão, porque o Senhor está com eles, e envergonharão os que andam montados em cavalos [NVI: Lutarão e derrubarão os cavaleiros porque o Senhor estará com eles]. Fortalecerei a casa de Judá [NVI: a tribo de Judá], e salvarei a casa de José [Efraim], e fá-los-ei voltar, porque me compadeço deles [NVI: Eu os restaurarei porque tenho compaixão deles]; e serão como se eu não os tivera rejeitado, porque eu sou o Senhor, seu Deus, e os ouvirei [NVI: e lhes responderei]. Os de Efraim serão como um valente [NVI: como um homem poderoso], e o seu coração se alegrará como pelo vinho; seus filhos o verão e se alegrarão; o seu coração se regozijará no Senhor. Eu lhes assobiarei e os ajuntarei, porque os tenho remido [NVI: pois eu já os resgatei]; multiplicar-se-ão como antes se tinham multiplicado. Ainda que os espalhei por entre os povos, eles se lembram de mim em lugares remotos [NVI: terras distantes]; viverão com seus filhos e voltarão [NVI: Criarão seus filhos e voltarão]. Porque eu os farei voltar da terra do Egito e os congregarei da Assíria; trá-los-ei à terra de Gileade e do Líbano, e não se achará lugar para eles [NVI: e mesmo assim não haverá espaço suficiente para eles]. Passarão o mar de angústia, as ondas do mar serão feridas, e todas as profundezas do Nilo se secarão [NVI: Vencerei o mar da aflicão, ferirei o mar revoltoso, e as profundezas do Nilo se secarão]; então, será derribada a soberba da Assíria, e o cetro do Egito se retirará [NVI: O orgulho da Assíria será abatido e o poder do Egito será derrubado]. Eu os fortalecerei no Senhor, e andarão no seu nome, diz o Senhor".
- v. 1: 'Pedi ao Senhor chuva no tempo das chuvas serôdias [NVI: chuva de primavera], ao Senhor, que faz as nuvens de chuva, dá aos homens aguaceiro e a cada um, erva no campo! o profeta ora ao Senhor e exorta o povo a orar também, pedindo a chuva serôdia, que é a chuva que cai antes da colheita, para amadurecer os grãos. Isso pode ser entendido num sentido físico, porque pelo pecado deles veio a fome e a seca, tanto antes do cativeiro como depois do retorno (Ag 1: 10-11; Ne 5: 3), mas pode se tratar de uma metáfora, pois o v. 2 fala sobre idolatria e sobre o estado de trevas espirituais em que o povo se encontra, por falta de uma liderança fiel. Em relação aos antigos judeus, temos aqui a impressão que o primeiro entusiasmo cedera lugar à frieza, à formalidade, à liderança fraca e ao temor de ataque da Grécia. Assim, sem a palavra de Deus como luz para iluminar os caminhos do Seu povo, eles estavam aflitos e vagueando como ovelhas sem pastor. Por isso, o profeta está clamando por avivamento para que eles não pereçam, além do que ele os lembra do seu passado.



• v. 2: 'Porque os ídolos do lar (em hebraico, Traphiym; Strong # 8655: ídolos domésticos, ídolos familiares) falam coisas vãs [NVI: mentiras], e os adivinhos vêem mentiras [NVI: têm falsas visões], contam sonhos enganadores e oferecem consolações vazias; por isso, anda o povo como ovelhas, aflito, porque não há pastor [NVI: Por isso o povo vagueia como ovelhas aflitas pela falta de um pastor]' – no passado, a idolatria de Israel e Judá atraiu o juízo de Deus sobre eles. Confiaram em seus ídolos, feiticeiros e falsos profetas, por isso foram levados ao cativeiro.

Ídolos do lar (hebraico: Teraphim ou Traphiym – Strong#8655: ídolo familiar, imagem (de um ídolo); idolatria. Eram como os de Gn 31: 19, 30, 32, 35 (os ídolos de Labão, furtados por Raquel) ou de 2 Rs 23: 24 (destruídos por Josias), usados na prática da adivinhação. Em Os 3: 4, o profeta menciona os ídolos do lar junto com a estola sacerdotal: "... e lhe disse: tu [Gômer] esperarás por mim muitos dias; não te prostituirás, nem serás de outro homem; assim também eu esperarei por ti. Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem rei, sem príncipe [NVI: sem líder], sem sacrificio, sem coluna [NVI: sem colunas sagradas], sem estola sacerdotal ou ídolos do lar".

A estola sacerdotal, o éfode, era a vestimenta usada pelo sumo sacerdote (Êx 28: 4-30) e que continha duas pedras (o Urim e o Tumim) pelas quais se consultavam o Senhor [Êx 28: 30 (Arão); 1 Sm 23: 6; 9-14 (Davi e Abiatar)], mas não se misturava com adoração pagã nem era usada para 'adivinhação'. No caso de Oséias isso é mencionado para mostrar o tipo de idolatria no reino do norte quando foi feita essa profecia. Em Jz 17: 1; 4-6; 7; 9-12; Jz 18: 14, 17, 18, 19, 20; 30, a estola sacerdotal é mencionada junto com um moço levita de Belém de Judá e as imagens de Mica, um homem efraimita que o contratou para ser sacerdote de sua casa.

• v. 3: 'Contra os pastores se acendeu a minha ira, e castigarei os bodes-guias [NVI: os líderes]; mas o Senhor dos Exércitos tomará a seu cuidado o rebanho, a casa de Judá, e fará desta o seu cavalo de glória na batalha [NVI: ele fará dele o seu vigoroso cavalo de guerra]' – o Senhor dá resposta à oração do Seu profeta dizendo que Sua ira se acendeu contra os líderes. Um rebanho de cabras, embora pequeno (no máximo vinte animais), tem por condutor um bode e é metaforicamente empregado por 'guia' ou 'líder'. Tanto Zacarias quanto Jeremias usam esta metáfora para os líderes religiosos e civis de Israel, que estavam negligenciando seu cargo. Em Jr 50: 8 está escrito: "Fugi do meio da Babilônia e saí da terra dos caldeus; e sede como os bodes que vão adiante do rebanho", e em Zc 10: 3, o Senhor diz: "Contra os pastores se acendeu a minha ira, e

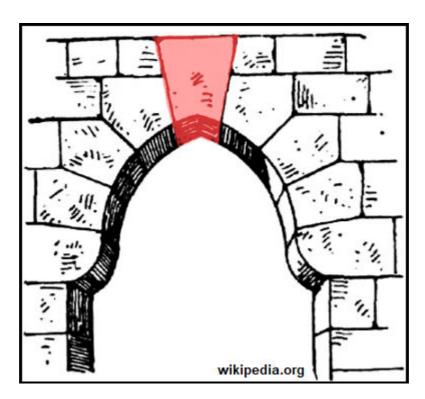
castigarei os bodes-guias". Mas Ele promete tomar o rebanho sob Seu cuidado, e se apresenta aqui como 'o Senhor dos Exércitos', ou seja, como o defensor do Seu povo e o guerreiro vencedor sobre Seus inimigos. Ele usará a força da casa de Judá para isso, como um cavalo de guerra.

• v. 4-5: 'De Judá sairá a pedra angular; dele, a estaca da tenda; dele, o arco de guerra; dele sairão todos os chefes juntos [NVI: Dele (Judá) virão a pedra fundamental e a estaca da tenda, o arco da batalha e os governantes]. E serão como valentes que, na batalha, pisam aos pés os seus inimigos na lama das ruas; pelejarão, porque o Senhor está com eles, e envergonharão os que andam montados em cavalos [NVI: Juntos serão ('governará, todos eles juntos', ou 'eles serão') como guerreiros que pisam a lama das ruas na batalha. Lutarão e derrubarão os cavaleiros porque o Senhor está com eles]' – a tribo de Judá foi escolhida por Deus para a liderança governamental, enquanto a primogenitura foi dada a José (1 Cr 5: 2), e a bíblia diz que isso permaneceu depois de Davi para honrar a promessa de Deus de que jamais faltaria um descendente dele no trono, mesmo porque o Messias, como Rei do Seu povo, nasceria da tribo de Judá.

Se interpretarmos esta profecia do ponto de vista físico, humano, ela aconteceu num futuro mais próximo para os judeus, se referindo aos Macabeus, pois seu vilarejo era Modiín, na terra de Judá, a trinta e dois quilômetros a oeste de Jerusalém, mais ou menos. A pedra angular, se referindo a um governante, pode ser simbolizada por Judas Macabeu e sua família, que 'firmaram' o povo daquela época na lei de Deus, mesmo estando já dividido em facções, e lutaram fisicamente para manter a liberdade de Israel e a santidade do templo. Lutaram ferozmente contra os cavaleiros inimigos, pois a cavalaria foi a principal força, não apenas dos egípcios (Ptolomeus), mas dos Sírios (Selêucidas) – Dn 11: 40.

Mas esta profecia tem um sentido espiritual, onde 'a pedra angular' (Is 28: 16 – em hebraico פנת – pinnah, Strong #6438: canto, um ângulo; por implicação, um pináculo; figurativamente, um chefe; baluarte, chefe, canto, apoio, torre) diz respeito a Jesus, e 'a estaca da tenda' é o que prende a tenda ao chão, simbolizando estabilidade; também pode se referir à profecia de Is 22: 23, onde a estaca (ou prego) ficava firmemente fincada na parede da casa (Jz 4: 21), e nela se penduravam os utensílios domésticos, da mesma forma que um governante firmemente colocado em seu trono sustenta os súditos; ou, em outras palavras, seus súditos se 'penduram' nele, pois ele é a sua força e segurança. Assim, a esperança do povo estava no Messias. Outra profecia que pode estar ligada ao mesmo termo está em Am 9: 11 sobre levantar 'o tabernáculo caído de Davi' ou 'a tenda caída de Davi' (cf. At 15: 16-18). Pedra angular (Mc 12: 10-11; Mt 21: 42; Lc 20: 17-18) na KJV, em inglês, 'the head of the corner', pode ser literalmente traduzida como 'a cabeça do canto', o que explica as palavras gregas: κεφαλή, kephalé (cabeça), Strong #2776: a cabeça, uma pedra angular, unindo duas paredes; cabeça, governante, senhor; e γωνία, gónia (canto), Strong #1137: um canto; um lugar secreto; Provavelmente semelhante a 'gonu': um ângulo. Em outras versões em inglês, a expressão, 'pedra angular' é traduzida por 'cornerstone' (pedra angular ou pedra de esquina na nossa tradução, também conhecida por pedra fundamental ou pedra de assentamento, que é a primeira pedra colocada na construção de uma fundação de alvenaria. Todas as outras pedras serão colocadas em referência a esta pedra, determinando assim a posição de toda a estrutura); ou 'capstone ou keystone' (uma pedra central no cume de um arco, fechando o conjunto). Assim, Pedra Angular é aquela pedra, pequena, cortada em triângulo e que é colocada mesmo no ponto mais alto de um arco, ou de uma ogiva, e que agüenta e junta as duas partes de uma porta ou de um teto em arco. É uma pedra que não faz força, não precisa ser grande, mas se alguém

a tirar cai tudo. Há pessoas assim: parece que não fazem nada e, contudo, nada funciona sem elas. Ou pode ser aquela pedra colocada de forma a unir duas paredes.





Nas imagens acima, nós temos o exemplo de uma pedra angular no alto de uma ogiva ('pinnah ou kephalé') ou de forma a unir duas paredes. Esta segunda foto foi feita por Norbert Schnitzler e é uma pedra com letras em relevo de bronze em Aachen (no norte da Alemanha), na igreja de São Bonifácio (Bonifatiuskirche).

Nos textos proféticos, a pedra de esquina ou pedra angular pode ser uma referência aos governantes (Is 19: 13), mas o maior governante que Judá precisaria para se reerguer seria o Messias, Jesus, não mais como foi no passado. No momento de Sua vinda, a Casa de Davi estava desmoralizada; o governante atual (Herodes Antipas) era descendente de um Idumeu, Herodes o Grande, indicado por Roma. Jesus era a pedra de esquina que ligaria Sua igreja (judeus e gentios), levantando o tabernáculo caído de Davi, o que significa Seu reino espiritual, onde Israel e Judá estariam juntos e poderiam viver livres diante do Senhor, adorando-o sem rituais desnecessários e vazios, e um reinado do qual os gentios também poderiam ter o direito de participar, pois Jesus seria o pastor de todos.

'O arco de guerra' no sentido espiritual da profecia pode simbolizar que no Messias está a defesa do seu povo; Ele é o seu defensor.

'Dele *(de Judá)* sairão todos os chefes juntos [NVI: governantes]' — pode simbolizar os primeiros ministros do evangelho, na igreja que se iniciou em Jerusalém no momento do Pentecostes, pois se pensarmos da maneira humana, a maioria dos apóstolos veio da Galiléia, não da Judéia. Espiritualmente falando, eles foram os 'chefes', os 'governantes' do rebanho do Senhor. E a bíblia continua dizendo que 'serão como valentes que, na batalha, pisam aos pés os seus inimigos na lama das ruas; pelejarão, porque o Senhor está com eles, e envergonharão os que andam montados em cavalos' — os seguidores de Jesus tiveram uma guerra diferente para lutar, mas foram vitoriosos porque Ele estava com eles, e envergonharam os 'que andavam montados em cavalos', ou seja, os que lutavam na força do próprio braço, fazendo a guerra do jeito do mundo. Eles andaram na contramão do mundo, mas mostraram o poder de Deus sobrepujando as tradições e regras daquela época, no âmbito religioso e secular.

• v. 6-7: 'Fortalecerei a casa de Judá [NVI: a tribo de Judá], e salvarei a casa de José [Efraim], e fá-los-ei voltar, porque me compadeço deles [NVI: Eu os restaurarei porque tenho compaixão deles]; e serão como se eu não os tivera rejeitado, porque eu sou o Senhor, seu Deus, e os ouvirei [NVI: e lhes responderei]. Os de Efraim serão como um valente [NVI: como um homem poderoso], e o seu coração se alegrará como pelo vinho; seus filhos o verão e se alegrarão; o seu coração se regozijará no Senhor'.

Aqui o profeta fala distintamente sobre a casa de José, ou Efraim, ou seja, as dez tribos, e a casa de Judá, mostrando que ainda há uma separação entre elas, mesmo após o retorno do exílio na Babilônia. Deus diz que se compadece deles e não mais os rejeitará. Os de Efraim serão como um guerreiro vitorioso em batalha ('como um valente' ou 'como um homem poderoso') e se alegrará pela bênção do Senhor, que também será para os seus descendentes. Deus os colocará de novo em sua própria terra, onde habitarão em segurança.

Durante o reinado de Tiglate-Pileser III e de seus descendentes, principalmente de Sargom II (722-705 AC), que invadiu Samaria e levou o reino do norte em cativeiro para a Assíria (722 AC), os israelitas fugiram, principalmente para o Egito, que também caiu nas mãos deste último conquistador em 716 AC. Durante a invasão de Senaqueribe, rei da Assíria, muitos habitantes da Judéia e Jerusalém fugiram para o Egito com tudo o que tinham, bem antes do domínio Babilônico (Jr 24: 8b: 'Como aos que habitam na terra do Egito' – a visão do cesto de figos); eles haviam fugido com suas riquezas sobre jumentos e camelos jovens, em busca de abrigo; na verdade, eles buscaram refúgio em um povo também impotente, que em nada os ajudaria, pois eles mesmos eram súditos da Assíria naquela época (Is 30: 6: 'levam a lombos de jumento as suas riquezas e sobre as corcovas de camelos, os seus tesouros, a um povo que de nada lhes aproveitará').

A comunidade judaica se instalou no Egito depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor em 586 AC, inclusive levando o profeta Jeremias (Jr 43: 6-7; Jr 43: 8; Jr 44: 1). Muito provavelmente, alguns deles também desceram para o sul até a Etiópia (Jr 44: 1 – Patros é o nome hebraico para Alto Egito e Cuxe ou Etiópia). Ainda, em Is 18: 1 está escrita a expressão 'além dos rios da Etiópia' (Sf 3: 10), que talvez se refira ao norte da Abissínia (como era conhecido o império Etíope do Alto Nilo que ocupava os atuais territórios da Etiópia e Eritréia), onde colonos judeus aparentemente se haviam estabelecido juntamente com outros povos semíticos vindos do sul da Arábia.

• v. 8-10: 'Eu lhes assobiarei e os ajuntarei, porque os tenho remido [NVI: pois eu já os resgatei]; multiplicar-se-ão como antes se tinham multiplicado. Ainda que os espalhei por entre os povos, eles se lembram de mim em lugares remotos [NVI: terras distantes]; viverão com seus filhos e voltarão [NVI: Criarão seus filhos e voltarão]. Porque eu os farei voltar da terra do Egito e os congregarei da Assíria; trá-los-ei à terra de Gileade e do Líbano, e não se achará lugar para eles [NVI: e mesmo assim não haverá espaço suficiente para eles]' – aqui o Senhor confirma os lugares da dispersão do Seu povo, e diz que Ele os ajuntará novamente, e os trará à terra de Gileade (na Transjordânia – limite nordeste de Israel) e ao Líbano (o limite norte da Terra Santa), pois serão muitos os que serão congregados e precisarão de espaço para habitar (cf. Is 49: 20; Is 54: 3).

É interessante que todos os profetas escrevem as palavras do Senhor, em especial, os verbos, se referindo ao um tempo futuro, mas colocando-os no passado como se os eventos já tivessem ocorrido ('porque os tenho remido' ou 'pois eu já os resgatei'). Isso nos mostra que a visão de Deus é diferente da nossa e, quando Ele determina algo, é como se já tivesse acontecido, pois o que Ele diz se realiza.

'Ainda que os espalhei por entre os povos, eles se lembram de mim em lugares remotos; viverão com seus filhos e voltarão' – cf. Dt 30: 1-5; 2 Cr 6: 37-39; Sl 22: 27; Lc 15: 17-18.

Is 11: 10-16 também fala de um retorno para aqueles que foram dispersos. Como se segue a um texto que se refere ao reino do Messias, ou seja, à primeira vinda de Jesus, a meu ver ele pode ser encaixado nesta profecia de Zacarias, embora muitos achem que está de acordo apenas com a visão da restauração futura. O texto diz: "Naquele dia, recorrerão as nações à raiz de Jessé que está posta por estandarte dos povos; a glória lhe será a morada. Naquele dia, o Senhor tornará a estender a mão para resgatar o restante do seu povo, que for deixado, da Assíria, do Egito, de Patros, da Etiópia (em hebraico, Cuxe), de Elão, de Sinar, de Hamate, e das terras do mar [NVI: 'nas ilhas do mar']. Levantará um estandarte para as nações, ajuntará os desterrados de Israel e os dispersos de Judá recolherá desde os quatro confins da terra. Afastar-se-á a inveja de Efraim [NVI: 'o ciúme de Efraim'], e os adversários de Judá serão eliminados [NVI: 'a hostilidade de Judá será eliminada']; Efraim já não invejará a Judá, e Judá já não oprimirá a Efraim [NVI: 'será hostil a Efraim']. Antes, voarão para sobre os ombros dos filisteus ao Ocidente [NVI: 'Eles se infiltrarão pelas encostas da Filístia']; juntos, despojarão os filhos do Oriente; contra Edom e Moabe lançarão as mãos, e os filhos de Amom lhes serão sujeitos. O Senhor destruirá totalmente o braço do mar do Egito, e com a força do seu vento moverá a mão contra o Eufrates, e, ferindo-o, dividi-lo-á em sete canais [NVI: 'riachos'], de sorte que qualquer o atravessará de sandálias. Haverá caminho plano para e restante do seu povo, que for deixado, da Assíria, como o houve para Israel no dia em que subiu da terra do Egito".

Isaías diz que o Messias será colocado na terra por um estandarte para os povos e todas as nações deverão recorrer a Ele. No dia que Ele vier, haverá um resgate de todos os do Seu povo que foram espalhados pelas nações por causa do exílio. Judá e Efraim,

ou seja, o reino do sul e o reino do norte não mais serão duas nações divididas; pelo contrário, como foi no reinado de Davi elas voltarão a ser uma só nação sob o Messias. As nações que antes os oprimiram estarão sujeitas aos israelitas, como Moabe, Edom e os filhos de Amom. Os filisteus também se submeterão a Israel.

Em Is 11: 11, o profeta menciona algumas nações como: Assíria, Egito, Patros, Etiópia, Elão, Sinar, Hamate, e as terras do mar (ou 'ilhas do mar'). A expressão 'ilhas do mar' se refere aos países distantes da Judéia, habitados por gentios idólatras; as partes mais remotas do mundo, bem como na Arábia, que estava perto deles; ou todas as regiões além do mar (Jr 25: 22), regiões marítimas ou regiões costeiras, não meramente ilhas no sentido estrito. Patros é o nome hebraico para Alto Egito e Cuxe ou Etiópia; Elão (cuja capital era Susã) é o nome antigo da planície de Cuzistão, na baixa Mesopotâmia, no atual Irã, banhada pelos rios Karkheh (ou Karkhen) e Karun (Kārūn), que deságuam no Tigre justamente ao norte do Golfo Pérsico. O Karkheh ou Karkhen é talvez o rio conhecido na bíblia como o Giom, um dos quatro rios do Éden. Outros cientistas acham que o Giom é o próprio rio Karun. Cuzistão ou Khuzistão ou Khuzestão (árabe transliterado, Khūzestān) é hoje uma das províncias ao sudoeste do Irã, fazendo fronteira com o sul do Iraque. A sua capital é Ahvaz. Khuzestan significa 'a terra dos Khuz' ou 'Kuzi', se referindo aos habitantes originais desta província, o povo 'Susian' (em persa antigo, 'Huza' ou 'Huja'; Shushan, em Hebraico). Senaqueribe e Assurbanipal sujeitaram os elamitas e deportaram alguns deles para Samaria, transferindo alguns israelitas para o Elão (Is 11: 11; Ed 4: 9). O Elão foi anexado por um ancestral de Ciro, e Susã acabou por se tornar uma das três principais cidades do império medo-persa. Sinar (ou Sinear) é o nome hebraico da terra da Babilônia; Hamate é uma cidade da Síria (Hoje conhecida pelo nome de Hamãh ou Hama). Em Is 11: 15 está escrito: "O Senhor destruirá totalmente o braço do mar do Egito, e com a força do seu vento moverá a mão contra o Eufrates, e, ferindo-o, dividi-lo-á em sete canais [NVI: 'riachos'], de sorte que qualquer o atravessará de sandálias. Haverá caminho plano para o restante do seu povo, que for deixado, da Assíria, como o houve para Israel no dia em que subiu da terra do Egito" - da mesma forma que o Mar Vermelho foi um impedimento no caminho dos Israelitas no Êxodo, o Eufrates era uma obstrução no caminho de Israel para o seu retorno da Assíria. Entretanto, o Senhor, pela força do Seu vento, igualmente dividiria o Eufrates por onde os exilados pudessem passar a pé. Ele faria o impossível para libertar Seu povo. Isso pode ser visto também como uma visão da restauração futura de Israel no final dos tempos.

Voltando para Zacarias, essas profecias todas convergem para a primeira vinda de Jesus, quando Seu povo foi rebanhado para a terra de Israel por causa da Sua pregação. Assim, as dez tribos seriam unidas a Judá sob o reinado de Cristo. A sua dispersão foi por um propósito especial (Os 2: 23; Mq 5: 7-8); portanto, não era um fator de todo mau, pois as colônias judaicas em várias nações facilitariam a pregação do evangelho nas sinagogas em todo o mundo e, conseqüentemente, o florescimento da Igreja. Não significa que todos voltariam à Palestina, mas estariam unidos em uma fé pela doutrina do Evangelho. Assíria e Egito são apresentados como nomes simbólicos de todos os opressores do povo de Deus.

• v. 11-12: 'Passarão o mar de angústia, as ondas do mar serão feridas, e todas as profundezas do Nilo se secarão [NVI: Vencerei o mar da aflição, ferirei o mar revoltoso, e as profundezas do Nilo se secarão]; então, será derribada a soberba da Assíria, e o cetro do Egito se retirará [NVI: O orgulho da Assíria será abatido e o poder do Egito será derrubado]. Eu os fortalecerei no Senhor, e andarão no seu nome, diz o Senhor'.

Este trecho parece dar continuidade aos versículos 8-10, e pode se referir aos anos que se seguem com Dario I e os demais reis persas, vencendo as revoltas na Assíria e favorecendo o retorno dos exilados com Esdras e Neemias, ou pode se referir à Grécia, na pessoa de Alexandre o Grande, tomando o Egito, e, conseqüentemente, aos eventos do Período Intertestamentário, quando o Senhor realizaria milagres de libertação como havia feito no passado com o Mar Vermelho. A menção do Egito aqui pode se referir ao domínio de Alexandre o Grande sobre aquela terra ou aos anos seguintes à divisão do seu império, quando os Ptolomeus dominaram sobre Israel. Os Ptolomeus os dominaram, mas foram vencidos pelos sírios (Selêucidas), que quebrariam o poder do Egito mais uma vez. Deus dizia a eles que haveria um tempo de aflição ('mar'), mas na Sua força, os judeus superariam isso também e voltariam à Palestina.

'Eu [Deus Pai] os fortalecerei no Senhor [i.e. a Sua manifestação no Senhor, o Messias, Jesus, o Filho], e andarão no seu nome, diz o Senhor' — quando Ele fala 'andarão no seu nome', Ele quer dizer que eles viverão continuamente debaixo da Sua proteção e de acordo com a Sua vontade (Gn 5: 22; Mq 4: 5).

## Capitulo 11

• Zc 11: 1-3: "Abre, ó Líbano, as tuas portas, para que o fogo consuma os teus cedros. Geme, ó cipreste [NVI: pinheiro], porque os cedros caíram [NVI: o cedro caiu], porque as mais excelentes árvores são destruídas; gemei, ó carvalhos de Basã, porque o denso bosque foi derribado. Eis o uivo dos pastores, porque a sua glória é destruída! [NVI: os seus formosos pastos foram devastados] Eis o bramido dos filhos de leões, porque foi destruída a soberba do Jordão! [NVI: Ouçam o rugido dos leões; pois a rica floresta do Jordão foi destruída]".

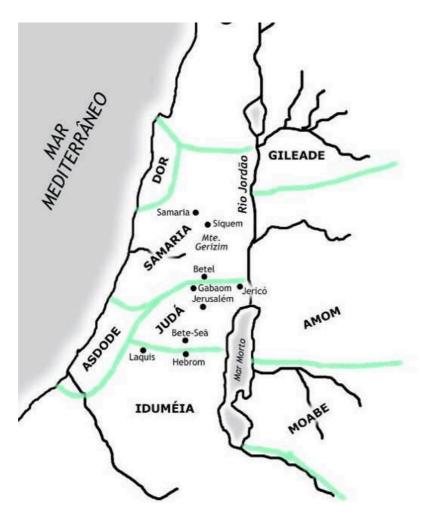
Isso mostra a força de Deus derrubando a soberba, a altivez e o poder dos homens. Aqui, Deus pode estar se referindo às nações ímpias do Período Intertestamentário como Seus instrumentos para punir os inimigos do Seu povo e colocar Israel numa situação de preparo para a vinda do Messias. A grande cadeia de montanhas do Líbano parecia inexpugnável, mas Deus poderia trazer o inimigo justamente por lá. O Líbano é famoso por causa de sua coberta de densa floresta. Ampla precipitação de chuva de novembro a março e as cadeias de pedra calcária dão origem a muitas fontes e riachos. Ao sul das montanhas há cultivo de jardins, bosques de oliveiras, vinhedos e pomares de frutas (amoras, figos, maçãs, damascos, nozes) e pequenos campos de trigo. A vegetação florestal é de murtas, coníferas e enormes cedros. Portanto, o Líbano, na bíblia, era símbolo de fertilidade, prosperidade, tirar gozo e proveito da vida e de uma plantação. O cedro e o cipreste (muitas vezes, traduzido como 'abeto') simbolizam imponência e realeza. O cedro do Líbano é uma majestosa conífera de madeira durável, por isso Davi construiu sua casa com cedro e Salomão, o templo, assim como o segundo templo de Esdras também foi reconstruído com essa madeira. O cedro pode atingir quarenta metros de altura e os escritores antigos usavam-no como símbolo da estatura de um homem (Ez 31: 3; Am 2: 9), igualmente de força, majestade e poder (Ct 3: 9), altivez, dureza, inflexibilidade (Sl 29: 5).

O profeta descreve os três limites de Israel pós-exílio; Líbano (norte), Basã (ou Gileade – a nordeste) e Amom (a leste, na Transjordânia).

Nesta profecia de Zacarias o Líbano é comandado a abrir as suas portas e suas fortificações para os gregos, provavelmente, pois foi por Tiro que Alexandre iniciou sua ação na Fenícia, na Palestina e na Filístia, a caminho da sua conquista do Egito.

O fogo das guerras contra o inimigo queimaria as casas de grandes e pequenos, até palácios. A bíblia diz (Zc 11: 2): "Geme, ó cipreste [NVI: pinheiro], porque os cedros caíram [NVI: o cedro caiu], porque as mais excelentes árvores são destruídas; gemei, ó carvalhos de Basã, porque o denso bosque foi derribado".

Isso significa que todos são chamados a chorar e a gemer, pois as misérias virão sobre todos. Os rebanhos e manadas foram dispersos, seus formosos pastos foram devastados, ou seja, sua glória e sua honra. A soberba do Jordão fala sobre as grandes florestas às margens deste rio, onde os leões jovens impunham sua autoridade e seu pavor. A palavra 'leões', aqui pode se referir a reis, sendo que 'filhos de leões' são os príncipes daquela região a leste do rio, por exemplo: Tobias, o amonita, na época que Neemias veio (Ne 2: 19; Ne 5: 17-18; Ne 6: 1), ou os reis daquela nação durante o Período Helenístico, e que eram favoráveis para com os Selêucidas (Dn 11: 41).



Israel no período pós-exílio

• Zc 11: 4-14 (A parábola do bom pastor): "Assim diz o Senhor, meu Deus: Apascenta as ovelhas destinadas para a matança [NVI: Pastoreie o rebanho destinado à matança]. Aqueles que as compram matam-nas e não são punidos; os que as vendem dizem: Louvado seja o Senhor, porque me tornei rico; e os seus pastores não se compadecem delas [NVI: Nem os próprios pastores poupam o rebanho]. Certamente, já não terei piedade dos moradores desta terra, diz o Senhor; eis, porém, que entregarei os homens, cada um nas mãos do seu próximo e nas mãos do seu rei; eles ferirão a terra, e eu não os livrarei das mãos deles. Apascentai, pois, as ovelhas destinadas para a matança, as pobres ovelhas do rebanho [NVI: Eu me tornei pastor do rebanho destinado à matança, os oprimidos do rebanho]. Tomei para mim duas varas: a uma chamei Graça [NVI: Favor], e à outra, União; e apascentei as ovelhas. Dei cabo dos três pastores num mês. Então, perdi a paciência com as ovelhas, e também elas estavam cansadas de mim [NVI: Porque eu me cansei deles e o rebanho me detestava]. Então, disse eu: não vos apascentarei; o que quer morrer, morra, o que quer ser destruído, seja, e os que restarem, coma cada um a carne do seu próximo. Tomei a vara chamada Graça [NVI: Favor] e a quebrei, para anular a minha aliança, que eu fizera com todos os povos [NVI: nações]. Foi, pois, anulada naquele dia; e as pobres [NVI: aflitos] do rebanho, que fizeram caso de mim, reconheceram que isto era palavra do Senhor. Eu lhes disse: se vos parece bem, dai-me o meu salário; e, se não, deixai-o [NVI: se não, não me paguem]. Pesaram, pois, por meu salário trinta moedas de prata [NVI: Então eles me pagaram trinta moedas de prata]. Então, o Senhor me disse: Arroja isso ao oleiro, esse magnífico preço em que fui avaliado por eles. Tomei as trinta moedas de prata e as arrojei ao oleiro, na Casa do Senhor [NVI: as atirei no templo do Senhor, para o oleiro]. Então, quebrei a segunda vara, chamada União, para romper a irmandade entre Judá e Israel".

• v. 4: 'Assim diz o Senhor, meu Deus: Apascenta as ovelhas destinadas para a matança [NVI: Pastoreie o rebanho destinado à matança]'.

Aqui, provavelmente, o profeta recebe uma orientação de Deus quanto às Suas ovelhas, pois elas estavam sendo negligenciadas e, provavelmente, receberiam um tratamento cruel por parte dos seus líderes, num futuro próximo. Nós podemos ver uma referência ao papel de Jesus como o bom pastor, que viria para apascentar Suas ovelhas para que não fossem mortas nas mãos de Satanás (Jo 10: 10-11). Depois da construção do templo, ou melhor, da profecia sobre os dois ungidos, Josué e Zorobabel (Zc 4: 1-14; Zc 6: 9-15), o profeta não menciona mais nada sobre o governo e o sacerdócio em Judá, mas pelo que podemos ler em Neemias e Malaquias, o entusiasmo inicial se transformou numa apatia; houve um esfriamento nas coisas espirituais, e o que passou a ocupar a mente das pessoas foi o temor da Grécia. Por isso, o que parece aqui é que o profeta está sendo chamado para alertar as pessoas quanto ao que estava acontecendo para que o pior pudesse ser evitado. Ao que parece, este versículo e os seguintes levam aos acontecimentos do período helenístico, ao mesmo tempo em que nos faz imaginar o que Zacarias poderia estar tentando transmitir ao seu povo no presente.

• v. 5: 'Aqueles que as compram matam-nas e não são punidos; os que as vendem dizem: Louvado seja o Senhor, porque me tornei rico; e os seus pastores não se compadecem delas [NVI: Nem os próprios pastores poupam o rebanho]'.

Essa situação não parece ser algo presente, pois no tempo de Zacarias o governador de Judá, teoricamente, era Zorobabel, e não era propenso a tais práticas. Caso esta situação esteja relacionada à época de Neemias (mais ou menos, 445-430 AC - cf. Ne 5: 1-12; 15), parece ter sido contornada de uma maneira efetiva por ele, como líder civil de Judá, e por Esdras, como líder religioso. Um pouco mais à frente, na época de Malaquias (450-400 AC) e no período em que Neemias parece ter voltado à Pérsia (após 12 anos da sua vinda – Ne 13: 6 – por volta de 433 AC), o que parecia acontecer era um desrespeito às coisas santas e uma negligência dos sacerdotes em relação ao seu oficio (Ml 1: 6-14; Ml 2: 8-9; Ml 2: 10-16; Ml 3: 14), fazendo seu povo desviar por falta da verdadeira palavra de Deus. Havia roubo nos dízimos e nas ofertas, mas não parecia haver uma crueldade no trato com os judeus por parte dos seus líderes. Por isso, nós podemos pensar que isso começou a acontecer após 333 AC, com a subida de Alexandre e do império grego, mais especificamente, durante o período Selêucida sobre Israel (198-167 AC - após o reinado de Antíoco III, também chamado Antíoco III Magno ou Antíoco, o Grande - 223-187 AC), pois no período Ptolomaico (323-198 AC) Israel foi tratado de maneira tolerante pelos egípcios.

O que sabemos é que Antíoco III garantiu aos judeus a liberdade de culto e permitiu-lhes cobrar impostos destinados ao templo de Jerusalém. Seu filho Seleuco IV Filopator reinou em seu lugar no período de 187-175 AC. Antíoco IV Epifânio era o filho mais novo de Antíoco III Magno e irmão de Seleuco IV Filopator. Governou a Síria entre 175-164 AC. Nessa época, a Judéia era governada por sumo sacerdotes (os 'pastores' descritos por Zacarias) que, corrompidos e com sede de poder, não se importavam mais com o povo; eram pastores imprestáveis. Isso nos conduz ao versículo seguinte, onde entenderemos o que Deus estava dizendo sobre puni-los.

• v. 6: 'Certamente, já não terei piedade dos moradores desta terra, diz o Senhor; eis, porém, que entregarei os homens, cada um nas mãos do seu próximo e nas mãos do seu rei; eles ferirão a terra, e eu não os livrarei das mãos deles'.

Quando se fala 'entregarei os homens, cada um nas mãos do seu próximo' nós pensamos numa guerra civil. E 'seu rei' se refere ao rei Selêucida, em especial a Antíoco IV Epifânio (175-164 AC). No período helenístico ocorreu a ascensão de um partido judaico pró-helênico que se desenvolveu pela primeira vez na diáspora judaica de Alexandria e Antioquia (na Síria), e depois se espalhou para a Judéia, por exemplo, na família dos Tobíadas, da qual Menelau ou Menaém, o sumo sacerdote, provavelmente fazia parte, sendo um desses simpatizantes. Os Tobíadas eram da terra de Amom. Willreich (um bispo alemão de Bremen, Alemanha, século IX) os associa com Tobias, o servo amonita mencionado por Neemias, e que veio do distrito jordaniano oriental.

Quando Antíoco IV Epifânio se tornou governante do Império Selêucida em 175 AC, ele substituiu o sumo sacerdote Onias III (185-175 AC) por Jason (175-172 AC), e Menelau foi colocado como segundo homem no sacerdócio. Para Antíoco IV, o sumo sacerdote era apenas um governador local dentro do seu reino, mas para os judeus ortodoxos o sumo sacerdote era alguém nomeado por Deus. Em 172 AC, Menelau foi enviado por Jason a Antioquia para pagar o tributo anual para Antíoco IV, e aproveitou a oportunidade para subornar o rei e ganhar o cargo de sumo sacerdote. Conseguiu o que queria, com o apoio dos Tobíadas; o povo se revoltou, apoiando Jason, mas pôde apenas se submeter diante das tropas de soldados ciprianos enviados por Antíoco para subjugar qualquer oposição dos seguidores do antigo sumo sacerdote. Além disso, as tropas foram enviadas para coletar o tributo que Menelau havia prometido. Com o auxílio de seu irmão Lisímaco, Menelau roubou vasos sagrados do templo e os deu ao rei Selêucida, enquanto Jason fugiu de Jerusalém e encontrou refúgio na terra dos amonitas. O sumo sacerdote Onias III acusou publicamente Menelau de roubar o templo, mas este o matou. Menelau foi preso pelo assassinato de Onias e acusado perante Antíoco, mas com suborno ele se livrou do julgamento. Ele continuou a saquear os tesouros do templo até que seu irmão Lisímaco morreu num outro tumulto em Jerusalém em 170 AC.

Antíoco IV Epifânio se envolveu na Sexta Guerra da Síria contra o Egito (170 AC) e seus reis, os irmãos Ptolomeu VI Filometor e Ptolomeu VIII Evérgeta II, conquistando a estratégica cidade de Pelúsio (no nordeste do delta do Nilo). Daniel (Dn 11: 21-28) se refere a este episódio de guerra entre Antíoco e Ptolomeu VI Filometor (Dn 11: 28: 'O homem vil tornará para a sua terra' ou 'O rei do norte voltará para a sua terra'), pois Antíoco foi forçado a deixar o Egito devido às dificuldades em sua pátria (traições por parte do seu próprio povo contra ele). No caminho de volta (levando muito despojo), ele saqueou Jerusalém e o tesouro do templo. O rei Selêucida, que já havia tomado Chipre e Mênfis, voltou para Alexandria, tentando tomar o Egito numa segunda expedição em 168 AC, mas se encontrou com o cônsul romano Caio Popílio Lenas na cidade de Elêusis (Egito). Ali, Caio Popílio Lenas lhe deu um ultimato em nome do senado romano para que ele saísse imediatamente de Chipre e do Egito. Depois deste episódio, Antíoco centrou a sua atenção na Judéia, procurando também levar o helenismo definitivamente para lá e anexá-la a Roma; não apenas na Judéia, mas também na Fenícia. Durante o reinado do seu pai Antíoco III Magno foi concedida ampla autonomia religiosa aos judeus já se encontravam divididos em dois partidos, um dito 'piedoso' (tradicional) e outro que favorecia a helenização e a romanização, sendo este último mais rico e composto por pessoas mais importantes diante da sociedade, como Menelau. Antíoco apoiou este último partido. Nesta época, Jason fez uma tentativa

fracassada de recuperar o controle de Jerusalém. Ele fugiu de novo para Amom, depois para Egito e morreu na Lacedemônia (ou Lacônia, na Grécia, na região do Peloponeso, cuja capital era Esparta).

Então, na volta da segunda guerra contra o Egito (168-167 AC), Antíoco IV Epifânio conquistou Jerusalém, que passou a ser permanentemente controlada por soldados. Enviou um grande exército contra a cidade e tomou-a em ataque relâmpago; matou 40.000 pessoas; vendeu muitos judeus como escravos. Ali, Antíoco IV cometeu sacrilégio, mandando sacrificar um porco no altar e borrifar o sangue no templo; invadiu o Santo dos Santos e pilhou os vasos de ouro e outros utensílios sagrados, no valor de mil talentos. Ele procurou estabelecer o helenismo à força, instituindo como lei a destruição dos exemplares das Escrituras e proibindo o culto judaico: a observância do Shabbat, as proibições alimentares e até a circuncisão. Alguns historiadores relatam que, além de ele saquear o templo e matar as 40.000 pessoas referidas acima, as mães que circuncidavam seus bebês foram mortas junto com suas famílias. Daniel se refere a isso (Dn 11: 31: 'Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrificio diário, estabelecendo a abominação desoladora'). No Templo de Jerusalém foi instalada uma estátua do deus grego Zeus (Júpiter para os romanos). Antíoco IV deixou Menelau governando os judeus como sumo sacerdote.

O profeta Daniel também comenta sobre a atitude de alguns judeus incrédulos, entre eles Menelau (provavelmente da família dos Tobíadas) e Jason (amonita), que facilitaram a infiltração de Antíoco Epifânio na Cidade Santa. O profeta os chama de 'os violadores da aliança' (Dn 11: 32: 'Aos violadores da aliança, ele, com lisonjas, perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo'). 'O povo que conhece ao seu Deus se tornará forte' se refere aos Macabeus e aos judeus que resistiram à tentativa de helenização. Esta situação (romanização e helenização da Judéia) gerou descontentamento entre os judeus fiéis como Matatias e seus filhos: João, Simão, Judas (o Macabeu), Eleazar e Jônatas (a família Hasmoneana, conhecida como Macabeus). Macabeu significa 'martelo'. Eles viviam num vilarejo chamado Modiín (em Hebraico: מוֹדיִעִין), a mais ou menos trinta e dois quilômetros a oeste de Jerusalém e trinta e cinco quilômetros a sudeste de Tel Aviv, no local hoje conhecido como Modi'in-Maccabim-Reut.

A revolta eclodiu quando um grupo de gregos reuniu os habitantes do vilarejo na praça onde fora erguido um altar com ídolos. O general grego exigiu que João fizesse oferendas naquele lugar. Este, porém, recusou-se veementemente e sua atitude fez irromper a revolta, pois seu pai, Matatias, matou um judeu helenista que deu um passo a frente para oferecer sacrifício a um ídolo. Os estudiosos modernos dizem que tudo começou numa guerra civil entre judeus tradicionalistas e judeus helenizados em Jerusalém (por isso Zacarias escreve: 'entregarei os homens, cada um nas mãos do seu próximo e nas mãos do seu rei; eles ferirão a terra, e eu não os livrarei das mãos deles' – Zc 11: 6).

O que começou como uma guerra civil e como uma rebelião religiosa foi gradualmente se transformando em uma guerra de libertação nacional, quando o reino da Síria se uniu aos judeus helenistas em seu conflito com os tradicionalistas. Matatias e seus cinco filhos fugiram para o deserto de Judá. Matatias faleceu já em idade avançada, e seu filho, Judas Macabeu, foi nomeado general. Ele adotou a estratégia de guerrilhas, pegando o inimigo em ataques-surpresa. Os Macabeus acabaram por expulsar as tropas de Antíoco IV de Jerusalém. Em 162 AC Menelau foi executado, e Antíoco V Eupator (o filho e sucessor de Antíoco IV) colocou Álcimo (162-160 AC) em seu lugar. Seu comandante, Lísias, concordou com um compromisso político que restaurou a liberdade religiosa dos judeus. A Revolta dos Macabeus durou de 167 AC a 160 AC. Judas queria

retomar Jerusalém para purificar o templo. Ao chegar lá, encontrou apenas desolação, ruínas, ídolos e estátuas por toda parte. Mas ele e seu exército purificaram ritualmente o templo, restabelecendo o culto judaico tradicional. Judas Macabeu faleceu e foi sucedido por seu irmão Jônatas Macabeu, que se tornou sumo sacerdote em Jerusalém (153-143 AC).

• v. 7: 'Apascentai, pois, as ovelhas destinadas para a matança, as pobres ovelhas do rebanho [NVI: Eu me tornei pastor do rebanho destinado à matança, os oprimidos do rebanho]. Tomei para mim duas varas: a uma chamei Graça [NVI: Favor; KJV: Beleza], e à outra, União; e apascentei as ovelhas'.

A versão ARA diz: 'Apascentai' – o verbo está no imperativo, na segunda pessoa do plural, como uma ordem de Deus, mas para quem? O profeta estaria falando em nome de Deus para os líderes?

Entretanto, na NVI está escrito em primeira pessoa, ou seja, que ele tomou a decisão: 'Eu me tornei pastor do rebanho destinado à matança, os oprimidos do rebanho'.

Nas versões em inglês (NRSV, KJV, NIV), o versículo é igualmente colocado na primeira pessoa do singular, significando o profeta, representando o papel de Deus para com o seu povo.

Podemos dizer que, da mesma forma que com Jeremias e Ezequiel, Zacarias estava encenando a palavra que recebeu do Senhor, e pegou uma vara, à qual deu o nome de 'Graça' [NVI: Favor], e outra, à qual deu o nome de 'União', da mesma maneira que Deus estava lidando com o Seu povo: com graça (favor, misericórdia) e trazendo a ele a união. Há também uma relação disso com o pastoreio de Jesus.

A palavra 'Graça', em hebraico, é nô'am (Strong #5278), que significa: prazer, satisfação, esplendor; beleza, sentimento agradável, encanto, suavidade. É derivada de uma raiz primitiva (na'em — Strong #5276), que significa: ser agradável (literal ou figurativamente): andar com beleza, ser um prazer, ser agradável, ser doce.

A palavra 'União', em hebraico, é Chabal ou Chêbel (Strong #2254), que significa: enrolar com força (como uma corda), isto é, ligar; especificamente, por uma promessa, penhor, juramento; figurativamente, perverter, destruir, se retorcer em dor (especialmente de parto); banda, faixa, produzir, coisa corrupta, corruptamente, ofender, colocar em penhor, tomar em penhor, tomar uma promessa, estragar, arruinar, botar a perder, trabalho de parto, trabalho penoso, reter.

Em se tratando do profeta e do povo da antiga aliança, Deus diz que estava derramando sobre eles o Seu favor e Sua misericórdia, Sua bela ordem de governo e Sua satisfação. Isso seria agradável a eles. Também era uma promessa de união entre Seus filhos no período pós-exílio, Judá e Efraim, pela misericórdia divina derramada em resposta à obediência dos seus corações à palavra vinda da boca de Seus profetas; mais exatamente, a misericórdia divina derramada sobre governantes civis e eclesiásticos submissos a Ele. Com seus corações amolecidos pelo amor de Deus, a união se tornaria mais fácil entre os irmãos. O povo ainda é descrito como 'rebanho da matança' (cf. v.4), mas as ovelhas também são chamadas 'as pobres ovelhas do rebanho' (expressão é repetida no v.11) o que provavelmente significa o remanescente fiel dentro de Israel.

Jesus, como uma figura do Bom Pastor, uniria judeus e gentios debaixo da graça, do favor imerecido de Deus, numa só família: Sua Igreja (Jo 10: 16). As ovelhas destinadas para a matança nas mãos de Satanás, as oprimidas, as pobres de espírito que sentiam sede da Sua palavra, essas encontrariam o descanso e o consolo de um verdadeiro pastor, pois Ele era ao mesmo tempo o Rei e o sacerdote delas. As ovelhas humildes, pobres, oprimidas, podem se referir aos discípulos e aos seguidores de Cristo,

as que foram escolhidas para serem dEle e para ouvirem a Sua voz (Jo 10: 4; 11; 27-28; Jo 1: 12-13).

Da mesma forma que o profeta estava dizendo que pegou as duas varas e começou a apascentar as ovelhas, Jesus começou Seu ministério na terra apascentando Suas ovelhas, as ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 10: 6).

- v. 8 (ARA): 'Dei cabo dos três pastores num mês. Então, perdi a paciência com as ovelhas, e também elas estavam cansadas de mim' [NVI: Em um só mês eu me livrei dos três pastores. Porque eu me cansei deles e o rebanho me detestava], ou [NRSV, em inglês: Em um mês eu descartei os três pastores, pois eu me tornei impaciente com eles, e eles também me detestavam].
- 'Dei cabo', 'eu me livrei', 'eu descartei' isso significa ficar livre de alguma coisa, de alguém ou de um aborrecimento, ou seja, isso deixou de incomodar. Não significa, necessariamente, que o problema foi eliminado matando pessoas, mas que, de alguma forma, esses pastores deixaram de ser um problema para o Bom Pastor.
  - A segunda pergunta passa a ser: qual a identidade desses três pastores?

Se pensarmos no AT na pessoa de Deus Pai como o autor desta decisão, não é possível saber quem eram eles, da mesma forma em se tratando do profeta que, provavelmente, entrou em choque com os líderes do seu povo pelo ato de obedecer a Deus e pastorear as ovelhas, como lhe fora ordenado; afinal, Zacarias era sacerdote. É comum a interpretação desses personagens bíblicos como: o rei, o profeta e o sacerdote. Mas no caso de Zacarias não havia rei governando o seu povo, a não ser um imperador ímpio, como os persas (no presente) e os gregos (no futuro). Caso Zorobabel ainda estivesse vivo e no posto de governador de Judá, não parecia ser oposição ao profeta; tampouco Josué, o sumo sacerdote, a figura do Messias Renovo. No caso de Zacarias, poderia ser outros sacerdotes levitas, separados para ensinar, mas que no momento estavam afastados do caminho de Deus.

O que importa para nós aqui é Jesus, uma vez que esta profecia diz respeito ao Seu ministério e ao Seu papel de Bom Pastor das Suas ovelhas. Então, os três pastores podem dizer respeito aos mestres da lei: saduceus, fariseus e escribas, pois foi com eles que Jesus mais discutiu. O sumo sacerdote e os sacerdotes levitas que desempenhavam sua função no templo não eram Seus oponentes declarados, presentes nas Suas pregações e nos Seus milagres. Eles eram informados pelos mestres da lei, e só o viram de perto dentro do Sinédrio, e conversaram pessoalmente com Ele na hora do Seu julgamento. Podemos dizer que eles estavam por trás dos bastidores, enquanto os mestres da lei é que instigavam o povo abertamente contra Ele e contra Sua doutrina.

• A terceira expressão importante é: 'num mês' ou 'em um só mês'. Da mesma forma que no comentário anterior não se pode afirmar nada em relação ao profeta nem a alguma atitude de Deus no AT em relação a esse período de tempo. O que se pode pensar é que, em se tratando de Jesus, o mês da Páscoa foi o mês em que todas as profecias se cumpriram quanto à Sua missão como Messias e Redentor de Israel, em especial o dia de Sua morte, quando ficou claro para todos o que Deus estava fazendo com Seu povo: um novo começo, uma nova criação, o fim de uma dispensação, o término de uma aliança que, por si só, já tinha se mostrado falida (Hb 8: 13). Então, ao morrer na cruz, Jesus manifestou claramente o que havia pregado por três anos como a doutrina verdadeira do Pai, acabando de vez com a doutrina venenosa e corrupta dos mestres da lei e com o seu 'pastoreio' sobre Israel. Ele morreu, ressuscitou, entrou novamente na Sua glória e, ficou livre dos três pastores definitivamente. Eles não mais O importunariam, nem as Suas ovelhas, que estavam agora separadas para uma nova

vida e uma nova missão. Elas tinham agora um novo dono, um novo mestre, e não mais se submeteriam à matança e ao abate de Satanás, mas tinham a vida eterna.

• A bíblia também diz: 'Então, perdi a paciência com as ovelhas, e também elas estavam cansadas de mim'.

Se pensarmos em Zacarias dizendo isso, ficamos novamente sem explicações em relação a essa afirmação; por isso, podemos entender que era Deus Pai falando, que Sua paciência com Seu povo havia se esgotado, depois de milênios de tentativas de reconciliação. Seu povo se recusava a se submeter a Ele, apesar do que já tinha sofrido, o que implica em um novo juízo para a correção dos seus caminhos; na verdade, uma 'última chance' ou um 'preparo' para a vinda do Messias (cf. v. 9-10).

Por isso, o versículo nos leva a pensar novamente em Jesus, contra o qual o desprezo e oposição de Israel foram bem nítidos e declarados (cf. v. 12, quando Ele é avaliado em trinta moedas de prata). O NT fala sobre isso em algumas passagens do Seu ministério:

- 'Perdi a paciência com as ovelhas' Mt 23: 1-36 (repreende os escribas e fariseus); Mt 21: 43 ("Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos"); Lc 13: 34-35 ("Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. E em verdade vos digo que não mais me vereis até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!").
- 'E também elas estavam cansadas de mim' Mt 26: 3-5 ("Então, os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás; e deliberaram prender Jesus, à traição, e matá-lo. Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo"); Mt 27: 23; 25 ("Que mal fez ele? Perguntou Pilatos. Porém cada vez clamavam mais: Seja crucificado!... E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos"); Jo 1: 11 ("Veio para o que era seu, e os seus não o receberam"); Jo 8: 43-44; 47 ("Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem? É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra. Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhes os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira;... Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso, não me dais ouvidos, porque não sois de Deus"); Jo 10: 25-26 ("Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo disse, e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito. Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas").
- v. 9: 'Então, disse eu: não vos apascentarei; o que quer morrer, morra, o que quer ser destruído, seja, e os que restarem, coma cada um a carne do seu próximo' em relação ao povo do Antigo Testamento, Deus fala através do profeta que o Seu juízo já está determinado. Seu povo vai ser novamente entregue à espada, à fome, às divisões, aos sítios de suas cidades pelos inimigos. O Império Grego sob Alexandre e seus sucessores foram os instrumentos de Deus para disciplinar Seu povo. Como foi comentado no versículo 6 sobre Antíoco IV e os Selêucidas, o que ocorreu com os judeus fez parte do juízo do Senhor, acrescido pelas guerras civis que ficaram mais evidentes na época dos Macabeus e do período Hasmoneano (estes líderes também brigaram entre si).

Em 65-64 AC, o Império Selêucida foi anexado à República Romana. Assim, terminou também o Período Hasmoneano, e teve início o Período Romano, quando Pompeu invadiu Jerusalém (63 AC) e Herodes, o Grande, subiu ao poder como rei (37-4 AC). Antígono (40-37 AC) foi o último rei da dinastia Hasmoneana, que alguns dizem ter sido executado por Herodes, o Grande, em 37 AC. Durante a dinastia Herodiana as coisas não ficaram melhores para Israel. Herodes era filho de Antípatro, um Idumeu (ou Edomita), colocado pelo general romano Pompeu como procurador da Palestina em 67 AC. Antípatro prosperou na corte dos últimos soberanos Hasmoneus e passou a governar a Judéia após a ocupação romana. Herodes, o Grande, se casou com Mariamne I (sua 2ª esposa, neta do sumo sacerdote João Hircano II e sobrinha de Antígono, o último sumo sacerdote da dinastia Hasmoneana) e nomeou Ananelus (37-36 AC) para o cargo sacerdotal, sendo este sucedido por Aristóbulo III da Judéia (36 AC), com 17 anos de idade. Aristóbulo III era cunhado de Herodes, o Grande e irmão de Mariamne I; foi assassinado por Herodes, que já havia assassinado João Hircano II da Judéia (36 AC). Ananelus voltou a ser sumo sacerdote (36-30 AC), e depois dele, Joshua ben Fabus (30-23 AC). A linhagem sacerdotal se segue com: Simon ben Boethus (pai de Mariamne II, que se casou com Herodes, o Grande; 3ª esposa) → Joazar ben Boethus (4 AC) → Eleazar ben Boethus (4-3 AC) → Anás (6-15 DC – Ananus ben Seth ou Anás ben Sete, o pai, o Anás dos Evangelhos) → Caifás (18-36 DC, genro de Anás: Lc 3: 2; Jo 18: 13. Escolhido pelos romanos para o cargo). Os cinco filhos de Anás também serviram como sumo sacerdotes: Eleazar ben Anás (16-17 DC), Jônatas ben Anás (36-37 DC, depois da morte de Caifás), Teófilo ben Anás (37-41 DC), Matias ben Anás (43 DC), Anás ben Anás (63 DC).

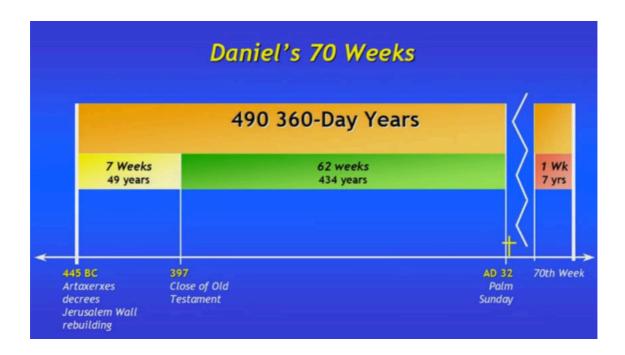
Herodes, o Grande, não só interferiu de maneira danosa na escolha dos sumo sacerdotes, como foi um péssimo governante civil, transmitindo esse mau comportamento para seus descendentes.

Quanto à profecia de Zacarias (Zc 11: 9), parece que o julgamento divino decorrente dela continuou após a vinda de Jesus e Sua rejeição pelo povo judeu (cf. v.12), pois Ele mesmo confirmou a palavra do Pai ao se referir à destruição de Jerusalém por Tito ("Mas Jesus lhe disse: Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada" – Mc 13: 2 – cf. Mt 24: 2; Lc 21: 6).

A profecia de Zacarias (Zc 11: 9) também pode ser confirmada pela de Daniel (Dn 9: 24-26) sobre as setenta semanas: "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia [NVI: cumprir a visão e a profecia] e para ungir o Santo dos Santos [ou Lugar Santíssimo]. Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe [NVI: até que o Ungido, o príncipe, venha], sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações (muralhas) se reedificarão, mas em tempos angustiosos [NVI: Ela será reconstruída com ruas e muros, mas em tempos difíceis]. Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido [a primeira vinda de Jesus e Sua morte] e já não estará [NVI: e já não haverá lugar para ele]; e o povo de um príncipe que há de vir [NVI: povo do governante que virá] destruirá a cidade e o santuário [Refere-se a Tito, que destruiu Jerusalém e o templo], e o seu fim [o fim de Jerusalém] será num dilúvio [NVI: como uma inundação], e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas [como num dilúvio de sangue derramado em guerra após guerra. Até os tempos do fim, Israel e Jerusalém sofrerão guerras, é o que quer dizer]".

As setenta semanas representam um tempo (segundo alguns teólogos, os anos depois da construção dos muros de Jerusalém em 445 AC, mais o período de silêncio de

Deus após o profeta Malaquias – 400 anos) que terminaria com a ascensão de Cristo (após Sua ressurreição – 30 DC), tendo os "seis alvos" divinos cumpridos (Dn 9: 24) com a Sua morte na cruz: fazer cessar a transgressão, dar fim aos pecados, expiar a iniquidade, trazer a justiça eterna, selar a visão e a profecia (em Jesus terminaram as profecias sobre a restauração messiânica sobre Israel), ungir o Santo dos Santos.



Na imagem acima (cf. Dn 9: 25) o anjo separa as sete semanas (quarenta e nove anos, que vai da construção de Jerusalém até o início do Período Intertestamentário, e os outros quatrocentos e trinta e quatro anos, ou seja, sessenta e duas semanas, até a morte e ascensão de Jesus). O espaço com a linha em ziguezague, em branco, corresponde ao período entre a 1ª e a 2ª vinda de Cristo, o período da igreja, onde houve a destruição do templo por Tito em 70 DC. E a última semana (sete anos) no final da figura corresponde à Grande Tribulação e completará as setenta semanas (quatrocentos e noventa anos) descritas pelo profeta em Dn 9: 24. Portanto, essa visão não só diz respeito à primeira vinda de Cristo como também à Sua segunda vinda.

A primeira guerra judaico-romana (66-70 DC), às vezes chamada de grande revolta judaica, foi a primeira de três grandes rebeliões dos judeus da Judéia contra o Império Romano. Começou no ano 66 DC, inicialmente devido a tensões religiosas entre gregos e judeus com protestos anti-taxações e ataques a cidadãos romanos. Terminou quando as legiões romanas sob o comando de Tito (Tito Flávio Vespasiano Augusto, filho de Tito Flávio Sabino Vespasiano) sitiaram e destruíram o centro da resistência rebelde em Jerusalém em 01 de agosto de 67 DC, culminando com a destruição do templo em 70 DC, e derrotaram as restantes forças judaicas [3 ½ anos]. Esse fato não só foi um marco do cumprimento das profecias de Jesus (Mt 24: 1-2; Mc 13: 1-2; Lc 21: 5-6), como também foi retratado em forma de relevo no Arco de Tito, em Roma. O Arco de Tito, todo feito de mármore, foi erigido como um triunfo comemorando a conquista de Jerusalém, e construído em 81 DC após a morte do imperador por causa de uma febre. No Arco pode-se ver esculpidos a mesa com os pães da proposição, as trombetas de prata e a Menorá. Nele, pode-se ler a seguinte inscrição:

"SENATVS:POPVLVSQVE:ROMANVS:DIVO:TITO:DIVI:VESPASIANI:(FILIO)

VESPASIANO·AVGVSTO", que significa: "O senado e o povo romano [dedicam] ao divino Tito Vespasiano Augusto, filho do divino Vespasiano".

Houve uma diferença entre a atitude de Pompeu quando entrou em Jerusalém em 63 AC, anexando a província da Judéia à República Romana, e a atitude de Tito, em 70 DC. Pompeu entrou no Santo dos Santos com seus oficiais, o que era um grave insulto para os judeus. Entretanto, por respeito à santidade do templo, ordenou que nada fosse removido ou danificado. Pompeu considerou necessário, talvez, demonstrar seu poder ao entrar no templo, mas mostrou sua disposição de respeitar a fé judaica e deixar seu lugar sagrado inviolado, a não ser se os judeus o forçassem a destruí-lo.

Tito, ao contrário, cercou a cidade com três legiões sobre o lado oeste e uma legião sobre o Monte das Oliveiras, a leste. Tito cortou os alimentos e a água à cidade; permitiu a entrada de alguns judeus para celebrar a Páscoa negando depois sua saída. Após tentativas frustradas de negociação entre judeus e romanos, Tito entrou com as legiões, destruindo a parte exterior das muralhas e crucificando os desertores judeus em torno delas. Os judeus já estavam se rendendo por causa da fome. Flávio Josefo relata que a fome em Jerusalém em função do cerco de Tito era tão intensa, a ponto de ser praticado o canibalismo. Os romanos tiraram vantagem desta fragilidade, rompendo as partes internas das muralhas e penetrando na cidade. Eles tomaram a Fortaleza Antônia, que era não somente uma torre forte de vigia, mas também a residência do procurador romano quando estava em Jerusalém. Mais de um milhão de cidadãos foram assassinados durante o sítio, a maioria deles judeus. Milhares de pessoas foram capturadas e escravizadas. Muitos escaparam para locais próximos do Mediterrâneo. Sob o comando de Tito, os soldados também invadiram o templo, após ser incendiado por uma tocha de fogo lancada contra ele. A cidade foi saqueada e os objetos sagrados levados para Roma. Na muralha sul do templo, os romanos sacrificaram águias aos seus deuses. Sua campanha na Judéia terminou com a invasão da fortaleza de Massada a sudoeste do Mar Morto, onde alguns zelotes (um dos partidos radicais da Judéia, juntamente com os sicários) se refugiaram e resistiram, mas tudo acabou num suicídio em massa, pois os judeus preferiram se suicidar a se render.

Na época dos romanos, diferentemente da época pós-exílio, Israel era composto pela terra de Judá, Samaria, Iduméia e Galiléia, todas essas regiões englobadas sob o nome de Província da Judéia (ou Palestina), debaixo do governo de Roma.

A Judéia (Palestina) estava dividida por muitos partidos em constante desacordo, o que propiciou a entrada de Tito ali.

Os **zelotes** tinham sua origem no revolucionário Judas Galileu que em 6 DC liderou uma revolta contra o pagamento de impostos a Roma. Os rebeldes em Jerusalém no momento da invasão romana eram do grupo dos zelotes, dos sicários e de outros grupos extremistas não mencionados por nome pelos historiadores.

Os **sicários** parecem ter sido um grupo mais extremista dentro do partido radical separatista dos zelotes, que tentaram expulsar da Judéia os romanos e seus simpatizantes. Os sicários (em latim: sicarius, 'homem da adaga'; pl. sicarii) utilizavam a 'sica', um tipo de adaga pequena, escondida em seus mantos, e com essas adagas eles agiam em reuniões públicas, atacando os romanos ou os judeus simpatizantes. Os sicários, os zelotes e outros tipos de revolucionários invadiram Jerusalém em 66 DC e, por algum tempo, conseguiram livrá-la dos romanos, retomando o controle do templo. Mas a própria população os expulsou e a cidade voltou a ficar à mercê de Roma. O historiador Flávio Josefo responsabiliza os zelotes por incitar a revolta que conduziu à destruição de Jerusalém e do Templo.

Além desses grupos extremistas havia outros partidos político-religiosos que também estavam em oposição constante: os fariseus, os saduceus e os essênios, que

surgiram durante a fase do período Ptolomaico, em especial, durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (250-198 AC).

Fariseus (do hebraico פרושים) eram um grupo de devotos à Torá, que surgiram quase que concomitantemente com os outros dois no séc. Il AC (surgiram por volta de 150 AC, durante o período de Jônatas Macabeu como Sumo Sacerdote de Israel - 153 a 143 AC). Foram os criadores da instituição da sinagoga. Depois da destruição do templo por Tito e da queda do poder dos saduceus, os fariseus tiveram uma maior influência dentro da comunidade judaica e se tornaram os precursores do judaísmo rabínico. Fariseu significa 'separado', 'santo'. O nome, em latim, é Pharisaeus; que vem do grego antigo, Φαρισαίος (Pharisaios), e do hebraico, prushim ou perushim, que procede da raiz parash, que significa 'separar', 'afastar', pois era um partido religioso judeu caracterizado pela oposição aos outros religiosos de sua época e pela observância exageradamente rigorosa das prescrições legais da Torá e das tradições que eles haviam estabelecido. Provavelmente, os fariseus tiveram sua origem nos 'hassidim' (os piedosos), que apoiaram a revolta dos Macabeus (167-160 AC). Entre o período de 160-63 AC, os Macabeus lideraram a nação como reis e sacerdotes, mas isso provocou divisões na sociedade israelita porque os Macabeus não eram da linhagem de Davi nem de Zadoque (descendente de Arão) e, portanto, não poderiam ocupar nem o cargo civil nem o sacerdotal. Por isso, encontraram oposição por parte dos saduceus, que se diziam pertencer à linhagem de Zadoque, portanto, com direito ao sumo sacerdócio. Mais tarde os fariseus deixaram de disputar o posto de governante civil da nação, mas não se afastaram totalmente da política, pois se achando peritos em religião eles acabaram por controlar a religião do Estado judaico, e usavam os meios políticos para atingir os fins espirituais. Mas nunca deixavam de pensar no interesse público, pois julgavam importante o ensino das escrituras e das tradições dos antepassados à população judaica. Acreditavam que a lei oral existia e era tão autorizada e inspirada por Deus quanto a Torá ou lei escrita. Faziam parte do Sinédrio, que era um tribunal formado por sacerdotes, anciãos e escribas, o qual julgava as questões cerimoniais ou administrativas referentes a uma tribo ou a uma cidade, os crimes políticos importantes etc. Correspondia à Suprema Corte Judaica ou Tribunal de Justiça. Eles também participavam da liderança da sinagoga e do seu culto, assim como das escolas. A maioria dos fariseus não era da classe sacerdotal e, portanto, não dependia exclusivamente do Templo para viver. Em geral, eles eram pessoas de classe média que trabalhavam em várias profissões, como comerciantes, artesãos e agricultores. Alguns fariseus eram ricos, mas a maioria era de classe média e vivia de seu trabalho. Alguns fariseus tinham a função de escribas.

Os **escribas**, do hebraico Sõpherïm, também chamados doutores ou mestres da lei, eram técnicos no estudo da lei de Moisés (Torá). Surgiram depois do exílio babilônico e exerciam influência principalmente na Judéia, mas também podiam ser encontrados na Galiléia e entre a dispersão judaica. **Junto com os fariseus**, foram os criadores do culto na sinagoga. Alguns deles eram membros do Sinédrio. Os escribas tiveram sua importância aumentada depois do ano 70 DC. Transmitiam fielmente as Escrituras hebraicas. Tinham tríplice função: a) Preservavam a lei, portanto, eram responsáveis pela transmissão escrita dos manuscritos e pela interpretação dos mesmos. b) Tinham discípulos e faziam conferências no templo. c) Eram chamados doutores da lei e mestres da lei, por serem juízes do Sinédrio. Não eram pagos pelo serviço que prestavam para ele; tinham que ganhar a vida por outros meios.



Fariseus

Os Saduceus eram uma seita ou um grupo de judeus presentes na Judéia desde o período do 2º templo, e floresceram do século II AC ao século I DC. Alguns estudiosos afirmam que os saduceus eram descendentes de Zadoque (em hebraico: Tsadoq, צדוק, que significa 'justo') um sacerdote descendente de Eleazar, filho de Arão (1 Cr 6: 4-8). Ele oficiou como sacerdote nos tempos de Davi e Salomão. Desde o tempo dos Macabeus os saduceus discordavam dos fariseus. Os saduceus eram inicialmente partidários do helenismo, enquanto que os fariseus eram da facção ortodoxa. Seus membros eram considerados como a elite religiosa, social e econômica na Judéia; por isso, detinham o poder político no Sinédrio. Cumpriam várias funções políticas, sociais e religiosas, dentre as quais, os sacrificios e a administração dos fundos do Templo. A maioria dos saduceus era rica e não precisava depender de um trabalho secular comum para sobreviver. Discordavam dos fariseus na questão da lei oral, a qual eles não aceitavam, negavam a ressurreição, anjos e espíritos (At 23: 8). Perduraram até algum tempo depois de 70 DC, quando o templo e a cidade de Jerusalém foram destruídos pelos romanos, mas deixaram sua marca em todas as tendências anti-rabínicas dos primeiros séculos (DC) e da época medieval. O conflito entre estes dois partidos (Saduceus e Fariseus) foi o desastre dos últimos anos da cidade de Jerusalém.



Saduceu

Os **Essênios** eram um movimento místico-religioso (sem orientação política) que rejeitava os sumos-sacerdotes apontados pelos Selêucidas ou pelos Hasmoneus, por considerá-los ilegítimos. O nome 'essênio' (em grego: essaioi; em síriaco: essaya ou essenoí; no aramaico: chasajja; e em latim: esseni) significa 'piedoso'. Eles tinham como doutrina a renúncia dos prazeres da carne para poderem atingir a santidade espiritual. Viviam em Qumran (ou Khirbet Qumran, nome do atual local arqueológico, que em hebraico significa: 'ruína da mancha cinzenta') que era um lugar localizado na Cisjordânia a mais ou menos mil e seiscentos quilômetros noroeste do Mar Morto, a doze quilômetros de Jericó e vinte e dois quilômetros de Jerusalém. A colônia de Qumran era conhecida como 'fortaleza dos piedosos', e comportava de 200 a 300 pessoas. Ela foi abandonada em 31 AC, após um incêndio e um terremoto, mas foi reconstruída e permaneceu até o século I DC, quando os romanos a destruíram em 68 DC. O nome 'Qumran' é moderno; ele é derivado de 'qamar', que em árabe significa: 'lua'.



Essênio



Zelote

O nome do local no período do Segundo Templo foi provavelmente, Secacah, que significa: 'cidade do sal'. Hoje, Qumran se resume apenas a ruínas. Os essênios eram

muito preocupados com a limpeza do corpo (se lavavam constantemente) como um símbolo da purificação da alma. Faziam voto de Nazireado (consagração a Deus, não cortando os cabelos, não tomando vinho ou qualquer produto derivado da uva e não tocando em cadáveres), por isso eram chamados Nazireus (uma palavra que, muitas vezes, é erroneamente traduzida como 'Nazarenos'). Os Essênios guardavam o nome de Deus o (tetragrama sagrado – YHWH) dado a Moisés no Sinai, ao contrário dos demais judeus (principalmente Fariseus e Saduceus) que não podiam pronunciá-lo. Eles acreditavam que o ser humano era o tabernáculo de Deus na terra, não construído por mãos humanas, e também aguardavam o Messias. Alguns dos primeiros cristãos eram essênios. Essa compreensão ('o ser humano era o tabernáculo de Deus na terra') também era compartilhada pelos Fariseus, integrantes da comunidade de escribas e sábios.

A luta pelo poder entre os líderes dessas três facções (Saduceus, fariseus e zelotes) era sangrenta e mortal. E isso propiciou a entrada de Tito na Judéia e na cidade.

• v. 10: 'Tomei a vara chamada Graça [NVI: Favor] e a quebrei, para anular a minha aliança, que eu fizera com todos os povos [NVI: nações]'.

Deus fala através da boca e da atitude do profeta que está quebrando Seu pacto com Israel. O Senhor pegou Sua vara chamada 'Graça' e a quebrou, removendo o Seu favor sobre os judeus, até sobre os que estavam dispersos entre as diversas nações (a Diáspora Judaica), e isso afetaria também a todos os povos. Como? Deus tinha dito a Abraão: "Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12: 3). E em Gálatas, Paulo repete: "Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos" (Gl 3: 8). Assim os judeus foram inicialmente escolhidos e abençoados por Deus para que pudessem ser luz para outros povos, i.e, para que estes pudessem conhecer a luz da verdade através do Deus de Abraão. Ao quebrar essa vara (Graça), a aliança estava sendo quebrada com os judeus e, conseqüentemente, com todos os povos, por isso o profeta escreveu: 'para anular a minha aliança, que eu fizera com todos os povos'.

Mas pela rejeição por parte dos judeus, o Senhor já estava confirmando, aqui em Zacarias que o Messias viria para quebrar verdadeiramente esta antiga aliança e fazer uma nova, onde tanto judeus como gentios (gowy = povos, nações, gentios) pudessem ser justificados do pecado e reatar a amizade com Ele. Por isso, Paulo escreveu: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro), para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido" (Gl 3: 13-14).

Para que o povo entendesse, o profeta quebrou a vara diante dele, mostrando através desse ato o que aconteceria com Jesus, ou seja, na cruz Ele anulou a primeira aliança de Deus, feita desde Abraão com Seu povo (Hb 8: 13). Assim, eles não seriam mais governados por Sua bela ordem de governo, nem continuaria na união fraterna (cf. v. 14, a vara chamada 'União' também foi quebrada). Jesus veio trazendo uma nova doutrina, quebrando a forma civil de governo que os judeus conheciam, anulando a lei Mosaica e as ordenanças carnais que eles criaram para eles mesmos (em especial no período exílico e pós-exílico).

• v. 11: 'Foi, pois, anulada naquele dia; e as pobres [NVI: aflitos] do rebanho, que fizeram caso de mim, reconheceram que isto era palavra do Senhor'.

'Naquele dia', portanto, se refere ao dia da morte de Jesus, pois os Seus seguidores e todos os que o aceitaram como Salvador, Messias e Filho de Deus, ou seja, as 'pobres ovelhas do rebanho', os 'remanescentes de Israel', entenderam que isso já havia sido anunciado (Lc 24: 25-27; 31-32; 44-48).

- v. 12-13: "Eu lhes disse: se vos parece bem, dai-me o meu salário; e, se não, deixai-o [NVI: se não, não me paguem]. Pesaram, pois, por meu salário trinta moedas de prata [NVI: Então eles me pagaram trinta moedas de prata]. Então, o Senhor me disse: Arroja isso ao oleiro, esse magnífico preço em que fui avaliado por eles. Tomei as trinta moedas de prata e as arrojei ao oleiro, na Casa do Senhor [NVI: as atirei no templo do Senhor, para o oleiro]" o profeta parece estar vivendo essa situação, pois está escrito: "Eu lhes disse: se vos parece bem, dai-me o meu salário; e, se não, deixai-o. Pesaram, pois, por meu salário trinta moedas de prata". Depois ele escreve: "Então, o Senhor me disse: Arroja isso ao oleiro, esse magnífico preço em que fui avaliado por eles. Tomei as trinta moedas de prata e as arrojei ao oleiro, na Casa do Senhor".
- Trinta moedas de prata era o valor da vida de um escravo (Êx 21: 32). Foi o preço combinado entre Judas e os principais sacerdotes para trair Jesus, entregando-o a eles: "Então, um dos doze, chamado Judas Iscariotes, indo ter com os principais sacerdotes, propôs: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E pagaram-lhe trinta moedas de prata. E, desse momento em diante, buscava ele uma boa ocasião para o entregar" (Mt 26: 14-16).
- O Senhor pediu a Zacarias para ser avaliado pelo povo quanto ao merecimento de Suas ações diante deles. Como homens poderiam avaliar a Deus? Mas eles avaliaram Seu trabalho através do profeta em apenas trinta moedas de prata.
- 'Pesaram, pois, por meu salário trinta moedas de prata' era a forma de fazer um pagamento em dinheiro naquela época, pesando-o numa balança.
- No v. 13 Deus fala com o profeta para lançar as trinta moedas de prata ao oleiro, na Casa do Senhor, pois Ele rejeitava esse preço ignóbil pelo qual eles avaliaram Seu verdadeiro pastor. De maneira irônica Ele usou a palavra 'magnífico' para descrever esse valor. Esse era o preço da ingratidão e da rebeldia de Israel, assim como a rejeição do real pastor. Por isso, o rebanho sofreria, pois havia desprezado a 'graça' do Senhor derramada sobre Seu povo e a 'união' que Ele havia trazido à nação, congregando-os dos povos para os quais foram exilados e dando condições a Israel e Judá de refazerem sua irmandade.

Judas também atirou de volta aos sacerdotes as trinta moedas de prata adquiridas pelo seu ato de traição: "Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se. E os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram: Não é lícito deitá-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue. E, tendo deliberado, compraram com elas o campo do oleiro, para cemitério de forasteiros. Por isso, aquele campo tem sido chamado, até o dia de hoje, Campo de sangue. Então, se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram; e as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor" (Mt 27: 5-10).

• v. 14: 'Então, quebrei a segunda vara, chamada União, para romper a irmandade entre Judá e Israel' – ao quebrar a segunda vara 'união', o profeta estava mostrando que Deus quebrava da mesma forma a unidade entre Israel e Judá. Ele tentou uni-los após o retorno do exílio, mas não foi possível. Assim, eles seriam mais uma vez uma nação dividida, diante de uma invasão inimiga (império grego e romano).

Com a morte de Jesus na cruz, diante de uma nação politicamente já separada (Judéia-Samaria, Galiléia-Peréia e Ituréia-Traconites), Ele quebrou a primeira aliança baseada na lei mosaica que os governava e os mantinha unidos debaixo dela. Ele veio para unir Israel numa só igreja debaixo do Seu governo espiritual. Os judeus tradicionais que rejeitaram Sua doutrina e tentaram manter as tradições e os sacrificios no templo, se viram forçados a aceitar a dissolução de tudo isso com a destruição do mesmo por Tito em 70 DC. A luta de três facções rivais (Saduceus, Fariseus e zelotes) dentro de Jerusalém sob o cerco romano foi um dos fatores que os conduziram à destruição da cidade e do templo e a uma nova dispersão dos israelitas pelo mundo.

• Zc 11: 15-17 (A parábola do pastor insensato): "15 O Senhor me disse: Toma ainda os petrechos [NVI: os utensílios] de um pastor insensato, 16 porque eis que suscitarei um pastor na terra, o qual não cuidará das que estão perecendo [NVI: um pastor que não se preocupará com as ovelhas perdidas], não buscará a desgarrada, não curará a que foi ferida, nem apascentará a sã; mas comerá a carne das gordas e lhes arrancará até as unhas [NVI: arrancando as suas patas]. 17 Ai do pastor inútil [NVI: imprestável], que abandona o rebanho! A espada lhe cairá sobre o braço e sobre o olho direito [NVI: Que a espada fira o seu braço e fure o seu olho direito!]; o braço, completamente, se lhe secará, e o olho direito, de todo, se escurecerá [NVI: Que o seu braço seque completamente, e fique totalmente cego o seu olho direito!]".

Aqui o Senhor fala para o profeta pegar os utensílios de um pastor insensato, como uma forma de mostrar ao Seu povo o que ainda iria acontecer com Israel e com um governante diferente do Bom Pastor (cf. Ez 34: 11-31). Esse governante não zelaria pelo Seu rebanho; não traria de volta as ovelhas perdidas, nem curaria suas feridas, pelo contrário, as destruiria. Ezequiel falou dessa forma sobre os reis de Judá anteriores ao exílio (Ez 34: 1-10). Zacarias falava agora sobre líderes que viriam após Zorobabel, tanto judeus como gentios de nações estrangeiras. Ou podemos levar isso para o tempo depois de Cristo, quando Seus conterrâneos O rejeitaram e os judeus foram dispersos pelo mundo.

De qualquer maneira, nós podemos pensar que o pastor insensato é a figura de todos os homens perversos que assolaram Jerusalém ao longo dos séculos, desde o AT, em especial após o retorno do exílio. Por terem rejeitado o verdadeiro Pastor, eles terão a orientação do pastor insensato, cujo ápice será nos últimos tempos com o surgimento do Anticristo e do falso profeta (Dn 11: 36-39; 2 Ts 2: 1-12; Ap 13: 1-10; 11-18).

'Eis que suscitarei um pastor na terra' – isso significa que por permissão divina este homem perverso cometerá suas atrocidades em Israel.

• v. 17: 'Ai do pastor inútil [NVI: imprestável], que abandona o rebanho! A espada lhe cairá sobre o braço e sobre o olho direito [NVI: Que a espada fira o seu braço e fure o seu olho direito!]; o braço, completamente, se lhe secará, e o olho direito, de todo, se escurecerá [NVI: Que o seu braço seque completamente, e fique totalmente cego o seu olho direito!]' — Esse capítulo de Zacarias termina com um terrível 'ai' dirigido ao pastor insensato (imprestável) que abandona o rebanho. E a maldição de Deus sobre ele é que a espada fira o seu braço e fure o seu olho direito; que o braço se seque completamente, e fique totalmente cego o seu olho direito. Não trabalhou como deveria; portanto, seu braço secará. Isso significa a perda do poder secular. Não vigiou, dormiu e deixou o reino das trevas tomar conta; portanto, ficará totalmente cego o seu olho direito. Isso significa a perda do conhecimento e do discernimento espiritual necessários para a liderança. O braço é o símbolo do poder, enquanto que o olho simboliza a inteligência.

## Capitulo 12

#### Introdução:

A partir deste capítulo, a interpretação fica um pouco mais difícil, pois se refere ao período da Grande Tribulação e da maneira que Deus vai lidar especialmente com os judeus no final dos tempos. As explicações que dou abaixo são explicações cristãs evangélicas, não as explicações judaicas.

É como se o Espírito Santo usasse Zacarias (Zc 12: 1-2; Zc 14: 1-15) para deixar escrito com mais detalhes a batalha do Armagedom, a guerra final descrita de três maneiras diferentes [Ap 16: 12-21 (6° e 7° flagelos ou taças da ira de Deus); Ap 19: 19-21; Ap 20: 7-10] entre Jesus e o Dragão (Satanás – Ap 20: 7-10), a Besta do mar (o Anticristo – Ap 13: 1-10; Ap 19: 20) e o falso profeta (a besta da terra – Ap 13: 11; Ap 16: 13; Ap 19: 20). Podemos notar, daqui para frente, nos próximos capítulos de Zacarias, o teor nitidamente judaico nas figuras de linguagem, e na 'necessidade' quase que imperativa de mostrar algo bastante físico, material, palpável, para um povo que não tinha a consciência das realidades espirituais.

Zacarias traz uma mensagem cheia de figuras de linguagem aos judeus daquela época e, muito possivelmente, com a sua compreensão de um 'milênio' sob a ótica judaica (Zc 14: 9-11; Zc 14: 16-21): o cumprimento das promessas de Deus feitas a eles, i.e., as profecias referentes à restauração de Israel como nação, na sua própria terra, dotada de um trono literal, de um rei Davídico literal, de um templo literal, e de um sistema de sacrifícios literal, que será cumprido ao pé da letra, salientando, excessivamente, o lado materialista de tudo isso. Essa teoria se chama: dispensacionalismo. A igreja cristã interpreta isso como um tempo de mil anos quando os justos reinarão na terra com Cristo.

Muitos expositores sentem que a idéia de um Milênio ou Reino Messiânico não pode ser encaixada no quadro bíblico escatológico [Ap 20: 1-6 diz respeito à vitória dos santos martirizados (Ap 20: 4 – 'as almas dos decapitados' – versão ARA), que se encontram no céu, os martirizados pela Besta]. Segundo esta teoria, a segunda vinda inaugurará imediatamente a consumação, o julgamento final, e os novos céus e nova terra (Ap 21: 1; Is 65: 17; Is 66: 22; 2 Pe 3: 13; 1 Co 15: 24-28). Esse ponto de vista é chamado amilenismo [Fonte: O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995 / Nota do comentário deste parágrafo: cf. G.E. Ladd, Crucial Questions about the Kingdom of God, 1952, pg. 141 & segs.]. Tanto os Evangelhos, como as cartas de Paulo e as cartas gerais não falam de milênio.

'Milênio' foi uma concepção criada por estudiosos judeus no período pós-exílico e Intertestamentário para endossar uma crença e uma esperança de redenção e regeneração de Israel de uma maneira física e excessivamente material, pois interpretaram erroneamente as palavras dos profetas e não esperavam que o seu Messias viesse de outra forma, por isso não creram nEle. Mesmo porque os profetas de Deus nunca usaram a palavra Messias (Mashiach – mâshiyach – חישור para se referir ao Salvador espiritual de Israel. Essa palavra só está claramente escrita, em referência a Jesus, no livro de Daniel (Dn 9: 25-26 – 'O Ungido'), quando um anjo anuncia ao profeta que o Messias surgiria e seria morto 62 semanas proféticas após a reedificação de Jerusalém, antes da cidade e do templo serem novamente destruídos (o que aconteceu em 70 DC pelos romanos).

Nestes versículos de Daniel, 'Ungido', na nossa tradução em Português está escrito com letra maiúscula:

115

<sup>25</sup> Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido *(mâshiyach)*, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações *[muralhas]* se reedificarão, mas em tempos angustiosos.

<sup>26</sup> Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido *(mâshiyach)* e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas.

O que precisa ficar bem claro é que 'milênio' ou 'Reino Messiânico' foi uma palavra e uma expressão criadas pelos judeus da Antiguidade, para suprir a sua necessidade de explicação do cumprimento das promessas de Deus feitas a eles, inclusive baseada em livros apócrifos judaicos, como por exemplo, 'O Primeiro Livro de Enoque', e erroneamente interpretadas pela igreja de Cristo sobre o versículo de Apocalipse (Ap 20: 1-6). Os capítulos 91–108 deste livro se chama 'A Epístola de Enoque' e dá uma exposição profética do reinado de mil anos do Messias. Nessa epístola a história do mundo usa uma estrutura de dez períodos (denominados 'semanas'), dos quais sete referem-se ao passado e três a eventos futuros (o julgamento final). O clímax ocorre na sétima parte da décima semana, onde 'novo céu aparecerá' e 'haverá muitas semanas sem número para sempre, e tudo permanecerá em bondade e justiça'. Quem já leu alguns trechos do livro pode perceber o alto conteúdo místico dele, sem nenhum embasamento bíblico.

Reino Messiânico, na verdade, diz respeito à vinda do Messias, o que já ocorreu há 2.000 anos; e escatológico ou apocalíptico diz respeito à Sua segunda vinda, trazendo Sua justiça e a consumação do século. 'Escatologia' é uma palavra que deriva de duas raízes gregas: 'escatos' (ἕσχατος), que significa 'último'; e 'logia' (λογία), que significa 'estudo', portanto, o estudo das 'coisas do fim', 'o fim dos tempos'. Em sentido amplo, a palavra escatologia, ou a expressão 'coisas do fim' pode ser aplicada para o fim de uma vida individual, o fim dos tempos, o fim do mundo ou da natureza do Reino de Deus. Em termos gerais, a escatologia cristã enfoca o destino final das almas individuais e de toda a ordem criada, com base principalmente nos textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento.

Assim, nós podemos chamar Isaías e outros profetas de profetas 'messiânicos' porque apontaram para a vinda do Messias. E podemos chamar de profetas apocalípticos, aqueles que contêm uma mensagem de Deus para o final dos tempos (ou seja, a derrota definitiva do mal e a vida eterna com Deus).

Não há motivo para se pensar num milênio material quando sabemos que a vinda de Cristo foi um plano de Deus Pai que surpreendeu a humanidade no que ela pensava a respeito da Sua justiça e da Sua capacidade de restituir Seus filhos. O pensamento dos profetas daquela época, embora sendo usados por Deus para revelar Seus projetos aos homens, estava permeado com a opinião humana e a visão limitada de algo que não conseguiam entender nem imaginar ("Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas" – 1 Co 14: 32).

Na Sua primeira vinda, Jesus cumpriu as profecias a respeito do Messias (com os diversos nomes que foram lhe dados pelo próprio Deus através dos Seus profetas verdadeiros), trazendo a vitória sobre o pecado e a morte e, conseqüentemente, a vida eterna. Mas pela incredulidade nas Suas palavras e pela rejeição da Sua doutrina, Deus Pai deixou escrito o que vai ter que fazer nos últimos dias (cf. Dn 12: 1-3; 10-12). Por isso, o profeta Zacarias faz alusão ao ataque de Jerusalém por forças estrangeiras e a vitória dada pelo Senhor (Zc 12: 1-9), seguida pelo arrependimento dos judeus (Zc 12: 10-14), pois verão Aquele a quem traspassaram (Zc 12: 10; Ap 1: 7; Jo 19: 37).

Há uma referência a Jesus no capítulo 13 quando o Bom Pastor é ferido (Jesus é preso e crucificado), e as 'ovelhas' são dispersas: Zc 13: 7.

Durante o período da Grande Tribulação (Dn 12: 1; Ap 7: 14) aparecerão o Anticristo (2 Ts 2: 3; 2 Ts 2: 7-12; Dn 9: 27; Dn 11: 31; Dn 12: 11) e o falso profeta (Dn 9: 27; Dn 12: 1-2; Mt 24: 15-31; Mc 13: 3-27; Lc 21: 5-28; Ap 7: 14), entre outros personagens escatológicos. Mas o falso profeta só vai enganar aqueles que não aceitaram e nem vão aceitar Jesus como o Messias e Filho de Deus, pois os que O aceitarem e O reconhecerem como o Messias esperado serão os remanescentes salvos (Zc 13: 9; Ap 7: 4-8).

Durante o segundo período da Grande Tribulação também aparecerão as duas testemunhas mártires, descritas em Ap 11: 3-14. Se pensarmos do ponto de vista judaico (como pensam os Dispensacionalistas), elas trarão avivamento ao povo da antiga aliança no papel de rei e sacerdote (como Josué e Zorobabel – Zc 4: 11; 14 – 'as duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro', 'os dois raminhos de oliveira' – cf. Ap 11: 4), fazendo frente ao Anticristo (o qual reivindicará o papel de governante civil) e ao falso profeta que, além de enganar o povo com falsa profecia, também desejará o papel de sacerdote no meio dos judeus. Elas profetizarão por 3 ½ anos em nome do Senhor para converter os judeus a Jesus. Quando elas tiverem concluído o seu testemunho, elas serão mortas pela besta que surge do abismo (Ap 11: 7) e muitos ímpios se alegrarão, mas depois de 3 ½ dias (Ap 11: 11), o Espírito de Deus as ressuscitará e serão arrebatadas. Virá juízo divino sobre a cidade. Do ponto de vista judaico e Dispensacionalista, essa cidade aqui é Jerusalém, a cidade onde Cristo foi crucificado e morto.

Entretanto, as duas testemunhas mártires representam a própria Igreja de Cristo (composta por judeus e gentios) testemunhando durante a História, proclamando o evangelho; e só no tempo do fim o Senhor permitirá que o anticristo se levante contra elas. As testemunhas são a representação do povo de Deus que prega e profetiza a palavra durante o período entre a 1ª e a 2ª vinda de Jesus. Quando concluírem seu testemunho, a besta do abismo as vencerá (Ap 11: 7). Mas elas ressuscitarão depois de 3 ½ dias (Ap 11: 11). A cidade mencionada em Apocalipse é a cidade dos homens, o mundo hostil a Deus e à igreja, não Jerusalém, nem Roma.

O momento da 'regeneração de Israel' descrito na bíblia (At 1: 6; Mt 19: 28; Mc 10: 40; Lc 22: 28-29) vai corresponder ao momento do seu arrependimento (na época da segunda vinda de Cristo – Zc 12: 10-14; Zc 13: 1-6; 9 cf. Dn 12: 11-12) e à abertura do seu entendimento para Jesus Cristo como o verdadeiro Messias, antes julgamento final, com a separação entre os que herdam a vida eterna e os que vão para o inferno (Mt 25: 31-46; Mt 16: 27; Mt 19: 28). Assim, Israel terá o direito de viver na Nova Jerusalém espiritual (Zc 14: 7-11; Ap 21: 1-8; Ap 22: 1-5; Ap 22: 12-17).

Quando Jesus veio a terra, Ele veio trazendo um reino espiritual, nos dando consciência das coisas sobrenaturais para vencermos nossos verdadeiros inimigos, mas não removeu de nós a parte material. Ele sabe que precisamos das coisas materiais na terra. O que Ele fez foi uma **priorização de valores** (colocar o reino de Deus e Sua justiça em primeiro lugar e todas as coisas nos serão acrescentadas: Mt 6: 33; Lc 12: 30-34). Jesus virou a mesa dos cambistas no templo porque viu uma distorção ali, fazendo comércio na Casa de Seu Pai. Por isso é que Zacarias (Zc 14: 20-21) escreve que a regeneração e a glória futura da cidade de Deus incluem a santidade. Não haverá comércio, nem mercadores no Templo ('cananeus', em algumas traduções bíblicas, significa 'comerciantes – Zc 14: 21c).

Portanto, na nova Jerusalém a nossa nova vida será espiritual (glorificada, mais especificamente), pois já estaremos 'desprendidos' dessas coisas materiais. Quando a bíblia se refere a ouro e pedras preciosas na nova Jerusalém, talvez ela esteja se referindo à glória, à abundância, à plenitude e ao resplendor de Deus; coisas difíceis de serem descritas pela mente humana.

Cristo está atualmente entronizado à direita de Deus (Mc 16: 19; Rm 8: 34; 1 Pe 3: 22); porém, Seu reino não é evidente para o mundo, por isso Ele voltará de maneira visível para os que não crêem, e para realizar o Seu juízo. Após Sua vitória, quando tudo estiver sujeito a Ele, Seu reino será passado ao Pai (1 Co 15: 24-28).

O Senhor aparecerá no céu, arrebatará Seus santos que estiverem vivos (com seu corpo glorificado) e ressuscitará o corpo dos santos que já morreram. Fará o Seu juízo sobre os que têm a marca da besta (Ap 13: 16-17; Ap 15: 7; Ap 16: 1-2; 3; 4; 8; 10-11; 12; 18-21; Ap 18: 9-10; 21) e lidará com as trevas (1 Co 15: 24-26; 28; Ap 19: 11-21; Ap 20: 10). O último inimigo a ser destruído é a morte (1 Co 15: 26; Ap 20: 14). Em outras palavras, a segunda vinda inaugurará imediatamente a consumação, o julgamento final e os novos céus e nova terra (Ap 21: 1; Is 65: 17; Is 66: 22; 2 Pe 3: 13; 1 Co 15: 24-28).

# Explicação:

Depois dessa introdução, fica mais fácil e simples explicar o capítulo 12 de Zacarias:

- Zc 12: 1-9 A salvação de Jerusalém
- Zc 12: 1: "Sentença pronunciada pelo Senhor contra Israel [NVI: Esta é a palavra do Senhor para Israel]. Fala o Senhor, o que estendeu o céu, fundou a terra e formou o espírito do homem dentro dele".

Depois que o Senhor falou sobre os dois pastores e deixou entendido que o pastor insensato é a figura de todos os homens perversos que assolaram Jerusalém ao longo dos séculos, Ele profere, agora, uma mensagem de julgamento sobre todos os poderes mundiais que estiverem contra Sua cidade santa no final dos tempos. Pela importância da revelação, Ele diz que Ele é o Deus que estendeu o céu, estabeleceu a terra e colocou o espírito dentro do homem. Assim, Deus reafirma Sua soberania sobre o mundo, sobre os homens e sobre toda a criação, e deixa claro através do profeta que era esse Deus que estava falando.

- Zc 12: 2: "Eis que eu farei de Jerusalém um cálice de tontear para todos os povos em redor e também para Judá, durante o sítio contra Jerusalém [NVI: Farei de Jerusalém uma taça que embriague todos os povos ao seu redor, todos os que estarão no cerco contra Judá e Jerusalém]".
- O Senhor anuncia um cerco futuro à cidade de Jerusalém por muitas nações, mas Ele dará uma resposta à altura dessa invasão, ou seja, Ele fará com que a cidade seja um cálice de tontear para esses povos. O cálice é o símbolo da ira de Deus, algo que tem um limite e uma capacidade de comportar as iniquidades dos homens, e traz um completo estado de atordoamento (desorientação física) e confusão (desorientação mental), como se fosse 'bebida forte', como diz a bíblia. Alguns profetas escreveram sobre esse cálice: Is 51: 17; 22; Jr 13: 13; Jr 25: 15-28; Jr 51: 7.
- Zc 12: 3: "Naquele dia, farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que a erguerem se ferirão gravemente; e, contra ela, se ajuntarão todas as nações da terra [NVI: Naquele dia, quando todas as nações da terra estiverem reunidas para atacá-la, farei de Jerusalém uma pedra pesada para todas as nações. Todos os que tentarem levantá-la se machucarão muito]".

Jerusalém não só será como um cálice com bebida forte que atordoa, mas será como uma pedra pesada, e quem tentar erguê-la vai se ferir, ou seja, o povo de Jerusalém cairá sobre os que tentaram oprimi-los com seu domínio; será um resultado inesperado na guerra.

• Zc 12: 4-5: "Naquele dia, diz o Senhor, ferirei de espanto [NVI: porei em pânico] a todos os cavalos e de loucura os que os montam [NVI: deixarei loucos os seus cavaleiros]; sobre a casa de Judá abrirei os olhos e ferirei de cegueira a todos os cavalos dos povos [NVI: cegarei todos os cavalos das nações]. Então, os chefes [NVI: líderes] de Judá pensarão assim: Os habitantes de Jerusalém têm a força do Senhor dos Exércitos, seu Deus [NVI: Os habitantes de Jerusalém são fortes porque o Senhor dos Exércitos é o seu Deus]."

Da mesma forma que o Senhor usou essa metáfora para expressar a Sua ação contra os exércitos inimigos no passado (Gideão, Josué, os sírios no tempo de Eliseu, Josafá, Ló – os cidadãos de Sodoma), Ele volta a usá-la neste versículo para um estado de caos e pânico (loucura e cegueira) que tomarão conta dos cavalos e dos cavaleiros durante o ataque. A cavalaria aqui serve para descrever todo veículo usado em guerra, como os cavalos eram animais usados pelos exércitos orientais para este fim. Deus também fala sobre abrir os olhos do Seu povo para que vejam que Ele se importa com eles e os está defendendo; também diz respeito à abertura do seu entendimento para as coisas espirituais, algo que eles não conseguiam ter antes por causa da sua rebeldia. Os habitantes de Judá reconhecerão que Jerusalém tem a vitória porque o Senhor dos Exércitos é o seu Deus.

• Zc 12: 6: "Naquele dia, porei os chefes de Judá como um braseiro ardente debaixo da lenha e como uma tocha entre a palha; eles devorarão [NVI: consumirão], à direita e à esquerda, a todos os povos em redor, e Jerusalém será habitada outra vez no seu próprio lugar, em Jerusalém mesma [NVI: Jerusalém permanecerá intacta em seu lugar]".

Completando o raciocínio acima, os judeus não triunfarão apenas porque Deus traz confusão e caos aos exércitos inimigos, mas porque seus comandantes receberão Seu poder, organização e competência, como se fossem fogo destruindo palha ou madeira.

- Zc 12: 7: "O Senhor salvará primeiramente as tendas de Judá, para que a glória da casa de Davi [NVI: a honra da família de Davi] e a glória dos habitantes de Jerusalém não sejam exaltadas acima de Judá [NVI: não seja superior à de Judá]".
- O Senhor dará vitória nas áreas mais afastadas e com menos defesa ('as tendas de Judá' cf. Ez 38: 11-12), para que todos percebam que o livramento veio dEle, não da força humana, e para que os grandes não se gloriem sobre os pequenos. 'As tendas de Judá' pode se referir não apenas aos mais fracos tecnicamente, como também aos mais fracos espiritualmente.
- Zc 12: 8-9: "Naquele dia, o Senhor protegerá os habitantes de Jerusalém; e o mais fraco dentre eles, naquele dia, será como Davi, e a casa de Davi será como Deus, como o Anjo do Senhor diante deles. Naquele dia, procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém".

Aqui o Senhor já não fala das tendas de Judá, mas dos habitantes de Jerusalém e diz que até o mais fraco deles se sentirá forte e confiante para lutar, como Davi com uma simples funda destruiu o gigante Golias na força da sua fé em Deus. O Senhor será sua

força, ainda que os exércitos inimigos sejam mais numerosos e mais preparados. 'O mais fraco dentre eles' diz respeito aos judeus de todas as classes.

'A casa de Davi será como Deus, como o Anjo do Senhor diante deles' – isso mostra uma restauração na linhagem real da casa de Davi como governante civil em Israel, que terá de volta sua força de liderança, não vacilará, e irá com segurança adiante do povo, levando-o à vitória, como a coluna de nuvem ou de fogo, ou o Anjo do Senhor (a figura de Jesus, comum de se ver no AT) ia à frente dos israelitas em qualquer batalha para abrir o caminho para eles.

No versículo 9, Ele confirma que naquele dia destruirá as nações que vierem contra o Seu povo, mostrando a fidelidade às Suas promessas, bem como a Sua soberania sobre todas as coisas. Ele usa o verbo 'destruir', significando algo definitivo, que não se levantará mais.

- Zc 12: 10-14 (O arrependimento dos habitantes de Jerusalém):
- Zc 12: 10-11: "E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o espírito (ou Espírito nota NVI) da graça e de súplicas; olharão para aquele a quem traspassaram (cf. Jo 19: 37; Ap 1: 7); pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por ele como se chora amargamente pelo primogênito. Naquele dia, será grande o pranto em Jerusalém, como o pranto de Hadade-Rimom, no vale de Megido [NVI: como os que choraram em Hadade-Rimom no vale de Megido]".

Depois da vitória material dada ao Seu povo é necessário o tratamento espiritual através do arrependimento. 'O espírito da graça e de súplicas' diz respeito ao Espírito Santo, que será derramado sobre a nação, dos mais humildes aos mais importantes, levando-os a buscar a Deus em oração (Jr 29: 12-13; Ez 39: 29; Jl 2: 28-29). Jesus disse que é o Espírito Santo que convence do pecado, do juízo e da justiça (Jo 16: 8). Através do Espírito Santo, seus corações estarão propícios à súplica e ao arrependimento. Portanto, a resposta de Deus a essa busca os levará ao entendimento da salvação e da razão da morte de Jesus na cruz como propiciador dos pecados da humanidade. Aí, sim, seus olhos enxergarão Aquele a quem traspassaram. Os judeus do passado o fizeram fisicamente; os da presente geração, que se recusam a aceitá-lo, o crucificam de novo, ou seja, 'desfazem' o beneficio do Seu sacrificio, negando Sua salvação e expondo Seu nome à vergonha, excluindo-o de suas vidas (Hb 6: 6b: "... de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia"). Os judeus que conseguirem se lembrar dos escritos proféticos também se lembrarão do que está escrito em Is 53: 5: "Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (como os judeus da época de Zacarias devem ter se lembrado, mesmo que não conseguissem alcançar o entendimento profundo do que isso significava). O luto nacional será comparado ao da morte do rei Josias no vale de Megido (2 Cr 35: 24-25). Hadade-Rimom significa 'o trovejador' e, provavelmente, era uma localidade neste vale. Aventa-se a hipótese de estar relacionada com a idolatria a Baal (O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995), por causa do título 'o trovejador', pois Baal era o senhor das tempestades e outras manifestações naturais ligadas à atmosfera (raio e o trovão), além de ser o grande deus da fertilidade dos Cananeus. Talvez, a moderna Rummanah, na planície de Jezreel, corresponda à localização de Hadade-Rimom, citada por Zacarias. Assim, a menção do luto de Hadade-Rimom pode ser uma referência às cerimônias de adoração pagãs ou ao evento da morte de Josias, mortalmente ferido na Batalha de Megido (609 AC).

• Zc 12: 12-14: "A terra pranteará [NVI: Todo o país chorará], cada família à parte; a família da casa de Davi à parte, e suas mulheres à parte; a família da casa de Natã à parte, e suas mulheres à parte; a família da casa de Levi à parte, e suas mulheres à parte; a família dos simeítas [NVI: a família de Simei] à parte, e suas mulheres à parte. Todas as mais famílias, cada família à parte, e suas mulheres à parte".

O pranto nacional abrangerá todas as famílias de todas as classes sociais. Cada um chorará por si mesmo, enfrentará a sua tristeza a sós ('cada família à parte', 'suas mulheres à parte'). Do mais simples israelita até o mais nobre, todos se converterão arrependidos ao Senhor.

- 'A terra pranteará' = a terra de Israel pranteará
- 'A família da casa de Davi' = reis (a liderança política de Israel)
- 'A família da casa de Natã' = profetas
- 'A família da casa de Levi' = sacerdotes
- 'A família dos simeítas' = a família de Simei, filho de Gérson, filho de Levi (Nm 3: 21). Simei é colocado separadamente, mesmo fazendo parte dos levitas, significando uma categoria diferente dentro de Israel a serviço de Deus, ou seja, os que não servem diretamente a Deus num ministério sacerdotal, mas cuidam de Sua casa e tem um chamado para servi-lO, seja ele qual for; auxiliam os sacerdotes no seu ofício. Por exemplo: Levi gerou Gérson, Coate e Merari. Foi dos descendentes de Coate que nasceram Moisés, Arão e Miriã. A família de Coate cuidava dos utensílios do Tabernáculo, após Arão e seus filhos os cobrirem; aí eles os carregavam, inclusive a arca da Aliança. Arão e seus filhos cuidavam do sacerdócio propriamente dito, de servir no Santo dos Santos e no Lugar Santo. A família de Gérson cuidava de carregar as cortinas e os reposteiros, assim como os demais utensílios da tenda da congregação, que não os objetos sagrados; e a família de Merari era responsável pelos objetos, pelas estacas e por tudo o mais que estava no pátio externo da tenda da congregação, além das tábuas do Tabernáculo.

'Todas as mais famílias, cada família à parte' = leigos, o povo comum.

Depois do pranto e da liberação do perdão de Deus, Israel conhecerá a alegria da salvação: Is 59: 20; Rm 11: 25-26.

## Capitulo 13

Após o encontro com o Senhor e com a Sua graça, acontece uma grande restauração e purificação do remanescente fiel (Zc 13: 1-6; 9). A profecia judaica (Zc 13: 7-9) é encerrada quando o Bom Pastor é ferido e assim é aberta a fonte que purifica de todo o pecado.

- Zc 13: 1-6 (Eliminados os ídolos e os falsos profetas):
- v. 1: "Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza".
- 'Naquele dia' dizia respeito à 1<sup>a</sup> e à 2<sup>a</sup> vinda de Cristo (conversão dos judeus). Deus ainda estava dando uma chance para os judeus do AT, como continua a falar sobre a conversão dos judeus na época da Sua segunda vinda (após pranto nacional pela morte do Messias).
- 'Uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza' o sangue de Jesus faz a remoção desses pecados, e Ele o fez na cruz para todos quantos O aceitaram como Salvador no momento da Sua primeira vinda. No mundo espiritual, que é atemporal, essa é uma fonte contínua e disponível para qualquer pessoa, em qualquer época, para judeus e gentios, para todos os que decidem abandonar o pecado e se voltar para Deus, desejando a purificação verdadeira e total das suas vestes. Quanto à conversão dos judeus na época da Sua segunda vinda (após o pranto nacional pela morte do Messias) descrita no capítulo anterior, isso tem sua confirmação em Rm 11: 25-27: "Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais presumidos em vós mesmos): que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios (cf. Mt 21: 43; Lc 21: 24; Rm 11: 25; Ez 30: 3; Ap 11: 2). E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades. Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados".

A profecia de Ezequiel terá o seu cumprimento (Ez 36: 25: "Aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei").

- v. 2: "Acontecerá, naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, que eliminarei da terra [NVI: da terra de Israel] os nomes dos ídolos, e deles não haverá mais memória [NVI: e nunca mais serão lembrados]; e também removerei da terra os profetas e o espírito imundo".
- 'Eliminarei da terra os nomes dos ídolos' para todos os que aceitaram Jesus na Sua primeira vinda isso foi cumprido, e os Cristãos passaram a ter outro tipo de atitude (tanto os judeus convertidos como os gentios). Para o povo judeu que ainda experimentará a conversão no final dos tempos, isso também ocorrerá da parte do Senhor: a idolatria será completamente desarraigada, e a lembrança dos ídolos se perderá.
- 'O espírito imundo' o diabo, com seu espírito de imundícia por trás de toda idolatria.
- 'Também removerei da terra os profetas' os falsos profetas, bem entendido, aos quais o profeta Zacarias estava se referindo, e que sempre apareceram para desviar o rebanho do caminho correto. Para a conversão futura de Israel isso diz respeito ao falso profeta, que os enganará no primeiro período da Grande Tribulação, manifestando seu verdadeiro caráter no segundo período, ao fim do qual o Senhor vai intervir.

• v. 3: "Quando alguém ainda profetizar, seu pai e sua mãe, que o geraram, lhe dirão: Não viverás, porque tens falado mentiras em nome do Senhor; seu pai e sua mãe, que o geraram, o traspassarão quando profetizar" — a falsa profecia que acompanha a idolatria não será facilmente removida da nação. Isso sempre foi uma pedra de tropeço no caminho de Israel, e Deus deixou leis bem estabelecidas quanto a isso: Dt 13: 1-5; Dt 13: 6-10; 12-18; Dt 17: 2-7. Em muitos livros proféticos, o desprazer do Senhor fica evidente, assim como Sua sentença: Is 9: 15-16; Jr 14: 14-16; Jr 23: 13-16; 28-32; Jr 28: 15-17; Jr 29: 21; 32; Ez 13: 1-16; 17-23; Mq 3: 5-7; Mq 3: 11. Aqui no livro de Zacarias (Zc 13: 3) o Senhor diz que se alguém reivindicar a posição de profeta, até os seus pais o condenarão à morte por amor a Deus. A fidelidade do povo purificado ao Messias será maior do que os laços sangüíneos.

No NT há um episódio relatado na primeira viagem de Paulo, quando passou por Salamina até que chegou a Pafos, onde encontrou Elimas (ou Barjesus), o mágico e falso profeta. Segundo a palavra de poder do Espírito Santo através do apóstolo (At 13: 4-12), a mão de Deus foi vista ali, não o matando, mas deixando-o cego. Eu escrevi isso só para mostrar que essa profecia de Zacarias não se aplicava apenas ao final dos tempos para Israel, mas foi cumprida também da parte de Deus no NT. Paulo era um zeloso da lei e um zeloso de Cristo.

• v. 4: "Naquele dia, se sentirão envergonhados os profetas, cada um da sua visão quando profetiza [NVI: Naquele dia todo profeta se envergonhará de sua visão profética]; nem mais se vestirão de manto de pêlos, para enganarem [NVI: Não usará o manto de profeta, feito de pele, para enganar]".

Os falsos profetas que antes se gloriavam na sua posição, no dia da purificação de Israel passarão a se envergonhar dos seus atos. Os falsos profetas não terão espaço no meio do Israel convertido.

'Nem mais se vestirão de manto de pêlos, para enganarem [NVI: Não usará o manto de profeta, feito de pele, para enganar]' – isso significa que não poderão mais usar de nenhum subterfúgio, não poderão mascarar ou esconder suas verdadeiras intenções. No AT os profetas costumavam se vestir com roupas de pêlos de animais e cinto de couro, e levavam um manto, como foi com Elias: 2 Rs 1: 8; 1 Rs 19: 13; 19; 2 Rs 2: 13-14; Is 20: 2. Talvez daí é que se tenha originado a expressão 'manto profético'. João Batista se vestia de igual maneira: Mt 3: 4.

- v. 5: "Cada um, porém, dirá: Não sou profeta, sou lavrador da terra [NVI: Sou um homem do campo], porque fui comprado desde a minha mocidade [no original: um homem vendeu-me em minha mocidade; NVI: a terra tem sido o meu sustento desde a minha mocidade]" nenhum falso profeta vai poder reivindicar um dom profético que não tem, por isso será melhor dizer que é uma pessoa humilde, e se colocar no seu lugar, ainda que como um escravo ('fui comprado desde a minha mocidade'). Ele se contentará com o trabalho para viver. Assim, ele negará qualquer ligação com a profecia. É melhor ser lavrador da terra e morar no céu do que ser falso profeta e morar no inferno.
- v. 6: "Se alguém lhe disser: Que feridas são essas nas tuas mãos?, responderá ele: São as feridas com que fui ferido na casa dos meus amigos" as feridas podem ser sinal de punição por ser falso profeta ou estar se referindo a marcas idólatras (1 Rs 18: 28). Seus pais ou amigos podem ter feito as feridas por ele ser falso profeta. Nem as pessoas mais próximas os apoiarão, nem aceitarão sua atividade contrária ao ensino bíblico.

- Zc 13: 7-9 (Ferido o pastor de Deus):
- v. 7: "Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro [NVI: Levante-se, ó espada, contra o meu pastor, contra o meu companheiro], diz o Senhor dos Exércitos; fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas; mas volverei a mão para os pequeninos".
- 'Desperta, ó espada' pode significar aflições, perseguições, até mesmo a cruz. É símbolo do juízo de Deus e de Sua punição sobre uma nação.
- 'Fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas' antes que Jesus viesse (Sua primeira vinda), os judeus seriam dispersos por causa da opressão dos impérios que os dominaram após o retorno do cativeiro babilônico. Entretanto, houve uma grande dispersão depois da destruição do templo por Tito em 70 DC e que continuou na Idade Média até os dias de hoje. Por isso, na Sua segunda vinda, o Senhor rebanhará os judeus novamente para sua terra.

Se pensarmos na época que Zacarias estava profetizando, e que a palavra profética se dirigia a uma liderança no futuro próximo, isso pode significar que os pastores infiéis de Israel seriam punidos por Deus e, conseqüentemente, Seu rebanho se dispersaria (cf. Zc 11: 6; 8; 9; 16).

Em se tratando de Jesus, a espada se refere à cruz; espada = um instrumento de punição, juízo, morte.

- 'Contra o meu pastor, contra o homem que é o meu companheiro' o Pastor a que a bíblia se refere aqui é Jesus (Ele mesmo fez uso dessa frase durante a Ceia, antes de ir para o Getsêmani: Mt 26: 31; Mc 14: 27). A espada era o juízo de Deus sendo feito contra o Filho para poder realizar o Seu projeto de salvação. Com a Sua prisão e morte, Seus discípulos ficariam dispersos.
- 'Contra o homem que é o meu companheiro' reafirma a identidade de Jesus como estando ao lado do Pai e sendo um com Ele: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10: 30).
- 'Mas volverei a mão para os pequeninos', pode significar a mão de misericórdia para os Seus apóstolos naquele dia que Ele foi traído, e que estavam com a fé abalada. Da mesma forma, na regeneração de Israel Ele reunirá o remanescente com cuidado amoroso e o atrairá para Si.

É evidente a conotação messiânica aqui (a primeira vinda de Jesus), mas é inegável a conotação escatológica de todo o capítulo como um todo, tratando-se da restauração e da purificação do futuro Israel, e da fidelidade do povo diante da sua redenção. Mas ela só será possível após o ferimento mortal do Bom Pastor, o Deus encarnado na pessoa de Jesus. Ele é o verdadeiro profeta, ao contrário dos outros descritos nos versículos anteriores.

• v. 8: "Em toda a terra, diz o Senhor, dois terços dela serão eliminados e perecerão; mas a terceira parte restará nela".

A profecia diz que 2/3 dos habitantes da terra de Israel serão destruídos, mas um remanescente fiel permanecerá.

• v. 9: "Farei passar a terceira parte pelo fogo, e a purificarei como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro; ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi: é meu povo, e ela dirá: O Senhor é meu Deus".

A terça parte que restar será purificada. O fogo, usado na purificação de metais como ouro e prata, simboliza provas e tribulações, além da Grande Tribulação. O remanescente purificado reconhecerá Deus, e Ele reconhecerá esse remanescente como Seu povo. Isso mostra que o relacionamento com Ele será renovado. 'Invocará o meu

nome' é o resultado de uma conversão sincera e do reconhecimento de que só dEle vem o socorro, só nEle se coloca a confiança.

# Capitulo 14

Este último capítulo de Zacarias mostra o retorno visível do Messias (v. 1-5) e o Seu reino santo (v. 6-21). Entretanto, o profeta avisa que, antes disso, muitas dores e lutas ainda virão (a meu ver, é o jeito dele de descrever a Grande Tribulação). No capítulo anterior foi falado que muitos serão exterminados durante os dias da Grande Tribulação. Agora, o capítulo 14 mostra que toda a situação será revertida pela presença e pela ação do Messias no meio do Seu povo.

- Zc 14: 1-15 (O juízo sobre Jerusalém e seus opressores):
- v. 1: "Eis que vem o Dia do Senhor, em que os teus despojos se repartirão no meio de ti [NVI: os seus bens serão divididos]".

Zacarias está se referindo, mais uma vez, ao que falou no capítulo 12 sobre a invasão de Jerusalém pelas nações ímpias (Zc 12: 2-3), antes da volta do Messias à terra. Naquele dia, 'o Dia do Senhor', Ele vingará Seu povo, fazendo prevalecer a Sua justiça. 'Naquele dia' ou 'o Dia do Senhor' se refere ao momento no qual Deus trará juízos a Israel e às nações da Terra, durante a Grande Tribulação. Esses anos antecederão a vinda do Messias para reinar definitivamente. Assim, o profeta mostra a eles que haverá muitos sofrimentos; seus pertences serão divididos, pois sua terra será dominada por estrangeiros que tirarão suas propriedades e bens e repartirão o despojo entre si. Isso pode ter acontecido na época de Tito ou de outras tantas invasões que a cidade já sofreu em todas as eras.

Jerusalém sofreu sucessivas invasões e seus muros foram destruídos quase que por completo pelo menos duas vezes, por Nabucodonosor e Tito. Dizem os estudiosos que além dessas duas destruições, Jerusalém foi sitiada 23 vezes, atacada 52 vezes e capturada e recapturada outras 44 vezes.

• v. 2: "Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres, forçadas [NVI: violentadas]; metade da cidade sairá para o cativeiro [NVI: para o exílio], mas o restante do povo não será expulso da cidade [NVI: não será tirado da cidade]".

O Senhor diz mais uma vez que Ele ajuntará as nações que durante séculos odiaram Israel desejando dar um golpe fatal à cidade de Jerusalém. E isso será por Sua permissão. A cidade será tomada e ninguém escapará do sofrimento da pilhagem. Sua população será desmoralizada e metade da população dispersa e cativa, mas a outra metade será deixada. O texto acima provavelmente se refere a um grupo confederado de nações, como é descrito no livro de Apocalipse (Ap 13: 1-2; 7-8; Ap 16: 14-16; Ap 19: 17-19). Os dez chifres (Ap 13: 1) são um império de dez reis confederados abrangendo a esfera de autoridade da Roma Antiga, talvez as nações descendentes do antigo império romano dividido, representando a oposição mundial ao povo de Deus e a Ele também (Ap 19: 19). 'Jerusalém' representa toda a nação de Israel (neste contexto de Zacarias). No passado, Nabucodonosor e Tito fizeram algo parecido. No fim dos tempos, os inimigos se disporão a destruí-la (Ap 16: 14-16).

• v. 3: "Então, sairá o Senhor e pelejará contra essas nações, como pelejou no dia da batalha [NVI: como ele faz em dia de batalha]".

Quando isso acontecer, o Senhor virá defender a causa deles, como 'homem de guerra' (Êx 15: 3), da mesma forma que fez no passado, em muitas batalhas que Israel

enfrentou, como por exemplo, no Êxodo (Êx 14: 15-31), no dias de Josafá (2 Cr 20) e Josué (Js 10: 11), Débora (Jz 5: 20-22), e em muitos outros eventos históricos.

- v. 4: "Naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente [NVI: a leste de Jerusalém]; o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande [NVI: e o monte se dividirá ao meio, de leste a oeste, por um grande vale]; metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade, para o sul".
- 'Seus pés sobre o monte das Oliveiras' os pés de Jesus, de maneira visível, corporal, em todo o Seu poder. O Monte das Oliveiras a leste de Jerusalém é uma barreira excelente para alguém que procure fugir da cidade. Mas com a ação sobrenatural do Senhor, esse monte será fendido para que o povo amedrontado tenha este caminho de escape (v. 5). A ascensão de Jesus ocorreu no Monte das Oliveiras, e lá se dará igualmente a Sua vinda (At 1: 9-12), de maneira visível. Em Ezequiel esse local também é descrito (Ez 11: 23)

- v. 5: "Fugireis pelo vale dos meus montes, porque o vale dos montes chegará até Azal [ou Azel]; sim, fugireis como fugistes do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá; então, virá o Senhor, meu Deus, e todos os santos, com ele".
- Azel ou Azal (Atsel, אָצֵל, Strong #682) Pode ser o nome de um israelita ou de um local desconhecido na Palestina, que existiu no passado ou virá a existir.
- 'Fugireis como fugistes do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá' isso pode ser comparado com Ez 38: 19-20: "Pois, no meu zelo, no brasume do meu furor, disse que, naquele dia, será fortemente sacudida a terra de Israel, de tal sorte que os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais do campo, e todos os répteis que se arrastam sobre a terra, e todos os homens que estão sobre a face da terra [Israel] tremerão diante da minha presença; os montes serão deitados abaixo, os precipícios se desfarão, e todos os muros desabarão por terra" está falando da invasão de Gogue e Magogue.

No reinado de Uzias (781-740 AC) houve um terremoto, que, provavelmente, foi grande, pois foi descrito por dois profetas (Zc 14: 5 e Am 1: 1).

- 'Então, virá o Senhor, meu Deus, e todos os santos, com ele' 'santos', aqui, muito provavelmente se referem às Suas hostes celestiais (cf. Dt 33: 2; Jó 5: 1; Sl 89: 5; 7; Dn 4: 13; Dn 8: 13; Ap 19: 14), que o ajudarão na batalha. No NT está escrito: Mt 24: 30-31 (seus anjos); Mt 25: 31 (todos os anjos com ele); Mc 8: 38 (santos anjos); Lc 9: 26 (santos anjos). Entretanto, pode se tratar dos santos glorificados no dia do arrebatamento da igreja.
- v. 6-7: "Acontecerá, naquele dia, que não haverá luz, mas frio e gelo [NVI: 'Naquele dia não haverá calor nem frio'; KJV: 'E acontecerá naquele dia que a luz não ficará clara nem escura'; ASV: 'E acontecerá naquele dia que não haverá luz; os brilhantes (provavelmente se referindo às estrelas) se retirarão']. Mas será um dia singular conhecido do Senhor; não será nem dia nem noite, mas haverá luz à tarde [NVI: um dia... no qual não haverá separação entre dia e noite, porque, mesmo depois de anoitecer, haverá claridade]".

A natureza mostrará a chegada do Messias, o céu, o mar, o clima e os corpos celestes (sol, lua, estrelas) – Jl 2: 10; 30-31; Jl 3: 15; Mt 24: 29; Mc 13: 24-25; Lc 21: 25-26; Ap 6: 12-14; Ap 8: 12. Isso nos mostra que a volta do Messias será precedida por eventos cósmicos. Metaforicamente falando, isso pode se relacionar aos dias sombrios de juízo que virão antes de Sua vinda. Frio e gelo podem se referir metaforicamente ao esfriamento do amor de Deus nos corações e, portanto, à falta da Sua luz (cf. Mt 24: 12).

- v. 8: "Naquele dia, também sucederá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental [Mar Morto cf. Ez 47: 1; 8], e a outra metade, até ao mar ocidental [Mar Mediterrâneo]; no verão e no inverno, sucederá isto [NVI: Isso acontecerá tanto no verão como no inverno]".
- 'Naquele dia' quando Jesus se materializar fisicamente sobre o Monte das Oliveiras para os judeus, é o que quer dizer, ou um pouco antes do momento da Sua segunda vinda, quando houver angústia a perseguição por causa da palavra, que ainda estará sendo pregada para dar uma chance aos homens.

Para nós, cristãos, a profecia de Ezequiel 47 foi cumprida em Cristo, o verdadeiro tabernáculo entre os homens: "Aquele que crê em mim, como diz a Escritura, do seu interior correrão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado" (Jo 7: 38-39); e o Espírito Santo presente nEle se espalhou para as nações ao redor de Israel, o que passou a acontecer após o Pentecostes: "Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis" (Atos 2: 33). "No verão e no inverno" = ininterruptamente, o que para nós Cristãos também pode se referir à luz do evangelho brotando sem interrupção no final dos tempos, antes do período de treva que ocorrerá durante a Grande Tribulação. O evangelho brotará por todo o mundo para conversão de Judeus e Gentios (v. 9).

Os versículos 9, 10 e 11 parecem que dão um salto para um momento posterior, quando Israel já estiver purificado e restaurado.

• v. 9: "O Senhor será Rei sobre toda a terra; naquele dia, um só será o Senhor, e um só será o seu nome [NVI: seu nome será o único nome]".

O Senhor será rei sobre toda a terra, sobre todos os povos: "Então, ouvi uma como voz de numerosa multidão, como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo: Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso" (Ap 19: 6). Haverá uma só fé, um só Deus, considerando o capítulo 13, onde toda idolatria foi extirpada. "Toda a terra" pode se referir também a toda a terra da Judéia, que será preenchida pelo conhecimento de Deus. A nação de Israel será reconhecida pelo próprio Deus como Seu povo.

• v. 10: "Toda a terra se tornará como a planície de Geba a Rimom, ao sul de Jerusalém; esta *[Jerusalém]* será exaltada e habitada no seu lugar, desde a Porta de Benjamim até ao lugar da primeira porta (Porta Antiga ou Porta Velha), até à Porta da Esquina e desde a Torre de Hananel até aos lagares do rei".

Geba é o limite norte (Js 21: 17; 2 Rs 23: 8); e Rimom, o limite Sul de Judá (Js 15: 32; Js 19: 7), como em outras passagens bíblicas se referiam a 'Dã e Berseba' para definir a grande extensão de atuação de Deus em Israel. De norte a sul a terra será aplanada, deixando apenas Jerusalém em lugar proeminente sobre os montes. Os

portões indicam os lados de Jerusalém, que serão visíveis e acessíveis para todos. Metaforicamente falando, isso representa a grande extensão do domínio de Jesus sobre toda a Terra, quando as forças do mal forem derrotadas. Ele será o único Rei.

- v. 11: "Habitarão nela, e já não haverá maldição [NVI: Será habitada; nunca mais será destruída], e Jerusalém habitará segura".
- O v. 11 pode ter ligação com os novos céus e com a nova terra (Ap 21: 1; 4; Ap 22: 3) e com a nova Jerusalém (Ap 21: 2-3), onde essas figuras de linguagem tentam descrever a nova vida, a vida eterna que teremos com Deus, onde nossa união será perfeita e tudo será revelado como realmente é (1 Co 13: 10; 12: "Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado... Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido").

Já não haverá maldição, nem pecado (Ap 22: 3); as lutas e as guerras terminarão. A segurança virá da presença de Jesus com Sua igreja.

- O NT se refere à nossa morada celestial (Hb 13: 14: 'a cidade que há de vir'; Fp 3: 20: 'a nossa pátria está nos céus'); a Nova Jerusalém (Ap 21: 2; 10; Ap 3: 12), onde habitaremos tranquilos e sem temor do mal.
- v. 12: "Esta será a praga com que o Senhor ferirá [NVI: castigará] a todos os povos que guerrearem contra Jerusalém: a sua carne se apodrecerá, estando eles de pé, apodrecer-se-lhes-ão os olhos nas suas órbitas, e lhes apodrecerá a língua na boca".

Aqui, o profeta volta a descrever os eventos anteriores à paz de Jerusalém no reinado do Messias (v. 8-11). O Senhor terá vitória contra os exércitos do inimigo, ferindo-os com uma praga sobrenatural. Os inimigos serão destruídos violentamente, terão seus corpos corrompidos de uma forma rápida e irreversível.

• v. 13: "Naquele dia, também haverá da parte do Senhor grande confusão entre eles; cada um agarrará a mão do seu próximo, cada um levantará a mão contra o seu próximo [NVI: Cada um atacará o que estiver ao seu lado]".

A obra de devastação será completada com grande confusão (cf. Zc 12: 4), um verdadeiro caos nos exércitos invasores, como nos tempos de Gideão (Jz 7: 22) ou de Josafá (2 Cr 20: 23), e também por guerra civil: 'Cada um agarrará a mão do seu próximo, cada um levantará a mão contra o seu próximo' ou 'Cada um atacará o que estiver ao seu lado' – cf. Ez 38: 21.

- v. 14: "Também Judá pelejará em Jerusalém; e se ajuntarão as riquezas de todas as nações circunvizinhas, ouro, prata e vestes em grande abundância".
- 'As riquezas de todas as nações' o inimigo não apenas perderá vidas, mas também riqueza e bens materiais ('vestes'). Isso mostra a reversão da situação anterior quando as nações saquearam Jerusalém, levando seus despojos (Zc 14: 1-2).
- v. 15: "Como esta praga, assim será a praga dos cavalos, dos mulos, dos camelos, dos jumentos e de todos os animais que estiverem naqueles arraiais [NVI: todos os animais daquelas nações]".

A praga atingirá não apenas os homens, mas também os animais. E essa linguagem parece ser mais compreensível aos leitores do passado, por isso o profeta fez questão de descrever o raio de atuação de Deus.

• Zc 14: 16-21 – A glória futura da cidade de Deus

A partir do v. 16, Zacarias descreve como será o reinado do Messias e como isso influenciará outras nações. Embora muitos estudiosos interpretem este trecho e o descrevam como o Milênio do ponto de vista judaico, talvez esta seja a maneira de Zacarias descrever a vida eterna na nova Jerusalém (pois o título deste trecho bíblico é: 'A glória futura da cidade de Deus'), onde ele está prevendo reverência, santidade e adoração ao único Deus e Senhor de todas as coisas. Sendo um judeu, ele via as coisas do ponto de vista material, não espiritual como vemos hoje. Em segundo lugar, como era sacerdote, ele usou as festas religiosas do AT, os rituais de sacrifício e os utensílios do templo como símbolos dessa santidade e desse compromisso com Deus.

Entretanto, isso pode ser mais bem entendido com o que o apóstolo João escreveu em Apocalipse:

- "Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles" (Ap 21: 1-3).
- "Nela (na nova Jerusalém), não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro. A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada. As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória. As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque, nela, não haverá noite. E lhe trarão a glória e a honra das nações (cf. Is 60: 11). Nela, nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro" (Ap 21: 22-27).
- v. 16: "Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos".

É o que acontecia naquele tempo entre os judeus e os gentios reverentes a Deus, que subiam a Jerusalém anualmente para a festa.

A Festa dos Tabernáculos, em hebraico, hagh hassukkôth (ou festa de Sucot; sucot = tendas, plural de sucá = tenda), ou festa da colheita do final do ano, em hebraico, hagh hã'ãsïph (Êx 23: 16; Êx 34: 22; Lv 23: 34-43; Nm 29: 12-40; Dt 16: 13-17) durava sete dias sendo que o primeiro e o último eram convocações santas. As frutas eram colhidas e o povo habitava em cabanas feitas de ramos e galhos de árvores, iniciando-se no 15º dia do sétimo mês (Lv 23: 39-43; Nm 29: 12-40). O fato de viverem em tendas durante a festa lembrava os judeus sobre as suas peregrinações no deserto, após terem sido libertos de Faraó. Assim como nas demais festas era guardado o descanso, havia muitas alegria e os sete dias eram reservados exclusivamente para adoração e meditação na lei.

O mais importante de tudo para nós, que vivemos debaixo da graça ao invés da lei, é saber interpretar à luz da sabedoria divina o que essas festas significam espiritualmente, pois o nosso espírito pode se alegrar não só com algo que foi bênção do Senhor no passado, mas continua a ser para todo aquele que nEle crê. Nos dias de hoje, debaixo da graça de Jesus, celebrar a Festa dos Tabernáculos significa nos lembrarmos de todas as coisas que Ele já fez por nós até hoje no nosso deserto espiritual em busca da 'Terra Prometida' e nos alegrarmos sabendo que na nossa peregrinação na terra Ele estará sempre nos dirigindo a cada passo do caminho, nos dando vitória e livramentos.

Jesus disse que nós somos o templo do Seu Espírito na terra (At 7: 48-50; 1 Co 3: 16-17; 1 Co 6: 19), como o Seu corpo o foi (Jo 2: 19; 21). O tabernáculo era o símbolo da encarnação de Cristo, que se fez carne e tabernáculo entre nós.

Em se tratando da nova Jerusalém, nada mais será preciso, pois está escrito:

"Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles" (Ap 21: 1-3). Jesus é o Tabernáculo de Deus entre os homens.

• v. 17-19: "Se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém, para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, não virá sobre ela a chuva. Se a família dos egípcios não subir, nem vier [NVI: não subirem para participar], não cairá sobre eles a chuva; virá a praga com que o Senhor ferirá as nações que não subirem a celebrar a Festa dos Tabernáculos. Este será o castigo dos egípcios e o castigo de todas as nações que não subirem a celebrar a Festa dos Tabernáculos".

Aqui, ele fala o que vai acontecer com quem não subir a Jerusalém para adorar o Senhor nessa festa: os egípcios e os povos que não subirem a Jerusalém para adorar o Rei, não terão chuva. A chuva é símbolo das bênçãos derramadas pelo Espírito Santo, avivamento. O Egito é o símbolo do mundo, assim como 'as nações da terra' é o símbolo dos gentios, das pessoas não israelitas. Transpondo isso para o nosso entendimento Cristão, quem não viesse adorar o Senhor, sofreria com a praga que o Senhor enviaria. O profeta usa a palavra 'praga' como uma forma de ameaçar os que desobedecessem, em especial o Egito, que sofreu com as dez pragas que Deus enviou antes de tirar Seu povo do cativeiro.

Se o profeta liberasse esta palavra nos dias de hoje, sob a ótica espiritual, nós poderíamos dizer que aqueles que não adoram o Senhor e não fazem dos seus corpos um tabernáculo para Ele, sendo povo do mundo nas mãos de Satanás, ímpios que não dão valor às coisas sagradas; ou gentios que crêem nEle, mas não têm intimidade com Ele, esses não podem receber a vida do Seu Espírito. Além de não receberem as bênçãos que os fiéis recebem, sofrem com as maldições das trevas.

No caso da nova Jerusalém, o apóstolo João escreve isso de outra forma:

- Ap 21: 8: "Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte".
- Ap 22: 15: "Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira".
- v. 20-21: "Naquele dia, será gravado nas campainhas dos cavalos: Santo ao Senhor [NVI: Separado para o Senhor]; e as panelas da Casa do Senhor [NVI: Os caldeirões do templo do Senhor] serão como as bacias diante do altar; sim, todas as panelas em Jerusalém e Judá serão santas ao Senhor dos Exércitos [NVI: será separada para o Senhor dos Exércitos]; todos os que oferecerem sacrificios virão, lançarão mão delas e nelas cozerão a carne do sacrificio. Naquele dia, já não haverá mercador na Casa do Senhor dos Exércitos [NVI: E, a partir daquele dia, nunca mais haverá comerciantes (Hebraico: cananeus) no templo do Senhor dos Exércitos]".

O profeta confirma que a cidade será santa. 'Santo ao Senhor' eram as palavras que estavam sobre a tiara do sumo sacerdote de Israel (Êx 28: 36; Êx 39: 30). Elas serão colocadas sobre as campainhas dos cavalos, significando que aquilo que era usado para a guerra ('cavalos') e propósitos pessoais será totalmente dedicado ao Senhor. As campainhas (ou sinos) nos cavalos faziam parte dos enfeites dos arreios dos cavalos e

tinham o nome de seu proprietário gravado neles. Além disso, elas eram colocadas nos seus arreios para mantê-los juntos durante uma jornada.

Zacarias diz que nas campainhas dos cavalos serão gravadas as palavras 'Santo ao Senhor', o que indica uma consagração de tudo o que pertencia ao seu povo, e que a partir daquele momento estaria consagrado a Deus e, portanto, dEle era a posse de todos os bens que pertencessem aos judeus. O sumo sacerdote também tinha campainhas de ouro na borda do manto que estava sobre a estola sacerdotal (Êx 28: 33) para que se ouvisse seu som quando ele ministrasse perante o Senhor e para que não morresse, ou seja, as pessoas ouviriam o som das campainhas de fora da tenda da Congregação e saberiam que o sacerdote não tinha morrido por causa de pecado. Dessa forma, os sinos ou campainhas falam não apenas de santidade, mas também de alegria, pois era como um cântico ao Senhor. Igualmente serão puras as panelas da Casa do Senhor e de toda a terra de Judá e Jerusalém, indicando que tudo ali é santo e adequado ao Senhor. A santidade das panelas comuns seria igual a dos utensílios reservados aos sacrificios e ao altar, mostrando que em qualquer tarefa no serviço a Deus Seu povo estaria em santidade.

O apóstolo João também descreve o quanto a santidade é importante para alguém estar no céu, na presença do Senhor:

- Ap 7: 9; 13-14: "Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos... Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro".
- Ap 19: 7-8: "Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça de santos"
- Ap 22: 14: "Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas".

Zacarias termina dizendo: "Naquele dia, já não haverá mercador na Casa do Senhor dos Exércitos [NVI: E, a partir daquele dia, nunca mais haverá comerciantes (Hebraico: cananeus) no templo do Senhor dos Exércitos]". Isso também fala de santidade, ou seja, sem comércio com Sua palavra, pois 'Cananeus' ou 'Fenícios' (ambos significam: comerciantes) era um termo ligado, geralmente, a práticas ímpias inescrupulosas, gananciosas: Os 12: 7. Não haveria mais comerciantes no templo vendendo ovelhas, bois e pombas para sacrifícios, pois com a vinda de Jesus os sacrifícios estariam abolidos. Em relação ao aspecto apocalíptico da profecia, podemos dizer que todos os seguidores do Senhor serão puros e não haverá nem hipócritas nem corruptos, distorcendo o verdadeiro serviço do sacerdócio e mercadejando Sua palavra.

#### Conclusão:

O que podemos ver na vida de Zacarias é a força da palavra profética que nos ajuda a reconstruir o que foi destruído em nossa vida, além do que Deus nos lembra do que é sacerdócio santo, do que precisamos fazer para agradar-Lhe como nosso Senhor. Ele não deseja nos ver apáticos em relação ao nosso chamado nem à Sua obra, pois isso poderia desanimar toda a Sua Igreja. Cada um de nós tem a responsabilidade de

perseverar no próprio caminho e zelar pelos dons espirituais que nos foram dados para que possamos ser um canal de Suas bênçãos para outras vidas. Assim sendo, através do nosso testemunho vivo, estaremos profetizando e trazendo a salvação do Messias para todos os que se acham em trevas. Em nossa boca, Suas palavras são vivas e são verdadeiros tijolos que ajudam nossos semelhantes a reconstruir seus 'templos'. Por isso, como profetas, nós devemos obedecer em tudo à voz do Espírito de Deus, tanto para exortar, repreender, convencer do erro e eliminar o pecado, como para trazer o consolo e o incentivo àqueles que o Senhor envia a nós. Mesmo condenando o mal e trazendo à luz os erros da carne, estaremos contribuindo para a 'edificação de muros e reparação de brechas' (cf. Is 58: 12).



## Malaquias

Malaquias significa 'Meu mensageiro'. Ele profetizou por volta de 450-400 AC, depois de Israel ter voltado do cativeiro babilônico, depois da reconstrução do templo de Jerusalém (516 AC). O segundo retorno dos exilados ocorreu em 458 AC, com a vinda de Esdras. O terceiro retorno ocorreu em 445 AC com Neemias, para reconstruir os muros de Jerusalém. Mas o entusiasmo inicial se transformou numa apatia; houve um esfriamento nas coisas espirituais, e o que passou a ocupar a mente das pessoas foi o temor da Grécia.

Na época de Malaquias e no período que Neemias parece ter voltado à Pérsia (após 12 anos da sua vinda, mais ou menos 433 AC – Ne 13: 6), acontecia um desrespeito às coisas santas e uma negligência dos sacerdotes em relação ao seu ofício (MI 1: 6-14; MI 2: 8-9; Ml 2: 10-16; Ml 3: 14), fazendo seu povo desviar por falta da verdadeira palavra de Deus. A Lei já havia sido quase esquecida, tanto pelo povo quanto pelos sacerdotes, que ofereciam alimento impuro e se casavam com mulheres de religião estrangeira (MI 2: 11). Não havia mais zelo pelas coisas do Senhor, negligenciando os dízimos e as ofertas. Malaquias combate esse comodismo e essa indiferença no meio do povo, e ajuda a reavaliar o relacionamento com Deus. Através dele, o Senhor deixa claro o dever do sacerdote. Seu livro pode ser dividido em duas partes: 1) pecado de Israel e julgamento que sobrevirá aos ímpios e 2) a bem-aventurança que virá sobre aqueles que se arrependem (aqui podemos ver também referências quanto ao Messias e quanto a João Batista: Ml 3: 1-5, Ml 4: 2; Ml 4: 5-6). Em Ml 3: 1 está escrito: "Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da Aliança, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos Exércitos" (cf. Mt 11: 14; Mt 17: 10-13; Mc 1: 2; Mc 9: 11-13; Lc 1: 17; Lc 1: 76; Lc 3: 4-6; Lc 7: 27; Jo 1: 21).



A partir da morte do profeta, Israel entrou no "período de silêncio de Deus", previsto por Am 8: 11-13, onde a nação foi entregue nas mãos de reis pagãos devido à sua negligência pelas coisas sagradas, até que se arrependesse e fosse preparada para receber a salvação através do Messias. A vinda de Jesus seria terrível para os ímpios, mas traria consolo e alegria para os piedosos (MI 4: 1).

## Capitulo 1

• Ml 1: 1-5 (O amor do Senhor por Jacó): "Sentença pronunciada pelo Senhor contra Israel, por intermédio de Malaquias. Eu vos tenho amado, diz o Senhor; mas vós dizeis: Em que nos tens amado? Não foi Esaú irmão de Jacó? — disse o Senhor; todavia, amei a Jacó, porém aborreci [NVI: rejeitei] a Esaú; e fiz dos seus montes uma assolação e dei a sua herança aos chacais do deserto. Se Edom diz: Fomos destruídos, porém tornaremos a edificar as ruínas [NVI: Embora Edom afirme: 'Fomos esmagados, mas reconstruiremos as ruínas'], então, diz o Senhor dos Exércitos: Eles edificarão, mas eu destruirei; e Edom será chamado Terra-De-Perversidade [NVI: Terra Perversa] e Povo-Contra-Quem-O-Senhor-Está-Irado-Para-Sempre. Os vossos olhos o verão [NVI: Vocês verão isso com os seus próprios olhos], e vós direis: Grande é o Senhor também fora dos limites de Israel [NVI: 'além das fronteiras de Israel!' ou 'Grande é o Senhor sobre o território de Israel']".

O Senhor começa dizendo para o profeta que Ele os amou e os continua amando, mas eles se sentem rejeitados. Então, Ele começa falando sobre Esaú, que foi rejeitado no passado porque ele havia menosprezado a bênção da primogenitura que Deus, na Sua onisciência, já havia separado para Jacó. Então, o Senhor lhes diz que ainda que Edom reconstruísse as ruínas da sua terra, ainda assim Ele tornaria a destruí-la, porque é um povo perverso e Deus está irado com ele. Ainda lhes dá a certeza que eles verão isso com seus próprios olhos, e engrandecerão o Seu nome.

Edom foi destruído pela Babilônia em 581 AC, cinco anos depois do cativeiro de Judá por Nabucodonosor (cf. Is 34: 1-17; Is 63: 1-6; Jr 49: 7-22; Ez 25: 12-14; Ez 35: 1-15; Am 1: 11-12; Ob 1: 14). Os profetas Amós e Jeremias predisseram a destruição de Bozra (capital de Edom).

As inscrições assírias mostram que Edom se tornou estado vassalo da Assíria em 736 AC no reinado de Tiglate-Pileser III (745-727 AC). A Babilônia o conquistou cinco anos depois do cativeiro de Judá por Nabucodonosor, ou seja, em 581 AC. Depois, caiu nas mãos dos persas (539 AC) e no séc. III AC foi dominado pelos Nabateus (uma das tribos árabes), que acabaram por empurrar os habitantes de Edom para o sul da Judéia, e que mais tarde, foi chamado Iduméia. Judas Macabeu os subjugou (séc. II AC) e João Hircano I (séc. II-I AC) os obrigou a circuncidar-se para poderem ser incorporados pelo povo judeu. Herodes, o grande, descendia dos Edomitas. O povo de Edom definitivamente foi destruído por Tito em 70 DC.

Bozra, ou Botsra, Botzrah, Bozrah (em hebraico: בְּצָרָה foi a capital do povo de Edom, e cujo rei foi Jobabe (Gn 36: 33; 1 Cr 1: 44). Esaú ou Edom (Gn 36: 19) foi o irmão de Jacó, e habitou em Seir, uma montanha que antes pertencia a Seir, o horeu (Gn 36: 8-9; Gn 36: 20); por isso, Edom é freqüentemente chamado de Seir. Ismael, filho de Abraão e Agar, teve doze filhos (que foram os príncipes das nações árabes) e uma filha chamada Maalate (Gn 28: 9), que se casou com Esaú (ou Edom). Nebaiote, o primogênito de Ismael, foi o ancestral de uma tribo árabe que posteriormente deu origem aos Nabateus. Nebaiote (Nbayowth ou Nbayoth – Strong #5032) significa frutificação, fecundidade. Esses povos (descendentes de Ismael e de Esaú) foram povos aparentados com os descendentes de Isaque, filho de Abraão, porém, mais tarde, se opondo ao povo de Israel em várias ocasiões. A descendência dos edomitas espalhou-se pelas terras adjacentes ao Mar Vermelho subindo para norte onde também entraram em confrontos territoriais com os Filisteus, acabando por se estabelecer, mais tarde, no vale de Aqaba onde fundaram duas cidades muito importantes na rota do incenso: Bozra e Petra. Bozra significa 'curral de ovelhas' ou 'aprisco de ovelhas', indicando que era

uma cidade de pastores no sudeste do Mar Morto, na terra de Edom. Hoje ela é uma pequena cidade da Jordânia no estado de Tafilah, chamada de Buseirah.

- Ml 1: 6-14 O Senhor reprova os sacerdotes
- Ml 1: 6: "O filho honra o pai, e o servo, ao seu senhor. Se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o respeito para comigo? [NVI: onde está o temor que me devem?] diz o Senhor dos Exércitos a vós outros, ó sacerdotes que desprezais o meu nome. Vós dizeis: Em que desprezamos nós o teu nome?"
- O Senhor usa Seu profeta para repreender os sacerdotes, pois Ele não está sendo honrado por eles. E isso nos leva a pensar na negligência do seu oficio. Algo, entretanto, parece estar 'alheio' a eles, ou, o que é mais provável, que haja uma ironia na sua pergunta para Deus: "Como estamos te desprezando?" Então, o Senhor prossegue:
- Ml 1: 7-8: "Ofereceis sobre o meu altar pão imundo [NVI: Trazendo comida impura ao meu altar] e ainda perguntais: Em que te havemos profanado? [NVI: De que maneira te desonramos?] Nisto, que pensais: A mesa do Senhor é desprezível. Quando trazeis animal cego para o sacrificardes, não é isso mal? E, quando trazeis o coxo ou o enfermo, não é isso mal? [NVI: animais aleijados e doentes como oferta]. Ora, apresenta-o ao teu governador [NVI: Tentem oferecê-los de presente ao governador]; acaso, terá ele agrado em ti e te será favorável? diz o Senhor dos Exércitos".

Quando o Senhor diz "Ofereceis sobre o meu altar pão imundo [NVI: Trazendo comida impura ao meu altar]", Ele estava falando em relação aos animais que eram sacrificados no altar do holocausto. Isso profanava Seu nome e o altar. Por isso, Ele diz em seguida: "A mesa do Senhor é desprezível. Quando trazeis animal cego para o sacrificardes, não é isso mal? E, quando trazeis o coxo ou o enfermo, não é isso mal?" Em Deuteronômio (Dt 15: 19-21 - leis acerca dos primogênitos do gado), estava estabelecido o tipo de animais para o sacrificio: "Todo primogênito que nascer do teu gado ou de tuas ovelhas, o macho consagrarás ao Senhor, teu Deus; com o primogênito do teu gado não trabalharás, nem tosquiarás o primogênito das tuas ovelhas. Comê-lo-ás perante o Senhor, tu e a tua casa, de ano em ano, no lugar que o Senhor escolher. Porém, havendo nele algum defeito, se for coxo, ou cego, ou tiver outro defeito grave, não o sacrificarás ao Senhor, teu Deus". E em Levítico (Lv 22: 1-16 – a lei acerca de comer coisas santas), a bíblia fala que todo sacerdote que estivesse cerimonialmente imundo não poderia comer das coisas sagradas que o povo dedicava a Deus, tampouco fazer sacrificio diante do Senhor, i.e., se estivesse com algum tipo de impureza: lepra, algum tipo de fluxo ou emissão de sêmen, se tivesse tocado em algum morto ou em réptil, ou se comessem animal que morresse por si mesmo ou se o animal tivesse sido dilacerado (despedaçado por feras). Eles teriam que se purificar antes de comer a comida sagrada.

No trecho seguinte de Levítico (Lv 22: 17-33 – os animais sacrificados devem ser sem defeito), o v. 19 diz: "Para que seja aceitável, oferecerá macho sem defeito, ou do gado, ou do rebanho de ovelhas, ou de cabras". Não poderia ser cego, aleijado, mutilado, ulceroso, sarnoso, nem cheio de impigens (v. 22 – NVI: feridas purulentas ou com fluxo). Também não poderia ser animal com os testículos machucados ou moídos, arrancados ou cortados (v. 24). Esses animais não poderiam ser oferecidos também se fossem da mão de estrangeiros (v. 25).

O que podemos concluir com tudo isso é que os sacerdotes ofereciam esses animais defeituosos no altar, como se a oferta fosse de qualquer jeito, sem mais nenhum tipo de reverência, só porque já tinha se tornado uma rotina cansativa. Da mesma forma hoje,

isso significa que nossa oferta diante do Senhor deve ser sem defeito; deve ser com o que temos de melhor, com as primícias, não com o que sobra, com os restos. A oferta deve ser dada com liberalidade e com inteireza de coração. Não devemos trazer oferta com defeito ao Senhor. Ele não aceita 'oferta estragada'. Para nós, trazer 'oferta estragada' diante do altar do Senhor é trazer as nossas ofertas de má vontade, com desprezo ou com outro sentimento no coração que não a humildade, a reverência e o amor. É desprezarmos o alimento espiritual que flui do altar, pensando somente nas nossas necessidades materiais e pessoais, antes de colocar Jesus em primeiro lugar em nossa vida. É usarmos o nosso dinheiro para fazer qualquer coisa e, depois, tirarmos o dízimo, 'se sobrar'. Outra coisa importante: a palavra 'honra' vem do hebraico, kãbhôdh e significa: dignidade, reputação, honra, renome, orgulho, prestígio, riqueza. Um filho que segue os caminhos de Deus e faz Sua vontade está honrando a Ele. Significa: 'ser decente, não ter do que se envergonhar, servir o Senhor de todo o coração, ser um motivo de orgulho (no sentido de dar prazer, alegria) para Deus, mostrar Sua dignidade, zelar pela Sua reputação'. Quando o Senhor estava dizendo: "O filho honra o pai, e o servo, ao seu senhor. Se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o respeito para comigo? — diz o Senhor dos Exércitos a vós outros, ó sacerdotes que desprezais o meu nome", Ele queria dizer que a nossa oferta sincera o honra, é um motivo de orgulho para Ele, mostra que Ele é digno de glória e louvor.

Portanto, Ele faz um desafio a eles: "Ora, apresenta-o ao teu governador [NVI: Tentem oferecê-los de presente ao governador]; acaso, terá ele agrado em ti e te será favorável? — diz o Senhor dos Exércitos". Se eles oferecessem isso diante do governante civil, ele não aceitaria. Por que Deus teria que fazê-lo?

- Ml 1: 9-10: "Agora, pois, suplicai o favor de Deus, que nos conceda a sua graça; mas, com tais ofertas nas vossas mãos, aceitará ele a vossa pessoa? diz o Senhor dos Exércitos. Tomara houvesse entre vós quem feche as portas [do templo], para que não acendêsseis, debalde, o fogo do meu altar. Eu não tenho prazer em vós, diz o Senhor dos Exércitos, nem aceitarei da vossa mão a oferta".
- O Senhor não tinha prazer neles nem nas ofertas; seria melhor que fechassem as portas do templo, para que o fogo do altar não queimasse inutilmente. Então, Deus prossegue, comparando os sacerdotes com o povo gentio.
- Ml 1: 11: "Mas, desde o nascente do sol até ao poente [NVI: do oriente ao ocidente], é grande entre as nações o meu nome; e em todo lugar lhe é queimado incenso e trazidas ofertas puras, porque o meu nome é grande entre as nações, diz o Senhor dos Exércitos [Nota NVI: Grande será o meu nome entre as nações. Em toda parte incenso será queimado e ofertas puras serão trazidas ao meu nome, porque meu nome será grande entre as nações]".

Isso pode significar que naquele momento, muitos gentios temiam o Deus de Israel, e o reverenciavam mais do que os próprios judeus. Mas, provavelmente, é uma profecia em relação aos tempos do evangelho, quando os gentios convertidos abandonariam seus altares de idolatria e engrandeceriam o nome do Senhor, e trariam suas ofertas ao templo em Jerusalém. Mais do que isso, eles realizariam o culto espiritual a Deus através das suas ações santas. A bíblia diz que o incenso é a oração dos santos (Ap 5: 8; Ap 8: 4). É interessante que em Is 17: 1-14, quando o profeta escreve sobre o juízo de Deus sobre Efraim e Damasco, profecia que foi cumprida pelos reis da Assíria (Tiglate-Pileser III, Salmaneser e Sargom II), ele fala também sobre um remanescente que se arrependerá e se voltará para Deus. Em Is 17: 7-8 está escrito: "Naquele dia, olhará o homem para o seu Criador, e os seus olhos atentarão para o Santo de Israel. E não

olhará para os altares, obra das suas mãos, nem atentará para o que fizeram seus dedos, nem para os postes-ídolos, nem para os altares do incenso". Apesar da destruição de Samaria pelos assírios, haverá um remanescente de Efraim que abandonará seus ídolos e se voltará para o Senhor. Assim, isso poderia acontecer tanto com os gentios que se voltassem para Deus (abandonando seus ídolos inúteis) naquela época como nos tempos do evangelho.

• MI 1: 12-14: "Mas vós o profanais *[o nome do Senhor]*, quando dizeis: A mesa do Senhor é imunda, e o que nela se oferece, isto é, a sua comida, é desprezível. E dizeis ainda: Que canseira! E me desprezais [NVI: e riem dela com desprezo], diz o Senhor dos Exércitos; vós ofereceis o dilacerado, e o coxo, e o enfermo [NVI: animais roubados, aleijados e doentes]; assim fazeis a oferta. Aceitaria eu isso da vossa mão? — diz o Senhor. Pois maldito seja o enganador, que, tendo um animal sadio no seu rebanho, promete e oferece ao Senhor um defeituoso [NVI:... promete oferecê-lo e depois sacrifica para mim um animal defeituoso]; porque eu sou grande Rei [NVI: um grande rei], diz o Senhor dos Exércitos, o meu nome é [Nota NVI: 'deve ser'] terrível [NVI: temido] entre as nações".



Os sacerdotes já cumpriam o seu ofício sem amor, com negligência e descaso, aborrecidos e cansados daquilo; pior do que isso: riam diante do Senhor e lhe ofereciam animais defeituosos. Deus não aceitava aquilo, e os amaldiçoava por causa da sua mentira. Pensavam enganar a Deus, mas não o conseguiam, pois Ele sabia o que se passava nos seus corações. Era uma oferta de qualidade inferior. Ele termina declarando o Seu nome, que está acima de todo o nome e é temido entre as nações: "Porque eu sou grande Rei, diz o Senhor dos Exércitos, o meu nome é terrível [NVI: temido] entre as nações". A mentira é uma afronta à soberania de Deus.

## Capitulo 2

- Ml 2: 1-9 O castigo dos sacerdotes
- Ml 2: 1-4: "Agora, ó sacerdotes, para vós outros é este mandamento. Se o não ouvirdes e se não propuserdes no vosso coração dar honra ao meu nome, diz o Senhor dos Exércitos, enviarei sobre vós a maldição e amaldiçoarei as vossas bênçãos; já as tenho amaldiçoado, porque vós não propondes isso no coração [NVI: porque vocês não me honram de coração]. Eis que vos reprovarei [NVI: destruirei; na Septuaginta: 'cortarei' ou 'removerei'] a descendência, atirarei excremento ao vosso rosto, excremento dos vossos sacrificios, e para junto deste sereis levados [NVI: esfregarei na cara de vocês os excrementos dos animais oferecidos em sacrificio em suas festas e lançarei vocês fora, com os excrementos]. Então, sabereis que eu vos enviei este mandamento, para que a minha aliança continue com Levi [NVI: fosse mantida], diz o Senhor dos Exércitos".

Até aqui o Senhor mostra Seu desprazer e diz que seriam amaldiçoados se não mudassem suas atitudes e não ouvissem o Seu mandamento, e não O honrassem, como deveriam fazer os sacerdotes, para que toda a linhagem Levítica não desaparecesse. Ele havia feito aliança com a tribo de Levi (Nm 3: 6-7; Nm 3: 11-13; Êx 28: 43) e prometido que jamais lhes faltaria um descendente como Seu representante na classe sacerdotal. Mas estes sacerdotes poderiam até ser eliminados, para que as demais gerações não fossem contaminadas nem envergonhadas pelas suas atitudes. Deus usa palavras bem carnais para mostrar o que poderia fazer com eles para envergonhá-los e, assim, devolver a eles a sua sujeira: "esfregarei na cara de vocês os excrementos dos animais oferecidos em sacrifício em suas festas e lançarei vocês fora, com os excrementos" (NVI).

- Ml 2: 5-7: "Minha aliança com ele foi de vida e de paz; ambas lhe dei eu para que me temesse; com efeito, ele me temeu e tremeu por causa do meu nome. A verdadeira instrução [NVI: lei] esteve na sua boca, e a injustiça [NVI: nenhuma falsidade] não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão e da iniquidade apartou a muitos [NVI: desviou muitos do pecado]. Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução [NVI: a instrução na Lei], porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos".
- O Senhor fala que Sua aliança com Levi foi de vida e de paz, mais especificamente aqui, se referindo a Finéias (Nm 25: 12), neto de Arão, que mostrou seu zelo pelo Senhor, quando em Baal-Peor matou o israelita e a mulher midianita com quem ele pecou, para extirpar a raiz de idolatria do acampamento de Israel. Por isso, Malaquias escreveu que pelo temor do Senhor, 'a verdadeira lei esteve na sua boca, e a injustiça não se achou nos seus lábios; andou com Ele em paz e em retidão e da iniquidade apartou a muitos'. Ele era o exemplo do sacerdócio que Deus queria ver outra vez no meio do Seu povo. O verdadeiro sacerdócio é reafirmado: os lábios do sacerdote devem passar o verdadeiro conhecimento, e a instrução na Lei, porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos.
- Ml 2: 8-9: "Mas vós vos tendes desviado do caminho e, por vossa instrução, tendes feito tropeçar a muitos [NVI: pelo seu ensino causaram a queda de muita gente]; violastes a aliança de Levi, diz o Senhor dos Exércitos. Por isso, também eu vos fiz desprezíveis e indignos diante de todo o povo [NVI: eu fiz que fossem desprezados e

humilhados diante de todo o povo], visto que não guardastes os meus caminhos e vos mostrastes parciais no aplicardes a lei [NVI: quando ensinam a Lei]".

Malaquias volta agora a fazer a comparação do que é o sacerdote que Deus quer e o que Ele vê ali: eles estavam instruindo o povo de maneira errada, levando ao pecado e afastando-os de Deus, violando a aliança do sacerdócio feita entre Ele e seus antepassados. Por isso, eles já estavam sendo desprezados e humilhados diante do povo, pois não guardaram os retos caminhos e foram parciais em seus julgamentos. Cabia ao sacerdote o cargo de juiz das causas do povo.

- Ml 2: 10-16 Advertência contra a infidelidade conjugal
- Ml 2: 10-12: "Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus? Por que seremos desleais uns para com os outros, profanando a aliança de nossos pais? [NVI: quebramos a aliança dos nossos antepassados]. Judá tem sido desleal, e abominação se tem cometido em Israel e em Jerusalém; porque Judá profanou o santuário do Senhor, o qual ele ama, e se casou com adoradora de deus estranho [NVI: homens casaram-se com mulheres que adoram deuses estrangeiros]. O Senhor eliminará das tendas de Jacó o homem que fizer tal, seja quem for, e o que apresenta ofertas ao Senhor dos Exércitos [NVI: 'mesmo que esteja trazendo ofertas ao Senhor dos Exércitos' ou na Septuaginta: 'Que o Senhor corte das tendas de Jacó qualquer pessoa que dê testemunho em favor do homem que faz isso']".

Parece ser o próprio profeta que repreende seus colegas sacerdotes e o povo de Judá que estavam profanando a aliança dos seus antepassados com Deus, se casando com mulheres estrangeiras, pois era uma deslealdade também entre eles mesmos, de uns para com os outros. O Senhor eliminaria o homem que continuasse nessa prática, tanto um homem do povo quanto um sacerdote, e também quem apoiasse o homem que cometeu tal erro.

No tempo de Esdras (Ed 10: 1-44) houve o caso de muitos judeus que se casaram com mulheres hetéias (Ed 10 – título ARA; Ed 10: 2a – 'mulheres estrangeiras'; 'muitos' – Ed 10: 13), inclusive sacerdotes (Ed 10: 18-44), e tiveram que despedi-las, assim como a seus filhos, para não incorrerem na ira do Senhor. Nos tempos de Neemias também houve caso semelhante, quando se descobriu que os israelitas se casaram com mulheres asdoditas (Filistéias, da cidade de Asdode), amonitas (de Amom) e moabitas (de Moabe) – Ne 13: 23. Neemias os puniu, pois entre os sacerdotes estava ocorrendo isso: Ed 10: 18-19. Não se sabe exatamente se este era o mesmo caso que estava acontecendo agora, pois Neemias e Malaquias são contemporâneos, e isso pode ter acontecido no período em que Neemias voltou à Pérsia, após doze anos de sua vinda para Judá (Ne 13: 6 cf. Ne 2: 1; Ne 5: 14).

• Ml 2: 13-16: "Ainda fazeis isto: cobris o altar do Senhor de lágrimas, de choro e de gemidos, de sorte que ele já não olha para a oferta, nem a aceita com prazer da vossa mão [NVI: porque ele já não dá atenção às suas ofertas nem as aceita com prazer]. E perguntais: Por quê? Porque o Senhor foi testemunha da aliança entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal, sendo ela a tua companheira e a mulher da tua aliança [NVI: a mulher do seu acordo matrimonial]. Não fez o Senhor um, mesmo que havendo nele um pouco de espírito? [NVI: Não foi o Senhor que os fez um só? Em corpo e em espírito eles lhe pertencem] E por que somente um? Ele buscava a descendência que prometera [NVI: ele desejava uma descendência consagrada]. Portanto, cuidai de vós mesmos, e ninguém seja infiel para com a mulher da sua mocidade. Porque o Senhor, Deus de Israel, diz que odeia o repúdio e também aquele

que cobre de violência as suas vestes [NVI: 'e também odeio o homem que se cobre de violência como se cobre de roupas', ou, 'cobre sua mulher de violência'], diz o Senhor dos Exércitos; portanto, cuidai de vós mesmos e não sejais infiéis".

O profeta continua dizendo que não adianta nada os lamentos, nem as súplicas, nem as ofertas diante do Senhor, quando eles continuam na prática do adultério e do divórcio, repudiando a primeira esposa, a esposa legítima ('a mulher da sua mocidade'), e se casando com outra.

'Aquele que cobre de violência as suas vestes' ou 'o homem que se cobre de violência como se cobre de roupas' ou 'cobre sua mulher de violência' — significa ferir a esposa legítima ao tomar outras mulheres. A 'veste' seria o símbolo da primeira esposa, e 'violência', o símbolo das outras esposas, pois o repúdio e a poligamia seriam como uma violência contra a esposa legítima.

• Ml 2: 17: "Enfadais o Senhor com vossas palavras; e ainda dizeis: Em que o enfadamos? Nisto, que pensais: Qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do Senhor, e desses é que ele se agrada; ou: Onde está o Deus do juízo?" (ARA).

"Vocês têm cansado o Senhor com as suas palavras. 'Como o temos cansado?', vocês ainda perguntam. Quando dizem: 'Todos os que fazem o mal são bons aos olhos do Senhor, e ele se agrada deles' e também quando perguntam: 'Onde está o Deus da justiça?'" (NIV).

Os sacerdotes cansavam o Senhor com suas palavras, principalmente quando distorciam Sua justiça. Por isso, Deus segue dizendo sobre 'a vinda do Senhor precedida pelo seu Anjo' (ARA), ou 'o dia do julgamento' (NVI).

# Capitulo 3

- Ml 3: 1-5 A vinda do Senhor precedida pelo seu Anjo
- Ml 3: 1: "Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da Aliança, a quem vós desejais [NVI: o mensageiro da aliança, aquele que vocês desejam, virá]; eis que ele vem, diz o Senhor dos Exércitos".

Aqui nós podemos ver as referências quanto ao Messias ('o Anjo da Aliança') e quanto a João Batista: Ml 3: 1-5; Ml 4: 2; Ml 4: 5-6 – cf. Mt 11: 14; Mt 17: 10-13; Mc 1: 2; Mc 9: 11-13; Lc 1: 17; Lc 1: 76; Lc 3: 4-6; Lc 7: 27; Jo 1: 21.

- Ml 3: 2-4: "Mas quem poderá suportar o dia da sua vinda? E quem poderá subsistir quando ele aparecer? Porque ele é como o fogo do ourives e como a potassa dos lavandeiros [NVI: o sabão do lavandeiro]. Assentar-se-á como derretedor [NVI: refinador] e purificador de prata; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata; eles trarão ao Senhor justas ofertas [NVI: ofertas com justiça]. Então, a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como nos dias antigos e como nos primeiros anos [NVI: como nos dias passados, como nos tempos antigos]".
- v. 2a: "Mas quem poderá suportar o dia da sua vinda? E quem poderá subsistir quando ele aparecer?" é uma frase muito parecida com a que está em Sf 1: 14: "Está perto o grande Dia do Senhor; está perto e muito se apressa. Atenção! O Dia do Senhor é amargo, e nele clama até o homem poderoso". Isso significa uma grande força e autoridade de Deus colocando-se em oposição à impotência e à fraqueza dos homens. Ele trará medo aos perversos.

Os versículos 2b-3 expressam a Sua santidade e o Seu poder santificador: "Porque ele é como o fogo do ourives e como a potassa dos lavandeiros. Assentar-se-á como derretedor e purificador de prata; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata; eles trarão ao Senhor justas ofertas [NVI: ofertas com justiça]" — Seu processo de santificação com uma vida se assemelha à refinação de um metal nobre como o ouro ou a prata. E era isso que o profeta estava dizendo para os sacerdotes, os filhos de Levi: as escórias das suas almas seriam removidas no cadinho de Deus, e aí, sim, eles trariam suas ofertas com justiça diante dele, ou seja, com retidão, com inteireza de coração e mente. O fogo simboliza as provas a que eles seriam submetidos até estarem como o Senhor desejava: com os pensamentos retos e os corações limpos de intenções.

- v. 4: "Então, a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como nos dias antigos e como nos primeiros anos [NVI: como nos dias passados, como nos tempos antigos]" isso nos lembra as ofertas de Davi, especialmente as que ele fez quando trouxe a arca sobre os ombros dos levitas para Jerusalém (2 Sm 6: 13-15; 1 Cr 15: 25-28) e as riquezas que ele guardou para que Salomão construísse o templo (1 Cr 29: 2-9). Quando o Anjo da Aliança vier e purificar o coração dos Seus sacerdotes, 'então a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor', não mais com o sacrifício de animais, mas com a verdadeira adoração, reconhecendo o Filho de Deus, Jesus, como o autor da vida e da salvação.
- Ml 3: 5: "Chegar-me-ei a vós outros para juízo [NVI: Eu virei a vocês trazendo juízo]; serei testemunha veloz contra os feiticeiros, e contra os adúlteros, e contra os que juram falsamente, e contra os que defraudam o salário do jornaleiro [NVI: exploram os

trabalhadores em seus salários], e oprimem a viúva e o órfão, e torcem o direito do estrangeiro [NVI: privam os estrangeiros dos seus direitos], e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos".

O Senhor avisava que quando Ele viesse, Ele traria juízo a todas as obras que Deus abominava e a todos os que cometiam perversidade; e os sacerdotes tinham consciência: Ele viria para punir os feiticeiros, os adúlteros, os que juravam falsamente, os que exploravam os trabalhadores em seus salários, e oprimiam a viúva e o órfão, os que torciam o direito do estrangeiro e não temiam a Deus. A purificação incluía os sacerdotes e o povo. Essa era uma profecia para os seus descendentes, os que estivessem vivos na vinda de Jesus, assim como se aplica para todos na Sua segunda vinda.

#### • Ml 3: 6-12 – O roubo no tocante aos dízimos e as ofertas

• Ml 3: 6-12: "Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos. Desde os dias de vossos pais, vos desviastes dos meus estatutos e não os guardastes; tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós outros, diz o Senhor dos Exércitos; mas vós dizeis: Em que havemos de tornar? [NVI: Mas vocês perguntam: Como voltaremos?] Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas (cf. Ne 13: 10-12). Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, vós, a nação toda. Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro [NVI: ao depósito do templo], para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto [NVI: Ponham-me à prova], diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu [NVI: as comportas dos céus] e não derramar sobre vós bênção sem medida. Por vossa causa, repreenderei o devorador [NVI: Impedirei que pragas devorem suas colheitas], para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos. Todas as nações vos chamarão felizes, porque vós sereis uma terra deleitosa [NVI: maravilhosa], diz o Senhor dos Exércitos".

A primeira frase que o Senhor diz aqui é que Ele não muda, e por isso eles ainda não haviam sido destruídos, após tantos milênios de rebeldia. Por ser justo, o Senhor não muda Suas leis, pois não pode negar-se a si mesmo (2 Tm 2: 13). E essa imutabilidade nos dá a certeza da Sua graça.

Ele dizia que eles tinham se afastado dEle e da Sua lei, mas eles perguntavam: Como?

Eles não conseguiam pensar que se tratava do dízimo e das ofertas.

A lei falava sobre os dízimos: Lv 27: 30; Nm 18: 21-24; Dt 12: 5-7; Dt 14: 22-29, e os sacerdotes sabiam disso. No caso de Malaquias parece que não havia dízimos sendo dados pelo povo para manter a Casa de Deus (cf. Ne 13: 10-12), e isso, em parte, era culpa dos sacerdotes que, por negligenciarem seu oficio, estavam desmoralizados. Eles estavam negando os dízimos (incluindo o dízimo dos dízimos – Nm 18: 26-29) e as ofertas que eram dadas no templo, como o ½ siclo que era o imposto do templo (Êx 30: 13-16), e as ofertas pacíficas, as ofertas de manjares, holocaustos, primícias etc. (Nm 15: 1-21).

O roubo era punido pela lei, quanto mais em se tratando das coisas de Deus! Deus não precisava de sacrificio de animais, de pão de trigo, nem de dinheiro, mas esta era uma lei criada por Ele mesmo para fazer com que Seus servos fossem mantidos pelo serviço que prestavam a Ele e para que o povo pudesse ser abençoado no seu trabalho e na sua vida financeira. Mas eles se desviaram dos Seus estatutos porque não conheciam as implicações espirituais de tudo isso.

Assim, M1 3: 6-12 é o texto básico sobre os dízimos. Temos ensinamentos com este texto:

- a) Não dar o dízimo é roubo, pois é lei estabelecida por Deus nos primórdios da criação. Reter o dinheiro que Ele mesmo dedicou à Sua Obra é roubo e roubo gera uma consequência na terra, na nossa vida natural, que a bíblia dá o nome de maldição, porque gera uma lacuna, uma brecha, por onde há legalidade para haver roubo também. Mesmo vivendo debaixo da dispensação da graça, nós ainda estamos debaixo da autoridade da palavra de Deus e ela nunca morre. O valor de 10% que Ele pede de nós é um meio criado por Ele mesmo para nos abençoar na vida financeira, e para que nós mostremos que Ele está em primeiro lugar em nossa vida, e aquilo que nós temos, recebemos dEle. Ele é quem nos dá força para adquirirmos riqueza (Dt 8: 18). Essa prática é uma experiência que nos leva ao verdadeiro conhecimento de quem Ele é, e porque Ele criou leis para nos proteger da assolação do inimigo. Jesus disse: "Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" (Lc 20: 25). E Ele estava falando para um povo que sabia o que significava "o que é de Deus", ou seja, os dízimos e as ofertas no templo. Mesmo abolindo o sacerdócio Levítico Mosaico, Sua lei permaneceu para o sacerdócio da nova aliança que Ele criou (1 Tm 5: 17-18; 1 Co 9: 13-14). Quando amamos o Senhor e a Sua obra na terra, tudo que fazemos é por amor, e não por obrigação sujeita à uma pena ou punição. E isso tira o peso da palavra, da forma que era interpretada no AT. O dinheiro de Deus é diferente do dinheiro do mundo. O dízimo não é uma imposição de Deus sujeita à pena de morte, mas uma proteção de Deus na nossa vida, em todas as áreas, não só nas finanças.
- b) Trazer primeiro os dízimos à Casa do Senhor provê mantimento ao sacerdote, lei estabelecida por Deus para o sustento dos levitas (hoje, os levitas são os que exercem a função de pastorear e ensinar o rebanho do Senhor e que vivem da Obra de Deus, sem emprego secular cf. 1 Tm 5: 17-18).
- c) Dizimar abre as comportas do céu sobre nós para recebermos as bênçãos sem medida.
- d) Dizimar repreende o devorador em todas as áreas da nossa vida, não só na financeira. Quando Ele fala sobre o devorador, se refere a gafanhotos (cf. Jl 1: 4; Jl 2: 25) que devoravam as colheitas como uma forma de punição do Senhor sobre um povo desobediente. As vides também sofriam com a seca, com geadas ou com pragas. Embora no AT estas catástrofes naturais os acometessem como uma maneira de Deus corrigi-los, hoje nós não podemos ignorar o simbolismo de tudo isso. Quando o Senhor fala do 'devorador' (em outras traduções, 'destruidor'), não é só de gafanhotos que se fala. Trata-se de ação de demônios sobre a vida financeira das pessoas, e que encontram uma brecha aberta para destruir essa área, pois o fato de Jesus ter vindo e abolido os rituais da Antiga Aliança, não quer dizer que a palavra de Deus foi abolida (Mt 5: 17-20), nem que Suas leis foram modificadas. Deus sempre quis participar da vida do Seu povo na totalidade, e a área financeira é uma dessas. O dízimo continua válido, ainda mais hoje, quando Principados e Potestades estão ansiosos para roubar a verdade de Deus e a paz dos Seus filhos, dando ao mundo a honra pela prosperidade. Dessa forma, o dízimo fecha as brechas e protege nosso patrimônio.
- e) O Senhor diz para prová-lo dando-lhe o dízimo. O verbo 'provar', para alguns, pode soar como um desafio da parte de Deus, a fim de que o homem acredite nEle, principalmente, numa área que é tão palpável como a área financeira. Entretanto, podemos pensar que provar pode ter o significado de examinar, experimentar, como se saboreia uma comida que nunca se comeu para ver se é boa ou não, se gostamos dela ou não; também pode ter o significado de ganhar experiência, conhecimento e habilidade em determinada área. Com isso, o Senhor nos diz que ao Lhe dar o nosso dízimo,

podemos atingir um patamar maior de conhecimento dEle, levando-nos a ganhar experiência nessa área da nossa vida, da mesma forma que o experimentamos nas outras. Dando-Lhe o nosso dízimo, começamos a ter consciência do que Ele é capaz de fazer por quem Lhe é fiel.

f) Deus recompensa os que são fiéis a Ele, mostrando a diferença que existe entre os que O servem e os que não O servem. Deus os poupa das maldições e confirma Sua paternidade sobre eles (Ml 3: 17-18: "Eles serão para mim particular tesouro, naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos; poupá-los-ei como um homem poupa a seu filho que o serve. Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não o serve").

Em 2 Cr 31: 5-6; 12; Ne 10: 37-38; Ne 12: 44; Ne 13: 5; 12, nós podemos ver o povo trazendo o dízimo ao Senhor, obedecendo assim à Sua lei.

Obedecendo à Sua voz eles seriam felizes, e todas as nações reconheceriam isso.

- Ml 3: 13-18 A diferença entre o justo e o perverso
- Ml 3: 13-15: "As vossas palavras foram duras para mim, diz o Senhor; mas vós dizeis: Que temos falado contra ti? Vós dizeis: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos e em andar de luto [NVI: ficamos nos lamentando] diante do Senhor dos Exércitos? Ora, pois, nós reputamos por felizes os soberbos; também os que cometem impiedade prosperam, sim, eles tentam ao Senhor e escapam".

Nem todo o povo levantou sua voz contra Deus para acusá-lo de injustiça, mas alguns judeus reclamaram, e isso foi duro de ouvir. Na verdade, eles faziam com Ele uma barganha. Enquanto estavam sendo abençoados e havia prosperidade, estava tudo bem. Eles continuariam com as atitudes hipócritas e sem fervor na sua adoração, e com um luto externo, mas sem o arrependimento interior. Ainda invejavam os soberbos, pois os julgavam mais abençoados; eles se referiam aos pecadores, em geral, judeus e gentios, que tinham prosperidade material. Por isso está escrito em Ml 2: 17 que eles enfadavam o Senhor com esse tipo de conversa.

• Ml 3: 16-18: "Então, os que temiam ao Senhor falavam uns aos outros; o Senhor atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao Senhor e para os que se lembram do seu nome [NVI: Foi escrito um livro como memorial na sua presença acerca dos que temiam o Senhor e honravam o seu nome]. Eles serão para mim particular tesouro [NVI: o meu tesouro pessoal], naquele dia que prepararei [NVI: 'no dia em que eu agir' ou 'no dia em que eu fizer deles o meu tesouro pessoal], diz o Senhor dos Exércitos; poupá-los-ei como um homem poupa a seu filho que o serve [NVI: que lhe obedece]. Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não o serve".

Aqui dá para se notar que nem todo o povo levantou sua voz contra Deus para acusá-lO de injustiça. O povo justo e temente a Deus, no Dia do Senhor, encontraria a libertação e a vitória. Um memorial é um 'lembrete' ou 'um monumento' que deixa registrado um feito digno. A versão ARA escreve: "havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao Senhor e para os que se lembram do seu nome"; e a NVI, escreve: "Foi escrito um livro como memorial na sua presença acerca dos que temiam o Senhor e honravam o seu nome". Os reis mantinham um livro de crônicas do seu reinado, onde eram escritos os acontecimentos importantes (Et 2: 23; Et 6: 1). Moisés pediu a Deus que perdoasse o povo ou que tirasse seu nome do livro (Êx. 32: 32-33); Davi tinha seu nome escrito no livro de Deus (Sl. 56: 8). Isso significa que no céu,

diante de Deus, no Livro da Vida, estão os nomes daqueles que O temem, e que são um tesouro especial para Ele: Sl 69: 28; Lc. 10: 20; Ap 13: 8; Ap 17: 8; Ap 20: 12; 15; Ap 21: 27; Dn 12: 1.

'Naquele dia' ou 'no dia em que eu agir' ou 'no dia em que eu fizer deles o meu tesouro pessoal' nos faz entender que pode se referir a Ml 3: 1-2; Ml 4: 1 (o Dia do Senhor), em se tratando de Sua primeira vinda, ou no dia que Ele decidir fazer algo importante, ou no dia da Sua segunda vinda, quando Ele tomar para Si os que são Seus. 'Eles serão para mim particular tesouro [NVI: o meu tesouro pessoal]' – a palavra em hebraico para 'particular tesouro ou tesouro pessoal' é Seghullâ (ou Cgullah – Strong #5459), que significa:

- Tesouro peculiar, tesouro particular, pessoal (Ml 3: 17; 1 Cr 29: 3).
- Propriedade particular, possessão dos reis (Êx 19: 5; Ec 2: 8; Sl 135: 4).
- Propriedade pessoal no que diz respeito a pessoas (Dt 7: 6; Dt 14: 2).
- A palavra Seghullâ (em grego: periousios ou peripoiesis) pode ser entendida também como o povo de Deus (Ef 1: 14; Tt 2: 14; 1 Pe 2: 9).

Resumidamente, Seghullâ se refere a uma possessão de reis e a uma propriedade particular, não só material, mas de pessoas.

'Poupá-los-ei' – o Dia do Senhor será um dia terrível (Sf. 1: 14-18), mas os justos têm a certeza de que haverá o conforto de Deus para os Lhe pertencem (cf. Sl 91: 7). Deus nos poupa da morte e do inferno (Jo 3: 16-18).

'Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não o serve' — 'vereis outra vez' mostra que a História se repete na caminhada da humanidade com Deus. Ele sempre acabou por defender Seus filhos e deixar bem evidente a diferença entre os que O servem e Lhe obedecem e os incrédulos, rebeldes e perversos, que acabam por experimentar Sua ira e Seu juízo, pois caem no julgamento da própria palavra de Deus (Jo 3: 18), e não apenas no Último Dia, mas aqui mesmo na terra, onde a regra é igual para todos: "Não vos enganeis: De Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará" (Gl 6: 7).

## Capitulo 4

- Ml 4: 1-6 O sol da justiça e seu precursor
- Ml 4: 1: "Pois eis que vem o dia e arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho [NVI: Todos os arrogantes e todos os malfeitores serão como palha]; o dia que vem os abrasará [NVI: ateará fogo neles], diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo".

Malaquias volta a falar sobre o dia da vinda do Senhor:

'Vem o dia' – se refere à 1<sup>a</sup> vinda de Cristo, que nós estendemos para a Sua 2<sup>a</sup> vinda. Mas é interessante comentar que para aqueles profetas do AT, a vinda de um Messias tão esperado, de um libertador, era como o Apocalipse é para nós, uma nova Criação, pois eles jamais imaginariam que Deus trouxesse para o ser humano daquela época uma dispensação de perdão e graça, como uma nova chance de ser escolhido por Ele e destinado à salvação. A bíblia diz que os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas (1 Co 14: 32), o que significa que Deus respeitou a característica de personalidade de cada um deles para transmitir Sua mensagem. Por isso, levando em conta o conteúdo mental de cada um (Jeremias, Ezequiel e Zacarias eram sacerdotes, o que se faz notar no tom das suas profecias), é compreensível que eles imaginassem a vinda de Cristo, do esperado Messias de Israel, com certa dose de 'violência', para não deixar dúvida quanto à Sua justiça e à Sua autoridade em corrigir os erros dos perversos e vingar os aflitos. Assim, Malaquias deixa a entender que a vinda de Jesus (o 'Dia do Senhor') seria terrível para os ímpios: 'arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho [NVI: palha]; o dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo'. Se pensarmos de uma maneira mais espiritual, com a nossa visão de hoje, tudo isso foi cumprido, à medida que Jesus realizou um grande trabalho durante o Seu ministério e na Sua morte na cruz, derrotando Satanás e todo tipo de demônio e arma forjada do inferno, todo tipo de cadeia sobre os homens, matando e consumindo, sim, toda perversidade, arrogância, não deixando raiz nem ramo dos projetos do inimigo como uma legalidade de tocar os verdadeiros filhos de Deus. É óbvio que a materialização dessa promessa foi deixada para que nós a conquistássemos, trazendo o reino de Deus à luz, aqui e agora, e que é conquistado por esforço (Mt 11: 12). A parte que cabe a Ele fazer será completada na época da Sua segunda vinda. Mas, de forma alguma, é uma desculpa para nenhum crente se acomodar com as limitações e o sofrimento do presente sem reagir, esperando que o Senhor faça aquilo que cabe a Seus filhos fazer.

A presença do Senhor – seja da forma que for e no lugar que for – sempre será um terror para os que não são dEle. Mas traz consolo e alegria para os piedosos; por isso Malaquias diz nos versículos seguintes:

• M1 4: 2-3: "Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação [NVI: cura] nas suas asas; saireis e saltareis como bezerros soltos da estrebaria. Pisareis os perversos, porque se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que prepararei [NVI: no dia em que eu agir], diz o Senhor dos Exércitos".

Malaquias volta a falar sobre o dia da vinda do Senhor, que é aqui chamado 'o sol da justiça', como para responder às reclamações do povo e dos sacerdotes, que acusavam a Deus de ser injusto com eles e parcial no Seu julgamento a favor dos pecadores. Para os que temem o Senhor, Ele sempre nasce sobre as suas situações de

angústia e dor, trazendo justiça, cura e salvação. E quando Ele chega ocorre uma libertação e, conseqüentemente, a alegria da liberdade, como com bezerros que são soltos de uma estrebaria onde estavam confinados. Significa ser posto em liberdade, crescer na alegria do Espírito Santo (2 Co 3: 17), experimentar a libertação do jugo da lei e do pecado. Sua presença confere aos Seus amados a autoridade e o poder de pisar sobre os perversos e de consumi-los no fogo do Seu Espírito, transformando-os em cinza, ou seja, em nada, em algo que já não tem poder de atuação. Essa linguagem (consumir com fogo, transformar em cinzas), expressa o juízo correto e rápido de Deus destruindo o mal e removendo do adversário o poder de ação. Quando se pisava na cabeça do inimigo vencido era um sinal de vitória; este era 'colocado como estrado dos pés' do vencedor. Aqui é a mesma coisa. 'Naquele dia que prepararei' ou 'no dia em que eu agir', o Senhor trará a vitória e conferirá a liberdade aos Seus filhos, aos que O temem.



O sol da justiça é Jesus. Seu nome (Yeshua – ישועה) significa salvação (em hebraico, 'ישועה), uma palavra transliterada como yeshu'ah, e que quer dizer: algo salvo, libertação, ajuda, vitória, prosperidade, saúde, salvação, bem-estar, paz, perdão, proteção, segurança. A palavra 'salvação' aparece 146 vezes na bíblia – 103 vezes no AT e 43 vezes no NT. A palavra hebraica yeshu'âh (salvação) é claramente vista em 3 versículos de Isaías: Is 26: 1; Is 49: 8; Is 60: 18. Em outros versículos, ela é escrita como: yeshu, yshu, yish etc., mas mantém as mesmas letras básicas, e o mais importante, o mesmo significado: salvação. No NT a palavra 'salvação' é escrita em grego como: sôtêrias (σωτηριας – Lc 1: 69; 77), sôtêria (σωτηρια – At 4: 12), sôtêrion ou sôtêrian (σωτηριαν – Lc 3: 6; At 28: 28), por exemplo. A palavra 'Salvador' é escrita como Sōtèr (Σωτήρ = um libertador, i.e., Deus ou Cristo), e que pode corresponder às palavras hebraicas: mattan e mattnay, significando 'dar' ou 'recompensa'. As palavras gregas sôtêrias, sôtêria ou sôtêrion significam: 'resgate, segurança, libertar, saúde, salvação, salvo, salvar, defesa, e defensor'. Yshuw'ah (ou yeshu'âh) é palavra derivada de Yhowshuwa' (Yehôshua', 'πιων', Jehoshua; Joshua; Josué = YHWH salvou), e é

transliterada para o grego como Iēsoùs (Ιησούς – Strong #g2424), Jesus, em Latim – Mt 1: 21; Lc 1: 31.

Em Ml 4: 2, embora a palavra usada em Português (ARA) seja 'salvação', no original em hebraico é 'cura' (marpe' ou mrpha – Strong #4832), que significa: um curativo (um medicamento), ou de maneira abstrata: libertação, placidez, serenidade, tranqüilidade, cura, curável, remédio, são (sadio), saudável, produtivo.

João Batista deu testemunho de Jesus de forma mais ou menos igual à de Malaquias: Mt 3: 10-12.

O interessante no versículo de Malaquias é que o Senhor coloca uma condição: temer o Seu nome. Sua libertação é um privilégio para os que temem o Seu nome. E temer, aqui, não é só o medo de Sua ira, mas respeito, reverência, reconhecimento por quem Ele é, dar prioridade. Quando Ele é o centro, tudo o mais está subordinado a Ele.

• Ml 4: 4: "Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo, a qual lhe prescrevi em Horebe para todo o Israel, a saber, estatutos e juízos [NVI: dos decretos e das ordenanças que lhe dei em Horebe para todo o povo de Israel]".

O profeta volta a exortar seu povo, em especial os sacerdotes, para que se lembrem da lei de Moisés e a sigam.

• Ml 4: 5-6: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor; ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição".

A referência é clara a João Batista, que veio como precursor de Jesus, preparando o coração de Seu povo para receber Sua doutrina. No NT é confirmada esta identidade entre Elias e João Batista: Mt 11: 14; Mt 17: 10-13; Mc 9: 11-13; Lc 1: 17; Lc 7: 27; Jo 1: 21. João Batista é colocado como Elias porque Elias foi um grande membro da linhagem profética em Israel e conhecido por todo o povo como sendo um dos que Deus mais usou na realização de milagres; João Batista foi confirmado por Jesus como o último membro da linhagem profética, pois ninguém mais precisava profetizar sobre Ele (Lc 16: 16). Também disse que entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus, era maior do que ele (Mt 11: 11). Isso significava que João Batista se destacou dos profetas do passado porque veio no 'amanhecer' do evangelho. Ele teve o privilégio que os outros não tiveram, que foi ver o Cristo encarnado. Mas era o menor no reino dos céus porque não pôde ver Sua ressurreição, nem fez os milagres que os apóstolos fizeram.

No Monte da transfiguração, os apóstolos viram Jesus junto com Moisés e Elias; Moisés representando a lei, e Elias, os profetas. Deus permitiu que os discípulos vissem igualmente o espírito de Moisés e Elias para que entendessem que a Lei e as profecias anteriores estavam sendo cumpridas, agora, na pessoa de Jesus (Lc 24: 44). A bíblia também diz que eles conversavam sobre a partida de Jesus, que estava para se cumprir em Jerusalém. Isso mostra que Deus estava ali revelando que, da mesma maneira que fez milagres no passado através dos Seus servos, estava fazendo milagres nesses dias através do Seu Filho, em especial a salvação da humanidade, e o mundo espiritual já estava ciente. A voz que disse: "Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi" (Lc 9: 35), confirmou Jesus, não apenas como o Messias, o Filho de Deus, mas igualmente como o Profeta de Dt 18: 15 ("O Senhor, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de seus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás") profetizado por Moisés (cf. Jo 5: 46: "Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele também escreveu a meu respeito" e Jo 1: 45: "Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José").

Portanto, os discípulos tiveram mais uma vez a revelação de Jesus como Filho de Deus, o Messias esperado, e como o profeta anunciado séculos antes.



#### Conclusão:

Malaquias nos lembra do que é sacerdócio santo e nos ensina o que precisamos fazer para agradar ao nosso Senhor. Ele não deseja nos ver apáticos em relação ao nosso chamado nem à Sua obra, pois isso poderia desanimar toda a Sua Igreja. Cada um de nós tem a responsabilidade de perseverar no próprio caminho e zelar pelos dons espirituais que nos foram dados para que possamos ser um canal de Suas bênçãos para outras vidas. Assim sendo, através do nosso testemunho vivo, estaremos profetizando e trazendo a salvação do Messias para todos os que se acham em trevas. Em nossa boca, Suas palavras são vivas e são verdadeiros tijolos que ajudam nossos semelhantes a reconstruir seus 'templos'. Por isso, como profetas, nós devemos obedecer em tudo à voz do Espírito de Deus, tanto para exortar, repreender, convencer do erro e eliminar o pecado, como para trazer o consolo e o incentivo àqueles que o Senhor envia a nós. Mesmo condenando o mal e trazendo à luz os erros da carne, estaremos contribuindo para a 'edificação de muros e reparação de brechas' (cf. Is 58: 12).

#### Volumes 1 e 2 deste livro:

https://www.searaagape.com.br/osprofetasmenores1.pdf https://www.searaagape.com.br/osprofetasmenores2.pdf